SERTÃO

Colecção LELLO

A mais economica das collecções. Obras dos mais consagrados escriptores contemporaneos portuguezes e brazileiros.

VOLUMES PUBLICADOS:

1 — Eça de Queiroz, *A Cidade e as Serras.*
2 — Coelho Netto, *O Sertão.*
3 — Eça de Queiroz, *A Illustre casa de Ramires.*
4 — João Grave, *A Eterna Mentira.*
5 — Abel Botelho, *O Barão de Lavos.*
6 — Eça de Queiroz, *As Minas de Salomão.*
7 — Eça de Queiroz, *A Reliquia.*
8 — Eça de Queiroz, *A Correspondencia de Fradique Mendes.*
9 — Eça de Queiroz, *Contos.*
10 — Eça de Oueiroz, *O Mandarim.*
11 e 12 — Eça de Queiroz, *Os Máias.*
13 — Eça de Queiroz, *O Crime do Padre Amaro.*
14 — Eça de Queiroz, *O Primo Bazilio.*
15 — Eça de Queiroz, *Echos de Pariz.*
16 — Eça de Queiroz, *Cartas de Inglaterra.*
17 — Eça de Queiroz, *Notas Contemporâneas.*
18 — Eça de Queiroz, *Últimas Páginas.*

NOVOS VOLUMES NO PRÉLO

Por
N475GS

COELHO NETTO

SERTÃO

403695
9.6.42

LIVRARIA LÉLO & IRMÃO — EDITORA
144, Rua das Carmelitas—PÔRTO
AILLAUD & LÉLOS, Limitada — Rua do Carmo, 30 a 34 — LISBOA

Obras de COELHO NETTO

1 *O Meio.*
2 *Rhapsodias.*
3 *A Capital Federal.*
4 *Praga.*
5 *Balladilhas.*
6 *Bilhetes postaes.*
7 *Fruto prohibido.*
8 *Miragem.*
9 *O rei fantasma.*
10 *A colonia portugueza no Brasil.*
11 *Sertão.*
12 *Album de Caliban.*
13 *America.*
14 *Pelo amor!*
15 *Programma e commentario do Pelo amor.*
16 *Inverno em flor.*
17 *O morto.*
18 *Romanceiro.*
19 *A descoberta da India.*
20 *O Paraiso.*
21 *Seara de Ruth.*
22 *O rajá do Pendjab* (2 vol.).
23 *Artemis.*
24 *Hostia.*
25 *Lanterna magica.*
26 *A terra fluminense* (com Olavo Bilac).
27 *A conquista.*
28 *Por montes e valles.*
29 *Saldunes.*
30 *Tormenta.*
31 *A caridade.*
32 *Memoria sobre arte.*
33 *Apolojos.*
34 *A Bico de penna.*
35 *Contos patrios* (com O. Bilac).
36 *Compendio de litteratura brasileira.*
27 *O arara.*
38 *Agua de Juventa.*
39 *Theatro infantil* (com O. Bilac).
40 *A palavra.*
41 *Pastoral.*
42 *Turbilhão.*
43 *Treva.*
44 *O fogo.*
45 *A agua.*
46-51 *Theatro* (6 vol.).
52 *As sete dôres de N. Senhora.*
53 *Fabulario.*
54 *Jardim das oliveiras.*
55 *Esphynge.*
56 *O Instituto de A. e protecção á infancia.*
57 *Conferencias litterarias.*
58 *Patria brasileira* (com O. Bilac).
59 *Vida mundana.*
60 *Scenas e perfis.*
61 *Alma.*
62 *Mysterio do Natal.*
63 *Palestras da tarde.*
64 *Banzo.*
65 *Melasina.*
66 *Rei negro.*
67 *Contos escolhidos.*
68 *Versos.*
69 *O mar.*
70 *Falando...*
71 *A Politica.*
72 *Discurso ao Conde Pereira Carneiro.*
72 *Frutos do tempo.*
74 *Athletica.*
75 *O mysterio* (com A. Peixoto, Medeiros e Albuquerque e Viriato Corrêa).
76 *A Portugal.*
77 *Mandamentos civicos.*
78 *Breviario civico.*
79 *Conversas.*
80 *Vesperal.*
81 *O meu dia.*
82 *Discurso na Liga da Defesa Nacional.*
83 *Eucydias.*
84 *Frechas.*
85 *Carnaval.*
86 *Orações.*
87 *Fogo de vista.*
88 *Oração dos Empregados no Commercio.*
89 *As quintas.*
90 *Mano.*
91 *Pelos cegos.*
92 *A vida além da morte.*
92 *O polco.*
94 *O evangelho nas selvas.*
95 *Immortalidade.*
96 *Amor.*
97 *Feira livre.*
98 *Canteiro de saudades.*
99 *Contos da vida e da morte.*
100 *A arvore da vida.*
101 *O sapato do Natal.*
102 *Velhos e novos.*
103 *Bazar.*
104 *Vencidos.*
105 *A cidade maravilhosa.*
106 *Livro de prata.*
107 *Fogo fatuo.*

A propriedade litteraria e artistica está garantida em todos os paizes que adherram á Convenção de Berne.
Em Portugal, pela lei de 18 de Março de 1911. No Brasil pela lei n.º 2.577 de 17 de Janeiro de 1912.

ARTES GRAFICAS — PORTO

PAULO PRALO

PRAGA

I

Ao Dr. Martim Francisco

Estava a expirar o adusto dezembro.

O sol ardia desde outubro com o furor inclemente de um castigo, seccando as fontes, mirrando os extensos campos tristes onde o gado mugia, extenuado e magro, levantando para o céu fulvo os grandes olhos mansos e resignados. Ventos aridos abrasavam como o halito da natureza em febre. Pairava um cheiro forte e acre de queimadas e os dias, tacitos e longos, de esplendor vivissimo, pela hora média velavam-se de uma nevoa fina como a evaporação tremula de um fogo. A alma canóra e meiga das florestas desertara acossada pelo flagello ardente e era tão extraordinario o apparecimento de passaros durante os rispidos calores que o chilro duma camaxirra ou chalrado de jandaia eram tomados alegremente como presagios felizes.

O terror alarmara os sertanejos supersticiosos. Era tal o desanimo que todas as almas desesperadas, num mesmo impeto de fé, voltaram-se para Deus com tamanho ardor que, mesmo dos campos, á luz caustica, dentre o rumor bucolico dos rebanhos, subiam córos religiosos dos vaqueiros; e nas fontes, onde subsistia um pouco de verdura, velhas negras escravas emborcavam os pucaros e, caladas, contemplativas, esquecidas do tempo, ficavam olhando o lento e escasso esfiar d'agua, atolando os pés na areia encharcada, onde cães morrinhentos offegavam estirados, farejando, com volupia, o frescor da humidade.

Canoeiros, descendo e subindo o rio, cantavam saudações ao propicio anno novo, singrando ao sabor da brisa sertaneja, leve, impregnada do cheiro quente do rastolho. Em todos os cantos havia a mesma prece ao Senhor para que o anno que vinha fôsse melhor que o velho, que entristecera tanto lar e banhara de lagrimas o rosto a muita criatura victimada no affecto pela peste que flagellara o sertão verde e virgem, sempre sadio e viçoso, tão desbravado entretanto nesse bissexto expirante.

Lugares deliciosos, sitios de amena e appetecida sombra, preferidos de todos para as preguiçosas séstas do meio-dia, nem o gado procurava: murchos, pêcos, arrasados pelas soalheiras, não mais floriam — tinham sido tomados pelos mortos que ali iam dormir o ultimo somno e, em vez das madre-silvas e das rosas silvestres, ramos de flôres bravas mirravam na solidão engrinaldando funebremente os cêpos das cruzes, em cujos braços seccos, á tarde, ao luzir das primeiras estrellas, rôlas quérulas choravam.

Velhas senzalas ermas, escancaradas ao tempo, apodreciam sem que ninguem as procurasse, a não ser o cão familiar que errava entrezilhado, ganindo a sua tristeza e a sua lepra, saudoso e faminto, farejando os caminhos d'antes trilhados pelo dono e recolhendo, á noite, ás cinzas frias do borralho domestico. E continuamente, num dobre funebre, o sino de Santa Eulalia espalhava pelo fundo sertão os seus soluços de bronze.

Ao crepusculo evolava-se do sitio um cheiro mystico de incenso e de myrrha e subia de todos os tectos, como de thuribulos, a espiral azulada das defumações que se faziam para enxotar a peste, emquanto as velhas devotas desfiavam rosarios correndo a casa, tremulas, ao ciciar das rezas, varrendo os cantos com a vassourinha benta ou com feixes de palmas das que alastraram o caminho de Jerusalém quando o burrico paciente que Jesus cavalgava trotou nas pedras da cidade dos lirios.

Longe, no fundo violaceo do horizonte de serras, roncavam, merencoreas e lugubres, as guaribas soturnas e, de espaço a espaço, da solidão calma dos vales, em ondulação de gemido, magoada e enternecida, vinha a toada da cantiga dos tropeiros que desciam, rumo á cidade, tangendo a cavalhada.

E as noites, de impassibilidade morna, cahiam sobre os campos ameaçando com as estrellas o amanhan calamitoso e flammineo.

Se alguem adoecia — como a esperança fugira de todas as almas — os parentes reuniam-se em conselho e, emquanto o enfermo agonisava, com os olhos abrasados de febre, titos no registro do crucificado, pendente do muro, entre rosas murchas,

discutia-se o lugar do enterro, lembravam-se paragens á margem molhada e sempre em sombra da fonte da Saudade ou o alto de uma collina guardada por um ingazeiro que elle tanto procurava quando era de levar ovelhas ou para pensar, afastado e só, entre as hervas de bom cheiro que florecem pelo Natal. E antes que expirasse já a sua alma estava encommendada á clemencia de Deus e, para envolver-lhe o corpo, a mais carinhosa das mulheres perfumara um lençol de linho com alecrim do campo e favas de baunilha.

Nas culturas mortas amarellecia ao tempo a palha dos milhos seccos e era muito vêr-se reluzir ao sol a foice de um captivo roçando o matto, de onde fugiam aos galões, tontas e espavoridas, cotias timidas. O verde e tenro arroz novo morria nos tremedaes requeridos e os papagaios chalravam faminta mente nas ramadas dos ipês folhudos, pontilhados vistosamente de pequeninas flôres de ouro.

Campeiros, por mais ousados que fôssem, temendo o sol negavam-se a pastorear, protestando todos com a mesma phrase sinistra feita á morte: «*A bicha* anda danmada por ahi . . .»

Lento e lento, uns após outros, foram desertando todos os camaradas, de sorte que o gado, acostumando a pastar nas campinas, mugia e balava esquecido no espaço estreito de velho cercado, mordendo o capim que lhe jogavam aos feixes, ruminando brotos rachiticos nascidos na terra fossada pelos bácoros, empastada de lama onde zumbiam moscas.

Ás vezes, nas balsas que desciam o rio, impellidas a varejão por cinco ou seis negreos reluzntes, de

tanga apenas passada á cinta, levantava-se um brado gemebundo e, quem olhasse, veria todos os braços fortes alçados para o céu, alguns erguendo os varejões á maneira de lanças, os olhos altos, as bócas escancaradas, vozeirando o mesmo grito: « Valha-nos Deus ! » que era um clamor de piedade por um companheiro que agonisava, estirado nos páus da balsa, o peito exposto á luz, zurzido de moscas, gemendo emquanto as *ciganas* grasnavam nas margens olhando os camalotes de aningas que desciam ao sabor d'agua e as garças finas, alvas, esguias, passavam no ar, em fila.

O sol ardia flammejante, côr de ouro, no céu fulgido.

De tempos a tempos, pelo meio-dia, vinha das bandas das serras um rumor surdo, um ronco longinquo de trovão. Amontoavam-se nuvens plumbeas, outras brancas, muito claras, resplandeciam; cahia um silencio torpido, pesado, a calma envolvia tudo; os ruidos augmentavam de vibração — retumbava.

De repente larga sombra varria a terra; escurecia. O céu tingia-se de negror, amontoavam-se rolos de nuvens tumidas, sentia-se como que um oceano suspenso — era a chuva que vinha. Mas, para a tardinha, um vento de fogo espanava o e paço e, rubra, enorme, silenciosa, a lua nascia, da côr do sol, e ia subindo, sinistra e sanguinea, empallidecendo, diminuindo aos poucos. As preces continuavam e, pela noite alta, uma velhinha santa sahia á varanda da casa que os *senhores* haviam abandonado, fugindo á epidemia, e, de instante a instante, clamava no silencio badalando uma campana:

— Misericordia, meu Deus !

E, em toda a redondeza, um côro repetia profunda. mysteriosamente : « Misericordia ! »

Abriam-se as casas, jactos de luz alastravam a terra e, de novo, lenta e vibrante, a campana tinia.

Toda a gente de Santa Eulalia, ao mystico reclamo, corria ao terreiro claro, enluarado, onde o vulto da velha, negro e hirto, numa immobilidade de estatua, esperava como uma iniciada em extase. Vinham á frente as mulheres, a pequenos passos, humildes, como um bando fraco de victimas seguindo para o sacrificio — caminhavam balbuciando, algumas com os filhos ao collo ou escarranchados ao flanco. Velhas fanaticas bradavam, parando de instante a instante para gemer supplicas, batendo pancadas brutaes nos peitos magros. Homens, em grupo cerrado, seguiam attrahidos, a cabeça baixa, calados e taciturnos.

Junto da velha prophetisa paravam fazendo circulo e ajoelhavam-se. Todos os braços agitavam-se num mesmo movimento, vozes soturnas resmoneavam acompanhando a uncção do « Pelo signal » — depois cahia um silencio tragico, quebrado abruptamente pela voz emphatica e oracular da velha tirando a reza, até que, em reboante e formidavel côro, todas as vozes cantavam alto na quietação do luar para que a prece fôsse além dos astros, muito além, até Deus, o dominador das pestes, o bemfeitor dos mundos.

Um vento forte curvava os ramos ; repetia-se o côro no murmulho das arvores. Não longe cães errantes uivavam.

A retirada fazia-se lenta e gravemente, como em scenario.

Subito, todas as luzes desappareciam e, isolada, mais funebre, a campana, pela ultima vez, tinia.

Corria sussurro surdo: era como a passagem macabra da Peste.

II

Raymundo, o cafuso, o mais audaz de todos os vaqueiros, foi atacado do mal.

Certa manhan, na occasião de saltar para o lombilho, sentiu as pernas fracas, a vista turva, quasi extincta, nauseas e uma dôr aguda no ventre. Como era forte e temerario, manteve-se de pé, apoiado á anca do cavallo, esperando que lhe passasse a tonteira, mas, subitamente, uma golfada amarga subiu-lhe á garganta, fecharam-se-lhe as palpebras pesadamente, um tremor agitou-o e, desfallecendo, sacudido por um arripio de febre, rolou na terra torcido, ansiado, escabujando como epileptico. Ninguem o acompanhava, apenas o gado em magotes que, ansioso pela marcha atravéz dos campos orvalhados, ia e vinha estirando o pescoço por cima da tronqueira com mugidos altos e prolongados.

Ao pino do sol, uma pequena guardadora de aves, aproximando-se do cercado, parou attrahida pelo espectaculo barbaro do amor brutal dos touros. Disputando a posse das novilhas tenras, os fortes marroas incendidos, lascivos, firmes nas patas dianteiras, os jarretes retesos, a grande cabeça baixa, escarvando a terra, berravam desafiando-se. Os outros bois, parados, contemplavam.

A impeto os rivaes levantavam os olhos fulvos, miravam-se, com um longo olhar faiscante e recuavam, recuavam, até que, quasi tocando os páus da cêrca, partiam um contra outro, devagar a principio, lentos, traiçoeiros, mugindo baixo, a lingua, rubra e secca, pendente e flaccida. Estacavam, mas, em brusco avanço, arremetiam — as frontes chocavam-se e as aspas travavam-se, ficando os dois presos, resistindo, arrancando num esforço formidavel e teimoso de brutos. Cançados recuavam no circulo attento dos companheiros e de longe, com outro berro, desafiando-se de novo, investiam recomeçando a luta. As vaccas assistiam impassiveis e, de vez em vez, no silencio, tinhalhava a choca de uma *madrinha* como signal de guerra.

A pequena olhava distrahida, attenta, mas de repente rompeu a rir ingenuamente, vendo passar perto da cêrca, aos trancos, um casal amoroso — os dois formando um só na justaposição sensual e fecunda, um só animal bicephalo, hediondo. Seguindo-os com o olhar, foi que ella viu por terra, estendido como morto, o vaqueiro Raymundo.

A sua primeira idéa foi saltar a porteira para certificar-se, mas teve medo. Partiu a correr, levando á casa noticia da descoberta que fizera.

Vieram homens do engenho com a maca de taquára que servia no sitio e recolheram o vaqueiro.

A curiosidade fizera chegar um grupo á tronqueira, mas no momento em que levantavam o moribundo para transportá-lo á cabana, no alto da collina, toda a gente recuou, cuspindo de nojo, esconjurando a peste malfazeja.

E logo espalhou-se a noticia e em todas as casas, mesmo no terreiro, accenderam-se fogos e arderam fumando, o alecrim bemdito.

— Deus tenha tua alma! balbuciavam religiosamente os que viam subir o grupo.

Da margem do rio, as lavadeiras estendiam os braços reluzentes d'agua na direcção da collina, e no ar, ao sol, faziam uma grande cruz dizendo para o empestado, longe demais para ouvi-las:

— Deus te dê o céu, meu filho!

Ao cahir da noite o enfermo despertou: sentia a cabeça em fogo, a lingua aspera e pastosa e, de vez em vez, violentas picadas nas temporas. Sem memoria, a principio, foi recompondo a custo todo o incidente do dia até a hora em que rolou por terra, entre o gado, golfando bilis, repuxado de ansias. No dia seguinte, de manhan, o medico do lugar subiu a examiná-lo. De pé, á distancia do catre, interrogou-o e, antes que elle concluisse a exposição, tomou duma carteirinha uma folha de papel e, a lapis, rabiscou a fórmula, retirando-se sem declarar a molestia, apesar das reiteradas perguntas de Raymundo que o seguia com o olhar apavorado.

Fóra, a alguem, disse desanimadamente:

— É a choiera!

Horas depois trouxeram-lhe uma poção que elle enguliu com engulhos, cahindo pesadamente sobre os pannos, contrahindo o rosto, cuspindo grosso, enjoado.

Á noite sentia-se melhor. Animava-o uma esperança de vida. Dormira sem ansias, sem sonhos, mas acordára em sobresalto, com uma dôr fina no ventre como se lhe houvessem enterrado uma agulha pelo umbigo a dentro.

Era tarde : mais de meia noite.

Dos rumores do campo tinham ficado apenas o fresco ramalhar das arvores e o ronco perenne das corredeiras que rolavam as aguas pesadas por entre os penhascos escuros onde, pela manhãsinha e á tarde, nos pontos emergentes, appareciam negros de canna em punho, a linha a prumo nagua, firmes e pacientes, esperando o repellão do peixe temerário. Um cão ladrava longe e, de instante a instante, o mugido melancolico de uma vacca reboava soturno e longo como o som rouco de uma buzina barbara.

Raymundo entreabriu as palpebras pesadas e quentes de febre, correu o olhar abrasado pelo quarto de reboco, pobre, illuminado por uma vela de carnaúba espetada no gargalo de uma garrafa e, calcando o peito com a mão larga e bruta, a bôca escancellada, chupou um hausto afflicto, agitando a cabeça negra, revolvendo os olhos brilhantes, na agonia abafada dos dyspneicos. Depois cahiu em abatimento atonico, estendeu os braços ao longo do corpo e quedou immovel, em apparente tranquillidade, sobre o giráu soerguido do sólo por quatro espeques toscos e assim ficou a ouvir o rumor

nocturno, compondo toda a paizagem exterior que seus olhos não viam.

Dos alagadiços, em plangencia lugubre de reza, levantava-se o côro tremulo das gias, por vezes cortado pelo coaxo rispido e vibrante de um sapo retininte, de guéla blindada, tão metallico era o grito que lançava do pantano verde e podre, coalhado de hervas.

Brusca, abruptamente, vencendo os murmurios e os rumorejos, vieram aos ouvidos do enfermo, em tom gemente ora mais graves, como se as vozes fôssem ensurdecendo, ora vivas, desesperadas, em grita clamorosa, as dôces palavras da ladainha. Elle ouvia-as uma a uma, acompanhava-as, repetia-as mentalmente, com fé, e o cantico espalhava-se merencoreo, pela noite, ora indistincto e vago, ora em toda a pujança do côro enchendo o campo, indo pela matta, atravessando o rio, na espiritualidade do som, visitando todos os sitios e todos os enfermos como uma grande benção geral santificando a natureza e as almas.

Raymundo soergueu-se no catre e, commovido, contricto, de mãos postas, a cabeça inclinada ao peito, pôz-se a dizer baixinho, acompanhando a ladainha nocturna, o *Ave*, erguendo a voz, como se a Virgem não a ouvisse, quando a vacca solitaria soltava o seu gemido de mãi ansiosa a quem haviam roubado o filho para que lhe não esvaziasse as têtas.

Morrendo a oração, voltando o silencio, Raymundo mergulhou sob as cobertas deixando um braço nú para tomar a bilha d'agua, posta no chão, ao lado da cama. Encostou-se ao rôlo de esteiras

que lhe servia de travesseiro e bebeu avidamente, a goles sofreges e gingrulejantes, com a cabeça cahida, o pescoço rijo, teso, os olhos em branco; depois accendeu o cachimbo e, machinalmente, sem gosto, baforou a primeira fumarada.

III

Ia já para duas semanas que elle ali estava estirado, immovel, a tiritar de frio, ardendo em febre, numa intermittencia constante, bebendo caldos magros, nutrindo-se de carne do vento e um bolo de arroz cozido em agua e sal. Permittiam-lhe, como extravagancia, o fumo e o seu consolo, quando se via só, nos insipidos meio-dias ensolados, á hora em que as rôlas se refugiavam no sapê, gemendo baixinho, era soprar cachimbadas para um quadro de assumpto patriotico pregado na taipa representando o imperador em Uruguayna, fardado, calmo e firme entre generaes, a olhar sereno a culatra de um canhão que voava em estilhaços numa onda de fumo onde morriam soldados.

Ás vezes cantava sentindo virem-lhe á alma saudades antigas e a sua voz, grave o flebil, ia aos

poucos desfallecendo e acabava em hausto — era a dyspnéa que o suffocava, obrigando-o a recurvas de tronco e a invocações gemidas do nome de Jesus. Vinham vê-lo duas vezes ao dia — de manhan, um pequeno que lhe trazia o caldo numa marmita e o fumo picado dentro de uma combúca ; á tarde, a velha Ursula, cabrocha caduca e feiticeira que entrava resmoneando seguida de um cão leproso. Abria a lata, deixava os nacos de carne num prato de folha, ia á fonte encher o pote emquanto o cão, a olhar Raymundo, raspava o ventre com a pata, ganindo baixo, frenetico.

Raymundo odiava Ursula como todos os mais negros. Corriam versões tragicas sobre ella. Todo o sertão estava cheio do seu nome e mais da sua alcunha sinistra : a *Caapora*, talvez porque costumava vaguear á noite, mais o cão, atravéz dos campos adormecidos, com o catimbau na bôca sem dentes, como o genio da lenda indigena.

A sua óca, quasi uma furna, cavada na barreira, á margem do rio, era o terror de todos. Á noite ninguem se aventurava a descer a rampa com receio de encontrar a bruxa ! Os que a viam passar, ao sol, cabeça núa, descalça, remoendo as maxillas como um ruminante, com as carnes resequidas apontando pelos rasgões da saia, apoiada a um páu, parando, de vez em vez, para olhar o céu, sorrindo, de mãos postas, a balbuciar palavras mysteriosas para o alto, recuavam esconjurando-a. Os pequenos, detraz dos moirões, jogavam-lhe pedras.

O cão, um velho podengo magro, entanguido, sem pello, a cauda cortada rente, seguia-a pela sombra rosnando a todos com odio. Affirmavam

que, pelas noites escuras, á hora satanica do curupira, Ursula tomava o caminho do *Areal*, campo árido onde se enterrava, para profanar as covas, roubando os ossos das crianças mortas sem baptismo. Guardava-os e, na hora m dia da noite cabalistica de Agosto, quando os ventos de S. Bartholomeu varrem serras e valles, queimava-os para fazer com as cinzas brancas o segredo terrivel dos seus filtros. Havia quem jurasse que o cão pellado que a seguia sempre era o diabo. Era elle que lhe ensinava toda a sinistra magia, velando com ella, até a hora do canto do gallo quando se recolhiam aos mesmos pannos, juntos, como dois amantes, tanto que, pela madrugada, uivos ferozes acordavam o silencio como o alarma sensual do connubio macabro.

Ursula vivia defendida pela lenda, e apesar do horror que inspirava, tropeiros compassivos atiravam-lhe esmolas.

Raymundo tinha-lhe asco e medo. Em outra occasião teria trancado a sua porta para que a bruxa nem lhe visse o quarto, mas só e enfermo, abandonado de todos, sem o conforto de uma amizade, sentia-se mais animado quando ella apparecia. E dirigia-lhe a palavra com carinho, instava com ella para que ficasse, agradecendo-lhe muito o trabalho que com elle tinha, por humanidade, de boa que era, e queixava-se dos outros que, sem coragem de affrontar a molestia, recorreram á maldita para que se encarregasse delle.

E chamava-a: queria-a ali, junto do catre, a contar-lhe o que ia lá por baixo: — se a peste abrandára, quem morrera na vespera, porque o sino do-

brára todo o dia ; se um grito que ouvira alta noite fóra de algum negro castigado pelo feitor Cabinda.

Ursula, porém, não dava resposta : ia por diante a resmungar uma especie de canto monotono, em lingua d'Africa, dando voltas no quarto, passando um fogareiro de barro onde ardia alfazema, os olhos baixos, as mamas flaccidas, bambas, dependurados, fazendo chocalhar um colar de buzios que lhe cercava o pescoço engelhado. Depois erguia-se mascando com as gengivas sem dentes, cuspia para os cantos a pasta negra do fumo, puxava a camisa, guardava as pellancas dos peitos e, com um grunhido, chamava o cão e partia, resmungando o seu canto banzeiro, sem voltar os olhos, batendo com a porta. Enfiava depois o braço magro por um buraco aberto na taipa para dar volta á taramella interna.

Raymundo sentava-se, tomava o prato ao collo, sôbre as cobertas e com os dedos esfiava a carne que ia comendo enjeado, a ouvir o arrulho jururú dos pombos no sapé e os gritos do bemtevi cortando vibrantemente o chio vesperal das cigarras. E sem vêr, comprehendia que era a noite que vinha e, mal o sino dobrava no silencio da tarde, benzia-se, fazia luz no quarto e mergulhava debaixo das cobertas mollemente, pensando, com terror, na insomnia apavorante.

IV

Estirado, immovel, com os braços por baixo da cabeça, Raymundo não desviava os olhos de uma frincha aberta no sapê, atravéz da qual via reluzir tremulamente, no céu alto e profundo, perdida na treva nocturna, uma grande estrella clara. Longe de todo o pensamento, na inercia flaccida da modorra, ia adormecendo quando lhe pareceu ouvir, destacando-se dos vagos rumores de fóra, familiares aos seus ouvidos, a voz meiga e suave de alguem que cantava, enchendo de alegria a noite com o quebranto languido de uma lyrica de campo. Aprumou a cabeça, conteve a respiração e ouviu bem, numa vocalisação clara, estes versos de queixa e de melancolia :

Quem sentir nalma a ferida
Aberta pela saudade,
Não conte ter mais na vida
Descanço e tranquillidade.

Com a bôca entreaberta, os olhos fitos no tecto, ouvia os sons da cantiga num rythmo preguiçoso e dôce, repassada de uma prolongada tristeza para o fim, ao cahir da ultima palavra.

Depois foi um suspiro de desafogo, um ai! cançado, solto em offego e, quasi ao mesmo tempo, a porta tremeu, sacudida; tremeram as roupas dependuradas dos muros, a taramella rangeu e assomou no limiar uma mulatinha trefega e risonha, garganteando as notas do estribilho.

Raymundo voltou-se, cerrou as palpebras e, com a mão á altura dos olhos, em pára-luz, espiou e pela porta entreaberta viu rapidamente, como em fuga, o céu sereno, recamado de estrellas, a lua clarissima e tufos balouçantes de arvores escorrendo brancuras lucidas. Mas a porta bateu empurrada pelos braços carnudos da mulata, que ficou a dois passos do catre tirando com vagar uma toalha da cabeça, que preservava os seus cabellos de azeviche do sereno da noite e, languida, fitou o enfermo com um olhar morno e voluptuoso, sorrindo, com duas covinhas nas faces.

— Que está olhando? Não me conhece? Parece que nunca me viu! E d'improviso: Está melhor?

Raymundo meneou com a cabeça tristemente, sem apartar os olhos da rapariga.

— Se você não come, Mundico . . .

Com esforço o enfermo ergueu-se sobre os cotovellos e recostou-se ao palhegal que lhe servia de travesseiro, atulhou o cachimbo, accendeu-o, perguntando por entre bafos de fumo:

— Que ha de novo?

— Que ha ? Que ha de haver : peste. Ainda hoje a Toma enterrou o filho. Ficou como doida, coitada ! O pequeno morreu nos seus braços ; e sentenciou : E dizem que péga. Sentou-se em um mocho e, desabotoando o corpinho de cassa, continuou : Tio Candido tambem lá foi.

— Das febres ?

— Não sei. Morreu trabalhando. Foram achar elle entre as taquaras das suas gaiolas, caindo de bruços, com a cabeça enterrada no chão. Venancio diz que foi de velhice.

Raymundo guardou silencio, voltou a contemplar a estrella, mas de repente, batendo com o cachimbo á beira de um caixote, perguntou :

— Era você que vinha cantando ?

— Então ? Era eu, sim.

E, inclinando-se, abriu um bahú de couro e foi amontoando roupa branca sobre um velho panno de algodão, cantarolando sempre á claridade livida da vela.

— P'ra que é isso, Lucinda ?

— Vou mudar de camisa.

Raymundo franziu o sobr'olho, ferido pelo ciume. Perguntou desconfiado :

— P'ra que ?

— P'ra que ! ? retrucou asperamente a rapariga desembrulhando as peças com máu modo : P'ra que ! ? Então hei de me deitar assim, com a roupa suada ? E de pé, despindo estabanadamente o corpinho, tomando a camisa pelo crivo do cabeção, sacudiu-a, tufou-a, mostrando as nodoas : Olha só. Nem parece roupa de gente. É gordura só.

O morim, recahindo no collo, ficou alto accu-

sando o contorno rijo dos peitos, com um remate mais saliente dos bicos, descendo em linha curva, em constante e turgido ondular macio. Um cheiro forte de herva silvestre desprendia-se das roupas e a sombra da mulata, quebrando-se no angulo do muro, corria em obliqua pelo tecto e, obscurecendo uma parte do quarto, bailava com o fremito incessante da lingua accesa da vela que espirrava de momento a momento, espichando-se em morrão negro e fuliginoso.

— Vira a cara, Mundico. Deixa eu mudar a camisa.

— Ora! fez o enfermo enjoadamente.

— Vira a cara!... tornou a rapariga choramigando, dengosa.

— Deixa de luxo! rugiu furioso dando um murro no catre. Parece que nunca te vi náa. Um diabo que se despe á vista de todo o mundo.

— Maleriado! rosnou Lucinda, e metteu-se para um canto. Curvando o busto safou a camisa suja, prendeu-a nos sovacos para esconder os peitos, com o queixo enterrado no collo, uma ponta de crivo nos dentinhos, estendendo os roliços braços nús para abrir a camisa lavada, de onde cahiam pequeninas folhas seccas e passou-a rapidamente pela cabeça, enfiou os braços, deixando escorregar a camisa suja ao longo do corpo, sacudiu-se e, alisando os cabellos, reconheçou a cantar:

Meus olhos choram mais agua
Do que qualquer riachão!
E não ha secca que seque
Porque não morre a affliçção.

Num arranco de despeito, Raymundo esbravejou :

— Cala a bôca ahi ! ah ! tambem ! Tanta cantiga ! Nem vendo a gente doente !

— Minha cantiga não mata ninguem.

— Ah ! e voltou-se para a parede amuado.

Ella estacou de colera, mordendo os beiços, bambaleando o corpo ; por fim, acalmando-se, chegou-se á luz com a saia, vestiu-a, alisou a camisa, fê-la correr corpo abaixo, pelo ventre, pelos quadris e, farejando os hombros rapidamente, voluptuosamente, com os labios franzidos em bico, respirou forte balbuciando :

— Agora sim.

Completando o vestuario com um paletó de cambrainha com entremeios, alisou de novo os cabellos e, passando a toalha pela cabeça, disse alto, resolutamente :

— Até amanhan.

Raymundo voltou-se de repente e, encarando-a, perguntou :

— Onde ocê vai ?

— Vou-me embora.

— Não ! rugiu o vaqueiro, com os olhos como duas brasas : Que é que ocê vai fazer ?

— Uai ! Que é que vou fazer ? Gentes . . . parece tolo. E naturalmente : Vou dormir, pois então ?

— Antigamente, emquanto eu podia gastar, ocê dormia aqui, agora . . .

— Máu ! Máu !

— É, sim : eu sei. E triste : Pois vai ! Mas arrependido ao mesmo tempo, enterneceu-se, ameigou-

se : Vem cá, anda ! E estendeu um braço para recebê-la.

Ella, por fim, compondo a roupa, o rosto baixo, sorrindo, murmurou com um beicinho :

— Eu, não !

— Ora, Lucinda... implorava Raymundo abrasado, com a voz tremula.

— Você está doido, Mundico ? Quero lá sahir daqui com a peçonha da peste. Deus me livre ! E, de repente, dando uma volta : Até amanhã !

— Não ! Vem cá !

— Que é ?

— Vem cá ! Escuta !

Lucinda sacudiu a cabeça negativamente. Raymundo fitou-a com um olhar cheio de odio e disse :

— Já sei . . . Hoje é com Esaú. E, franzindo o beiço em commissuras de escarneo : Não tem vergonha . . . um negro de roça.

— Que Esaú ! gritou violentamente a mulata como se um chicote a tivesse ferido. Já se viu um homem doido assim ? Só porque vim mudar a camisa já está o diabo dizendo que vou dormir com outro. Pensa você que não tenho mais que fazer ? Ora, meu amigo . . . E deu-lhe as costas. Se eu não tivesse o meu bahú neste maldito quarto não punha os pés aqui. Não, que não hei-de ser tôla toda a vida. Amanhan acaba-se tudo, mando buscar o que é meu para não andar com feitores tomando conta do que faço. Quem me podia governar já Deus tem na sua glória. E apanhando o rôlo de roupa que tinha aos pés, mostrou-o : Você queria que eu me deitasse com esta immundicie no corpo ? Não que, graças a Deus, aprendi a ser limpa. E res-

mungando : Esaú . . . Esaú . . . Voltou-se num accesso de ira : O que você quer sei eu . . . mas isto . . . iche ! e saltou um muchocho escarninho. Diabo de homem ! nem doente . . . Não faltava mais nada senão vir eu mesma buscar o mal por minhas mãos.

— Eu já estou bom . . .

— Muito ! Está ahi ardendo em febre.

— Mas que tem isso ? desde que não pegue . . . A Tecla não esteve com o Nazareth nos braços ?

— Sim, mas era seu filho.

Houve um largo silencio. Os olhos de Raymundo reluziam com fulgor de chammas, seu largo peito ossudo arfava em ansia constante, as narinas, sofregamente dilatadas, palpitavam.

— Um beijo só, Lucinda, e eu fico bom.

— Oh Senhor, que homem ! Aspera e aborrecida, adiantou-se até o catre, entregou a face de um moreno fino e disse em balbucio : — Tá !

O negro, ardendo em luxuria como um fauno, ergueu-se a meio e com as mãos ambas travou-lhe de um pulso, puxou-a. Ella gritava : « que a estava machucando, que a deixasse, não fôsse bruto, tivesse modos ! » Elle não ouvia, procurava-lhe, sofregamente, a bôca vermelha, offegando, mas Lucinda, fugindo sempre, com o rosto voltado, de labios cerrados, resistia até que, com empuxão mais forte, libertou-se, indo cahir de encontro á parede, extenuada.

— Oh ! você não tem juizo, Mundico ? Isso até é maldade.

Raymundo, flaccido, sem energia, com os beiços juntos, implorava beijos. Lucinda, sacudindo a roupa, evitava-o :

— Na bôca, não!

— Você tem nojo de mim?

— Não é nojo, affirmou complacente. Tenho medo da molestia. Na bôca não, sim?

— Então não quero.

— Pois não queira. Que teima! Para eu pegar a peste!

— Vai-t'embora!

— Vou mesmo. Dirigiu-se para a porta e, já com a mão na taramella, acenou, com faceirice, um adeus! Até amanhan.

O negro rosnou um desafôro.

— Come, porco! e sahiu batendo com a porta: antes, porém, de fechá-la, falou para dentro: É melhor que você reze por mãi Dina que hoje faz um anno de morta.

E deu volta á taramella.

Raymundo, furioso, atirou-lhe um improperio. Uma gargalhada reboou no silencio e logo depois a voz meiga de Lucinda recomeçou a cantiga que foi, aos poucos, morrendo, até que nada mais se ouviu, interrompendo, de chofre, o novo silencio o mugido angustioso da vacca solitaria.

Lembrou-se, então, do seu gado, a nutrida ponta de garrótes rijos, todos de fama, reviradores de mattas, catingueiros sabidos. Eh! bichos . . . boiadasinha de fiança aquella! Quando era para tocar aquelle tumulto, quê de sustos na gente da redondeza e quanto arrojo da rapaziada limpa. Aquillo é que era! Arranca daqui, bem estribado, investe dali, espera de frente, férra, atropella, arriba e larga na carreira solta por mattos e gargantas, sustenta o choque do bicho, com a vara fita á carranca e

toca ! Eh ! boi . . . e mette no bando e vira. Agora a toada, e lá vai no passo miudo dentro do pó dourado, estrada fóra, rompendo o caminho, com a alegria das frautas e o descante bravo da parceirada.

Voltou-se no catre e, enrugando a fronte, pensando, de novo, na mulata arisca, atirou um murro á parede esfarellando o adobe :

— Deixa-te estar, mocambeira . . . só se eu não me levantar desta cama. Não, que não sou poáia como o outro que você trazia minguado, chorando no rasto do teu vestido. Commigo ou é ou não é : no prato em que eu cômo ninguem bota a mão, isso nem que Deus mande. Nós havemos de vêr.

Esticou-se no catre cruzando as perras, com os braços por baixo da cabeça, immovel. Ardiam-lhe os olhos — fechou-os em modorra, mas despertou subitamente sobresaltado com um pesadelo — ia rolando por um desfiladeiro de rochas escarpadas, ferindo-se nas arestas agudas das pedras, para um escuro e profundo abysmo. Respirou ansiado e acalmava-se quando um berro o fez estremecer — era a vacca saudosa na caiçara da collina.

7

Esse mugido lugubre, isolado na tranquillidade do silencio, impressionou-o, bem que elle soubesse de onde vinha e conhecesse, como ninguem, a *Fula*, que fôra mettida num cercado, longe dos bois e dos novilhos que ella varava a cornadas terriveis quando estava de cria e os apanhava ao alcance do seu chifre fino e recto, tão temido e celebrado que até entrava nas trovas dos campeiros da casa. Elle bem sabia que era a *Fula*, sósinha e triste, que mugia na prisão com saudade do bezerro, mas certo presentimento, as ultimas palavras de Lucinda : « É melhor que você reze por mãi Dina que hoje faz um anno de morta . . . » encheram-no de apprehensões, filhas de um terror secreto. Temia as sombras, o mesmo sarrido da sua respiração angusta fazia-lhe medo. Teve impetos de fugir, saltar do catre para

o monte, descer até á primeira senzala onde houvesse gente, vozes, rumor de vida emfim. E, apesar de todos os esforços que fez para pôr cobro aos assaltos pávidos do medo, para desviar os pensamentos sinistros, pôz-se a recapitular factos ha muito passados, successivamente, continuadamente, tendo de todos a visão exacta, a impressão perfeita como se retrocedesse no tempo, voltando a viver a mesma vida extincta, não na illusão dum sonho, mas com a intensa sensação da realidade visivel.

Fechou os olhos, cobriu a cabeça, mas na sombra asphyxiante e morna, surgiu primeiro Albina: uma rapariguinha de nove annos, magra, doentia, de olhos tristes e humidos, rojada pelo seu braço forte á beira d'agua, na areia, entre os cajueiros, a gemer, maculada de sangue, com as duas mãosinhas no ventre nú, exposto á lua, num abandono doloroso, depois de uma luta em defeza do seu pudor e da sua virgindade enferma, sem soccorro, num ermo sombrio, emquanto ao longe os negros, em samba, batucavam com estrupido rouco nos tumidos tambús.

Estremeceu, sacudiu as cobertas como para enxotar a visão e percorreu o quarto todo com um lance d'olhos, allucinado, febril, murmurando nervosamente: «Diabo! Diabo!»

Da zoada do vento que vergava os ramos partiam silvos como se demonios aereos andassem pelos tufões, aos rebolos, dançando a ronda gnomica da noite e no sapê do tecto, para augmentar-lhe ainda mais o pavor, corriam e guinchavam timbús.

Um nome foi, aos poucos, subindo-lhe aos labios e impoz-se com a violencia das cheias escachoando

nas represas; elle resistia fugindo a pronunciá-lo, mas baldado foi o esforço — o nome sahiu-lhe da bôca, involuntario como um suspiro «Mãi Dina!»

Torceu-se de odio e esmurrou desesperadamente a parede em accesso de indignação contra o seu espirito fraco. Forçou a coragem, tentou chamar o animo, mas abateu no terror, vencido, inerte, cheio de recordações, qual dellas mais tragica. Incoercivel, latente, o nome fatal ralava-lhe a alma como o echo de uma maldição. Subitos tremores sacudiam-no em arripios e os olhos, muito abertos, annuviados d'assombro, ardiam phosphorejantes como as pupillas dos tigres.

A vela gasta tremia no gargalo da garrafa alimentada por um pouco de carnaúba que escorria em lagrima escura para o bojo e do bojo ao chão; a chamma crepitava stertorando. A claridade oscillava com a intermittencia de relampagos e de sombras; nos cantos a penumbra ia-se tornando carregada. As roupas, estendidas nas cordas, bailavam e as suas silhuetas, estampadas nos muros, tomavam fórmas extravagantes de espectros bizarros — uns de braços pendentes, cahidos bambos para a terra como se fôssem mergulhar em tumulos, outros agitando pernas em estrebuchamentos de morte; e o bahu alargava uma grande mancha ferruginea que vinha até o leito como a invasão da treva chegando aos poucos, lenta e traidora.

E «Mãi Dina! Mãi Dina!» sempre como um remorso.

Subitamente, enterrando o rosto nas esteiras, com os braços pela cabeça, o ventre na palha do leito, Raymundo, sem poder evitar a recapitulação

tenebrosa, viu distinctamente todo o seu negro crime:

No arrozal verde gaio, junto de um pantano onde as gias molles, d'olhos esbogalhados, gosavam o sol, entre as hervas floridas, a negra, sentada, com a sua colheita de inhame, a cabeça núa, ao sol, fumava melancolicamente com os olhos perdidos no horizonte esbraseado que rematava aquella campina rasa, ponteada de tóros adustos, de onde o vento levantava nuvens pardas de cinzas que restavam das queimadas de Agosto.

Errando ao acaso pela visinhança do pasto onde os seus bois, abochornados pelo calor do meio-dia suffocante, ruminavam deitados num silencio, e numa immobilidade de téla, Raymundo, que andava á cata de amores rondando os tejupás da roça, deu de frente com a velha.

— Benção, Mãi Dina!

Levantando a cabeça enrolada em um panno de riscado, á maneira de trunfa, a negra cruzou no ar a benção e cuspindo para um lado, resmoneou:

— Benção de Deus!

Raymundo, de pé diante della, interrogou-a sobre os seus negocios, perguntando com interesse pela criação e pela cultura da sua roça de milho. A velha desceu o olhar dizendo:

— Vai como Deus quer...

— Vosmecê com o que tem, mãi, podia viver descançada, se quizesse. Pagava a nossa liberdade e iamos trabalhar juntos num canto qualquer. Vosmecê sabe: não ha trabalho que me faça medo. Com o que sei fazia uma casinha para nós dois e, em pouco tempo, podiamos ter com que passar os dias.

A velha conservou-se immovel.

— Tenho um conhecido que se offereceu para tratar da minha liberdade. Falo com elle sobre vosmecê. Se vosmecê quizer . . . ?

Dina, calma, sempre a fumar o seu *pito*, sacudiu a cabeça negativamente.

— Porque ? Mas vosmecê não pensa em deixar esta sina de captiveiro ?

— Nasci assim ! disse com accento doloroso, erguendo os hombros.

— Mas olhe que a velhice está ahi. Vosmecê já não póde com o cabo de uma enxada.

— Quem ? exclamou com arrogancia. Ainda não pedi a ninguem para fazer a minha tarefa.

— Mas não é melhor que a gente trabalhe para nós ? Não é melhor ser livre ?

— Ora ! Ha muito captivo no mundo de Deus. . .

— Se há é que nenhum póde fazer como vosmecê, se quizesse . . . Os outros não têm posses.

— E eu ? . . . Que é que eu tenho ? trapos.

— E dinheiro, concluiu o filho.

A negra abriu muito os olhos num pavor de usuraria e, franzindo a fronte, encarou Raymundo :

— Dinheiro ! Ah ! Eu tenho dinheiro ! Pois sim . . . E serenamente : Melhor para mim. Se tenho é meu.

— E meu, que sou seu filho.

— Ahn ! Meu filho ! . . . Tu ! ? E sorriu com amargura. Meu filho por causa do dinheiro, mas para vir á roça commigo ao sol e á chuva você não é meu filho. Para cuidar de mim quando adoeço, para me trazer um caldo quando o mal me atira no fundo de uma cama, para me acompanhar quando

gemo só, sem alguem que me acuda, você não é meu filho. Para roubar . . . para roubar é que você é.

— Roubar, não, porque se eu quizesse já tinha feito.

— Isso sei eu. Negro da tua laia é capaz de tudo. Ainda não esqueci o murro que você me deu. Mas se ha Deus no céu . . .

— Ora, ahi vem vosmecê com os seus ditos. O melhor é decidir de uma vez. Quer ou não quer ?

— O que, rapaz ? Dar dinheiro ? Não ! Já disse.

Raymundo soffreou um movimento de colera, trincou o beiço grosso e pôz-se a andar de um lado para outro como uma féra em jaula, furando a terra humida com o ferrão do cajado. Dina, indifferente, ergueu-se e, de costas para o filho, começou a fazer mólhos de inhame para carregá-los. Raymundo, que desconfiava que ella trazia sempre o dinheiro comsigo, ficou a examiná-la, procurando descobrir o esconderijo da fortuna tão avidamente desejada, quando viu uma pequena bolsa que lhe pendia do pescoço presa por um cordel. Mirou-a muito com o olhar cúpido e, não podendo furtar-se á ansia que o dominava, atirou-se á velha de chôfre, num bote de tigre e, rapido, dando repetidos empuxões ao cordel, rebentou-o violentamente. A negra soltou um grito e, com uma volta brusca, agarrou-se ás pernas do filho, mordendo com as gengivas, rosnando rouca e em furia :

— Larga, ladrão ! Larga, ladrão !

Raymundo debatia-se procurando libertar-se, com a bolsa sempre fechada na mão com medo de perdê-la : « Sahe ! Sahe ! » e sacudia-se na pressão nervosa dos dois braços maternos que o mantinham

inerte, como num tronco de ferro. Num impulso mais forte conseguiu safar uma perna, e allucinado, em odio, atirou um pontapé que apanhou a negra em pleno peito arrancando-lhe um gemido cavo.

Ella ainda ergueu-se tonta, elle, porém, recuando, brandiu o ipé e vibrou uma bordoada em cheio no craneo nú, porque a trunfa, que se desenrolara durante a luta, deixara-o descoberto.

O corpo abateu com estremecimentos. Num arranco, num impulso de vida, quasi ajoelhou-se, mas vergou de novo até á borda do pantano e rolou mergulhando na agua verde e turva onde as gias afundaram.

Raymundo deitou a correr aterrado, mas numa angustia suprema, voltou-se e quiz vêr. Borbulhas de sangue subiam á tona d'agua, o corpo, meio em mergulho, meio em terra, inteiriçara-se, as pernas núas, esqueleticas, tremiam na herva e um braço hirto, fugindo d'entre as folhas aquaticas, agitava uma mão secca, espalmada, com os dedos apartados, a tremerem tambem, lançando ao ar mudo e á consciencia do assassino uma sentença ou um perdão piedoso.

Não pôde olhar mais. Fugiu para junto dos bois e no verde campo, na paz singela e bucolica, quebrada pelo vagaroso e surdo mugir de algum touro, examinou o seu roubo — era um escapulario, continha rezas. De raiva, então, ou com remorso, desatou a chorar com a cabeça entalada entre os joelhos emquanto os carreiros cruzavam as estradas longinquas pondo na monotona e inquebrantavel tranquillidade meridiana toadas sentimentaes de cantilenas.

O crime foi attribuido aos ciganos — horda nomade que infestava o sertão saqueando os paióes e os curraes, assaltando as cabanas e até roubando crianças para meleficios, como diziam os caboclos.

Elle mesmo retirou o corpo d'agua, não sem tremer ao dar com os olhos na fractura do craneo da velha, muito aberta, d'onde escorria uma pasta molle, brancacenta, com estrias de sangue. Enterrou-a junto do pantano, floriu o tumulo á maneira indigena e fincou com as suas proprias mãos a triste cruz da saudade. Mas nunca ! nunca mais pôde esquecer o gesto da morta que lhe ficou na lembrança sempre, como uma praga vingadora que ella não pudera soltar porque a agua verde enchera logo a sua bôca raivosa. E nunca conseguiu saber que vingança a velha negra pedira aos céus e a Deus naquelle gesto hirto, exhalando, ao coaxar dos sapos verdes, com a bôca nas raizes das hervas podres, a sua alma suppliciada pela maternidade e pela escravidão.

VI

Com essa recordação tragica, revolvendo na alma todo o seu passado sombrio, Raymundo não conseguia aquietar-se. Irritaram-se-lhe os nervos, encheu-se-lhe o coração de sobresaltos. Parecia-lhe que de todos os lados bôcas invisiveis soltavam gemidos abafados e que as sombras das roupas que pendiam das cordas, movendo-se nos muros, cresciam desmesuradamente, aproximando-se com o silencio, com a leveza subtil das coisas fantasticas. Os olhos do enfermo não se podiam arredar da porta, fitos, seccos, fuzilantes, magnetisados pelo terror. O coração precipitava os movimentos e os membros, em frouxidão de cobardia, lassos, estirados, pareciam presos nos liames de ankylose subita.

Um impeto de força nervosa fê-lo sentar-se. Correu a vista attonita, apavorada, por todo o re-

cinto, com anseios de asphyxia, apoiado ás mãos, tremendo como se o agitasse um fluido ; outro impulso atirou-o ao leito com a brutalidade de um empurrão violento.

Subitamente escureceu. A vela extinguira-se de subito e, por todas as frinchas do tecto, pelos intersticios do sapé, pelas aberturas da taipa dos muros entraram raios e nimbos da lua da meia-noite. A alma clara do silencio invadira o aposento estriando a treva de pallores, tornando-a mais lugubre com a sua tatuagem diaphana. A calma pairava ; os proprios grillos domesticos, surprendidos pela invasão tenebrosa e pela visita triste do luar, calaram-se. O enfermo sentiu-se mais isolado ainda.

As visões começaram a surgir como se lhe subissem do coração em tumulto, precipitando-se, atropellando-se em revoluteio satanico. Eram lumes errantes que flammejavam no escuro, fulvos, vivos como pyrilampos : abriam-se em halos, retrahiam-se e desappareciam repentinamente. Eram manchas, mais negras do que a propria treva, voando como enormes vampiros de um para outro ponto, alongando azas bifidas e, de momento a momento, em trillo crebro, um grillo cantava. No ar espesso havia fremitos de vôos. Incerto e tremulo, vacillando como ébrio, Raymundo ergueu-se do leito, descalço, arripiado ; abriu os braços e, ás apalpadellas, cégo no horror da sombra, foi experimentar a porta, vêr se estava bem fechada, assaltado pela idéa de uma visita de bruxas.

De pé no meio do quarto, semi-nú, arrastando o lençol branco, tiritava gelado, suando frio como se estivesse sobre um campo de neve fustigado por

um vento glacial. Sentia estranha sensação de abandono. O terror crispava-o e interiormente, como se o seu espirito tremesse, corriam, coriscavam fremitos de assombro.

Collou o ouvido á porta arfando e percebeu distinctamente a ansia de um soluço — talvez o vento soprando ao longe nos penachos dos bambús, talvez a agua do rio rolando estuosa por entre as penhas. Deteve-se contido, sem pestanejar sequer, vergado, de mãos nos joelhos, a cabeça encostada á porta como auscultando a palpitação da noite e ouviu o estrepito rapido e rispido da tritura de maxilas, dentes seccos trepidando em estralada infrene.

Empinou-se abrupto; a bóca escancarada em hiato, o olhar gazeo e turvo, apalpando o escuro, titubeante e tropego. Quiz recuar, mas estranho poder soldou-o ao posto horrivel. Transido de pavor, foi involuntariamente derreando o busto e, de novo, encostou o ouvido á porta. O rilhar dos dentes augmentava, mandibulas matraqueavam e, vez em vez, a madeira ringia, estalava á pressão dos dentes que a trincavam. E, enchendo o silencio, o aspero roqueróque espectral crescia assombroso e terrivel.

Foi tão violento o pavor que o negro abateu pesadamente, rolando sobre um monte de pannos humidos que atulhavam um canto do quarto e, agachado, com o rosto em terra, pôz-se a espiar pela aberta da soleira da porta, tentando descobrir o vulto do duende que errava pelos campos com tamanho estridor.

Nada viu; mas de um salto, arrastando todos

os trapos que encontrou ao alcance dos dedos crispados, pôz-se a calafetar as fendas, abafando a luz para que tambem o lemure não conseguisse passagem. Mas o ruido crescia forte, estrupidamente, celere, igual ao que seus dentes faziam, na convulsão da febre que voltara.

Fortificado, esperou, de cocoras, com as duas mãos á porta, oppondo resistencia aos empurrões da ossada perseguidora. Debalde porém: seus pulsos enfraqueciam, o suor pingava em grossas gotas perennes, faltava-lhe o ar, os joelhos curvavam-se-lhe tremulos, molles, e recuando, sempre com os braços estendidos, em gesto duro de repulsa, a boca escancarada, os olhos paralysados, cahiu de costas, soltando, num suspiro estremecido, o nome da assassinada : « Mãi Dina ! »

Foi como um appello. A porta fragil estalou : mais forte rangeram os dentes, seguidos de um estralejar de ossada tripudiante. Raymundo ergueu-se medroso e feroz ; encostou-se á porta, firmando-se nas pernas retesadas, os cotovellos fincados resistentemente. Tudo era em vão : a madeira fendia-se quasi sem bulha, como desfazendo-se — foi cahindo aos poucos, taboa por taboa, roída pelos dentes que batiam sempre, até que nada mais houve e o céu e o campo, illuminados opalicamente, ficaram defronte adormecidos em somno tranquillo, ao luar.

Á claridade fria da grande lua, Raymundo viu, emmoldurada pela porta, coberta de algas e de gias coaxantes, a bôca gotejando a agua pódre do pantano, toda enroscada de hervas, o craneo fendido, a tirar lentamente, com os ossos dos dedos, parti-

culas de miolos rôxos e rans pequeninas, verdes, de olhos phosphorecentes, Mãi Dina, a morta, com um braço erguido, hirto, os dedos apartados em gesto terrivel de ameaça. Um grito formidavel atroou a noite serena. A apparição quieta, sempre a esmigalhar miolos na ossaria amarella dos dedos, accendia, de vez em quando, nas orbitas escuras, o fulgor de dois fogos fatuos. De momento a momento os dentes nús rangiam e os sapos que a cercavam, como se ella fôsse a deusa lutulenta dos paúes, coaxavam arrastando-se pela terra ou aos saltos, com um bater ôco dos ventres, em torno dos ossos dos seus tábidos pés.

Raymundo, ao fundo do quarto, agitado por tremuras, cahido de encontro ao muro, procurava pela parede o seu facão de matto ou o seu forte cajado de ponta de lança, mas a sua mão incerta apenas encontrava os farrapos pendentes. Os sapos, aos pulos, invadiam o interior, espalhando um phosphorejar tibio de chamma tumbal. Raymundo sentia já pelos seus pés arrastarem-se as gias viscosas, outras, esparrimadas, fitavam-no com os bogalhos dos olhos. Ergueu a cabeça com ansia e no céu grande, calmo, bordado de astros como um mappa suspenso dos mundos luminosos, estrellas deformavam-se esverdeando-se e, de repente, saltando de um para outro ponto, chatas, repugnantes, semelhando rans, espalharam pela tranquilla noite luminosa um sidereo coaxo soturno.

A aventesma alliciara todos os elementos da noite para um apocalypse de morte. Os astros puros concorriam, todo o céu cedera o seu contingente fulcite para o sabbat. As estrellas descreviam

parabolas terriveis cortando a sombra de sulcos lampejantes ; nuvens de fórmas bizarras, pandas, varriam o espaço como uma rolda de bruxas precedidas por um cumulus teterrimo, do feitio de um barco, de onde saltavam estrellas coaxando. O próprio vento que, a principio, amainára, soprava com estrupido derreando os ramos e dando vozes a toda a vegetação sombria que ululava pavorosamente. Raymundo, terrificado, encantoou-se, mas as suas mãos não cessavam de arranhar a parede ; bambaleava-se com urros surdos.

Estremeceu. Na sombra tinira um ferro . . . Subitamente, num salto de tigre, achou-se no meio do quarto firme, rilhando os dentes, empunhando o grande e largo facão de matto. O olhar immovel desafiava o esqueleto impassivel e o braço armado agitava-se nervosamente fazendo reluzir a lamina afiada.

Mãi Dina adiantou-se com um chocalhar de ossada. Ao passar do vento os pannos que lhe cobriam os ossos espadanavam e, ás rajadas mais violentas, voavam farrapos negros para a noite. O assombro guardava um resto de pudor : com os dedos ajustava os trapos, encolhendo-se bem para que os olhos do filho não vissem a nudez do arcabouço, mas tinha de abandonar os pannos para alimpar o craneo das pastas de miolos que escorriam da fractura hiante.

Outro passo da morta : acharam-se frente a frente. Raymundo não hesitou : de um salto, o braço erguido, cahiu d'impeto sobre a ossada e, com rugidos ferozes, os beiços brancos de espuma, cravou-lhe repetidas vezes o facão no peito aberto, arri-

piando-se, recuando quando a lamma rangia nas costellas terrosas.

Mãi Dina defendia-se ameaçando-o com as mandibulas que tatalavam macabramente e, de uma vez, conseguindo apanhar-lhe o pulso, cravou-lhe os dentes com furia, retalhando os musculos.

Raymundo soltou um grito abafado e, de um pulo, ganhou a claridade, baixou os olhos para examinar a ferida e, á luz da lua, descobriu, com horror, na chaga gotejante, um referver de vermes molles.

Repugnancia a principio, nojo depois, asco e, em crescendo rapido — o pavor. Arripiava-se vendo multiplicarem-se, fervilhando, como em chaga de gado, as varejeiras da Morte. Sacudia-as com movimentos tremulos e precipitados, umas sahiam, outras vinham em rosca, a pino, colleando, molles, lisas, humidas, borbulhando do laivo em sangue como lesmas sahindo de uma fenda.

Seu rosto transfigurado contrahiu-se em rictus disforme e foi a mais e mais até á convulsão de toda a physionomia : emrijou-se, trincando os dentes, a cabeça quasi enterrada no tronco, numa deformidade de mumia. Olhava idiota, desvairado, com um solavanco de todo o peito. De repente rompeu a chorar sem lagrimas, soluços, soluços seccos e cahiu de joelhos, ficou depois de gatinhas como um batracchio, firmou-se, quiz erguer-se, mas rolou de flanco em estupida inercia, rosnando : « Minha mãi ! Minha mãi ! »

Uma idéa gerou-se-lhe no espirito : « Mãi Dina queria-o para o tumulo, queria-o para o seu canto de terra, junto do pantano verde. Enterrado vi-

vo ! » E, como se a cova se fôsse, aos poucos, fechando sobre o seu corpo, sentia a longa e pesada dyspnéa das asphyxias e nem ar para fazer um grito ! nem ar para dar vida a uma palavra de misericordia !

O terror reanimou-o. A traiçoeira perfidia suggeriu-lhe um meio de defesa violento e forte ; era o derradeiro esforço que ia tentar. Moveu-se e foi, quasi de rojo, caminhando de pés e mãos como os simios, lento, lento, até junto do esqueleto. Estacou mirando-o ; ergueu-se de improviso, abraçou-se com a ossada, apertou-a, apertou-a como se a quizesse esmigalhar, sem sentir a cisura dos ossos que se lhe enterravam pelas carnes do peito, rasgando-o, furando-o como punhaes agudos.

As forças abandonaram-no — ainda assim pôde sustentar a luta algum tempo, alentado pelo terror, com a bravura do desespero. Quando deu por si estava fóra, entre as arvores, longe alguns passos da cabana, em meio do planalto. Quiz recuar, mas o esqueleto, que lhe enterrava os ossos no corpo, não se desprendia. A dôr do ferimento arrancava-lhe rugidos e a ossada impassivel, com os dentes pôdres quasi collados á sua bôca, com os braços passados pelo seu pescoço, retinha-o, attrahia-o.

Num assomo levantou os olhos para o céu, chamando em seu soccorro Nosso Senhor Jesus. Curvou-se como para ajoelhar-se, mas não pôde e, vencido pela desesperança, abalado, quiz enternecer o espectro com palavras meigas e imploração piedosas, mas o esqueleto, longe de perdoar, irritou-se cravando-lhe os dedos aculeos na garganta. Allucinado, então, deitou a correr pela vertente abaixo,

nú, crispado, indomito, com uma velocidade de energumeno, arrastando a ossada tranco a tranco pelas pedras.

Debalde escancellava a bôca para gritar — o tranco inclinava-se e o seu grito era suffocado pela pressão das maxillas cheias de vermes.

Corria, corria sempre, saltando valles, mettendo-se pelos coivaraes onde era mais espessa a treva, subindo escarpas com agilidade prodigiosa. Ás vezes a terra molle e fôfa das rampas fugia-lhe sob os pés em roldões, entretanto as suas pernas rigidas não estremeciam, não vergavam sequer e elle seguia por diante atolando os pés, jogando os braços, em fuga ansiada, arrastando, como uma grilheta, o esqueleto tragico.

VII

As senzalas dormiam. Pairava um calmo silencio. Por vezes as lufadas do vento traziam uma passageira zoáda e fugiam levando por diante o rumor florestal. Num reconcavo, entre rochas, morria um fogo triste.

Raymundo, acossado pelo assombro, atravessava os caminhos sem dar por elles, como se os não conhecesse, tão atordoado tinha o espirito. Seguia, sempre a fugir, sem pausa, offegando, e assim foi que se achou em meio do pasto raso, na extensa varzea secca onde os profugos rebanhos desfilavam e tresmalhados corriam ao sol com um alto e dorido balar de ovelhas, respondido, de tempo a tempo, pela voz possante dos touros, que de além, de outro pasto, longamente mugiam. Áquella hora, porém, a campina deserta não reboava com o tumulto do

tropel das patas — era vastidão e soledade, apenas os grillos cantavam na herva e o acauan tristonho, occulto entre os cajueiros, de espaço a espaço, gemia.

Raymundo ganhara a planicie e fugia aos galões como um garrano batido, sem destino, arquejante e frouxo. De repente, porém, ante seus olhos uma sombra partiu de arremesso, mas sem grande alcance, porque no mesmo instante quasi surdo relincho quebrou o socego do escampo e a terra echoou com o patear insoffrido de um animal que se debatia, emmaranhado num capão de matto, perto de um tijucal que reluzia á lua. Era um potro.

Espantado, partiu aos trancos, pinoteando, aos coices, volteando assustado. Raymundo, que recuara espavorido, reconhecendo o animal, adiantou-se e ficou á distancia vendo-o debater-se, procurando, a violentos safanões, rebentar a corda que o prendia a um toro que mal sahia á flôr da terra. Deixou-o correr, de repente, porém, tomado de uma idéa estranha, pôz-se á espreita, em attitude de assalto, e mal o viu estacar, de jarretes rijos, cabeça alta, ventas dilatadas, farejando desconfiado o ar da noite, arrojou-se-lhe á frente num salto intrepido, lançou-lhe as mãos ás crinas e, de um só golpe do facão, cortou a embira tesa, saltou para o dorso, escarranchou-se cravando os calcanhares no ventre do animal, que volteou nas patas trazeiras empinando-se, a brandir as mãos em equilibrio, mas o cavalleiro, peão dos bravos, o melhor, talvez, de toda a cercania, firmou-se sobre o pello liso e escorreito do bicho, domando-o á força de o repuxar pelas crinas e de lhe torcer as orelhas.

O animal abateu sobre as patas, recuou até tocar a terra com a anca e partiu num arrojo feroz para corcovear de novo, ora de flanco, ora aos galões, relinchando surdamente até que, vencido e incitado pelos gritos selvagens do cavalleiro, estirou o pescoço rijo e arrancou em velocissima desfilada atravéz do campo alvo e deserto, varando o ar que silvava aos ouvidos de Raymundo com uma zoeira rispida. E tanto quanto os rijos musculos podiam, o animal distendia-os na vertiginosa corrida — rente da terra, quasi roçando com o ventre pelas rasteiras sensitivas do campo que esmoreciam.

O negro, na furia de açular o potro, esquecera o horror da companhia. Levava o medo dentro da alma, mas a esperança dos transes afflictivos dizia-lhe que da sua fuga dependia a salvação do seu corpo e nem quiz voltar o rosto para evitar que os olhos encontrassem de novo a caveira sinistra, mas a um salto impetuoso do animal o ruido estrupidante da ossada fê-lo involuntariamente volver o olhar e viu, em toda a sua hediondez, o trasgo pavoroso á garupa, batendo as maxillas, com as orbitas alumiadas por um fogo cérulo que minguava e refulgia como o lume dos pyrilampos na escuridão das noites sem estrellas.

« Êpa ! Êpa ! » bradou deitando-se a fio comprido e gritando quasi ao ouvido do animal : « Êpa ! Êpa ! » E atraz, na anca, estalidava a ossaria implacavel.

O campo ficara longe e já começava a matta com os seus altos jequitibás e todo o versudo arvoredo. O caminho apertava-se multiplicando-se em carreiros, veredas, azinhagas tortuosas, trilhos de

mocambeiros, picadas estreitas seguindo para differentes pontos da grande e espessa floresta virgem de além rio, na orla da serra.

Um ou outro raio de lua, atravessando as frondes, cahia em lingua obliqua sobre o sólo todo juncado de folhas seccas onde os passos estalavam e lá pelo interior, no recesso silvestre, não longe, andavam aos pares bestas bravias no idyllio que, segundo é crença, fazem todas, principalmente as sussuaranas carniceiras nos tempos dos claros luares, que é o tempo do amor e da volupia entre as féras.

Raymundo torceu o rumo ao animal e guiou-o para a planicie, caminho das habitações e excitando-o : « Êpa ! Êpa ! » brandia o facão diante dos seus olhos rutilos, saltados, fazendo faiscar a lamina.

O potro arquejava, ainda assim ganhou, em pouco, grande distancia atravéz dos asperos e rudes desvãos da campina plana e parda, fôfa e movediça, um cineral por onde passara a chamma devastadora das queimadas, deixando apenas, aqui e ali, espetado no sólo, um toro curto, adusto, meio carbonisado e centenas de arvores tombadas no chão torrado, negras, frias, prostradas — uma só, alta e forte, tostada e núa, subsistia de pé, esgalhada, sinistramente negra como o espectro hirto da extincta floresta verde, velando melancolicamente na desolada soledade da necropole de troncos.

O potro, exhausto, cedia pouco a pouco ao desfallecimento. As pernas fortes, os duros jarretes de estalão criado nos campos largos, bambeavam, tremiam, frouxos. Cahira em galope, aos arrancos, com

um surdo arquejo que lhe subia rouco do largo peito gotejante. De vez em quando as suas patas tropeçavam em saliencias de raizes, e por pouco não arriava sobre a areia, mas o cavalleiro repuxava-lhe as crinas, torcia-as, gritando-lhe em repetido gorgorejo rouco: «ahôo! ahôo!» Entrava a trotar lerdo, aos zigue-zagues, sacudido de tremores, escorrendo em suor, a bôca aberta, babando espuma, as narinas, dilatadas, palpitantes, sufflando sofregas.

Raymundo, comprehendendo que era mister correr, correr sempre até que o sol nascesse, pôz-se a bramar como um possesso, mas debalde: o animal, estafado da corrida louca por planos e barrancos, pelas areias fôfas dos leitos dos rios seccos, pelos pedregaes e pelo tijuco peganhento das ipueiras, não resistia mais — ia ás tontas, abalando a cabeça, com regougos, a passo incerto e tremulo, cançado.

Foi então que o negro, desesperado, sentindo-se ainda presa do horrendo pesadelo, vibrou o facão e cravou-lh'o na anca. Triniu um relincho dorido e o cavallo, em quatro pulos altos, agitando nervosamente a cabeça, rolando os olhos, enveredou por um caminho de silvas, sob uma abobada de ramos, atravessou-o em desfilada com um farfalhar de folhas e de galhos que vergavam e ganhou o campo, as terras cultivadas, perto do casario do sitio.

Subito estacou. Tremia todo: a cabeça, ora alta, ora baixa não parava, em movimento afflicto Grossa baba escorria-lhe do focinho. Um joelho dobrou-se logo retesando, hirto: deu dois passos tardos e lentos, parou e foi curvando as pernas dian-

teiras, agachando-se, a tremer, com o focinho quasi a tocar a terra, aos bufos.

Raymundo estugou-o com ambos os calcanhares, abriu-lhe nova ferida na anca : o sangue jorrou aos borbotões. O animal soltou um relincho fraco, agitou-se em derradeiro esforço, mas não conseguiu senão arrastar-se — bateu com o peito em terra duas vezes e, por fim, esticando o pescoço com ansiado regongo, rolou de flanco, com o olhar vitreo voltado para o céu. Abriu duas vezes a bôca, agitando a cabeça e abateu. Entrou a estrebuchar, foram-se-lhe enrijando os membros em ankylose subita. Soergueu um pouco a cabeça, um jacto de espuma embranqueceu-lhe os beiços, um fremito percorreu-o todo até a cauda, por fim a cabeça tombou.

Raymundo, que saltara logo aos primeiros tropeços do animal moribundo, mirou-o indifferente. A subitas voltou-se em giro brusco, bracejando como para enxotar uma perseguição, meio tonto, desequilibrado e cahiu de costas. Os olhos abriram-se-lhe diante do céu de leve azul macio e fresco, carminado para as bandas da serra em nesgas sanguineas. E sorriu não vendo mais o esqueleto que a madrugada enxotara para o tumulo.

Estrellas murchavam como flôres e a lua pallida esmaecia, quasi confundida com o céu, que parecia meio embaciado por uma nevoa tenue como a pulverisação do orvalho.

A paizagem esclarecia-se, toda verde, menos para as bandas da serra, que era de um azul forte, onde se destacavam os pingos amarellos das flôres das piuveiras e as folhas claras das embaúbas.

O rio era como uma larga, extensa estrada de crystal por entre cajueiros, tão serenas corriam as aguas, de limpida belleza, que toda a orla de arvores nellas se revia e reproduzia sem o friso mais leve. Garças alvíssimas, partiam em bandos com rumor de azas claras e subiam em demanda dos ares, como uma leva de pequeninos anjos. Dos colmados evolava-se por diversos pontos um fumo tenue e alto, no espaço, urubús circulavam.

Raymundo sentia-se num bem estar de convalescença. Sentou-se com as mãos nas pernas, os olhos ao longe, pensativamente. O sol subia maravilhoso, com esplendor de triumpho e o negro, como se nunca tivesse visto uma madrugada, olhava extasiado.

Dos louros milhos voavam, chalrando, nuvens de periquitos e os rinchos agudissimos dos carros que partiam juntavam ao rumorejo matinal a nota dos seus eixos. O céu, para o occidente, meio encardido pela bruma, ia aos poucos tomando o seu azul fulgurante, sem o menor laivo de nuvem. Não longe, em estreito caminho margeado de mimosas, estrada de Santa Cruz chamado, bifurcando-se: para a esquerda, rumo da villa, rumo da serra para a direita, levantou-se um rumor tumultuario. A espaços um berro de touro reboava. Em pouco foi um tropel de cascos batendo o solo secco a trote, em bolo. Bois apertados corriam chocando os chifres, aos pinotes, uns por baixo, outros pelos socalcos das rampas, aos galões, picados pela vara dos campeiros.

Raymundo abriu um sorriso idiota, ergueu-se e olhou; a boiada passava a uns cem passos. D'entre

o estrupido do gado partiu uma voz esganiçada, em falsete agudo, cantando com indolente e demorada musica :

Serra, serra, serrador
Não descança de serrar . . .

Vozes gemeram em côro :

Serra, serra, serrador
Não descança de serrar . . .

E um grito : — « oooh ! » echoou longamente pelas quebradas humidas. Raymundo fez alguns passos tropego, a olhar sempre para os capoeirões ondulantes por onde passava a tropa e, recordando os seus dias de vaquejada, desferiu a cantiga do seu rancho :

Na rampa da encruzilhada
Chora e geme a jussanan.
Eu hei de chorar como ella
Se não te vir amanhan.

E parou. Novo espasmo agitou-o em calafrio violento, ainda assim, arripiado, tremulo e bambo, repetiu a cantiga :

Na rampa da encruzilhada . . .

E pôz-se a andar em passo de ebrio, cambaleando, ora aos arrancos arrebatados como se o empurrassem, ora moroso, de cabeça baixa. Parecia cego : ia de encontro ás arvores, mettia-se pelos alagadi-

ços, chafurdando, indifferente, tranquillo, cantando sempre a mesma quadra triste.

De repente estacou brandindo o largo facão ao sol da madrugada. Circulou um olhar vago e atemorisado : estava á borda de uma rampa ingreme, em baixo um pantano verde alumiava, para o longe estendiam-se as tabôas verdes empennachadas.

Á margem solitaria e já coberta de herva miuda, uma cruz negra velava — dos braços pendiam-lhe corymbos de florinhas brancas como se o lenho funebre, cravado na terra humida, tivesse revivido para nova florecencia.

O assombrado ajoelhou-se, baixou a cabeça até encostar a base do queixo na terra e, assim de bruços, com o olhar fulvo, immovel como o de um tigre acuado, ficou a mirar o pequeno symbolo religioso que santificava o ermo.

Era ali o tumulo de mãi Dina ; ali havia mergulhado o espectro. De repente um bloco de terra desprendeu-se e rolou pela ravina esfarinhando-se. O terreno frouxo, minado pelas formigas, cortado de antigos sulcos de enxurradas, esboroava-se. O negro teve então uma idéa sinistra para livrar-se da morta por todo o sempre : Ajoelhou-se e, agarrando a faca a mãos ambas, pôz-se a cravá-la na terra, cavando e empurrando os torrões pela rampa, seguindo-os com o olhar ardente. Quasi toda a terra ia parar ao pantano profundo e o negro, a mais e mais enfurecido, escavava, escavava, como se quizesse aluir a ribanceira immensa sobre a pequenina cruz florida de madre-silvas. Mas na agitação delirante esquecia o perigo e, como procurasse desprender um bloco, brandiu um golpe em falso e rolou,

com a terra, de roldão, em rebolo, mergulhando no pantano coalhado de hervas.

A agua verde esparrimou e fechou-se; circulos distenderam-se, vieram á tona borbulhas.

No azul o sol vencia o seu curso triumphal. Vinham chegando tropas sertanejas e pela estrada de Santa Cruz, fulgida e lisa, ao trote das alimarias carregadas, um dôce villancico, quasi elegiaco, de tão languido e tão triste, acordava o silencio:

A saudade traz mais penas
P'ra dentro do coração,
Do que traz pennas no corpo
A garça de arribação.

O ENTERRO

Outubro. O sol, em pleno, alargava por todo o campo uma luz fixa e caustica. Não havia sombra — tudo resplandecia e um tedio morno, pesado, de preguiça, parecia apoderar-se das proprias coisas, prendendo-as em immobilidade, de onde nem mesmo o bulir das folhas tirava o dôce murmurio, tão agradavel ao ouvido de quem trabalha sob a rude prancha da soalheira estiva.

Nas escarpas, esterilmente núas, cabras berravam melancolicas e, de momento a momento, um boi magro surgia entre as palhas sêccas dos milhos, lento, estafado, banzeiro, esticava o pescoço esfolado pela canga e mugia, ficando depois com o focinho á altura das praganas louras, contemplativo e tristonho, a olhar o céu.

Por baixo, num largo planalto de terra verme-

lha, limpa de fresco, recentemente dredada, uma charrúa arrastava-se ao passo tardo de dois touros.

Do céu quente, sob a radiação nevrotica do sol, cahia uma paz cançada, e na vasta planicie núa, toda de rastolho, ceifada de extremo a extremo, erguia-se apenas um casebre tosco, baixo, mettido dentro de um cercado, á sombra quieta de ramalhoso mangueiral.

A par da estrada de um amarello sujo e pêco, orlada d'espinhaes mirrados, corria, murmuro e pesado, o rio somnolento, onde a figura solitaria de uma lavadeira brandia pannos, mettida nagua até os joelhos. No alto de um monte, fechado de matto intonso, ardia tremulamente, fumarando espiraes côr de turqueza nova, um fogo de gravetos.

Ouvia-se o chiar prolongado de um grande carro de bois.

De repente uma voz fina partiu a cantar gemedoramente e, antes de morrer de todo, um côro tomou do echo e entoou o mesmo canto, em ritornello grave. Dois homens, a cavallo, surgiram detraz da barranca : e em seguida as «madrinhas», duas vaccas mansas, tinindo cincerros, a boiada depois, submissa e vagarosa, turbilhonando pó vermelho da estrada ; por fim um magote de campeiros, ferrão em punho, cantando dolentemente.

A tropa ganhou o campo. Reboaram gritos de : «Eh ! Ahu ! Eh ! lou ! cá, cá, cá, eboa !» e o gado solto tresmalhou na pastagem, começando, á luz intensa e abafada, o rouco mugir dos touros, um após outro, dois a um tempo e o galope dos bezerros, emquanto os guieiros, saltando dos lombilhos,

desciam na direcção do rio, juntos, ficando um só de guarda.

O céu, para os lados do oriente, ia tomando uma côr baça de mercurio e começava a arejar o escampo uma brisa fraca, trescalando á queima.

Aves piavam e no alto giravam em circulo urubús de atalaia. De vez em quando, no cercado do casebre, um gallo soltava a voz estridula e outros, daqui e de lá, em successão pausada, cocoricavam em resposta.

Rolavam, de longe em longe, como aviso de tormenta proxima, surdos rumores de trovões: mas a luz, cada vez mais incendida, mais escaldante e mais clara, parecia desmentir o annuncio da tempestade. Revoadas de pombos cruzavam-se com um tatalar sonoro seguindo o rumo do vento, em batida rapida e, no quintalejo do casebre, um vulto de mulher, alta e fina, estacou entre os capins baixos, levou a mão espalmada á altura dos olhos, fitou a luz e, lentamente, começou a recolher a roupa que córava no verde estendal de gramma, emquanto um menino ia e vinha, a correr, carregando á cabeça feixes de capim, e as aves domesticas, cacarejando, acoutavam-se debaixo da ramaria frondosa das mangueiras. O vento começava a zurzir as folhas e escurecia com a rapidez com que descem os crepusculos no inverno.

Um fremito de claridade percorreu o céu argamassado de nuvens e o rumor trovejante roncou mais forte, mais proximo, mais demorado. O ar pesava suffocante e, de vez em vez, circulavam remoinhos de poeira, em funil, dentro dos quaes ricocheteavam folhas.

O dobre de um sino encheu momentaneamente o silencio com ondulante vibração; outro dobre resoou mais brando, como se partisse de mais longe, e logo após um, ort e claro, conforme as voltas bruscas do vento que soprava grosso.

Dobrava a finados. Era o sahimento de Teçaï, velha caboela septuagenaria, descendente dos fortissimos goytacazes, nascida e criada nesse lugar, primitivamente chamado a Taba de Itamina, pelo constante fogacho que ardia no monte, que diziam ser a alma pagan de Tagiira, morta ao trocar o seu primeiro beijo, fulminada por Tupan justamente quando ia entregar a sua virgindade á volupia brutal de um aventureiro branco.

A gente simples de Itamina respeitava e temia a velha Teçaï, uns pelas suas pragas e maleficios, outros pelo terror da lenda que se criara em volta do seu nome.

«Teçaï, a mãi das lagrimas, diziam em trovas os poetas sertanejos, era filha da yara Poranghi, fecundada por um raio da lua nova de agosto. Nascera na madrugada de uma sexta-feira, á hora do primeiro cantar do gallo. Na mocidade seus olhos tinham o poder de envenenar os homens e eram tão fortes que, se se levantavam para o céu, as estrellas de Deus cahiam moribundas».

Era por isto que em Itamina, á noite, quando esfusiava uma estrella cadente, os rusticos, persignando-se, diziam:

— Mais uma victima dos olhos de Teçaï!

Os que a conheceram moça falavam com elogios da sua grande belleza, mas ninguem se gabou jámais de a ter possuido.

Sobre os seus cabellos corria uma tradição ingenua e poetica. Dizia uma canção :

« Nos cheirosos cabellos de Teçaï, negros, longos e sedosos, nascem rosas e cravos, lirios e bogaris.

« A cabeça de Teçaï é como um jardim cuidado — as flôres das suas tranças dormem em botões fechados e, pela manhansinha, justamente como as do campo, acordam desabrochadas. »

A poesia popular inspirara-se na estranha paixão da india pelas flôres : porque andava sempre toucada de ramilhetes, entraram a dizer que elles lhe nasciam nos cabellos.

Á noite, os que viajavam, passando á beira do rio, achavam-na a bailar, falando á lua e ás aguas numa linguagem singular. Durante o dia cultivava a sua horta, junto á igreja.

Succumbira de velhice, diziam, e lá ia o seu enterro triste acompanhado por um borrego malhado, seu unico amigo e os que a levavam ; ninguem mais. O sino, entretanto, gemia pela pagan, a igreja abençoava a barbara, mas o céu, a mais e mais fechado, parecia trancar-se para não receber a alma infiel da india feiticeira, cujo corpo encarquilhado ia a caminho da cova, ao tinir da sineta e ao triste balar do borrego, deitado na rede que ella mesma tecera, que nem um caixão lhe deram os piedosos christãos da Itamina.

Subito, um clarão instantaneo illuminou o campo ; durante uma pausa, o sino vibrou choroso, mas um formidavel estrondo atroou os ares, abalando a terra ; outro, logo em seguida, com estrepito de raio. Os bois, assustados, deitaram a correr aos galões, atravéz da planicie. Num apice todos os cam-

peiros montaram e, a um grito, partiram rebolando o sedenho, cravando de rijo as chilenas, atraz do gado que se sumia, perseguido pelos roncos da tormenta, na direcção de um valle sêcco, cavado entre rochas. Mas a chuva varreu o campo, grossa, rabanando, açoitada por um vento desabrido que se levantara. Succediam-se os relampagos e os trovões ribombavam. Longe, os gritos dos campeiros que affrontavam a tempestade brandindo os compridos ferrões e, além, o borrego da defunta, parado, indeciso, balando sob o aguaceiro, a olhar commovedoramente os homens que corriam sacolejando a morta dentro da velha rêde.

Sereno, tranquillo, continuando a bater á porta do céu com a sua prece, o sino, entretanto, insistia no seu officio de religioso, triste, no pulpito do campanario, rezando pela morta o seu piedoso *Requiem*.

A TAPERA

Foi com tristeza e saudade que perdi de vista, desviando-me para o caminho das tropas, esse limpido riachão da Penitencia, cujo murmurio brando me trouxera, suavemente distrahido, desde as ferteis planicies do meu sitio onde as suas aguas se derramam em rega perenne e fecunda banhando as raizes dos cajueiros e balouçando os igaretés de pesca.

Longo tempo a voz de elegia com que as aguas rolavam por entre pedrouços, carreando lirios, encantou-me como se o riachão me acompanhasse amigamente por esses extensos campos, cantando como os vaqueanos que viajam leguas e leguas pelo sertão bravo a dentro com um clavinote á bandoleira, o largo facão á cinta e uma triste canção guaiada.

Fôsse impressão ou porque, em verdade, as

aguas corressem perto, só para o meio-dia, sol a pino, cessei de ouvir o murmurio do riachão e, causticado pela soalheira abrasante, deixei-me levar ao passo desensoffrido do meu cavallo viageiro que trotava, arquejando, atravéz da campina, até que uma alameda de arvores veneraveis pôz em meu caminho, como oasis remansoso, opportuna sombra affavel. Era um carreirinho estreito, forrado de folhas, guizalhante do trillar dos grillos, cheio do aroma silvestre das resinas que escorriam em fios de ambar pelos troncos robustos.

O animal, em suor, resfolegava, as narinas sofregamente dilatadas, sorvendo, com ansia, a humida frescura dos ramos, baixando, por vezes, a cabeça para apanhar a herva tenra que crescia, mimosa e abrigada, entre as fortes raizes das grandes arvores.

Curto, porém, foi esse aprazivel caminho e logo o sol flammejante reappareceu sobre um campo silencioso e raso, de herva murcha que brotava d'entre pedregulhos, onde um boi apenas vivia, com o focinho enterrado no pasto esturricado, fustigando a anca ossuda com a cauda pellada de gafeira. Sentindo-me, levantou a cabeça e seus grandes olhos, serenos e submissos, fitaram-me tranquillamente e, como para saudar-me, deu um passo moroso, alongou o pescoço e mugiu. Passei por elle e deixei-o a ruminar, com um fio de baba a escorrer-lhe do focinho escuro.

Não longe era a matta da Penitencia, densa e virgem.

O ar abrasava e, apesar das nuvens que corriam em manada velando, por vezes, a claridade, o sólo

tinha a evaporação de um forno e um vapor tenue, translucido, fremia no ar como levissima gaze diaphana agitada pelo vento.

Por vezes, acima da minha cabeça, retinia um grito d'ave e alto, no céu fulgurante, corvos circulavam em halo negro dentro do qual o sol luzia, rutilo.

A curta distancia da matta, quasi ao chegar ás primeiras arvores, vi surgir um lento animal de cargueiro, fulo, escaveirado, tropego. Vinha a trote, balançando as orelhas bambas e, sobre o lombo, de pernas cruzadas, um tabareu macambuzio, o pito nos beiços, trazia os olhos extasiados como um fakir penitente.

As patas do meu cavallo, resoando nas pedras, despertaram o sertanejo. Levantou os olhos e, dando commigo, saudou-me á maneira religiosa dos serranos, tirando o seu largo chapeirão de couro acabanado :

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo !

— Para sempre seja louvado ! E, sem mais, para acertar o itinerario, indaguei : Onde vai ter este caminho, patricio ?

— Indo vosmecê por este carreiro fóra vai ter direitinho na Tapera de Santa Luzia, onde vive o *velho*. Á mão direita é o caminho do *Missionario*, onde ha mocambos ; é matto bravo, patrãosinho ; vai dar na serra.

— Qual é o melhor caminho para o sitio dos *Reis Magos ?*

— Beirando o rio. Mas por aqui tambem se vai lá, é até melhor por causa da sombra. O que tem é que se passa nas terras do mal assombrado.

Indo por aqui, no seu vagar, vosmecê vai chegar no sitio com a lua.

— E não ha risco em atravessar as terras de *Santa Luzia ?*

— Com Deus no coração eu vou caminhar no inferno, patrãosinho. Ainda se fôsse sexta-feira . . . mas hoje é dia de Nossa Senhora : e tocou na aba do chapeirão. Tenha fé e deixe vosmecê andar quem anda. Eu viajo desde que me conheço e ainda não me aconteceu coisa de maior. Tenho o meu breve e não devo nada a ninguem. Um risinho enrugou-lhe o rosto ; cuspiu por entre dentes, num pincho, e continuou : Nunca topei com o damnado . . . e que topasse !

— E os caminhos ?

— Que nem trilha d'onça : é samambaia que Deus manda. Ainda assim ha outros peiores por esse sertão velho. Dentro da matta é fresco e não tem que saber — o caminho é um só que vai num estirão até *Santa Luzia*.

— Deus lhe pague, camarada.

— Não ha de que, patrãosinho. E que a Virgem acompanhe vosmecê.

E apartamo-nos. O pangaré ganhou o seu trotinho lento. Cravei as esporas no meu cavallo e, em pouco, alcançava a orla da matta.

Era a grande, a inexplorada selva primitiva, a veneravel floresta virgem das primeiras eras, templo augusto das tribus. A alma forte, selvagem e ingenua da raça banida parecia errar, peregrina pelos meandros obscuros, fazendo com que a selva contasse a sua tradição gloriosa.

A principio, com uma leve aragem, era um sus

surro de mysterio como o canto prophetico do pagé e crescia — era já o côro guerreiro da tribu, tempos cruentos de peleja, antes da marcha heroica contra a taba inimiga. Mas um vento forte passava, debatiam-se os galhos convulsivamente e o estridor subia grande, rescante, épico como o de um encontro válido de bravos, ao estrupidar enfurecido das tangapenas, ao silvo agudo das frechas, atravéz da algazarra, emquanto as tubas, sopradas com furia, espalhavam, uivando soturnamente de palmar em palmar, o vozeirão tremendo do combate.

Selva augusta ! de velhos troncos intactos, jámais feridos pelo gume dos ferros. Galhos cahiam encanecidos de musgos ; folhas accumulavam-se no sólo macio e fôfo, amarellecidas, encarquilhadas, sob a protecção da immensa abobada dos ramos sempre verdes e a vida continuava em renovamento perenne, a podridão fecundava a primavera, a folha que se convertia em lama resurgia em seiva — um fluido vital corria ininterrupto rejuvenecendo a floresta.

Brotavam flôres em arvores centenarias, e pelos troncos vetustos, quasi apodrecidos, apontavam renovos já abotoando. Lianas cruzavam-se duma arvore a outra em cordoalhas grossas, filandras cahiam em chuva d'ouro franjando garridamente os galhos e parasitas em flôr arrecamavam jequitibás severos.

Á tona de uma lagôa, coalhada de mururú, insectos voavam em bando, subindo e descendo por um raio de sol como por uma teia lucida e nimbos de luz fulguravam nagua dormente como nelumbos de ouro. Aves penserosas, tristonhas, num pé

só, miravam a lagôa immovel. Nos altos ramos araçarys chocarreiros taralhavam e, de quando em quando, em vôo pesado, uma arara atravessava o labyrinto da folhagem com um grito agudo que repercutia.

Longo e de enlevo foi todo o tempo da travessia. Vinha cahindo suavemente o crepusculo quando surgi em um campo de samambaias e de bertiogas, onde havia ruinas. Era a Tapera. Lá estavam os destroços da antiga casa, o indicio dos curraes, restos de senzalas sem tecto : as paredes esburacadas, sem o adobe, mostrando as ripas, num desnudamento de arcabouço. Fornos de barro, entre moutas, altos como cupins ; a olaria, a moenda primitiva e, tombado sobre um sulco, o carretão carunchoso com os fueiros hirtos cobertos de cogumellos bravos.

A urtiga imperava de extremo a extremo avassallando tudo, o capim grosso ondulava ao vento em flexuoso oceano de verdura. Ouvia-se o rumor escachoante do rio que rolava perto, saltando as pedras, em estuar perenne, monotono e tristonho, molhando as terras melancolicas da solidão.

Livres, sem encontrarem o embargo humano, as arvores independentes iam, aos poucos, reconquistando a terra, em invasão lenta, dia a dia. Nos sulcos do arado antigo resurgiam, para novos florecimentos, troncos de aroeiras abatidas outrora ; nas ruinas nascia, com exhuberancia, a parietaria e, as raizes dos jequitibás gigantescos, retorcendo-se á flôr da terra, repelliam e trituravam as vigas carcomidas e tudo mais que ainda resistia ao tempo attestando a passagem de uma era de vida humana

nesse desamparo que, em breve, cederia á compressão formidavel dos vegetaes invasores.

O farfalho das arvores era sonoro e grandioso como um hymno de triumpho. Sentia-se o orgulho, a alegria da flora altiva e pujante que vinha tomando o sitio, palmo a palmo, coberta de flôres e de ninhos, num delirio festival, como um povo que reconquista a patria e entra por ella, em jubilo, agitando palmas, ao som dos velhos hymnos épicos da raça. Os ramos moviam-se como braços combatentes e, quando uma lufada passava, com o espadanar frenetico dos galhos, tinha-se a visão tragica de um grande movimento de pelotões compactos partindo, cerradamente, em arremettida guerreira.

Cada primavera que vinha trazia para as arvores nova provisão de seiva, as chuvas, que contribuiam para a destruição das paredes que ainda resistiam, davam mais vigor aos sitiantes e a floresta marchava heroica para aquelle descalabro com o fragor atordoante das ramarias convulsionadas pelos ventos.

Os animaes desciam do coração da selva para repousar nos velhos bancos de pedra que a hera ia brocando; cobras tranzidas dormiam enroscadas debaixo do antigo altar, que se conservava de pé na basilica florestal marcando o sitio da capella, e, á noite, as *ciganas* ribeirinhas vinham vaguear na varanda grasnando á lua.

Estaquei o animal e, á luz dôce da tarde cheirosa, cheia do canto dos passaros e do chiar das cigarras, fiquei a olhar, com enternecida piedade, aquella ruinaria muda, *Santa Luzia*, famosa em todo o alto sertão, terras ferteis de plantio e de

gado, onde os marneis verdejantes de arroz eram vastos como campinas, cannaviaes perdiam-se de vista e, no tempo do algodão, toda uma grande selva ficava como enflocada de neve.

Para os pastos uberrimos caminhavam, no tempo da vaquejada, centenas de homens cobertos de couro, de aguilhada e laço, como uma horda de guerra, lança em riste, seguindo para conquistas; e manadas indomitas dormiam á luz dos astros, livremente, como bestas bravas, em torno dos casebres dos campeiros, erguidos sobre giraus feitos de grossos troncos.

Ás festas do Natal na capella destruida acudiam outrora romarias de toda a parte — o terreiro enchia-se de palhoças, rêdes balançavam-se entre duas arvores e era festivo o aspecto desse povoado de romeiros que, dia e noite, em molle quebranto, desferiam trovas em desafio aos ponteados vivos nas violas enfeitadas e até Reis, diariamente, um boi nedio era acabramado, amarrado pelos cornos ao moirão e carneado para repasto dos serranos que vinham cantar em torno do presepe, louvando o Menino Deus.

Homens antigos falavam ainda, com saudade, das festas de *Santa Luzia*, gabando Honorio Silveira, o moço proprietario das terras ricas, senhor da serra e da campina que fizera, pela primeira vez, silvar nessas paragens o apito das machinas attrahindo os tabareus medrosos para o engenho onde os rusticos demoravam aterrados, maravilhados, acompanhando, com terror supersticioso, o movimento celere das rodas. Alguns procuravam descobrir os animaes que punham em movimento o machinis-

mo e persignavam-se recuando diante do motor abrasado, como se o proprio diabo ali estivesse captivo, trabalhando para o senhor famoso.

Mas uma calamidade cahiu sobre *Santa Lucia*, devastando-a como uma peste. Honorio Silveira, antes de um anno de casado, perdeu a mulher em circumstancias tão mysteriosas que logo correu que o diabo a arrebatára, á meia noite de uma sexta-feira aziaga.

Em verdade a crendice tinha, até certo ponto, razão de ser. Logo que se deu pelo desapparecimento da senhora, Honorio Silveira, ajuntando toda a sua gente, escravos e camaradas, despachou-a em procura da desapparecida e serras e campos foram batidos. Á noite, conhecedores das mattas penetravam no denso arvoredo, com fachos, bradando, chamando a senhora; feras desalojadas corriam espavoridas e, rio abaixo, eram canôas que singravam com pescadores procurando, nos remansos da agua, entre o mururú florido, o corpo da sumida.

Não ficou rincão nem gruta por explorar e, como havia a promessa de uma gratificação farta ao que descobrisse, morta ou viva, a esposa amada, temerarios, aguladas pela ambição, penetravam em furnas com risco de morte; mas foi tudo baldado.

Quando tornaram ao sitio já Honorio Silveira bramia desvairado, ameaçando com armas a quantos se lhe aproximavam. Para uns enlouqueceu de amor, outros, porém, e em maior numero, julgavam-no victima do demonio.

E, pouco a pouco, como um açude que escôa, a

gente foi desertando o sitio, emigrando para fugir aos gritos lancinantes com que, á noite, pela escuridão, o senhor percorria o terreiro, perseguido pelos cães, que uivavam lamentosamente fazendo com elle um côro sinistro.

E *Santa Luzia*, deserta, foi emmudecendo como um corpo que, lento e lento, esmorece e expira.

II

Vinham cahindo do céu avelludado as primeiras nevoas do crepusculo quando avistei, humildemente sentado sobre a pedra negra que fôra d'antes o limiar da casa, um homem immovel. Tão alvo era o seu corpo e a sua attitude penserosa tão tranquilla que, ao primeiro olhar, ninguem, por certo, lhe daria uma alma, mal percebendo, pelo ondular moroso e fatigado do peito, que ainda, sob as ruinas da carne encarquilhada, um coração batia. Quasi nú, tinha apenas sobre os hombros magros restos de pannos podres ; as pernas esguias, como se a carne houvesse mirrado, resequida pelo sol, tremiam-lhe ; tremiam-lhe os braços cruzados. Sobre o collo mal coberto rolavam-lhe os cabellos e a longa barba farta, emmaranhada d'hervas.

Parecia sonhar e, sem que ouvisse os passos do

meu cavallo, mergulhado no extase, a fronte sempre derreada, continuou meditativo, absorvido e mudo.

Era o *velho*, o penitente taciturno da tapera, Honorio Silveira, o temido dos sertanejos que, se o viam, persignavam-se invocando santos, beijando devotamente os breves.

De quando em quando, como se uma lufada gelida soprasse, tremia todo, tiritava, encolhendo-se, enterrando o queixo entre os joelhos de modo que os cabellos e a barba se lhe entornavam pelas pernas como uma fronde branca que lhe tivesse crescido durante a vida inerte e vegetativa que levava.

Era Honorio Silveira que fôra, em môço, o luminar dos ermos, sabido em letras, pratico e engenhoso, que trouxera d'além, das terras cultas da Europa, um titulo e os gostos nobres de vestir e de montear, não barbaramente, de azagaia em punho, mas levando por montes e descampados, ao som de trompas estridentes, cães ferozes seguindo cavalhadas numerosas que, desprendidos e açulados, dispersavam-se farejando rastos de onças e pègadas subtis de veados galheiros.

Era o « serrano rei » das antigas trovas, o *Caapora* de então quem eu ali tinha ante os olhos, sonhador e silente, tremendo, num regelo de todo o corpo, quando do ameno céu baixava, como um afago, a tépida viração da tarde que balançava as arvores em flôr.

Descavalguei e, vagarosamente, com brandura, chamei-o. Tremulo sempre, continuou no seu tremor de frio. Chamei-o de novo e lento, como se lhe pesasse a frondosa cabeça, ergueu-a e eu vi que

o seu rosto era apenas uma caveira coberta por uma crosta fina, com dois olhos vivos como dois fogos sobre uma sepultura. Encarou-me e balançou com tristeza a cabeça, mas, curvando-se, falou com maguada palavra : — A arvore !

Já o luar subia, alvo e santo como uma communhão, e toda a selva vestia-se para as nupcias nocturnas. Meu cavallo pastava tranquillamente e, duma lagôa proxima, como profundo côro barbaro de cenobitas, vinha a plangencia monotona dos cururús.

Que de pensamentos me acudiram nesse instante vendo-me, em hora tão triste e pávida, só, numa selva tragica, com esse corpo de mumia onde existia ainda um raio d'alma ! A lua appareceu no céu immensa e alva e eu saudei-o :

— Bôa noite !

Elle, de novo, encarou-me e, estendendo o braço fino, disse apontando a mata victoriosa :

— É ali ! É ali ! As outras obedecem-lhe, caminham quando ella ordena ; são como filhas, são como escravas. É ali ! ali onde o luar deslisa. Eu vi todas nascerem, todas ! criei-as com o meu afago . . . todas ! e não as temo, não fazem mal : pobres arvores ! dão flôres e dão frutos e ninhos procreariam entre os seus galhos. Pobres arvores inoffensivas! Perigosa é a outra, a que florece á meia noite... essa!... Ah! feliz de quem não vive á sombra dos seus ramos. As outras são mansas, não fazem mal. Não durma nunca á sombra da arvore que geme — é peior que a mancenilha : mata a alma.

A inflexão da sua voz era pausada e dolente. Fitou-me de novo o olhar e, levantando-se a tre-

mer, acenou para que seguissem os. Os farrapos cobriam-no e os cabellos fizeram como um manto curto em volta do seu busto magro :

— Venha ! Venha! Quero que veja para que conte. Sou um louco! bem louco, em verdade, porque ainda me agarro á vida. Venha ! quero que veja a minha loucura e depois me ha de dizer se louco é quem soffre ou quem delle escarnece. Venha !

Attrahido, acompanhei-o. Lesto e agil. elle seguia por entre as hervas como um deus silvano. O matto alto escondia-o, por vezes, mas a sua voz melancolica chamava-me :

— Venha ! Venha!

E eu seguia, á luz da lua, por entre moutas bravas e cipoaes enleados até que, sahindo num trilho de macega espesinhada, descobri a alvura veneravel do corpo do ancião junto á raiz de uma arvore frondosa.

— Olhe ! veja bem . . . cresceu assim. Aqui estão as grandes arterias que alimentam toda esta selva. Olhe ! e, agachado, mostrou-me as grossas raizes da arvore que alastravam á flôr da terra perdendo-se no vassoural viçoso. Esta arvore é o coração da floresta. Veja ! daqui é que parte o fluido vital que alimenta as outras arvores.

Curvou-se mais e começou a beijar as raizes, com a contricção devota com que oscularia relicarios. Ergueu-se e, com o braço hirto, mostrou-me a folhagem densa :

— Olhe ! os cabellos, as tranças que se desnastraram, as tranças que ella costumava fazer á tardinha, sentada perto de mim, na varanda, es-

condendo entre os cabellos favas de baunilha para perfumar o travesseiro em que dormiamos. Veja! são as suas tranças desfeitas pelos vendavaes.

E, tocando-me no hombro, perguntou:

— Conhece-a? Sabe o nome desta arvore?... Sorriu com amargura e, extasiado, as mãos postas como para rezar. disse com voz sumida e lacrimosa: Não póde conhecê-la. Esta arvore é Leonor; Leonor, meu amigo, que foi minha. E demorou-se a contemplar o tronco forte balançando, com magua, a cabeça alvadia. Agora vamos, disse por fim. Quero que ouça para que julgue e conte. Li muito, meu amigo, e jámais encontrei em paginas sonhadas tanto soffrimento como o que trago no coração. O sonho está muito áquem da verdade. A mais allucinada fantasia não vale, muitas vezes, uma pequena e triste realidade. Se os poetas sondassem profundamente as almas, a Poesia seria um threno doloroso. A Dôr Humana é desconhecida e grande. Que se sabe da lagrima? que é um liquido, nada mais; que é uma secreção e só. D'onde vem? porque nasce? Que mysteriosa fonte instilla essa agua amarga? Ah! meu amigo... a Dôr Humana! Os poetas param no perystillo do coração, felizmente! Que penetrem! que sondem todos os meandros illuminados pelo espirito, que entrem pelos labyrinthos do Pensamento, secretos como os das colmeias, que percorram o cemiterio da Saudade e hão de recuar como diante de horrores inconcebiveis! A Dôr Humana, meu amigo... O proprio Christo chorou pensando nella e da cruz o seu ultimo olhar foi de piedade

Assim falando, lentamente voltámos por entre os mattos enredados alcançando a pedra negra que fóra o limiar da antiga habitação.

De pé, a cabeça erguida, como um propheta selvagem abençoando, estendeu o braço e, traçando no ar um meio circulo, disse com tristeza sombria:

— Tudo isto, até Leonissa, pertence-me. Vivo em terras minhas, ao menos ninguem dirá que ando a espalhar as minhas lagrimas, semeando agonia pelas propriedades alheias. Limito a minha peregrinação. Por maior que seja o meu desespero, o meu andar não ultrapassa as cêrcas dos sitios visinhos, nem a minha lamentação assusta as gentes dos terrenos proximos. Neste meu paraiso ninguem penetra porque o guarda, sinistramente, um anjo negro: o Pavor. Mas, apesar de tudo, a minha selva exubera. Não existem, nessas paragens adjacentes, arvores como as que nos cercam: são as unicas assim frondosas. Poda-as o raio, regam-nas as lagrimas das chuvas, a primavera enfeita-as e o outono fecunda-as. Se tenho algum mal commigo, ninguem delle partilha: soffro-o calado e solitariamente. O remorso não me deixa o coração: encarcerado, atormenta-me.

— Que remorso? indaguei.

— Ouça... ouça. É moço, os moços pódem supportar as lagrimas alheias porque uma das vantagens dos corações de poucos annos é a volubilidade. Tris e do coração que se apega a outro coração: absorve uma vida ou deixa-se absorver. E se tão difficilmente andamos com a nossa alma pesada por este mundo, imagine quanto custa transportar a alma de outrem dentro do pensamento.

Um moço póde ouvir-me sem que eu contribua para a sua desgraça: a mocidade é um rio que corre sempre, a velhice é um açude de aguas mortas. A um velho eu não falaria: o velho é um edificio em ruinas, qualquer vento o derruba, uma lagrima póde desmoroná-lo. Vá, feche o seu coração porque vai passar por elle a tempestade de uma alma. Não sorria nem chore — ouça como se lesse. A historia que lhe vou contar póde levar-me á ventura de um carcere, não ao supplicio, porque esse eu tenho aqui sempre commigo. Não ha prisão mais terrivel para os criminosos do que a terra com a sua abobada. O sol é um grande juiz; a noite é um grande carrasco. Veja: cobre-me a geleira da velhice — eu sou o pólo da agonia. Dentro em mim habitam todos os pezares; não ha Dôr que me não tenha visitado. Ando como vê porque vivo nesta innocencia — as arvores vestem-se de folhagem, as ruinas de urtigas, eu cubro-me com a hera dos meus cabellos brancos. Resta-me de humano a lagrima; meus olhos, como dois penitentes nas suas furnas, desfiam, dia e noite, o rosario do pranto.

Fui feliz; gosei a felicidade como se gosa um dia; depressa a noite veiu. Esta espessa matta, este campo inculto de espinhaes, foram, outrora, terras de fertilidade. Este sitio de *Santa Luzia* era o mais rico e prospero do sertão. Falava-se das minhas colheitas com espanto. Nas minhas terras trabalhavam mais de trezentos homens. Todas as manhans, ao nascer do sol, eu vinha debruçar-me á varanda para acompanhar o desfilar dos negros e a partida do gado. Berravam nos meus campos verdes centenas de touros bravios, nunca recolhi-

dos a curraes, nascidos e criados nas malhadas longinquas. Á tarde, ás vezes, eu era surprendido pela chegada de um timido e assustadiço rebanho de ovelhas, que os pastores diziam ter achado pastando ariscamente na aba da montanha.

Singravam o rio, abaixo e acima, as balsas que hoje apodrecem enterradas na areia e os frutos cahidos das minhas arvores eram semeadores, porque muita laranjeira cresceu sem que se pudesse descobrir o nome do plantador.

Invejavam todos a prodiga fertilidade das minhas terras e, como a capella sempre resplandecia accesa, attribuiam á santa padroeira a fortuna e a paz do meu sitio viçoso.

Mais tarde, com as primeiras machinas, o terror gerou lendas que se dissiparam, pouco a pouco; mas quando a humidade começou a esverdear os muros abandonados, então as tropas abriram novos caminhos, atravéz da floresta, evitando a passagem pelas estradas que o caapora, á noite, percorria silvando e bailando com almas penadas. O caapora!

Mas voltemos ao fio do meu tormento. Em torno de mim chalravam as mucamas virgens e, quando se servia a minha mesa, muitos dos que nella se fartavam eram-me desconhecidos, mas a minha porta, como a das igrejas, era franca aos que passavam.

Um dia, o estafeta sertanejo trouxe-me uma carta annunciando a proxima chegada da familia de um amigo que já estava em viagem para o sitio. Sobresaltado e contente, puz em campo todos os meus escravos capinando as eiras, limpando os ca-

minhos frescos do pomar; e a casa tomou um aspecto festivo. Caiadores, cantando, alvejavam as paredes, mucamas espanavam os tectos; o soalho, esfregado possantemente pelos negros, parecia renovado de taboas frescas. E da capella ao engenho tudo foi escarolado e brunido.

No dia em que deviam chegar os hospedes os caminhos foram esteirados de folhas, ramos em arco fizeram uma abobada de verdura desde a beira do rio até os degraus de pedra da varanda e, balouçando-se nagua, uma canoa nova, feita dum grosso tronco de aroeira, desceu o rio remada por doze negros cantadores.

Quando a canôa aproou á margem estrondaram bacamartes e roqueiras e, até horas altas da noite, houve danças na eira ao som dos tambores d'Africa.

Vinha entre os pais uma linda e graciosa moça, loura e branca como as açucenas d'agua, alta, de um porte regio de princeza e tão meiga que a sua voz lembrava o som de uma harpa brandamente ferida. Desde que meus olhos fitaram o seu rosto candido, a tranquillidade desertou minh'alma. Eu não vivia se a não ouvisse, se a não sentisse perto. Á noite o somno abandonava-me, ella sempre, sempre! vinha povoar as minhas vigilias.

Quando nos encontravamos era uma suavissima agonia para o meu coração; se nos falavamos todo eu vibrava em estremecimento de amor e assim vivemos embevecidos até que, uma manhan, o pai falou em partir.

Não sei como resisti ao sobresalto do coração. Levantei os olhos, com ansia e . . . estavam os olhos

della procurando-me. Olhamo-nos e vi que se lhe molhavam as palpebras mimosas.

Para que alongar o meu martyrio com esta recapitulação? Na tarde desse mesmo dia, tarde azul de Maio, pedia-a em casamento. Ainda existem velhos nesses arredores que se lembram da minha festa nupcial. Hoje ainda, nos serões dos ranchos, os sertanejos cantam uma longa xacara que tem por titulo: *O casamento do senhor do engenho.*

A vida começou sorrindo. O meu amor crescia progressivamente. Ainda vive esse amor! Sacudam as cinzas tristes do passado que a chamma ardente ha de reluzir.

O velho levantou-se e, tremulo, cambaleando como um bebedo, pôz-se a andar de um lado para outro, mergulhando nos cabellos compridos os dedos aduncos, crispados á semelhança de garras. Amparei-o caridosamente.

— Venha, descance um instante.

— Sim. É muito penosa esta viagem que faço ao passado. Atravessei corajosamente um oceano de lagrimas para ir buscar o começo desta historia na outra margem da minha vida.

Mas espere, deixe-me. Os homens chamam-me *Caapora*, que faço eu? Olhe os meus cabellos: cresceram como a floresta, é ella que me invade a cabeça. *Caapora! Caapora!*

Fitou os olhos no céu que o luar illuminava e, mais calmo, veiu de novo sentar-se a meu lado.

III

Um anno correu sereno e feliz. E para que o hei de cançar com a descripção de ventura tão curta?! disse-me o solitario. Eramos um só pensamento, um só desejo; reflectiamo-nos em nossos corações e os horizontes não iam além dos nossos rostos porque eu nada mais avistava que não fôsse ella e parecia-me que Leonor apenas me via a mim no mundo.

Sempre juntos, sahiamos, ás vezes, a cavallo ou em barco, pelos campos ou pelas aguas, como dois namorados; e tudo era pretexto para sorrisos. Deus abençoava o nosso amor bafejando as minhas terras com o seu halito divino, de sorte que já me não bastavam os negros das minhas zenzalas e as machinas, muitas vezes, despertavam o dôce silencio das noites com a trepidação do trabalho para

que pudessemos vencer a exuberancia dos arrozaes e as s fras abundantissimas de canna ; e o algodão que se despolpava enchia o ar de uma pennugem tão densa que empannava o sol.

Pelo Natal, tempo das flôres, Leonor cahiu em prostração doentia. As côres se lhe foram desmaiando, os olhos amortecendo e languida, indolente, passava os dias estirada na rêde, calada, o olhar disperso, em extase.

E tudo a entediava: uma criança que chorasse, uma ovelha que viesse balar perto da varanda, um campeiro que cantarolasse. Aprazia-lhe sómente a solidão silenciosa e foi justamente por esse tempo que tive de me apartar, por dias breves, da minha amada, acudindo ao chamado extremo de um parente que agonisava a duas leguas daqui, no Riachão. Quantas lagrimas me custou o despedir-me della e que sentidas promessas nos fizemos — ella a soluçar maguada, eu a conter soluços! Parti.

E para que hei de negar ? Quando cheguei ao sitio do moribundo só havia um desejo dentro do meu coração — vê-lo morto; não que eu lhe desejasse a morte por cubiça de proventos, não ! queria-a para mais depressa tornar ao meu carinhoso e aconchegado lar e velei noites immensas junto ao corpo bruxoleante. Os olhos ardiam-me como duas feridas e eu tentava em vão o balsamo do somno. O espirito preoccupado forçava-me á vigilia e foi com um sobresalto de contentamento que, uma tarde, já ao apontar da lua, corri com um cirio ao leito para alumiar o desventurado que a treva eterna começava a envolver. E na tarde seguinte, de volta do cemiterio, longe de buscar repouso para o

corpo estafado, chamei a minha gente e cavalgamos, atravéz dos mattos mal habitados de féras e de quilombolas, em rumo para *Santa Luzia*.

E não sei dizer que senti no coração quando alcancei as primeiras arvores do meu terreno, mas desde que vi os negros que pastoreavam, um presentimento estranho relampejou-me na alma, achando-os tristes, tocando o gado sem cantares, morosamente, silenciosamente, mas logo que me reconheceram saudaram-me contentes e, amiudando os passos, vieram seguindo a marcha do meu cavallo árdego.

Á beira do rio mucamas virgens, debruçadas sobre as pedras, batiam roupa e isso causou-me estranheza e magua, mas logo pensei em Leonor e meus olhos nada mais viram, nem as crianças que me seguiam, nem os velhos negros que se inclinavam pedindo a benção.

Quando, porém, entrei em casa, Eva, minha mãi de criação, a velha negra que me acalentara nos braços, veiu receber-me triste e, como eu lhe perguntasse pela senhora, disse apenas :

— Sahiu, nhô. Foi, mais o moço das machinas, vêr os arrozaes.

Amor ! Amor ! teu verdadeiro nome é ciume, suspirou o velho. Ah ! meu amigo, essas palavras da negra entraram-me no coração como dardos. A alma tremia-me no corpo como um guerreiro cobarde dentro da armadura. Eu tinha ciume, ciume desse homem de trato grosseiro, mas forte como um gladiador, alto e musculoso, que abatia um touro com uma punhada. Era um gigante, o caboclo mais valente d'entre quantos trilhavam estradas

sertanejas e, apesar da sua feição maltratada de rustico, tinha uma belleza varonil que o tornava o preferido das caftisas virgens que se lhe entregavam languidamente, batendo-se por elle como as onças amorosas que disputam o macho. E Leonor andava pelos campos com esse homem!

Cahia a noite quando os cavallos vieram estacar, arquejantes, junto aos degraus da varanda e eu ouvi a voz de minha amada que subia contente por lhe terem annunciado a minha vinda. Rapidamente a nuvem que me toldava o espirito dissipou-se e precipitei-me acolhendo-a em meus braços com muitos beijos no seu rosto abrasado e formoso.

E á noite, ao luar, depois que lhe contei as torturas da minha saudade longe, ao lado desse enfermo de tão lenta agonia, ella falou-me dos castigos que mandára infligir a cinco negros e ás mucamas, fazendo açoutar os homens e mandando as raparigas, criadas carinhosamente em casa, para as pedras do rio, com as lavadeiras e, como razão, disse-me apenas: «Que haviam levantado a voz diante della». E foi nessa noite, bella como a de hoje, que ella me segredou, num beijo, que estava gravida, pedindo que lhe perdoasse muitos dos caprichos e las impertinencias.

Ah! que festa em minh'alma! Foi tão grande o meu jubilo que o coração, como para não guardar uma só gota de tristeza, fez com que a minha felicidade tivesse um brando orvalho de lagrimas. E tudo perdoei! Tivesse ella incendiado as minhas plantações e abatido todo o meu gado com os seus pastores e trucidado todos os meus negros que eu

ainda lhe perdoaria contente tantos crimes, tão bem compensados e resgatados por tamanho amor. E os dias corriam docemente.

Leonor, porém, recahiu em melancolia, voltaram-lhe as tristezas, as grandes e distrahidas horas de extase, as impertinencias, as iras. Já as negras evitavam-na com medo, e as mucamas, porque dellas desconfiasse a minha amada, accusando-as de feitiços e de bruxarias, foram todas transferidas para um antigo paiol, onde ficaram reunidas como em um gynecen. Ella reforçava-se, ganhava côres e, para distrahir-se, passava grande parte dos dias no engenho entre as machinas, informando-se de tudo curiosamente e Serapião, o caboclo, para contentá-la ia, com paciencia, mostrando-lhe tudo, fazia silvar o motor e ella ria, satisfeita e feliz.

Eu começava a sentir-me amollentado e abatido, sem energia para andar, sequer. Deixava-me ficar no leito até que me vinham chamar para o almoço—as faces cavavam-se-me, olheiras denegridas ourelavam-me as palpebras. Deitava-me cedo e, mal tomava o meu leite, vinha-me logo um torpor suave e adormecia pesadamente, despertando, ás vezes, já sol nado, com os beijos de Leonor. Passaram-se dias mais alegres, de ventura e de amor, mas interrompendo abruptamente o derivar da felicidade, vinha de novo esse alquebramento que me entorpecia o espirito.

E a vida tornou-se-me enfadonha e pesada; a alegria abandonou-me. Prostrado, alquebrado, o meu gosto era ficar horas e horas estendido na réde dormitando preguiçosamente.

Uma tarde ella entrou-me pelo gabinete lavada

em pranto pedindo-me, com soluços, que a levasse para a companhia dos pais, que não podia mais supportar a vida infeliz que arrastava entre negros que a maltratavam grosseiramente. E como eu lidasse com ella para que me dissesse a razão do seu soffrimento, ergueu-se com um olhar feroz, flammejante de colera :

— Pois sim ! Queres que te diga ? Foi Eva, essa negra que te criou e a quem chamas de mãi. Insultou-me, ameaçou-me diante dos negros, ahi tens !

Disse e rompeu a chorar inconsolavelmente.

— Eva ! exclamei pasmado, duvidando das palavras de Leonor, posto que ella as molhasse de lagrimas sinceras.

— Sim, Eva ! Eu vinha pela ponte quando a encontrei bebeda, cambaleando, em risco de cahir nagua.

— Bebeda ! e essa exclamação fugiu-me do peito como um grito de revolta.

— Bebeda, sim ! Pois bem ; com pena, porque é uma velha e esfimas-la, offereci-lhe a mão para ampará-la. Repelliu-me, injuriou-me. Ainda assim, á vista do seu estado, não me zanguei. Mas já alcançando a margem, vacillou e teria cahido nagua se eu a não segurasse. Pois aqui tens como correspondeu á minha caridade. E arregaçou a manga do vestido para mostrar-me no braço branco os signaes dos dentes da escrava. Mordeu-me como uma cadella, cuspiu-me, injuriou-me. Se entendes que a não deves castigar, leva-me para a companhia de meus pais, amanhan mesmo !

Mudo e consternado, sahi á varanda. Fóra, na

eira, os negros esperavam em fila. Chamei o feitor ordenando que procurasse a mãi preta. E Eva appareceu rota, com os cabellos brancos hirsutos, bamba, tropega, arrastada pelo robusto negro. Era a primeira vez que eu via, nesse lastimavel estado, a pobre velha. Estive a contempla-la e, quando ella levantou os olhos baços para mim, contive difficilmente o pranto. Chamei-a. A negra sacudiu a cabeça babando-se e, de repente, rolou no chão e, a soluçar, prorompeu em improperios contra Leonor. Fiz um signal e retirei-me. Para não lhe ouvir os gritos, corri ao meu gabinete e fechei-me, abrindo, ao acaso, um livro, mas as letras confundiam-se, as paginas tornavam-se negras e, se eu arredava os olhos, parecia-me vêr, em todos os cantos, o rosto da captiva, sinistramente ameaçador, contrahido na agonia da tortura e lagrimas ardentes rolaram-me dos olhos.

Pobre velha que velara junto ao meu berço durante toda a minha infancia, nutrindo-me aos seus peitos orphãos do filho que uma febre má levara! Pobre velha que vivia para mim, submissa, amorosa, dormindo á porta da minha camara, o ouvido á escuta ao minimo rumor, mãi humilde, mãi pela alma, capaz do sacrificio da propria vida para trazer-me uma hora de ventura! Pobre velha!

Levantei-me diversas vezes para ir em pessoa abrandar o seu supplicio, mas Leonor passeava ao longo da sala implacavel, feroz, com os olhos irradiantes de uma alegria cruel e eu, mal a avistava, perdia de todo o animo e recolhia ao meu miseravel e passivo silencio. Afinal bateram á porta; abri; era o feitor.

— Está no tronco, senhor.

Não respondi. Á vista do vergalho que elle trazia ainda ao hombro, estremeci de horror. Era o primeiro castigo que se applicava em *Santa Luzia*, á minha ordem, porque d'antes nunca os mattos ouviram o gemido dum escravo nem o zunir do relho. Era a primeira vez que o sangue do negro pingava sobre o solo abençoado do meu sitio. Covardemente, calado e inerte, eu soffria o flagicio desse remorso quando a voz suave de Leonor, voz de magia e de perfidia, chamou-me enternecida e meiga.

Abri a porta e ella, risonha, pousou sobre a mesa, atulhada de papeis, o copo de leite, instando commigo para que o bebesse porque não havia tomado alimento algum e, beijando-me, perguntou :

— Estás triste ?

— Ah ! Leonor, é quasi um crime o que se está passando aqui. Bem sabes que não conheci minha mãi, devo tudo a essa negra que me trouxe desveladamente até os dias de hoje com tanto carinho como teria a morta. É minha mãi . . .

— Tua mãi . . . uma bebeda ! Ora ! nem digas isso ! Então se tivesses sido criado por uma cabra do monte havias de aturar as suas immundicies ? Pareces criança ! Bebe o teu leite e vamos dar uma volta pela varanda ; a noite está maravilhosa.

— Não, deixa-me ficar um instante aqui. Sinto-me mal. Deita-te se tens somno ; eu vou repousar um pouco na rêde.

— Mas toma o teu leite, insistiu, offerecendo-me o copo.

— Sim, tomo já.

Beijou-me de novo e partiu. Quando me vi só

o meu pensamento voltou-se de novo para a escrava. Pobre velha! Tomei o copo de leite, provei e, fôsse amargor da minha bôca, fôsse por outro qualquer motivo, repugnou-me e atirei-o pela janella fóra, enjoado, nervoso. Estirei-me, então, na rêde, insomne e triste, sempre a ouvir, dentro da minha consciencia, os gemidos dolorosos da desgraçada.

Quanto tempo ali estive evocando o passado? Não sei. Devia ser tarde, bem tarde, quando á porta do meu quarto appareceu uma negra vagarosa, pé ante pé, como se temesse despertar-me. Aproximou-se da mesa, tomou o copo que eu esvaziara, lançou um rapido olhar á rêde e, no mesmo passo subtil, desappareceu.

Deixei-a ir, sem falar, sem mover-me, fechando-me num silencio de agonia e veiu-me um desejo intenso, um piedoso desejo de vêr a escrava, de falar-lhe, a ella só, sem testemunhas, para ganhar-lhe o perdão. A casa dormia. Tomei uma capa e cuidadoso, manso e sorrateiro, atravessei as salas alcançando a varanda que o luar clareava.

A eira estava deserta, apenas ali — e o velho estendeu o braço nú para um canto da floresta — rente da terra, como uma lagarta, havia um rastilho de luz, na soleira duma porta: era a casa do tronco. Saii pela noite alva festejando os cães para que não ladrassem e enveredei pelo caminho que levava ao ergastulo dos negros. Parei algum tempo á porta para ouvir o gemido da escrava. A pobre velha, porém, soffria sem uma queixa. Os grillos apenas trilavam e um caboré agoirento rolava pios funebres.

Tirei a chave, abri a porta da prisão e entrei. A victima, presa de pés e mãos á taboa do supplicio, parecia morta, immovel como estava. O seu dorso nú, recurvado e magro, mostrando as vertebras nodosas, reluzia á luz tibia de uma candeia; os braços magros, esticados, tremiam-lhe e as mamas criadoras, exhauridas por mim, pendiam como duas linguas seccas, tetanisadas. Ella olhava a fito o muro fronteiro, arqueada como se quizesse puxar a si o instrumento de tortura e pelo seu rosto escaveirado corriam silenciosas lagrimas; de quando em quando entreabria-se-lhe a bôca e um resto de soluço escapava-se. Commovido, mal contendo o pranto, aproximei-me e carinhoso, acocorando-me junto della, chamei-a:

— Mãi Eva!

Rapidamente, voltando a cabeça, a negra encarou-me e seus olhos feriram-me como ferros em brasa. O tronco estremeceu sacudido pelo tremor do seu corpo e a negra, sem odio, baixou a cabeça soluçando apenas:

— Ah! nhô!... A sua Eva!

— Perdôa, mãisinha! disse eu abrindo com dedos incertos a tortura. A culpa é della. A culpa é della...

— Sim, nhô... eu sei.

E a velha, já livre, guardava ainda a attitude do supplicio. Levantei-a:

— Vamos, mãisinha. Vamos!

— Ah! meu Deus! exclamou a desgraçada num grande soffrimento e rompendo em chôro forte: Pobre nhô! Coitado de nhô! Tão bom e tão infeliz!

— Mas que é, mãisinha? E minh'alma presaga

esvoaçou atordoada dentro do meu coração : Que é, mãisinha ?

— Ah ! nhô, é ella, essa mulher malvada, essa Leonor que envenena vancê porque é bonita, nhô. É ella que nhô estima tanto a ponto de deixar que façam isto na sua pobre negra. E, com os dedos crispados, rasgou a camisa ensanguentada para mostrar-me a chaga viva no peito. É ella, nhô, que, agora mesmo, emquanto eu soffro, está ali ! ali ! porque pensa que vancê está dormindo.

E a velha saltou como uma panthera para o meio do campo esticando o braço na direcção do moinho :

— Está ali, nhô, mais Serapião. Eu vi, nhô, duas noites : ella mais o caboclo, quasi núa, enroscando-se nelle como uma cobra num tronco.

— Leonor ! ?

— Sim, nhô ! E, de novo, curvando-se, esticou o braço nú : Ali, nhô, com Serapião. Vancê não vê a luz por baixo da porta ? Estão lá, nhô ; estão lá ! Eu olhava tremendo. Vancê não podia vêr, vancê bebe o feitiço que faz dormir, é no leite que vancê bebe. E emquanto vancê dorme ella estrebucha nos braços do machinista. Eu vi, nhô. Eu vi ! Negra velha não dorme, caminha de noite e vê o que se faz no escuro. Elles estão ali, nhô.

Travei dos pulsos da escrava, allucinado, tremendo :

— Mentes !

Eva, porém, fitando-me, com uma luz estranha nos olhos pequeninos, riu :

— Vancê venha commigo, nhô ! Venha que vancê ha de vêr com os seus olhos. Venha, nhô.

E, apesar de todas as suas dôres, a velha escrava foi aos saltos, como uma bruxa, guiando-me pelos caminhos quietos onde sapos pulavam assustadiços e bacuráus piando iam, de vôo em vôo, precedendo-nos.

As arvores, com a brisa nocturna, ramalhavam e, longinqua, a cachoeira reboava com estridor que parecia o resomnar da floresta. Ah! meu amigo, as tempestades d'alma são mais fortes do que as da natureza. Eu sentia dentro em mim o fremito do meu odio, era um rebôo soturno que me subia do coração á cabeça e a ira relampejava-me flamminea nos olhos ardidos. O furor é uma tormenta. Mas, apesar da evidencia do crime, ainda eu tinha no coração um iris de esperança. Fragilidade! Fragilidade!

Fui por diante; a serpe não correria mais depressa por entre silvas e Eva precedia-me regougando, saltando. Espinhos que me picavam, cipoaes que me prendiam, pedras que me martyrisavam os pés, nada detinha a minha desesperada carreira.

Quando cheguei ao moinho a minha primeira idéa foi arrombar a porta, apresentar-me de improviso aos dois amantes, agarrá-los num só abraço, triturá-los . . . mas quiz certificar-me. Aproximei-me de manso, debrucei-me sobre um tronco e espiei por uma frincha.

O velho calou-se, arquejando. Nuvens toldaram a lua; descia uma treva densa. A brisa sacudia as ramagens e vinha de longe, dos baunilhaes silvestres, o aroma voluptuoso. Lentamente, como quem acorda de um somno, o velho levantou a ca-

beça alvadia e continuou com a sua voz melancolica :

— Vi, meu amigo ! Vi ! e vejo ainda porque nunca mais se desvaneceu essa visão tremenda. Os dois juntos : elle era como um tronco forte, ella como uma parasita em flôr. E, vendo-a, a miseria da minha carne fraca foi grande e iniqua. Já não sei mentir — amei-a no lôdo, vendo-a de rojo, envilecida, infamada nesse connubio. Amei-a porque lhe surprendi a meia nudez descomposta ; amei-a e, na minha brutalidade de homem, levantou-se, maior que o odio, o perdão nascido da volupia. Amei-a ! Lagrimas covardes borbulharam-me nos olhos e tremendo, agarrado aos galhos da arvore que era o meu pelourinho, — porque não póde haver maior supplicio do que o de um homem olhar a sua deshonra, — enfraquecia, tibio e torpe, quando ouvi o grunhido sinistro da negra que vinha pela arvore acima agarrando-se, guindando-se, sem o mais brando bulicio, como uma cascavel :

— Olhe, nhô ! Olhe, nhô ! Foi por isso que ella pediu a minha morte. Era para isso que ella enfeitiçava vancê. Agora espie, nhô . . . Espie.

Estremeci e o meu odio despertou mais vivo. Deixei-me cahir da arvore e, subindo os degraus que levavam ao moinho, atirei-me d'encontro á porta que foi dentro com estrepito.

Quando me vi no interior, que uma candeia, pousada sobre a mó, alumiava, em face da adultera, não sei que estranho ardor queimou-me os olhos, um estremecimento nervoso sacudiu-me todo e eu, que entrara impetuosamente, fiquei hirto, parado, a olhar, embrutecido e mudo.

Serapião ergueu-se lesto encantoando-se, esgazeado ; ella, com um grito, ficou de bruços, calada, immovel, toda núa. E foi assim que os tive diante dos olhos um tempo incontavel e talvez me tivesse humilhado até o perdão se Eva não rosnasse implacavelmente fóra :

— Então, nhô ! Então, nhô !

Meu amigo, não lhe sei contar o assalto do meu furor á covardia do meu coração, sei que investi com o homem. Elle, forte, apertou-me nos braços e parecia que me ia estalar, esmagar nos pulsos, quando escancarou a bôca num rugido como de féra alanceada e logo me senti livre, apartando-me do caboclo que tombava agonisando, estrebuchando, d'olhos muito abertos. Fitei-o apavorado e vi que morria.

Mas outros gritos desesperados partiram ; voltei-me e vi Leonor que se desprendia dos braços da negra, recuando, as mãos ambas na nuca, vacillante, tropega, aterrada. Rolou por terra como morta e pude apenas ouvir a sua queixa final, já em voz que a morte enfraquecia : « Meu Deus ! » E se mais disse não lhe ouvi mais nada.

Arripiado de pavor, voltei-me para a negra. Eva sorria, guardando na mão mirrada um comprido espinho fino e agudo como um estylete. Meu terror foi grande e não lh'o descreverei, mas o que se passou depois foi bem cruel, bem triste. Leonor, não sei se para morrer perto do amante, se para procurar melhor recanto de repouso extremo, arrastou-se d'olhos baixos para não vêr-me e já ia perto de Serapião, sem que eu me animasse a embargar-lhe o caminho, petrificado como estava, na agonia

e no assombro, quando a negra investiu cruel e vingativa :

— Nhô ! Nhô ! ella quer morrer com elle. Até morrendo, nhô !

Creio que me passou pelo espirito uma nuvem de loucura porque não me lembro do que então fiz. Só lhe digo que me achei fóra, ao luar, com o corpo amado aos hombros. Sahi para a noite seguindo os passos da negra, que sibilava á minha frente indicando-me os caminhos :

— Por aqui, nhô ! Por aqui, nhô ! E, sem consciencia, cheguei á galhada verde duma grande arvore ; junto á raiz havia uma cova profunda, aberta pelas enxurradas. Eva silvava: Aqui, nhô! Aqui !

E, de quando em quando, vinha com o espinho e espicaçava o corpo flaccido que eu transportava e senti sobre os hombros o ultimo tremor das carnes de minha esposa.

Estremeci, os braços desfalleceram, a morta escorregou-me dos hombros e ouvi o baque no fundo da cova acamada de folhas seccas.

A negra começou, assanhada e feroz, a atirar terra para a cova e, de cocoras, raspando o sólo, cantava. Louco, horrorisado, deitei a correr sem rumo pela matta na escuridão e no silencio da noite triste.

A pesada treva que eu varava parecia condensar-se em muralhas negras, os galhos das velhas arvores moviam-se como tentaculos procurando agarrar-me para um supplicio, grande como o meu crime. A lucida poeira dos pyrilampos torvelinhava na escuridão como pupillas demoniacas que me espiassem, aves funebres grugrulhavam no escuro

e, ás vezes, no murmulho da floresta, parecia-me ouvir a voz sumida de Leonor a fugir da terra como se ella me acompanhasse em carreira subterranea. Escondi-me em uma caverna escura para que a féra, que ali morava, acabasse com o supplicio da minha vida. Mas a noite passou tremenda e solitaria.

Encolhido na cafurna, accendeu-se na reminiscencia da saudade todo o passado feliz do meu coração — senti o sabor dos beijos extinctos, e vi levantar-se na ferruginea sombra, pallida, núa, embrulhada na cabelleira farta, a morta, minha esposa morta, caminhando para mim a passos lentos, grave, a nuca atravessada pelo espinho terebrante.

Ergui-me tremulo e tremulo avancei para a visão, abracei-a, beijei-a e senti que, na sua impalpabilidade de espirito, intangivel e subtil como a luz, ella entrava no meu halito e, até hoje, vive em minh'alma passeando pela minha consciencia. Ah! a vida que levei na selva espessa. Á noite a treva fechava a porta da minha furna, durante o dia escondia-me no mais profundo desvão para que me não visse homem nem féra

Uma manhan — já haviam corrido longos e penosos mezes — devia ser Dezembro, pelas flôres que arrecamavam o arvoredo, eu tinha os cabellos hispidos, as unhas retorcidas, terrosas e aduncas como raizes, pouco me faltava para confundir-me com os vegetaes; as palavras ia-as esquecendo por não ouvir senão bramidos e pios. Uma manhan, dizia, estava eu sentado, com o meu remorso, á entrada da caverna, quando vi passar, fogoso e altivo, a longa crina ao vento, *Mouro*, o meu cavallo favorito. Chamei-o! Chamei-o! o animal, porém,

fugia com mais furia como se os meus gritos o apavorassem. As proprias bestas esqueciam-me. Era melhor morrer, pensei. Ah ! minh'alma, como foste fraca ! Mas vamos. Deixei o meu abrigo e atirei-me á floresta sem destino até que ouvi o confuso e troante chofrar das cachoeiras. Era a voz da Morte amiga. Avancei, a correr, para o beneficio supremo.

Lindas aguas, espumas alvas fervendo. Em torno arvores, pedras, rocados, arbustos, tudo instillava gotas, inclusivè o penedo férreo por onde escorria o regato despenhando-se. Parecia que um grande pranto vivia ali, só meus olhos estereis, queimados pelas vigilias, estavam enxutos. Talvez a lagrima sulisse do coração á pupilla, mas a ardencia absorvia-a acto contínuo como a areia adusta do deserto bebe sofrega e ávida a gota do orvalho frio. Emtanto a pungente jeremiada das coisas foi, pouco a pouco, parecendo me alegre — o que eu julgava pranto fez-se luz irisante, o que eu julgava soluço fez-se melodia e um hymno victorioso subiu num concertante módulo em que entravam as vozes d'agua, o canto dos passarinhos e o arpejo suavissimo dos ramos.

Abeirei-me do abysmo — as aguas espumavam no fundo em cachões nitentes, torvelinhantes. A morte hiante avocava ! E fui covarde ! Voltei com a minha melancolia.

A vida é um vicio. A vida, por mais dolorosa que seja, meu amigo, não é facil deixá-la. Voltei a passos medidos e a vida sorria em tudo : na flôr, no insecto, na ave, no broto do tronco, no rebento do arbusto ; só eu trazia maguas, eu só !

Porque não cresce entre as nossas arvores a mancenilha que mata ? Ah ! se eu a tivesse achado com que ansia feliz repousaria o corpo á sombra dos seus ramos, deixando-me enlaçar lentamente pelo perfume que vai, aos poucos, trahindo a vida, adormecendo-a, adormecendo-a até o grande somno definitivo ? Mas a selva patria é leal como a luz : as flôres são puras e quem aspira o aroma selvagem rejuvenece.

Vagando como uma féra no tempo do amor segui varios caminhos. Ás vezes, parecia-me ouvir um grito longe, um mugido, o balar de uma ovelha. Ficava-me a escutar e nada. Illusão ! Illusão ! A saudade, que reminiscencia triste ! é como uma noite nalma sempre povoada de espectros.

Foi em um desses passeios torturantes que soffri o golpe decisivo. Seguia com os olhos na terra sem pègadas quando, não sei dizer porque, parei diante do rio. Á margem apodrecia uma piroga de pesca — era um arcabouço negro, especie de amphibio ante-diluviano. Mas quando meus olhos baixaram á placida corrente, recuei. Acabava de vêr, pela primeira vez, a minha devastação. Chorei e fugi do espectro. Eu, que durante tanto tempo, tomara nas mãos a agua de um fio que derivava na minha furna via-me, pela primeira vez, na grande abundancia de um rio, um rio que, com a sua mudez, recordou todos os meus soffrimentos mostrando-me no rosto os grandes sulcos da magua.

Fugi como um evadido foge da presença de um juiz procurando a floresta, mas vim sahir na eira onde estamos, aqui ! e foi então que comparei as duas ruinas — a do meu corpo e a do meu sitio.

Tudo demolido, tudo abandonado : nem uma voz nos escuros salões, nem um balido nos curraes abertos. *Santa Luzia* era uma tapera. De humano o que encontrei foi um esqueleto dobrado no tronco ; a morte em supplicio. Quem seria ? Quem teria castigado e esquecido em pena essa misera victima ? Visitei as ruinas, visitei os queridos destroços. Tudo saqueado . . . Tudo ! Mas quando sahi para o campo, quando voltei os olhos para o lado do moinho . . . Mas ouça, ouça depressa. A lua vai alta, á meia noite a sua luz recolhe-á todas as sombras e a essa hora eu pertenço a arvore. É a hora da morta ! É a hora da morta !

IV

A noite subia, silenciosa e diaphana. Sobre as nossas cabeças, no céu alto, recamado d'astros, a via lactea estendia-se como um velario de ouro. As vozes da natureza confundiam-se em murmulho tremulo: eram cicios na herva rasa, arrulhos nas ramarias, crocitos, pios tristes d'acauans e perennes, em rythmo monotono, os sapos, nos brejos lobregos, faziam resoar o tan-tan merencoreo.

Soprava um vento gélido. Silvos passavam e ouviam-se leves fremitos d'élytros d'insectos que esvoaçavam tontos, de ramo em ramo.

E o velho, os olhos desmesuradamente abertos, errando pelas devesas, num espreitar pávido e assombrado, continuou, tartamudeando:

— Quando olhei para o lado do moinho era quasi meia noite. Noite de lua, noite hypocrita,

que não é bem treva, porque tem luz; que não é bem clara, porque mal se vê: promiscuidade medonha de sombra e de claridade. Noite de medo! Era bem meia noite quando aquella arvore agitou-se. Ah! meu amigo, mais vale morrer fulminado pelo panico do que ter medo. O pavor é um choque — a morte é pavorosa; o medo é a lentidão do pavor, é a consciencia do pavor. O bruto não conhece essa fraqueza do espirito porque não discerne: a féra espanta-se, a féra assombra-se, mas não tem medo porque não medita.

Imagine a sensação de um homem que se vai afogando, consciente, pensando — é a sensação do medo: uma asphyxia no assombro.

O pavor é rapido, é uma onda que nos atira á praia; o medo é contínuo, é um estado d'alma. Mas onde vou eu? Falava da arvore... Agitou-se, dizia. Ah! meu amigo, não posso definir o que senti: — foi um grande medo. Todo o meu sangue parou como as aguas de um rio d'encontro a uma represa, e, frio, entrei a tremer, a tremer como agora tremo no limiar da grande hora tragica.

A arvore agitou-se como em espreguiçamento e successivos estalos e crepitações rispidas fizeram com que meus olhos baixassem das ramas ás raizes e não sei que estranha força fez com que meu corpo arriasse sobre os joelhos. O colosso despreendia-se como um polvo enorme, abandonando a rocha, despegando, um a um, os tentaculos terriveis.

A primeira raiz levantou-se curva, nodosa e negra e estirou-se pela terra dilatadamente. Outra estalou, arrancou-se, desenroscou-se zunindo como uma vara recurvada que se liberta e silva ganhando

a linha natural. De repente, em bando, todas as raizes deixaram o solo e a arvore grande, extraordinaria, folhuda, sacudiu-se com horrisono farfalho. As raizes foram-se curvando em garras e o vegetal levantou-se sobre esses pés aduncos lançando derramadamente um tentaculo, outro e veiu lento, bambo, murmulhante, um monstro formidavel coberto de folhas hispidas que o luar fazia de prata, em direcção ao sitio onde eu me prostrara captivo, avassallando, sob a pata racinosa, arbustos, hervas e o arvoredo novo. O rumor grande que fazia era como o de uma cachoeira que se avisinhasse. Meu amigo, as forças falleceram-me : nem para um grito tive animo. Meu coração batia accelerado ; copioso suor escorria-me do corpo frio e tiritante e a arvore caminhava numa convulsão de galhos e de folhas.

Eu olhava e vi, já perto, tão perto que a sua sombra me cobria, a arvore andeja. Tremeu como a um sopro violento de ventania, derreou-se, varreu o solo com a folhagem e, quando se levantou, a terra ficou encharcada de sangue.

As folhas perderam a côr viçosa, o verde tenro, ganhando o colorido sandicino — eram como pequenos corações pendurados dos galhos, os galhos vermelhos tambem, dum vermelho vivo de coraes, as raizes, o tronco . . . e grandes gotas rubras pingavam sobre mim sem descontinuar.

Tentei fugir, mas uma das raizes prendeu-me, enlaçou-me, apertando-me aos poucos, triturando-me. Estive um momento em ansias formidaveis como Laocoonte, cuvindo gemer essa monstruosa criatura que me molhava de sangue e, exhausto, entrei pela morte e, do que mais houve não sei, porque já

voltavam as côres matutinas ao livido céu quando abri os olhos opprimido.

A arvore já se havia enterrado e, lá no seu posto, farfalhava, grande, sombria, desgalhada, cheia de passarinhos. Tive duvidas sobre a tragedia nocturna, levando tudo á conta de minha imaginação exaltada e, para convencer-me, fui até á raiz do colosso, examinei a cova nefanda. Cavei, cavei com as unhas a terra dura, cavei desde a primeira luz até á hora do sol forte.

Já exhausto ia abrandando quando, subitamente, as minhas unhas arranharam um corpo liso. Cavei mais e meus dedos arrancaram fios de cabellos louros ; cavei mais e o craneo de Leonor, terroso e tábido, appareceu. Tomei-o nas mãos : era a sua formosa cabeça despida pela Morte.

Nas camaras dos olhos havia vermes molles colleando. Oh! luz das pupillas para o sempre extincta, luz maada ! Os dentes subsistiam e, por entre elles, a vermina da Morte insinuava-se. Beijos! oh ! beijos tão nojentamente transformados ! Nada mais havia ali dentro : era um grande vácuo. E todos os ossos ali estavam amarellecidos e, sobre o craneo, como filandras, os cabellos emmaranhados. Tomando-os, pareceu-me que ainda recendiam voluptuosamente. Beijei-os, chorei sobre elles e parti levando-os para a minha cafurna onde, examinando com amorosa paciencia o craneo, achei o espinho cravado entre os cabellos e fiquei-me como um anachoreta, entre as ruinas, ajuntando mais essa ruina dolorosa do meu amor ao descalabro da minha fortuna, ao desespero do meu coração. Leonor !

Póde ainda vêr o oratorio onde, outrora, res-

plandeceram os olhos lindos, onde d'antes cantaram os beijos mais ardentes que jámais têm despontado em labios de mulher.

E o dia todo foi-se em contemplação. Á noite, porém, quando a sombra baixou de novo envolvendo os meus dominios, o medo começou a cahir dentro em mim como uma geada de inverno.

Os vagalumes erravam luci-luzindo como fagulhas d'astros, a cachoeira soturna ululava ao longe, o acauan tumular gemia nos ermos desamparados, todas as vozes mysteriosas enchiam a noite quando beijei, ainda uma vez, o craneo solitario e, tendo-o perto do ouvido, afagando-o como d'antes o afagava d'encontro á minha face, quando dentro delle as idéas de perfidia e o luxurioso pensamento demoravam, ouvi um surdo rebôo como o que existe no bojo das conchas marinhas. Ah! se o senhor o ouvisse! Era como um gemido sem fim, cavo, dolorido, eterno.

Fuja de ouvir o espectro do som nos craneos ermos — é o echo infindavel das lutas intimas, o cháos da palavra, o indistincto rumor do que foi expressão, do que foi harmonia.

Ouvia, quando um estridor formidando, como de trovões ao longe, arrancou-me á dolorosa audiencia—levantei os olhos allucinados e vi: Era a arvore que vinha, como na vespera, grande, vagarosa, tremenda. Como fugir, meu amigo? Deixei-me enlaçar e só ao clarear salvador da madrugada levantei-me do horrivel soffrimento. Desde essa noite até hoje padeço, sem allivio, a tortura do trasgo que ali vê, coberto de illusoria folhagem. A arvore, que possue a alma da assassinada,

vinga-se lentamente emquanto as outras farfalham na grande selva, enchendo as noites pavorosas de lamentos. E Eva? Que é feito della? Nunca mais a vi Quem sabe se já apodreceu na terra? talvez ainda viva. Nunca mais a vi . . . nunca mais! E acenou para o céu n m grande desalento, derreando sobre o peito a veneravel cabeça.

— Porque não deixa a *Tapera?*

— Deixá-la? para que?

— Para evitar o supplicio.

— Ah! se eu pudesse evitá-lo fugindo: Não posso, é impossivel! A arvore segue-me a toda a parte. Tenho procurado cavernas e a arvore, á meia noite, mesmo as cavernas invade: sobe aos montes, desce aos valles, corre os campos, penetra a selva cerrada, vadeia os rios ou vai sobre as aguas, fluctuando como um camalote. Onde quer que eu vá, a arvore acompanha-me. Ainda no tumulo as suas raizes terebrantes irão macerar cruelmente o meu cadaver. Para que fugir?

— Então?

— Então?! soffro: espero a meia noite resignadamente.

Subito, porém, levantando a cabeça, cravou os olhos na matta e, a tremer, agarrou-se-me aos braços. Os dentes batiam-lhe, as suas unhas cravavam-se-me nas carnes.

— Que tem?

— Fuja! Fuja! É o acauan! É o acauan! Fuja! É meia noite. Ella ahi vem! Ella ahi vem! É a hora! Fuja!

Agarrou com as mãos ambas a cabeça e, gemendo, foi-se pelo matto dentro aos uivos, gualan-

do, e muito tempo ouvi os seus gemidos. Bradei por elle, mas a solidão devolvia-me os reclamos e longe, effectivamente, as agourentas corujas grazinavam. Tremi.

Toda a matta, em estrupidante murmulho, parecia despertar estrondosamente. Os sons cresciam, as vozes, várias e dispersas, tornavam-se mais nitidas, mais longas, vibrando intensas. Bradei de novo e com desespero e de novo o meu brado veiu em rechaço aos meus ouvidos. Senti-me só no assombro e a lua, solitaria no céu, aclarava funereamente a densa paizagem lugubre.

Voltei os olhos em torno, tremendo, opprimido e avistei o meu cavallo á distancia, immovel como se dormisse. Precipitei-me e montava justamente quando ouvi um grito agudo, percuciente, um grito inexprimivel de suprema agonia — e toda a matta tremeu commigo.

Estalos, trepidações, rebôos, ventos frios, revoadas de folhas, sombras e claridades, aguas correndo, aguas escachoando, que mais sei eu ? não me lembro de mais ! Ora parecia-me seguir por montes ingremes, ora sentia a marcha suave do animal pelas planicies. Que mais sei eu ? nada mais !

Foi com surpreza que, ao despertar, reconheci os muros do meu quarto e os meus em torno do leito em que eu jazia. A lua mal penetrava pelas taliscas porque as janellas tinham os ferrolhos corridos. Os que andavam iam e vinham suavemente, em pontas de pés, cochichando. Quiz falar e minha mãi oppoz-se carinhosamente.

Só mais tarde contaram-me o final da minha tragica aventura. Faziam-me no sitio dos *Reis Magos* já repousado, bailando entre a verde folhagem que enfestoava o presepe quando, ao romper da manhan, appareci no sitio.

Rôto, allucinado, as mãos em sangue, o rosto lanhado pelos espinhaes, eu bradava, em furia, estugando o animal com estabanados gestos, com palavras loucas. Falava insanamente, aterrado, os olhos grandes e cheios de pavor, o peito em ansia, ardendo em febre.

Recolheram-me e, no leito, tres dias longos passaram sobre mim sem que eu delles me apercebesse, sempre a bradar, assombrado, contra a *arvore* que vinha esgalhada, estortegada, sinistra, beirando-me para suppliciar-me.

Tres longos dias de febre! Teria morrido se não fôsse o animal conhecedor dos trilhos, que me trouxera, guiado pelo instincto, ao sitio paterno, subindo cerros, atravessando campos.

Ainda hoje, quando me falam do meu assombro e quando repito tristemente as palavras do velho, dizem-me, com sorriso incredulo:

« Foi visão que tiveste. Sonhaste, deliraste... Honorio Silveira é morto, Leonor Silveira é morta, foram ambos victimas dos escravos revoltados. Todo o sertão conhece a historia do levante dos negros de *Santa Luzia*. Não ha duendes nas terras nem viv'alma ali passa. Os sertanejos falam desse *velho* como falam do curupira e da yara das aguas correntes. Foi visão que tiveste. Sonhaste, deliraste ».

Sonho! Delirio!... Ás vezes eu mesmo creio

no que dizem. Mas não . não ! não foi sonho : eu vi e ouvi !

Tenho de memoria o sitio e as palavras desse tristissimo romance ficaram-me gravadas no espirito como um epitaphio numa lapide.

Sonho ! Delirio ! Não, a verdade é esta. Taes palavras transcriptas são as verdadeiras, cahiram da bôca gemedora do desvairado penitente. Nem delirio, nem sonho : uma pungente verdade.

Hoje sim, talvez não mais exista esse protagonista lugubre ! Hoje sim, talvez sejam na selva victoriosa absoluto o silencio e absoluta a solidão, mas que eu o vi e ouvi . . .

Emfim sonho. delirio ou dolorosa verdade . . . orai por elle !

FIRMO, O VAQUEIRO

Sentados na soleira da palhoça, em face do verde campo, á hora vesperal em que os rebanhos recolhem, o velho Firmo e eu fumavamos, relembrando passagens alegres da vida de outrora.

Firmo era meu companheiro quando eu ia passar as férias na roça. O que elle sabia de historias! como as contava fazendo a voz enternecida e meiga para imitar as princezas que imploravam ou arremettendo com vozeirão terrivel para que eu tivesse a impressão exacta do bradar horrivel dos gigantes antropophagos. E não só historias dos livros, outras sabia que eu jámais em letras vira: a que descrevia a yara branca seduzindo o remador do Itapicurú e o conto do curupira, com que no bom tempo faziam cessar a minha impertinencia. Algumas eram inventadas por elle, diziam; outras o velho

Firmo, vaqueano e andejo, aprendera por esses sertões de Deus por onde caminhára.

Andava pelos oitenta annos, mas quem o visse a cavallo, no campo, não lhe daria tanta idade. O diabo era o rheumatismo que lhe não deixava as pernas. No seu tempo ninguem levava a melhor ao Firmo do *Curral novo*. Raparigas, que uma vez viam montado no garboso *fabrica*, o laço em volta da cinta, a aguilhada firme sobre a côxa coberta de couro crú, perdiam-se de amor por elle.

Era um caboclo atirado, musculoso e rijo; grandes olhos negros brilhavam-lhe no rosto queimado pelos verões e os cachos do seu cabello rolavam-lhe pelos hombros largos.

Velho, embora, «ninguem lhe chegava ao pé sem muito geito», como elle proprio dizia sorrindo com os seus dentes limados, agudos como pontas de frechas. Apesar de alquebrado e enfermo, andava com arrogancia e notava-se-lhe na voz, aspera e forte, o habito de commando.

Em tempos de festa, quando vinham para a mesma eira moças do lugar e de longe, Firmo saltava na roda, sapateando, rasgando na viola a *tyranna* dos campeiros, e quem ousava pegar no verso do caboclo ? ! As tabarôas morenas sorriam com os olhos fascinados e unidas desfaziam-se das flôres para que o cantador as fôsse pisando no sapateado. Por isso Firmo andava sempre de ponta com os companheiros e, mais de uma vez, o descante acabou varrido á faca; mas quem ficasse do lado do caboclo podia estar descançado — nunca fugiu de arrelia, fôsse com um, fôsse com dez ou mais.

Mãisinha, a velha mucama de casa, quando

o via passar no caminho, curvado, pitando o seu cachimbo de taquara, dizia maliciosa:

— *Isso*, ahn! *isso* foi o diabo!

Firmo «vivia encostado no tempo de d'antes», a saudade era o seu conforto. «Hoje em dia qu'é qu'a gente vê? má lingua e molleza só», dizia e citava os valentes d'antanho e mostrava as velhas gabando-lhes a belleza que a idade fanára:

«Serapião, homem que nem o diabo!... Anna Rosa, essa curumba... foi mulata de dengue, era um motim aqui em cima por causa della. Philomena, com essa cara de peixe moqueado, teve o seu luxo e foi gente. Eu tambem pisei duro, ora!»

Firmo vivia das recordações. Passava os dias caminhando de um para outro lado, visitando as palhoças, ou á beira do rio para vêr e ouvir as lavadeiras, quando não se mettia em casa a fazer bodoques para as crianças.

Á tarde sentava-se em um pilão quebrado, porta da casa, e deixava-se estar inerte, os olhos ao longe: «Estava vivendo...» dizia quando eu lhe perguntava que fazia ali sósinho. Estavamos, ás vezes, sentados juntos, elle a contar-me historias, quando nos chegava, nitido e agudo, o grito do campeiro. Firmo calava-se, um estremecimento agitava-o, os olhos dilatados recobravam o brilho antigo e punha-se de pé, devassando a paizagem triste, á luz crepuscular.

De repente apparecia a nuvem de poeira annunciando o gado que chegava... uma mancha vermelha, uma mancha negra, outra e logo o magote, os bois juntos, emmaranhando os chifres; um mugia, outros imitavam-no levantando os focinhos

ou ferravam-se ás marradas, sendo, ás vezes, necessaria a intervenção do vaqueiro que apartava os dois á ponta de vara. E a marcha aproximava-se morosa.

Firmo ficava enlevado acompanhando os movimentos da manada, inclinando-se para um lado, para outro, aspirando sofrego. De repente batia as palmas e juntava, logo em seguida, as mãos na bôca á guiza de porta voz, bradando :

— Eh ! eh ! eh cou ! ruma ! ruma ! Eh ! lou . . .

E ficava longo tempo excitado, a olhar. Não perdia uma só das peripecias e, se um touro espirrava, correndo aos galões pela campina, o velho entrava a bramar do outeiro, tão alto, tão alto que as raparigas, que andavam na eira recolhendo a roupa ou socando o arroz, paravam assustadas erguendo os olhos para o lado da palhoça do vaqueiro velho. Mas ninguem o accommodava antes de ser laçado o boi fujão e quando o vaqueiro apparecia, arrastando o animal laçado, Firmo suspirava baixinho :

— Ah ! Nossa Senhora ! meu tempo !

Foi pelo Natal que o vi pela ultima vez. Começavam os preparativos da festa, quando cheguei ao sitio. Nas casas dos escravos as velhas, á noite, ensaiavam as crianças. Na eira os rapazolas preparavam giráus ; colhia-se o arroz novo para os presepes e de todos os lados, mal o sol fugia, começavam as toadas das cantigas ao *Deus Menino* e as falas dos infantes que figuravam no *Mysterio*.

Firmo estava doente, mal podia mover-se : pas-

sava os dias na rêde. Subi, a vê-lo, uma noite, justamente na vespera do grande dia. Encontrei-o deitado, fumando, os olhos semi-cerrados.

— Eh ! vaqueiro velho . . . Então que é isso ? !

— Estou derrubado, patrãosinho.

— Mas que diabo tem você ?

— Molestia má, patrãosinho ; parece que desta feita vou mesmo.

— Ora qual . . .

— Eu é que sei como me sinto, patrãosinho. Se até o *pito* me faz nojo . . .

— Pois eu preparei uma surpresa que te vai fazer mais bem do que todas as *mezinhas* de mãi Tude. Quem está ahi fóra ? adivinha . . .

— Ah ! patrãosinho, alguma alma boa. Quem ha de ser ? !

— Raymundinho.

O velho sacudiu-se nervosamente na rêde e, voltando-se para a porta com um sorriso, perguntou :

— E onde está esse negro que não entra ?

— Boa noite á gente de casa ! disse da porta o cafuso.

— Entra, negro !

O cafuso, um codoense de fama, atravessou limiar da porta :

— Então, tio Firmo, a febre póde mais, hein ?

— Sim, porque eu não vi quando ella entrou . . . quando não ! Então, negro, que é que vamos fazendo ? . . .

— Vim fazer a minha festa. Dizem que vão queimar fogaréus no *Curral novo.*

— Como vai Noca ?

— Boa.

— E Anna ? está na cidade, mais o pai ?

— Hen, hen, affirmou o cafuso.

— Negro, você não vai daqui hoje. Ah ! patrãosinho, vosmecê vai vêr o que é um diabo. Negro, ajunta a madeira ali atraz da arca.

— Está encordoada ?

— Ó damnado ! Onde você viu viola de homem sem corda ? e afinada. Ajunta.

O codoense agachou-se, apanhou a viola do vaqueiro e logo correu os dedos ageis pelas cordas.

— Passa p'ra luz, cafuso.

— Lá vou.

Sentou-se no centro da sala, cruzou as pernas e, tombando a cabeça, gemeu a toada sertaneja.

— Anda com Deus.

— Lá vai ; pigarreou e desferiu :

No coração de quem ama
Nasce uma flôr que envenena.

— Eh ! gritou Firmo enthusiasmado, concluindo a quadra :

Morena, essa flôr que mata
Chama-se paixão, morena.

— Pega, negro, não deixa o verso no chão !

De fóra, contínuo e dôce, vinha o côro longinquo das crianças em louvor de Jesus e, de vez em vez, reboava o mugido de um touro.

Quando o cafuso descançou a viola, Firmo disse da rêde com esforço, arrastando a voz fraca :

— Canta, canta mais, cafuso. Quem não tem Nosso Pai ouve a cantiga. Canta.

Era tarde quando desci o outeiro. Raymundinho lá ficou cantando.

No dia seguinte, á hora em que sahia o gado, estava eu debruçado á varanda quando vi o cafuso que preparava o animal viajeiro :

— Raymundinho, como vai elle ? . .

De longe apontou para a palhoça :

— Sim.

O braço cahiu-lhe, olhou-me algum tempo commovido ; depois, saltando para o animal, levou o pollegar á bóca fazendo estalar a unha nos dentes :

— Ás quatro da manhan . . . Atirei um verso e disse, para bulir com elle : Pega, velho ! Não respondeu. Tio Firmo, mesmo velho e doente, não era homem para deixar um verso no chão. Fui vêr, coitado ! . . . Estava morto. E deu de esporas para que eu não lhe visse as lagrimas.

Subi ao outeiro. Pobre Firmo ! Lá estava no fundo da rêde, cercado de gente. Guardára o sorriso, morrera feliz, ouvindo os cantos do seu tempo e bem perto de casa o mugido dos rebanhos. E bem que o choraram nessa noite os grandes bois, e diziam, entretanto, que elles estavam louvando o Senhor Menino ; chorando o companheiro é que elles estavam, os grandes bois que presentem todas as desgraças e que vêem a Morte passar, á noite, com a foice de rastro, atravéz das campinas. Bem que choraram nessa noite os bois : de certo viram a Morte entrar na cabana de Firmo.

CÉGA

I

A Luiz Murat

A cabana, de reboco, colmada de sapê, ficava isolada num alto, entre viçosos cafeeiros de basta folhagem roçagante, aberta em saia. Num cercado de céva o bacorinho coinchava, atolado na lama, focinhando regaladamente. O paiol, sob um alpendre de zinco, por onde trepava a ramada opulenta de um pé de maracujá, estava atulhado de espigas de milho e, na moenda tosca, d'entre os cylindros de madeira, pendiam bagaços de canna, esfarpados e resequidos. A um canto erguia-se o forno de barro, alto como um cupim, sob a galhada protectora de velha mangueira.

Por entre os milhos, já seccos, gallinhas cacarejavam e um gato nédio dormia sobre a palha de café amontoada, como estrume, na raiz dos cafeeiros. Carreirinhos serpeavam por entre a plantação

levando ao mandiocal, á horta, á fonte, numa gróta recondita sombreada pelas samambaias e pelos inhames ; outros subiam para o capoeirão frondoso, na lombada do outeiro, d'onde, á noite, desciam para a devastação da roça, pacas ariscas e tatús cavadores e onde, ao amanhecer e á tarde, nambús piavam tristonhamente e saracuras, aos bandos, levantavam a grita annunciadora das horas.

Outra trilha, aberta no meio da tiririca, descia para o tenro arrozal, num banhado, onde floriam lirios ; e mais largo, direito e limpo, o caminho que levava á estrada, em descida suave, toda marginada de laranjeiras e de limoeiros, até á cêrca de espinhos que demarcava o sitio.

Para o fundo, em vallo angusto, o rio rolava por um leito pedregoso, salteado de rochas, em cujos dorsos, verdes de limo, fetos mimosos cresciam borrifados sempre pela garôa desprendida dos cachões espumantes do rio que se precipitava, aos gorgolões, de pedra em pedra, rumoroso.

Ao longe a larga e deslumbrante paizagem accidentada de collinas e valles, dum verde fino, macio como velludo, em matizes diversos, ora mais brando, ora mais intenso, até a linha cerulea das serras, sempre diaphanamente abrumadas, com os seus dentes agudos e irregulares cravados no céu curvo. O gado, miudo e immovel, disseminado nos pastos, parecia de pedra ; uma ou outra cabana, a casa branca e baixa de uma fazenda, e rutilo, quieto, como uma placa de metal polida, um açude espraiava as aguas adormecidas na solidão monotona da varzea.

Anna Rosa e Felicia, mãi e filha, habitavam esse tugurio desamparado.

Anna Rosa, a mulata esbelta e forte no tempo dos dezoito annos, com a sua côr ardente de cannela, com as suas tranças negras e luzidias, os seus grandes olhos cheios de quebranto, o seu collo farto e empinado nos corpinhos de cassa que pareciam arroxar a carne rija, os seus quadris robustos, que tremiam ao bater faceiro do pé pequeno e trefego, a mais de um caboclo deixára o coração doído, apesar da molestia má que, por vezes, dava com ella nos caminhos, como morta, a bôca cheia de espuma, os olhos revirados e retorcida toda como em estupor.

Embora! quem lhe visse a bôca pequena, carnuda e fresca, tão bem ornada que era um feitiço, quer sorrindo, quer atirando os muchochos desprezíveis, quer mostrando, a rir, os dentes todos, pequeninos e brancos como a flôr de laranjeira... Ah! quem a visse ficava captivo da mulata.

Anna Rosa! Quanta trova rustica nascia desse dôce nome, nos ranchos, nas bibocas dos montes, nos outeiros, onde quer que houvesse alguem que, uma vez, tivesse olhado a rapariga, arisca como as juritys da matta.

Mas quem pôde gosar todo o seu dengoso amor foi Simão Cabiúna. Quando se soube que viviam juntos, foi um espanto geral.

«Que gosto! Mulher não vai com carrapato porque não sabe qual é o macho. Com tanto rapaz apessoado, com tanto moço de posse, escolher um bruto mal encarado, como esse caboclo goyano. Que gosto! Foi mandinga, por certo, que o bicho fez.

O diabo tem oração p'ra tudo . . . se até brinca com cascavel . . . » murmuravam.

Anna Rosa, porém, preferira o atarracado sertanejo a quantos lhe offereciam prendas nos leilões da festa do Rosario.

« Tambem, com aquella baba peçonnenta quem queria a peste ? Não era tão bonita assim . . . » Os desprezados vingavam-se com esses e outros commentarios ; alguns gabavam-se de Anna Rosa.

Simão, chamado o Cabiúna pela côr abaçanada do rosto, era goyano. Viera de lá com uma boiada para Minas e nunca mais tornou á terra « porque tinha uma morte », diziam á bôca pequena os sertanejos. Era um caboclo robusto e desempenado. Tão expedito num roçado como seguro no lombo liso dum potro chucro e ninguem como elle para atirar o laço — ia buscar um garrote pelos chifres numa manada, por maior que fôsse e quem na viola lhe fazia frente ? Cabra teso ! com um foguinho trovava um dia e uma noite de enfiada.

Quem pegava com o caboclo quando elle cahia sobre o instrumento, encardido de andar de mão em mão e soltava a voz :

Quem muito se agacha, dona,
Nunca chéga ao coração.
A mulher quer soberbia
Não quer vêr humilhação ;
Ninguem derruba o novilho
Se não com o laço na mão.
Quem muito se agacha, dona,
Nunca chega ao coração.
Eêêh !

Com o cobre que tinha comprou as terras da banda do rio : seis alqueires com um bom pedaço de matta — e elle mesmo fincou os esteios da cabana, atirou o adobe ás ripas, cortou o sapê para a coberta e semeou o campo, levantando diante da casa, no dia em que Anna Rosa subiu para a sua companhia, um mastro de festa.

Atirado ao trabalho, ninguem o viu mais em pagodes. Raro em raro descia á villa, num macho, a fazer compras. Nem nas festas apparecia, Anna Rosa tão pouco · viviam lá em cima entocados e, se não fôsse a belleza da roça, que se impunha como testemunho de vida, ninguem diria que ali habitavam criaturas.

Cabras berravam, dois bois, uma vacca, appareciam nedios, pastando na vertente da collina ; por vezes bacorinhos desciam até a cêrca grunhindo, e o macho : eram os animaes do sitio.

Um dia, porém, Simão Cabiúna entrou na villa com uma carrocinha que o macho tirava aos trancos, num galope frenetico, e parou á porta de Nhá Bemvinda, voltando com ella, na mesma tirada, aos solavancos, estrada fóra.

« É Anna Rosa com o mal, disseram logo os que o viram partir com a curandeira. É a peçonha . . . » Mas, no dia seguinte, com a chegada da velha, a verdade espalhou-se : « Anna Rosa tivera uma menina ». E a curandeira, que tudo espionára, gabou a casa do caboclo — « Farta, tinha de tudo : carne e toucinho na corda, salmouras ; e que limpeza ! Os lençóes da cama eram alvos como algodão virgem, a camisa da mulata tinha um cabeção de crivo de mais de um palmo de largura. Até ber-

ço para a criança o caboclo fizera, de junco trançado. Uns grandes ! »

A cabana, de construcção provisoria, compunha-se de uma sala e dois quartos. A sala, espaçosa e clara, com duas grandes janellas, era ao mesmo tempo cozinha e despensa. Em uma das faces o fogão : tres pedras em triangulo, sobre as quaes pousava a panella de barro, tres outras mais adiante para a chaleira, sempre ao fogo. Em cordas de tucum a manta de carne, o toucinho, as linguiças, o lombo, o bacalhau, as resteas d'alho e de cebolas ; o mais para o consumo, era colhido na roça todas as manhans.

O tecto, enfumarado, parecia tinto a piche e reluzia. Uma mesa de pinho ennegrecida, duas cadeiras de assento de embira trançada, uma velha caixa, um tamborete eram a mobilia. Na parede a viola, o facão na bainha de couro e uma espingarda de dois canos. Em um dos quartos, illuminado por uma janella que abria para a matta, dormia o casal, protegido por uma « *Conceição* » no seu oratorio envernizado ; no outro quarto guardavam as grandes arcas de roupa, a sella, os ferros da lavoura, as sementes

Simão Cabiúna, nos primeiros dias do parto de Anna Rosa, apenas sahia de manhan para soltar os animaes e á tardinha para os recolher. Tomou uma velha negra para o serviço de casa e feliz agarrava nos braços robustos a criancinha gabando-a, enlevado e orgulhoso. O mesmo choro da filha era para o caboclo motivo de festa, achava que parecia

de uma criança taluda e annunciava : que haviam de vêr a mulheraça que dali sahia.

Ainda Anna Rosa guardava o leito quando uma tempestade violenta cahiu com aguaceiro e ventos. Os relampagos alumiavam sinistramente o interior da cabana e de dentro ouvia-se o jorrar encachoeirado das aguas que desciam da matta pela collina, cavando a terra a ponto de arrastar grandes raizes de mandioca na enxurrada.

O rio grosso, barrento, roncava no vallo e as arvores, curvadas pela ventania, enchiam a escuridão de pavoroso barulho. E os trovões fortes, repetidos e prolongados em echos reboantes, succediam-se a mais e mais, tremendos.

Pelas taliscas da cabana, pelas frinchas do sapê o vento entrava zunindo ; por vezes era tão violenta a lufada que os muros tremiam abalados como em terramoto.

Diante do oratorio crepitava, dia e noite, a lamparina e Anna Rosa, apavorada, rezava exclamando : « Misericordia ! » e persignando-se sempre que a luz livida de um relampago afuzilava o quarto. Queria todos perto do leito, aconchegava a criança como para protegê-la do raio junto do coração ; e o vento fóra uivava.

Dois grandes dias d'agua passaram e frios como se fóssem d'inverno. Cuidados não faltaram : os buracos calafetados com palhas de milho, um panno corrido para proteger o leito, uma fogueira accesa na sala proxima para aquecer o aposento onde a briancinha vagia no berço, ora junto á mãi ou nos peaços de Cabiúna, que a apertava de encontro ao crito, cantando trovas para adormecê-la ; e, numa

corda, tirada dum angulo a outro da sala, as fraldas arejavam, á falta de sol, até que a negra as enxugasse a ferro. De quando em quando Cabiúna entreabria a porta, lançava um olhar desconsolado ao sitio devastado pela tormenta, mas dava de hombros resignado, recolhendo-se.

— Ora ! uns pés de milho de menos, mas a terra ganha força.

Corria ao berço e, de socoras, com a sua voz forte de campeiro ameigada para caricias, chamava a filha, ria-se vendo-lhe os olhinhos innocentes que erravam como duas mariposas buscando a luz.

— Eh ! caboclinha bonita de seu pai ! Eh ! gente!

Ás vezes Anna Rosa intervinha para que elle deixasse a criança dormir e, mesmo do leito, cicia-va ninando a filha que se debatia encolhendo e esticando as pernas e os bracinhos.

Uma manhan Anna Rosa despertou gemendo : dôres fortes nas fontes, nos olhos, uma afflicção na cabeça. E com o dia as dôres augmentaram a ponto de não lhe ser possivel amamentar a pequena ; enchia a casa de gritos agoniados, apertando a cabeça com ambas as mãos, desatinada.

Parecia que ia arrebentar, dizia. Chamassem nhá Bemvinda, pelo amor de Deus. Não podia mais : morria.

E de novo o macho partia a trote, estrada fóra, caminho da villa, levando a carrocinha aos solavancos.

A curandeira, mal chegou junto á cama onde Anna Rosa estorcia-se implorando allivio, disse a Simão Cabiúna que era coisa grave : o parto que subira á cabeça : algum descuido, quebra de res-

guardo. E, atirando o châle para uma cadeira, em mangas de camisa, sahiu para o campo á cata de hervas para um chá forte, recommendando logo que dessem leite de vacca á criança porque os peitos da mãi iam seccar.

A negra, estonteada, atiçava o fogo para ferver a agua, acudia ao quarto, abria as arcas procurando baetas, resmungando rezas e esconjuros. Cabiúna, com as lagrimas nos olhos, pensando nas duas criaturas da sua affeição, sahiu para ordenhar a vacca. Os gritos de Anna Rosa, agudos, desesperados, chegavam aos ouvidos do caboclo e elle, agachado, mungindo o animal que continuava a pastar tranquillamente, erguia os olhos ao céu com fervor, pedindo a Deus pela pobresinha.

Os pés escaldados em agua quente, Anna Rosa tomou a malga de herva cidreira adoçada a mel de abelhas e atabafou-se suando copiosamente: as roupas ficaram de torcer-se, a cama foi refeita, tão humida ficou e a dôr continuava, ainda que mais branda, em latejos como martelladas. Todavia, ao amanhecer, o somno deu-lhe um pouco de allivio, mas o choro da criança despertou-a commovida:

— Coitadinha de minha filha! Ah! nhá Bemvinda, deixa eu dar um pouco de mama agora, uma vez só... ella é tão pequenina ainda.

Mas a curandeira oppoz-se.

— Que não: até podia fazer mal á criança. Cuidasse de ficar bôa: a pequena já dera conta de uma chicara de leite fervido. Havia de criar-se. Deixasse-a por sua conta.

Cabiúna, pisando na ponta dos pés descalços,

fumando sempre compridos cigarros de palha grossa, espiava á porta do quarto indagando da enferma e da filha e tornava á sala acocorando-se junto ao brasido, a picar fumo ou alisando sobre a côxa, com o seu canivete de mola, as palhas para os cigarros. No terreiro os dois cães de caça, *Batuque* e *Bôca negra*, ladravam, de quando em quando, aos rumores da matta proxima.

Na manhan seguinte Anna Rosa despertando, d'olhos abertos, com uma «zoada nos ouvidos», queixou-se da escuridão:

— Nem sequer via o berço da criança; aquillo ali dentro estava como breu. Ao menos accendessem a lamparina da Senhora.

A negra, que passeava um defumador com alfazema e capim cheiroso, acudiu:

— Que a lamparina estava accesa, até com azeite novo

Anna Rosa, amuada, insistia, teimava e exaltou-se com a negra a ponto de acordar a curandeira, prostrada de fadiga sobre uma esteira:

— Que é isso? Não se amofine. Você não póde falar assim, filha de Deus!

E Anna Rosa queixou-se da escuridão: «Que a negra mentira dizendo que a lamparina estava accesa.»

— Mas está accesa mesmo, criatura. Você está mas é com somno; dorme. Pois uma luz como aquella você não vê?

— Que luz, nhá Bemvinda?

— Ó mulher!

— Não vejo luz nenhuma.

A curandeira, ajudando-se com as mãos, er-

gueu-se pesadamente com um ai! suspirado e logo caminhou para o leito:

— Então você não está vendo a luz?

— Não vejo, não, nhá Bemvinda. Vejo tudo escuro, tudo negro, por Nossa Senhora!

— Espera ahi. E a velha, paciente, tomou a tigela onde a marca fluctuava sobre o azeite de mamona, espichando uma chamma tremula e, caminhando para Anna Rosa, perguntou, entre reprehensiva e carinhosa: Ainda não vê, cai eçuda?

— Não vejo não, nhá Bemvinda.

A curandeira ficou boquiaberta, esgazeada diante do leito onde a parturiente resmungava, de máu humor: «Que não via, não via nada. Tambem tanto não!» A negra, parada, contemplava num silencio de espanto. Pouco a pouco, porém, como lhe voltasse a calma, a velha entrou a ruminar, mascando o fumo e, rebolando o pesado corpo obeso, repoz a lamparina no oratorio, dando de hombros.

— Então não vê?

— Já disse, nhá Bemvinda. Eu preciso mentir? Nem que eu fósse criança. Que coisa!

E, com um muchocho, repuxando as cobertas, voltou-se para a parede, enfezada.

A velha sahiu para a sala e, como a negra a interrogasse com os olhos attonitos, disse apenas, baixinho, meneando com a cabeça:

— Isso não é bom signal. Anna Rosa não está bôa, não; não está nada bôa. Você vai vêr. Deus queira que não venha por ahi alguma desgraça! E com o indicador na fronte: Muitas perdem isto... ha tantos casos!

Tomando da corda as roupas da criança, agachou-se diante do fogo, atirando para as brasas punhados de alfazema e, ao fumo oloroso que subia, perfumou as fraldas e as camisinhas passando-as e repassando-as na columna da fumaça cheirosa e morna.

Cabiúna voltava da roça seguido dos cães, com uma enfiada de rôlas no cano da espingarda quando a curandeira lhe communicou as suas apprehensões. O caboclo, perplexo, com o coração aos pulos, ouvia de olhos altos, hirto, num assombro.

— Doida! Anna Rosa doida?! repetiu sem baixar a vista.

E, precipitando-se para a sala, encostou a arma a um canto e entrou no quarto afflicto: ia falar á amasia quando a negra cochichou:

— Ella está passando pelo somno.

Mas a mulata, que ouvia, acudiu irritada:

— Não estou dormindo nada. É você, Cabiúna?

— Eu mesmo, flôr.

Ella voltou-se lesta e, atirando os braços, procurou-o. O caboclo inclinou-se á caricia.

— Cabiúna, eu quero vêr minha filha. Nem isso essa gente deixa.

Cabiúna tomou a criança carinnosamente a mãos ambas e apresentou-a:

— Olha aqui, flôr; olha aqui. Está com os olhinhos abertos.

— Dá cá ella. Mas está tão escuro! Sentou-se no leito recostando-se aos travesseiros e estendeu os bra-

ços recebendo a filha. Está tão escuro! Que horas são?

— Vai caminhando para o meio-dia.

— Está tão escuro! Abre um pouco a janella.

O caboclo, indeciso, acenou á negra para que chamasse a curandeira e, quando a velha appareceu, rezingando contra os cães que enchiam a casa de pulgas, disse-lhe:

— Ella quer que eu abra a janella.

— Póde abrir, está um dia de sol.

E elle, contente por satisfazer a amasia e por ter, emfim, occasião de vêr a filha á claridade, voltou a taramella e um raio de sol esguichou no quarto sombrio, fino, a principio, como uma fita e alargando até que pela janella, francamente aberta, entrou a grande luz radiosa, deixando vêr o céu, muito azul, as arvores viçosas, as collinas remotas. A chamma da lamparina amortecia como um vagalume em noite de luar e a brisa dos campos, acariciante e morna, cheirando a silvados, arejou o quarto purificando-o.

A criança, franzindo a fronte, offuscada pela violencia da claridade que as suas retinas reflectiam na primeira visão, piscava os olhos chuchando a chupeta, e Anna Rosa, inclinada, d'olhos abertos, pediu de novo:

— Abre a janella, Cabiúna. Abre toda.

— Está aberta, flôr. Você não vê?

— Não vejo nada.

— Está aberta.

— Abre mais.

— Está toda.

Ella então levantou a cabeça, apertada num

lenço de ramagens d'onde lhe desciam para as costas as duas tranças negras e, d'olhos limpidos, muito abertos, fitou a janella longamente, sem pestanejar, numa esquecida fixidez de arroubo. O caboclo, immovel, os braços cruzados, seguia-lhe o olhar energico ; a curandeira e a negra pareciam atordoadas.

— Cabiúna, chega aqui. O caboclo inclinou-se para a enferma e ella, meiga, implorou : Abre a janella, meu bem.

— Está toda aberta, flôr. Olha o sol na cama. Você não sente ? não vê ?

— Não vejo nada.

Cabiúna lançou um olhar angustiado á curandeira que meneava com a cabeça ; a negra, com uma das mãos no rosto, olhava compadecida.

— Então você não está vendo a pequena ?

— Está no meu collo, eu sinto, mas vêr, não vejo, não, Cabiúna ; por Nossa Senhora ! Esfregou os olhos e, de novo, fitou a janella passando vagarosamente a mão pela face. Eu estou sentindo o sol. De repente, num grito : Cabiúna, ah ! meu caboclo ! Cabiúna . . . o sol está aqui, eu estou sentindo, mas não vejo. E, atirando os braços, em grande desespero, bradou : Ah ! minha Mãi do céu ! minha Mãi do céu ! . . . eu estou céga ! Gente ! eu perdi a minha vista ! Eu estou céga ! Ah ! minha filha ! Cabiúna ! Nhá Bemvinda ! Gente ! eu não vejo mais, eu não vejo mais ! Nem para vêr minha filha. Ah ! minha Mãi do céu ! Ah ! minha Mãi do céu ! E, com uma voz surda, agarrando a cabeça, derreada sobre a criança que olhava tranquillamente, pôz-se a dizer : Anna Rosa não vê mais ! Anna Rosa não vê mais . . . não vê mais ! não vê mais !

Num impeto, porém, sem lembrar-se da filha, quiz descer da cama. A curandeira acudiu amparando a criança e Cabiúna susteve a mulata :

— Que é isso, flôr ? Que é isso ?

— Ah ! meu caboclo . . . eu estou céga ! e sacudia ansiadamente a cabeça. Eu estou céga ! Sua Anna Rosa não vê mais, meu caboclo !

Cabiúna chorava em silencio, as lagrimas desciam-lhe dos olhos grossas, cahindo gota a gota no leito.

— Ah ! meu caboclo . . . Aquella dôr de cabeça, quando eu dizia a vocês que estava sentindo *a modo* de alguma coisa que me arrebentava por dentro. Eram meus olhos que estavam se apagando. Eram meus olhos, coitada de mim ! E que ha de ser agora ? Juntou as mãos como em prece : Que ha de ser de mim ?

Os que a ouviam não achavam palavras de consolo. Cabiúna forcejava com ella para que se deitasse, animando-a :

— Deus é grande, flôr !

Mas a criança abriu num chôro forte nos braços da curandeira.

— Chora, chora, minha filha. Sua mãi não póde mais vêr você. E estendendo os braços : Dá cá ella, gente. Dá cá ella. E recebendo a filha, beijando-a sofregamente : Ah ! meu anjinho ! . . . meu anjinho !

Mas o frenesi retomou-a :

— Minha Nossa Senhora ! que foi que eu fiz ? Que foi que eu fiz, meu Pai do céu ? Cabiúna, meu cabóclo, isso foi coisa feita, foi coisa feita, por in-

veja. E numa furia, os dentes cerrados : E foi essa negra ! Eu não quero mais esse diabo aqui. Foi ella, Cabiúna, a mandado.

A negra avançou chorando :

— Ah ! nhá Rosa . . . Eu ? Eu fazer mal a vancê ! Eu ! ? não diz isso, não, nhá Rosa . . .

— Foi você ! Cabiúna, manda ella embora.

A negra atirou-se de joelhos, erguendo as mãos, os olhos em pranto :

— Nhá Rosa, por essa luz que me alumia, por essa imagem de Nossa Senhora . . . eu não quero mais me levantar daqui . . .

A curandeira interveiu :

— Está bom : chega ; deixa disso, gente.

— Mas dóe, nhá Bemvinda. Dizer que eu fiz mal . . . por que ? Isso dóe, nhá Bemvinda. Eu nunca andei com porcaria.

Cabiúna fez-lhe um gesto para que sahisse e Anna Rosa, inquieta, apalpando-se, esfregando os olhos, murmurava. Teve um momento de silencio, de immobilidade.

Cabiúna retirou vagarosamente a criança do collo da enferma e entregou-a á curandeira. Anna Rosa parecia insensivel ; o sol dava-lhe em cheio no rosto e o seu collo moreno, que a camisa desabotoada deixava em meia nudez, apparecia em dois globos rijos, cheios, em tumida apojadura criadora. O caboclo, com geito feminino, abotoou-lhe a camisa, cobriu-a, afagando-a sem falar para não dar a perceber que chorava. Ella sorria dolorosamente, franzia a fronte, rolava os olhos com angustia e, lentas, duas lagrimas despenharam-se-lhe das palpebras. Veiu-lhe então um acceso de chôro, e, por

entre o pranto, ouvia-se-lhe o lamento surdo e desesperado :

— Misericordia divina ! que ha de ser de mim ? Céga ! Para que fazerem mal aos outros assim, meu Senhor Jesus ? Para quê ? Nem para criar minha filha ! Ah ! minha Nossa Senhora ! antes eu tivesse morrido.

E, desesperada, atirou-se ao leito soluçando. Mas começou a ranger os dentes, repuxando as cobertas com os dedos crispados, esticando as pernas e, subito, voltando-se na cama, hirta, retesa, levantou-se em arco, firmada no alto da cabeça, nos calcanhares e nos cotovellos fincados no colchão e rugia, com um offego forte. Estrebuchos sacudiram-na, soltou um grito opprimido, abateu pesadamente arquejando e, atirando as pernas e os braços, começou em escabujamentos indomitos, resistindo aos pulsos do caboclo que procurava contê-la chamando-a, lembrando-lhe a filha, luctando com ella sem conseguir subjugá-la. Quando a crise serenou abrandando os movimentos, voltando-lhe, pouco a pouco, a calma, num deliquio, numa especie de modorra, o caboclo, banhado em suor, dirigiu-se á curandeira :

— Nhá Bemvinda, pelo amor de Deus, diga a verdade : é cegueira mesmo ou é mal do parto ?

— Ah ! meu filho . . . e olhando-o com desconsolação : para dizer a verdade eu acho, para mim, que ella está céga. Está como a Therezinha. Ali só Deus.

— E essa negra ? indagou o caboclo com voz surda.

— Coitada da pobre de Christo! Não pensa nisso.

Para que havia ella de fazer mal a Anna Rosa ? com que fim ? Coitadá da pobre de Christo ! Essa molestia dá assim mesmo, ás vezes é um ar. Therezinha não cegou brincando ? Quem ia fazer mal á Therezinha, uma criança que nem moça era ainda ? Molestia de Deus, meu filho ! Molestia de Deus. Que se ha de fazer ?

E o caboclo, acabrunhado, sahiu a passos lentos para o terreiro e, cruzando os braços, trincando os labios, os olhos perdidos, começou a chorar silenciosamente diante dos cães que o festejavam, alheios á grande dôr que prostrava a alma forte do sertanejo ousado. A tarde, pelo céu violaceo, começava a ennevoar-se.

II

Tres vezes o macho, atrellado á carrocinha, desceu a trote conduzindo Anna Rosa ao medico, na villa. Caminhadas perdidas : a escuridão persistia.

Promessas, mèzinhas, sympathias, tudo foi feito sem resultado : os olhos extinctos rolavam angustiosamente nas orbitas como passaros captivos tentando ganhar a liberdade do grande espaço, da grande luz para o sempre perdida.

A calma veiu vindo com o correr do tempo, a resignação substituiu o desespero, posto que, muitas vezes, ella cahisse em pensativo silencio, sentada á porta da cabana, com os cotovellos fincados nos joelhos, as faces nas mãos, os olhos escancellados com lagrimas pingando uma a uma, como goteiras de chuva.

As gallinhas mariscavam perto della e o gato

esfregava-se-lhe voluptuosamente pelas pernas provocando caricias. Cabiúna, para não a deixar só com a criança que engatinhava, tomou uma caboclinha para o serviço. Anna Rosa, activa e inquieta, apesar de céga, não esquecia a casa, ordenando arranjos, lembrando affazeres.

— Você já varreu o terreiro, Candida ? já cuidou dos passarinhos ? Olha a cama. Vê o fogo.

A criança, tartamudeando pela casa, desvanecia a tristeza, attenuava o soffrimento da céga agarrando-se-lhe ás pernas, firmando-se para ficar de pé, babujando-lhe o rosto com as mãosinhas finas, com a bôca tumida e cheirosa. E a céga sorria, tomava-a ao collo, apertava-a com frenesi, beijando-a toda. Não podendo estar á tôa, com uma mão atraz, outra adiante, para fazer alguma coisa socava ao pilão o café e o arroz, peneirava o fubá, debulhava o milho, ou, á sombra da jaboticabeira, cantando, ia torcendo a moenda para espremer o caldo que escorria para um cuité pousado em baixo, entre pedras.

Ás vezes, Candida acudia aos gritos, rindo :

— Nhá Rosa, *olhe* o cabrito bebendo o caldo.

A céga, então, irrompia em brados, vergastando ás tontas com um bagaço de canna :

— Sahe, damnado ! É porque eu não te vejo, seu diabo ! Deixa-te estar ! Mas ouvindo as gargalhadas da caboclinha, ria tambem, dizendo com resignação : Me apanharam assim . . .

Curvava-se de novo, retomava a cantiga e a moenda rinchava esmagando a canna que ella ia apanhando do monte e vagarosamente entalava entre os cylindros.

Á tarde, quando Cabiúna voltava da roça, mal sobrava o tempo para a narrativa das travessuras da criança : mais isto, mais aquillo, fizera, acontecera. Candida ajuntava sempre um episodio novo. O caboclo sorria, enlevado. Se a filha dormia, ia espiá-la ao berço afastando o lençol que a protegia dos mosquitos. Se ainda andava pela casa tomava-a ao collo, provocando-a a falar, querendo vêr-lhe òs dentinhos que apontavam ; gabava-lhe a robustez e a formosura e, cauto, repetia sempre á Candida as mesmas recommendações :

— Que a não perdesse de vista ; que a não deixasse chegar perto do *engenho* quando Anna Rosa estivesse moendo. Ella não via e podia acontecer alguma coisa.

A céga concordava :

— É mesmo.

A grande preoccupação da mulata era o baptizado :

— Era melhor emquanto ella estava pequena e ficavam sem aquelle encargo de consciencia.

Já lhe haviam escolhido o nome : Felicia, Felicinha. O caboclo annuia :

— Pelo Natal, flòr ; está perto. Mas não queria festa, não tinha gôsto para mais nada com ella naquelle estado. Um jantarzinho melhor e estava acabado.

Mas Anna Rosa oppunha-se :

— Isso não, Cabiúna. Que tem que se faça uma *coisinha ?* Até eu me divirto. Coitada de minha filha ! E repetia, como offendida : Isso não !

A escolha dos compadres foi motivo para longas conversas, á tarde, no terreiro, quando as rô-

las gemiam na matta e as gallinhas empoleiravam-se.

Nhá Bemvinda era a madrinha. José Lomba o padrinho. Antigo companheiro de Cabiúna, era um homem de trabalho, dono de um negocio na villa. Logo pela Conceição começaram os preparativos para a festa.

No terreiro, sobre pedras, ferviam tachadas de calda para os dôces e Cabiúna, antes de sahir para a roça, todas as manhans, á meia luz nevoenta, dava uma demão á casa, reparando o adobe, tapando uma fenda, substituindo o sapê em certos pontos, capinando os caminhos e, quando vinha ao almoço, sempre trazia uma lembrança : levantar um arco de bambús á frente da casa, fazer uma fogueira no terreiro, convidar o Venancio, o Gonçalinho, gente que tocasse e moças.

Dias antes Nhá Bemvinda appareceu para ajudar no « que fôsse preciso » : trazia uma touca de rendas, uma figa e um par de sapatinhos para a afilhada e pôz-se logo á vontade, cirandando pela casa, contando a louça, os talheres, offerecendo o que quizessem para o dia : pratos, facas ; podia vir gente.

Na vespera, ainda o dia estava em casa de Nosso Senhor, mal o céu encardido annunciava a manhan, já Cabiúna, em mangas de camisa, no terreiro, afiava a faca nos bordos das pedras cantarolando e quando Nhá Bemvinda desceu á fonte para lavar o rosto, achou-o empenhado, mais a caboclinha, em escorchar o leitão que pendia dum galho de mangueira, aberto, com um páu atravessado no ventre roseo e liso e em baixo, num alguidar, o sangue e a fressura.

As aves, espantidiças, voavam com presentimento de morte, mettendo-se pelos mattos, fugindo diante de Candida que as perseguia : os gallos cocoricavam trepando aos ramos altos ; os patos, de azas abertas, iam em vôo rasteiro, batendo a terra com as palmouras e os pintainhos, abandonados, piavam em reclamo, chamando as mãis espavoridas.

Os cães, como em caçada, corriam, aos galões, pelos capins, ladrando e no alto a cabra berrava ouvindo o balar sentido de uma das crias que se debatia, amarrada a um cepo, voltando os olhos humidos, presagos, para o sitio verdejante onde nunca mais tornaria a retouçar, contente.

O dia passou em faina bulhenta. Nhá Bemvinda, arranchada sob o alpendre do paiol, arranjava as carnes, distribuia os temperos, revirando em alguidares o de-vinha-d'alhos, separando o sangue para o sarapatel, enchendo as linguiças, picando a fressura e Candida vasculhava a casa, arranjava os quartos emquanto Cabiúna arrastava feixes de bambús, cravando-os na terra, vergando-os em arco diante da casa. Mesmo Anna Rosa apparecia, de vez em quando, á porta, risonha, os olhos altos, e pedia trabalho :

— Gente me dê alguma coisa p'ra fazer ; eu posso ajudar, Nhá Bemvinda.

Á tarde o rincho de um carro de bois annunciou a chegada dos primeiros convidados. Era a gente do Lomba — duas meninas, a velha e a negra. Que algazarra ao descerem do carro, atrapalhadas com a esteira da coberta! Que de abraços e de risos, reparos e commentarios diante das pa-

nellas que ferviam, diante do forno acceso; gritinhos ao vêrem as cordas de linguiça penduradas das arvores: « Até pareciam cobras, Nossa Senhora! »

Cabiúna, radiante, annunciava:

— Hoje ninguem dorme. Tudo trabalha.

Ia e vinha, feliz, fidalgo á maneira rustica, lhano, franco, hospitaleiro, mostrando a filha, pedindo perdão da falta de commodos:

— Casa de pobre; mas uma noite é uma noite.

A céga, risonha, abria os braços e, distinguindo as pessoas pela voz, apalpava-as dizendo:

— Você é Marocas. Olha Angelina... Que moça, meu Deus!

Houve um brado no caminho — eram os rapazes: Gonçalinho com o machete, Venancio com o violão e mais dois moços, o Zé Braz com a flauta e o Crescencio *dos carros* com o contra-baixo.

O caboclo, vendo-os chegar, agachou-se, batendo nas côxas palmadas fortes:

—Eh! eh, gente! E abraçou-os.

Anna Rosa, numa felicidade transbordante, quasi esquecida da cegueira, ria, chalrava, offerecia « de comer e de beber »; e Cabiúna, com o garrafão, ia servindo o codorio confortativo

— Está frio, gente; mais um golinho.

A lua subia no céu, alva e serena, nevando a matta e os campos: os grillos começavam o seu canto nocturno. O rio, com a sua voz melancolica, resmoneava no vallo fundo. No interior da cabana as candeias fumegavam, espalhando uma luz livida e tremente; o bom cheiro da herva de S. João enchia a noite voluptuosa.

Felicinha, de collo em collo, tartareava; riam

de ouvi-la, provocavam-na e a criança, enfesada, repellia os braços que a sustinham, forcejava, com amuos, para descer. Anna Rosa intervinha: «Parecia um bicho do matto». E estendia os braços incertos para tomar a filha. Fóra, Crescencio tirava notas surdas do instrumento, a frauta desferia timidamente e Cabiúna, num salto, ganhou a soleira da casa:

— Espera ahi, gente! Espera ahi!

Despendurou a viola, sacudiu-a e, agachado a um canto, emquanto os outros afinavam os instrumentos, foi encordoando o seu *pinho* até que se levantou fazendo um ponteado trepido.

— Vamo-nos embora!

Sons tremulos, desconcertados, fugiram: a frauta trinou rapidamente, o contra-baixo, em tom profundo, respondeu, Gonçalinho dedilhou o machete, Venancio experimentou o violão.

— Vamos! Vamos!

E docemente, pela noite branca, atravéz do silencio religioso da matta e dos campos, soaram unisonamente os instrumentos languidos, melancolicos, cheios, ao mesmo tempo, dum quebranto queixoso e duma ternura meiga de amor.

A viola do caboclo, tão longo tempo esquecida, vibrava como se rememorasse os saudosos tempos das vigilias idyllicas, as noites nos ranchos, á beira dos campos largos, onde as manadas mugem á claridade do luar. O rio, como em acompanhamento grave, rosnava sempre, ao longe, e os cães, surprendidos pela musica, sentados nos caminhos niveos, uivavam maguadamente para o astro triste como se de lá, com a luz, descesse a serenata.

Á luz da manhan, saudada com estampidos troantes de roqueiras, começou o movimento no terreiro e na cabana. Fóra, Cabiúna e os rapazes improvisaram uma comprida mesa com taboas toscas pousadas sobre cavalletes, estendendo-lhes em cima duas toalhas alvas. O chão, varrido, foi assoalhado de folhas de cannela e de mangueira e os fogões rusticos, de pedras, sobre as quaes, desde cedo, as panellas ferviam, ardiam junto ao forno, sob a larga ramagem da mangueira.

As meninas do Lomba, estremunhadas de somno, bocejando, compunham os laços, alisavam os vestidos amarfanhados. Nhá Bemvinda, numa grande saia farfalhante de gomma, carregada de ouro, ia e vinha apressando a gente para que sahissem antes do sol forte, a tempo ainda de apanhar a missa.

Candida, com um avental bordado, faceirava, fazendo estalar na sóla do pé a chinelinha nova, muito vaidosa por ter de levar Felicinha, que caminhava pela casa de braços abertos, mirando os sapatinhos amarellos, calçados pela primeira vez.

O macho, arreiado, esperava pacientemente á porta, sacudindo as orelhas mordicadas pelas mutucas.

Cabiúna, de branco, indo e vindo com o ranger das botas de couro crú, o chicote de couro d'anta enfiado no punho, de instante a instante consultava o pesado relogio de prata.

— Está ficando tarde, gente. Vamo-nos embora!

Os cães, desacostumados daquella balburdia, mettiam-se timidamente por entre as pessoas, farejando-as.

Os rapazes da musica, molles de fadiga, procuravam cantos de frescura, arrastando esteiras para baixo das arvores, atirando-se com espreguiçamentos para dormir uma somneca até á volta do baptisado. Anna Rosa, sempre risonha, rolando os grandes olhos negros, lindos apesar da cegueira, recommendava o maior cuidado com a pequena :

— Que a não expuzessem ao sol ; que a segurassem bem no carro, era muito travessa.

E, quando Cabiúna deu o signal da partida, Nhá Bemvinda tomou a céga delicadamente pelo braço:

— Vamos, comadre ; anda abençoar a pequena.

Anna Rosa, com lagrimas felizes, levantou a mão tremula, e, sentindo os labios macios da filha, balbuciou :

— Deus te crie p'ra bem, minha filha. E, como a caboclinha seguisse á frente, a céga perguntou : Ella vai bonitinha, gente ? Candida está com tanta pressa . . . nem me deixou *vêr* minha filha.

— Vai que nem uma princeza, disse Cabiúna.

— E a figa ?

— Já tem. Até logo, flôr.

— Até logo ! Deus Nosso Senhor te proteja, minha filha ! disse Anna Rosa da porta da cabana.

— Amen ! responderam os que desciam.

E, parada á porta, os braços abertos nos umbraes, os olhos altos, um sorriso ineffavel no rosto, a céga parecia acompanhar um sonho mystico pelo espaço azul, dourado pelo sol ardente, que já subia alumiando os mattos cheios do chilro dos passaros e do cicio agudo das cigarras. A *velha* do Lomba e a negra cuidavam do almoço, arranjando a mesa, enchendo os vasos de flôres, accommodando pyra-

mides de laranjas nas fruteiras de barro. Anna Rosa, de quando em quando, chegava á porta, perguntando:

— Ainda nada, gente?

E a negra, prestando o ouvido ao longe:

— Ainda nada, nhá Rosa.

— Está demorando.

Para o meio-dia, sol forte, no ar silente e morno, o chiado do carro annunciou de longe a volta do baptizado. A negra precipitou-se para avisar a céga:

— Já vem ahi, nhá Rosa! Já vem ahi!

— Vai acordar os moços! Vai acordar os moços!

E a mulata, afflicta, esfregava os olhos como se pudesse dissipar a nuvem densa que os velava para vêr a filha que voltava da pia lavada dos peccados, christan, aceita por Deus entre os seus anjos. Ouvindo o rangido dos eixos á distancia, sorria contente.

— Já vem mesmo. Onde está seu Crescencio?

— Aqui, nhá Rosa. Não ha novidade

Os rapazes, de pé, escorvavam os rojões, pediam fogo. Crescencio, em mangas de camisa, descalço, desceu ao caminho que levava á cêrca para dar o signal, os outros esperavam nos carreiros. Subito o arranco de um foguete rasgou a serenidade do ar e outros, logo em seguida, arrojaram-se pelo espaço estourando.

O carro chegava á cêrca entre cavalleiros: Zé Lomba, anafado e rôxo, suando por todos os póros. um lenço por baixo do chapéu protegendo-lhe a caluga requeimada, balançava as pernas gordas sobre a mula; o Medeiros, da botica, o Seraphim do

rancho num potro passarinheiro, que se enfeitava todo no esquipado.

Cabiúna, tomando Felicinha dos braços de Candida, sentou-a á frente da sella e, cravando as esporas no macho, ganhou as sombras para que a criança não apanhasse uma febre má áquelle sol de matar passarinhos. As meninas do Lomba, sempre gárrulas, com as suas sombrinhas de cassa, subiam estafadas, arquejando, e nhá Bemvinda, esbaforida, as saias levantadas á frente, lenta e pesada, vencia a ladeira abrigando-se junto ás arvores com receio das tabocas que cahiam nos mattos.

Os cães iam e vinham ganindo e Anna Rosa, ouvindo as garrulices da filha, pediu-a, abraçou-a, beijando-a muito numa effusão de ternura, implorando ao Senhor que a fizesse mais feliz do que ella, que a favorecesse com todas as venturas. E transparecia-lhe no rosto moreno e bello, atravéz da alegria que o illuminava, a magua de não vêr:

— Ah! minha caboclinha. O que vale é que eu te vejo com o coração.

Falavam todos ao mesmo tempo contando as proezas da pequena:

— Que cuspira o sal, que repellira o vigario, que fizera rir na igreja a quantos lá estavam, com as suas travessuras. Que não se espantára de nada.

E nhá Bemvinda, refestelando-se em uma cadeira, declarou:

— Que já não havia crianças. Hoje em dia os pequenos nascem sabendo tudo, não se espantam de nada.

Ao almoço, copiosamente regado, Anna Rosa

contou a sua dolente historia : como perdera a vista, os presentimentos que tivera, a grande dôr de coração quando ouvia chorar a filha sem poder vê-la. Mas já estava resignada. Que havia de fazer ? E garantiu que *via* tudo.

Ás vezes parecia-lhe que havia recobrado a vista, tudo lhe surgia aos olhos : o sitio, os campos; *via* as pessoas conhecidas, *via* o sol, *via* tudo, como em sonho, mas a afflicção depois era maior. Crescencio, para dissipar a tristeza produzida pelas palavras da céga, levantou-se e, de copo em punho, fez um brinde ; foi o inicio das saudes — todos brindaram, até uma das meninas do Lomba bebeu á Felicinha

Já o sol tombava para os lados da varzea quando os convivas deixaram a mesa fartos, procurando sombras frescas e repousadas. As meninas e Candida lembraram a illuminação dos arcos e, despolpando laranjas, encheram as cascas de agua e azeite, sobre o qual fizeram fluctuar marcas de lamparina e dependuraram essas lanternas aos festões dos bambús recurvos. Á noite, mal terminou o jantar — o luar vestia virginalmente a paizagem e as cascas das laranjas, em cuias luminosas, balançavam-se como frutos d'ouro — logo os instrumentos deram o signal das danças

Felicinha dormia. Anna Rosa, sentada num tamborete, escutava embevecida e as valsas e polkas sabidas no sertão iam pela noite fóra, suavissimamente, até que as cantigas vieram, languidas umas vezes : casos de amor, casos de morte amorosa, ou intrepidas e altivas, narrando feitos nos campos de gado, entre campeiros e touros ou mys-

terios da superstição dos simples : encontros d'almas penadas, maldades de saeys, nos mattos.

A estrella d'alva luzia, diamantina e pura, quando o Lomba, moído e com somno, deu por findo o pagode. Era melhor sahirem com a fresca da manhan, devagar : chegariam á villa com o dia ; e os moços, aceitando o lugar que o velho lhes offerecia no carro, tocaram á despedida, apesar das instancias de Cabiúna e de Anna Rosa : « Que valia a pena esperarem o dia, passariam o Natal ali, para o enterro dos ossos ». Desculparam-se e começaram os adeuses, abraços, votos de felicidade.

A céga quiz acompanhá-los até o terreiro e foi, pela mão de Cabiúna, arrastando os passos, a cabeça alta, como uma somnambula.

Descendo, as meninas atiravam adeuses e os rapazes iam afinando os instrumentos.

— Adeus, gente !

— Adeusinho !

O carro rinchou agudamente e a musica irrompeu alegre ao frio luar da madrugada. Gallos cantavam nos mattos e, atravéz do guincho percuciente dos eixos, muito tempo ainda ouviram-se os instrumentos, cujos sons morriam nos caminhos adormecidos.

— Então, flôr ?

— Esteve bom.

E os dois, recolhendo á cabana, abraçados como noivos, diante do berço de Felicinha, pararam extasiados e baixinho, ao ouvido da céga, Cabiúna disse :

— Está dormindo, flôr.

E Anna Rosa ajuntou :

— Com os anjos de Deus !

No quarto proximo nhá Bemvinda, estafada, roncava e, ao relento, a grande mesa estendida parecia esperar convivas mysteriosos.

Orvalhava e os grillos recomeçaram no silencio o canto merencoreo.

Candida, mulher feita, abandonou a casa seduzida por um carreiro e Cabiúna tomou para o serviço um casal de africanos que levantaram uma choça, ao abrigo da collina, para os lados do rio. A negra fazia o serviço da cabana e, emquanto as panellas ferviam, descia á beira d'agua para lavar a roupa ; o negro ajudava Cabiúna na roça.

Felicinha, criada em plena natureza, desenvolvia-se rapidamente e, aos doze annos, era uma morena esbelta e forte, de lindos olhos negros, bastos cabellos luzidios, que Anna Rosa desembaraçava á noite, carinhosamente, sentada no limiar da cabana. Alegre e activa, não parava um instante arranjando a casa : os vasos recendiam sempre e, aos pés da Conceição, todas as manhans as flôres eram substituidas. Ás vezes, porém, a céga chamava-a sem resposta. Felicinha andava pelos mattos guindando-se ás mangueiras, vergando os ramos das jaboticabeiras ou armando arapucas para apanhar rolinhas. Anna Rosa affligia-se, desesperava-se : « Havia tantas cobras e aquella menina, nem como coisa . . . » A negra, para tranquillisá-la, sahia á procura da pequena, trazendo-a afogueada da soalheira, carregada de frutas.

Foi numa manhan de junho que a negra, procu-

rando a céga em segredo, deu-lhe a entender que Felicinha desabrochára para a vida pagando o seu tributo virginal á Natureza. Anna Rosa pasmou :

« Parecia-lhe que a pequena nascera hontem ; tinha ainda nos ouvidos os seus balbucios infantis, as suas gracinhas, e já mulher ! » Felicinha, timida, vergonhosa como de uma falta, evitava os olhos cégos da mãi e, quando ella a chamou, attrahindo-a mimosamente, entre risonha e chorosa, amuou :

— Foi Rita. Tambem conta tudo. Que lingua ! Se eu soubesse não dizia nada.

Anna Rosa, porém, sorrindo, explicou-lhe :

« Que aquillo era natural, havia de acontecer mais dia, menos dia. Então, que ella já não era uma criança, devia ter mais cuidado : nada de andar pelos mattos como uma bugresinha, trepando nas arvores ; nada de descer sósinha á beira do rio ». E aconselhando-a :

— Minha filha, é o dote que Deus te deu, é a tua fortuna. A mulher deve guardar o seu corpo para bem merecer. E contou-lhe, como um romance, a sua victoria sobre os seductores no tempo da mocidade e a boa sorte da sua vida : Cabiúna, simplesmente porque ella soubera manter-se. Você está moça, pensa no dia de amanhan. O mundo está cheio de armadilhas. Para perderem uma rapariga os homens inventam tudo, promettem mundos e fundos e um bello dia atiram a desgraçada na rua sem mulambo, sem um pedacinho de pão, com um filho nos braços. Nem todas pódem dizer o que eu digo, minha filha. Eu levanto as mãos para o céu por ter encontrado um homem como teu pai,

mas nem todos são como elle. Estás moça, ouve o que eu te digo, sou tua mãi, quero a tua felicidade. Deus te abençôe. Deus te dê uma boa sorte.

Felicinha ouvia os conselhos calada, torcendo as franjas do mantelete de lan, abstrahida, como num sonho. « Estás moça ! » e taes palavras soaram-lhe aos ouvidos como um oraculo. Afastou-se pensativa e, caminhando no terreiro, ao sol, parecia-lhe que todos os cantos, as arvores, as pedras, o ar tepido, as sombras dos galhos, as andorinhas, tudo, emfim, segredava mysteriosamente as mesmas palavras de iniciação : « Estás moça, Felicinha, cuidado ! »

Á noite, recolhendo-se ao leito, Cabiúna teve a noticia em segredo e foi uma surpreza feliz para o caboclo.

— Quando foi ?

— De noite.

Houve um curto e extasiado silencio e elle suspirou por fim :

— Parece que foi hontem, hein, flôr ?

— É verdade ! Como o tempo corre ; parece que foi hontem.

Anna Rosa, sentada no batente da porta diante de uma peneira, debulhava milho quando ouviu a exclamação de espanto de Felicinha.

— Uê ! papai !

A cega levantou a cabeça e rolando os olhos perguntou :

— Que é ?

— Papai parece que vem doente.

A céga ergueu-se afflicta com um desvairamento no olhar tenebroso.

— Doente de quê? Que é que elle tem?

Mas Cabiúna, que já havia chegado ao terreiro em companhia do negro, serenou-a:

— Não é nada, flôr. O sol está muito forte e eu andei desentupindo o rego. Não é nada. Deito-me um instantinho e logo mais estou prompto.

Estendeu á céga a mão aspera de terra e, guiando-a, entraram juntos na cabana.

— Mas você está ardendo em febre, Cabiúna.

— É do sol, flôr. É calor do sol. Vamos.

Felicinha seguiu-os espantada e precedendo-os no quarto para arranjar a cama:

— Porque não toma um chá, papai?

— Tomo. Mas não fiquem assustadas. Isto não é nada. Está um sol que escalda, nem a gente póde encostar os pés na terra, parece fogo.

Mas o caboclo offegava, dominando-se, entretanto, para não assustar a filha que o mirava preoccupada. A céga, sempre junto delle, afflicta, instava com a negra para que atiçasse o fogo.

— Um chá de losna, Cabiúna. Quem sabe se não é do estomago?

— Não; um chá de aranjeira, flôr. P'ra que losna?

E, chamando por Felicinha, caminhou para o quarto levando a céga vagarosamente.

— Tira a roupa e deita, meu velho.

E Cabiúna, amollecido, num alquebramento de todo o corpo, começou a despir-se atirando a roupa suada para cima duma velha caixa e metteu-se na cama, trincando os beiços. Doíam-lhe as pernas

como se elle chegasse de longa jornada, a bôca, resequida e espessa, tinha um sabor estranho, a cabeça estourava-lhe. Deitou-se e Anna Rosa, sentando-se á cabeceira do leito, apalpou-lhe a fronte.

— Cabiúna, você está com um febrão !

— Não é nada, flôr. Deixa de medo ; não é nada. Olha, o Chico póde voltar para a roça. Não preciso delle aqui. Manda o Chico embora.

Felicinha entrou ás pressas no quarto com a tigela de chá.

— Toma, papai. Toma assim mesmo quente.

— E o Chico ? Olha . . . É você, Felicinha ? Ah ! Olha, Felicinha : manda o Chico para a roça, não preciso delle aqui.

— Já foi, papai.

— Sim, não preciso delle.

— Toma o seu chá.

— Toma, meu caboclo, insistiu Anna Rosa.

E Cabiúna, d'olhos flammejantes, tremulo, começou a sorver, a pequenos goles, o chá quente. De quando em quando, erguendo a cabeça, dizia surdamente :

— Foi o sol. Está um sol damnado. Isso é volta de tempo.

Vinha baixando a noite. As cigarras ciciavam estridulas, os bemtevis cantavam nos ramos altos das amendoeiras, quando Anna Rosa appareceu na sala, os braços estendidos, o olhar louco, boquiaberta, desfigurada, chamando, em segredo, para um lado, para outro :

— Felicinha ! Felicinha ! A casa parecia deserta e a céga foi caminhando até encontrar os umbraes da porta e chamou mais alto : Felicinha ? !

— Que é, mamãi!

— Teu pai está variando, minha filha. Vai lá. Está falando á tôa Acho bom mandar chamar nhá Bemvinda.

Felicinha correu ao quarto e debruçou-se sobre o enfermo que se recostára nos travesseiros.

— Que é, papai?

— Hein? Felicinha?

— Sou eu. Que está sentindo?

Sentou-se junto delle. Os passos arrastados da céga aproximavam-se.

— Mêdo á tôa, tola. Eu brinco com isso como quem brinca com um cipó secco. Olha. E torcia os braços, abria-os, esticava-os, as mãos fechadas como se apertassem alguma coisa. Está vendo? É medo á tôa, não faz mal nenhum. Manda chamar o compadre, elle é que gosta de vêr cobra mansa. Manda chamar.

Anna Rosa entrou no quarto lentamente, o ouvido atilado. Cabiúna continuava:

— Desde que a gente não mate não ha perigo nenhum e é por isso que eu não mato nem deixo ninguem matar cobra perto de mim. Olha! e torceu os braços rindo — nem se mexe.

Felicinha levantou-se vagarosamente e, passando perto da céga, disse em segredo:

— Vou mandar chamar madrinha, mamãi.

A céga estacou um instante, os seus receios acabavam de ser confirmados pela filha. Suspirou com agonia e encaminhou-se para o leito:

— Deita, meu caboclo.

— E então? Você ainda tem medo? Uma feita apanhei duas: um casal, andei com ellas mais de

um mez, dormiam commigo na cama, não me fizeram mal. Depois soltei-as á beira do rio. A questão é não matar. Uma que a gente mate quebra a virtude da oração e nunca mais póde o *curado* apanhar uma cobra, por mais mansa que seja. Você está vendo ? Olha . . .

— Que é, meu caboclo ?

Elle encarou-a e piedoso, baixando a cabeça, cruzando os braços quedou e atravéz de um suspiro :

— Você não tem medo porque não vê. Deus Nosso Senhor tirou a tua vista.

E quieto, merencoreo, guardou-se longo tempo em pensativo silencio até que de novo fitou o rosto de Anna Rosa.

— Ó flôr ! E festejou-a carinhosamente tocando-lhe, de leve, no queixo. Deita aqui ; está fazendo frio. Deita aqui.

Anna Rosa deixou-se cahir sobre o travesseiro e o caboclo aminava-a, afagava-a sorrindo, fitando-a e ella, sentindo no rosto o seu halito abrasado :

— Você está com muita febre, meu caboclo. Não fala mais, fica quieto.

— É o sol, é o sol. Deita, flôr. E Felicinha ? Fugiu com medo. Levantou a voz chamando a filha : Felicinha !

— Senhor !

— Vem cá, minha cabocla.

— Estou aqui, papai.

— Já não tenho mais nada, minha filha : fica aqui, senta aqui. A rapariga obedeceu, sentando-se junto á mãi e Cabiúna, extasiado, estendeu a mão

callosa para que ella acariciasse : Ah ! minha cabocla . . .

— Que é, papai ?

Calaram-se. Pouco a pouco, cerrando as palpebras, o caboclo cahiu em modorra, inclinando a cabeça sobre o peito. Era noite cerrada quando o negro appareceu na sala da cabana : « nhá Bemvinda fóra chamada de manhan para a *Pedra Branca.* »

— E agora ! exclamou Felicinha, papai nesse estado.

A céga sussurrava sentada a um canto, numa humilhação de escrava, inerte, impotente, a alma votada ao céu, unica esperança do seu coração agoniado, horizonte extremo que a infeliz fitava com a sua grande fé absoluta. Felicinha carregava cobertores, apressava Rita e o africano timido, calado, de pé á porta, aberta para a noite negra fagulhada de vagalumes, esperava que o chamassem para alguma coisa.

Anna Rosa voltava a cabeça acompanhando o rumor dos passos cautelosos de Felicinha, e os olhos, com o instincto da visão, seguiam os que caminhavam indo e vindo ; por vezes erguiam-se, attrahidos pelo zumbido dum insecto que esvoaçava.

— Como vai elle, gente ?

— Assim mesmo, mamãi. Vou vêr se súa um pouco.

Vagalumes entravam palpitando na sombra, corriam a casa ; cascudos circulavam em volta da candeia fumarenta, e fóra, no matto escuro, caborés regougavam. Com o sopro do vento a brenha alta ullulava : o céu, negro como um catafalco go-

tejado de prata, fundia-se na mesma densidão com a terra tenebrosa oculada de pyrilampos, e a voz do rio, perenne, rolava profunda, remotamente soturna.

Cabiúna, sob um accumulo de cobertas, immovel, os olhos ardentes e desvairados, resmungava afflicto, opprimido. A céga, sentada á cabeceira do leito, em attitude dolorosa, pousava-lhe, de quando em quando, a mão na fronte e suspiros sahiam-lhe do peito, num grande desalento. O enfermo, inquieto, pedia agua com a humildade commovedora de quem pede esmolas. Felicinha, porém, obstinava-se :

— Não, papai. Espera um pouco.

A sêde abrasava-o, os labios resequidos gretavam-se e o seu rosto, incendido e secco, parecia reflectir uma chamma avermelhada.

Ao clarear d'alva, Felicinha, vendo o silencio, a immobilidade do pai, debruçou-se sobre elle — estava como morto : as palpebras meio cerradas deixavam vêr, em duas linhas finas, brilhantes, as pupillas quietas, a bôca entreaberta, secca, as faces cavadas, lividas, de uma côr baça de cadaver ; fugia-lhe flebilmente do peito um fio de halito escaldante e a inspiração entrava com um silvo leve, como o rangido distante de uma serra. Felicinha desatou a chorar desanima, com as mãos na cabeça, tonta, girogirando :

— Ah ! meu pai ! Minha Nossa Senhora . . . ! Coitado de meu pai !

A céga ergueu-se vivamente, rompeu aos gritos ouvindo as exclamações da filha e avançou desnorteada, louca, esbarrando na velha caixa, tropeçan-

de nas cadeiras, embrulhando os pés nos pannos cahidos no chão, dirigindo-se, como se olhasse, para junto do oratorio, com um offego de fadiga, os braços erguidos em supplica, a cabeça derreada para as costas:

— Minha Virgem do céu! Minha Virgem do céu! Que ha de ser de mim? E gemia ais! longos, muito arrancados. A lamparina crepitava. De repente, como se reflectisse, voltou-se: Mas que é que elle tem, Felicinha? fala! Não teve resposta e, de braços estendidos, tacteando o vacuo, encaminhou-se para o leito: Fala... Que é que elle tem? Sentindo-se só, soltou um grito a udo, chamando a filha: Felicinha! Passos aproximaram-se precipitados: Felicinha!

— Sou eu, nhá Rosa.

— Ah! Rita, que é que elle tem, vê. Felicinha chorou. Vê, Rita. Morreu, não é?

A negra curvou-se demoradamente sobre o rosto do enfermo:

— Está vivo, nhá Rosa.

Mas pela inflexão da voz a céga comprehendeu o desanimo da africana.

— Você está me enganando, Rita. Por Nossa Senhora das Dóres, diz a verdade.

— Está vivo, nhá Rosa.

— Deixa eu vêr. Inclinou-se sobre Cabiúna immovel, chamando-o: Meu caboclo... meu caboclo! Ouvia o silvo da respiração, sentia o calor da pelle. Cabiúna! você não ouve, meu caboclo? Ergueu-se desanimada. Qual! Movia-se atordoadamente; subito atirou-se de joelhos no meio do quarto: — Minha Mãi do céu! Ah! meu caboclo!

Voltou-se de braços erguidos, chorando lagrimas copiosas. Rita, minha negra ! Minha filha !

A voz chorosa de Felicinha respondeu

— Chico foi buscar o doutor, mamãi.

A céga, prostrada, estendeu os braços procurando a filha. Felicinha, posto que tentasse dominar-se, rompeu a chorar agarrando-se á mãi.

— Elle está morrendo, fala ! Está morrendo...?

— Não sei, mamãi. Está com os olhos fechados, não fala, não se mexe. Não sei que é.

— É a morte, minha Mãi do céu. Espera. Levantou-se e, como se a vista lhe tivesse reapparecido, correu para o leito. Agarrando-se, então, a Cabiúna, começou a sacudi-lo desesperadamente : Meu caboclo ! Cabiúna . . .

A cama rangia desconjuntada e Felicinha interveiu.

— Não faz assim, mamãi.

— Deixa . . . deixa. Cabiúna . . . ! olha p'ra mim. Um grugrulejo stertorante passou pela garganta do enfermo. Cabiúna ! . . . Vê se elle está me olhando, Felicinha.

— Está com os olhos fechados, mamãi.

— Ah ! meu Deus ! que será isso ? A negra entrou com uma bacia d'agua fervendo e, descobrindo os pés do enfermo, mergulhou-os, banhando-os com uma cuia. Ao ruido d'agua Anna Rosa sobresaltou-se. — Que é ?

— Sou eu, nhá Rosa.

Insensivel, porém, Cabiúna permanecia immovel. A negra sahiu a correr e não tornou, e as duas, ao lado do caboclo, chamavam-no, auscultavam-lhe o coração, tomavam-lhe o pulso.

— E o doutor, Felicinha ?

— Chico foi chamar

— Ah ! meu Deus ! que demora ! Tambem é tão longe ! Talvez já não chegue a tempo. Vai vêr, minha filha.

Mas Felicinha deixou-se estar de mãos postas, os olhos na santa, illuminada tibiamente pela chamma mortiça da lamparina. A céga, agarrada ao leito, ora em silencio, ora aos resmungos, sentia o calor da fronte de Cabiúna, sentia-lhe a palpitação fraca do pulso e guardava-o na mão apertadamente como para prender o resto de vida que por ali circulava. Ao menor ruido voltava-se impetuosamente e erguia-se como para ceder o seu lugar a alguem.

— É o doutor, Felicinha ?

— Ainda não, mamãi.

Na alta a manhã quando o medico entrou no quarto abafado precedido por Felicinha que levava a candeia. O ar, pesado e morno, tresandava, sentia-se como uma nuvem de fumo pairando, espessa e asphyxiante, e o medico, suffocado, ordenou que abrissem um pouco a janella, para renovar o ar, que aquillo até fazia mal ao doente. Um raio esguio passou ligeiro pela fresta. O medico, pigarreando, abeirou-se do leito tomando o pulso a Cabiúna, mas logo o deixou. Curvando-se, pediu a candeia para mais perto a fim de examinar as pupillas do enfermo ; deteve-se e, por ultimo, reclamando um espelho, collocou-o diante da bôca do caboclo sem que o vidro se nublasse de leve. Anna

Rosa, de pé, encostada ao leito, esperava pacientemente a sentença, passando a mão pelos olhos, suspirando e Felicinha, illuminando o rosto de Cabiúna, compungia-se vendo-lhe a devastação da physionomia em tão rapido tempo. Como o medico se afastasse esticando o beiço, ella seguiu-a á sala pressurosa :

— Então, seu doutor. É da molestia ?

— Qué ! Não ha mais nada a fazer, filha. Foi um accesso pernicioso. Está morto.

— Morto ! Mas seu doutor . . . morto e quente assim ? Morto . . . ? ! Não, seu doutor . . . pelo amor de Deus ! Por alma de sua mãi, seu doutor. Não diga assim. Veja outra vez. Veja, seu doutor, pelo amor de Deus !

— Que hei de fazer, filha ?

Felicinha, como resignada, baixou a cabeça, enclavinhou as mãos e começou a chorar silenciosamente ; subito, porém, escancellando a bôca, derreando a cabeça, toda ella agitada por um tremor convulsivo, abateu amollecidamente, abandonada, cahindo junto ao fogão, a gritar, em silvos tinos, entrecortados, doridos.

A céga, no quarto, guardando a mesma attitude, procurava escutar os minimos rumores, rolando, com ansia, os olhos apagados ; ouvindo, porém, os gritos estridentes, estremeceu :

— Felicinha ! Felicinha ! E foi elevando a voz : Felicinha !

E já caminhava para a porta, cambaleando, quando a negra a segurou :

— Ah ! nhá Rosa !

— Morreu ! exclamou a céga estacando. Ca-

biúna morreu! Seu doutor, me acuda! Precipitou-se, repellindo a negra, e foi de encontro ao umbral da porta, a gritar pelo medico, em desespero, debatendo-se frenetica: Seu doutor... pelo amor de Deus! diga, seu doutor.

— Então? Calma... Que se ha de fazer...?

E o medico, para ampará-la, passou-lhe a mão pela cinta.

— Morreu? Cabiúna morreu... Ai! suspirou Anna Rosa e foi como se a alma lhe houvesse sahido do coração num arranco supremo. E firme, de pé, inteiriçando-se, retesando os braços, começou a ranger os dentes, rolando no solo aos escabujamentos.

Só ao cahir da tarde despertou como dum grande somno. A casa cheia tinha um rumor de festa. Nhá Bemvinda, o Lomba, Gonçalinho, Crescencio rodeavam o cadaver estendido na mesa entre velas. Anna Rosa esteve algum tempo calada, alisando os cabellos tranquillamente, como se não se recordasse da morte; de repente, porém, voltando-se, passeou as mãos pelo leito.

— Onde está? Onde está Cabiúna?! Já foi, meu Deus? Vocês nem me chamaram para dizer adeus. Cabiúna, meu caboclo... Ai!

— Não, mamãi; ainda está ahi.

— Não deixa elle ir! Não deixa, não!

E, levantando-se descalça, com as saias a escorrerem-lhe pelo corpo, arremetteu para sahir e foi Felicinha quem a conteve, abotoando-lhe o paletó, amarrando-lhe os cordões da saia. Quando ella appareceu na sala houve um murmulho de chôro. As velas crepitavam e a cêra punha no ambiente

um cheiro de morte. Abraçavam-na com palavras de condolencia e de resignação e nhá Bemvinda, apertando-a muito, soluçou sobre o seu peito arquejante.

— Pobre comadre! Quando eu soube já não havia mais remedio.

Anna Rosa, por fim, foi levada até junto do morto. Derreando-se sobre o corpo hirto, procurando o rosto, começou a beijá-lo insaciadamente, allucinadamente, molhando-o de lagrimas e na sala os soluços recrudeceram. Quizeram arrancá-la de junto do cadaver, mas nhá Bemvinda oppoz-se:

— Não, deixem. É melhor que ella chore; desabafa, allivia-se. Não ha nada peior do que a gente não poder chorar. Deixem.

E a céga ficou agarrada ao morto, cobrindo-lhe o busto com o peito forte, falando-lhe enternecidamente como em idyllio:

— Então, meu caboclo... você vai-se embora...! vai-se embora? E eu, meu caboclo? E eu? céga, sósinha neste mundo de Deus? Que ha de ser de mim? Porque você não me leva? Beijou-o e, em frenesi, soluçando, as mãos nas faces do cadaver: Vem me buscar, Cabiúna... vem, meu caboclo! Eu quero, minha Nossa Senhora!...

E, num impulso mais forte, toda a mesa estremeceu e um dos castiçaes cahiu. Acudiram, arredando, a custo, a céga.

— Não me tirem daqui... Elle vai-se embora. Não me tirem daqui, por amor de Deus! Tem pena de mim, gente! Eu quero ficar perto delle... é a ultima vez... está tudo acabado.

Compadecidos, fizeram-na sentar-se junto á

mesa e a desgraçada, succumbida, prostrada de angustia, por vezes irrompia em exclamações e em pranto, lançando perguntas ao finado, a Deus, á Conceição sobre o seu destino triste na terra : céga, doente, pobre e desgraçada. Fóra, no terreiro, soavam martelladas : estavam a pregar as taboas do caixão. E placidamente, melancolicamente, a lua desenrolou na altura o esplendor da claridade mystica.

A vigilia, interrompida pelo chôro da céga ou de Felicinha, correu taciturna. Nos instantes graves de silencio ouvia-se o estalido das velas. A voz nocturna dos grillos, o rumor merencoreo das aguas rolantes, o farfalho voluptuoso das ramas chegavam ao interior tacito e recolhido como se a Natureza maternal, piedosa e amiga, quizesse consolar as almas entristecidas pela morte do rustico, esposo fecundador das veigas virgens, patrono dos campos, reparador dos flagellos do sol e das borrascas.

No seu ninho funereo, caixão de rigida braúna, arrastada da matta, serrada á beira da casa, recendendo á resina, o morto estava ainda brandamente morno, como o ferro retirado da forja que, por longo tempo, conserva o calor das chammas ; parecia ter ainda um resto de vida, como se a alma, pairando em torno, o bafejasse antes da descida ao campo sagrado.

Nhá Bemvinda, em pontas de pés, acudia de instante a instante para atiçar as velas ou para substitui-las, e serena, magnifica, na sua figura symbolica de Virtude Victoriosa, á falta de um

crucifixo, a *Conceição* sorria, d'olhos castamente extasiados, velando á cabeceira do morto, como prompta a desprender-se do globo em que pousava para ascender. com o espirito evolado, pelos espaços fóra, até á suprema e absoluta Paz da Graça Perenne e da Misericordia.

Amanheceu sem nevoas, manhan de Novembro, azul e sonorosa de chilros e, como o cemiterio ficava longe, num campo murado, para que os bois e as cabras não fossem profanar os tumulos, Crescencio deu o signal para que fechassem o caixão. Nhá Bemvinda agarrou-se á céga buscando levála para o quarto. Anna Rosa, porém, ouvindo passos em volta da mesa, sentindo que retiravam os castiçaes e a santa, comprehendeu que era chegado o momento extremo e atirou-se impetuosamente para a mesa, aos gritos, e Felicinha rompeu em pranto.

— Não, gente ! Não, gente ! pedia a céga, derreada sobre o caixão, os braços estendidos como se quizesse defender o morto com o seu corpo. Não, gente ! espera ! espera ! A voz ia-se-lhe tornando surda, falhava-lhe por vezes : Mais um bocadinho, ainda é cedo. E num appello lancinante : Cabiúna, meu caboclo ! Ah ! meus olhos, meus olhos . . . ! Cabiúna ! E Felicinha, afastada, gemia.

— Vem, comadre. Que se ha de fazer ? está com Deus . . . intercedia nhá Bemvinda, procurando arredá-la.

— Mais um bocadinho . . . mais um bocadinho. Eu não vejo, gente . . . eu não vejo. Ah ! meu caboclo, meu caboclo ! . . . eu te espero, vem me buscar, vem, sim ?

E atirou-se, soluçando, sobre o caixão. Arredaram-na, e ella deixou-se conduzir mollemente, fraca, exanime e logo resoaram martelladas. De longe ella teve um assomo :

— Devagar, gente ! Não bate com tanta força ! Que falta de coração !

Houve um arrastar moroso, passos farfalharam, como se fôssem por cima de folhas seccas.

A céga ergueu-se e, ouvindo o grito de Felicinha e o prantear da negra, escancellou a bôca afflictivamente, levou ambas as mãos ao peito e arrojou-se com um rouquejo estrangulado, tombando, como fulminada, nos braços de nhá Bemvinda.

E, vagaroso, o enterro descia a ladeira ao sol, por entre as laranjeiras floridas. E o touro, solitario no pasto, como se sentisse a morte do senhor, ergueu a cabeça, deixou de ruminar e os grandes olhos tristes do animal, brilhantes á luz crúa do sol, pareciam chorar saudosos.

VI

Magra, alquebrada, cheia de cabellos brancos, com o rosto vincado de sulcos, Anna Rosa, como uma planta delicada, esquecida entre cardos, definhava desprendendo a alma pouco a pouco em suspiros.

Felicinha, na sazão exuberante dos dezoito annos, na gloria plena da carne virgem, prompta para o amor, á espera do voluptuoso momento nupcial de eclosão, carne em primavera calida, carne rica, aromatica, palpitante, cheia do calor do sangue que lhe accendia clarões nas pupillas negras, que lhe coloria os labios fortes, mas dum espirito dispersivo, parecia de todo esquecida desse desastre dolente que enlutara a cabana, deixando no campo muita sementeira morta á mingua, porque o braço do africano mal podia cuidar da vastidão da cul-

tura com o mesmo carinho com que Cabiúna se dedicava, de sol nado a sol posto, ás varzeas e aos outeiros.

A terra, igualmente viuva, entristecia. A negra enchia a casa com a sua cantilena monotona, indo e vindo, morosa. A céga, inerte, «esperava a morte» como ella propria dizia, de braços cruzados, ouvindo o barulho dos mattos. Ás vezes, para estafar-se, sahia ao terreiro e ficava horas esquecidas agarrada á mão do pilão, socando milho ou peneirando fubá; de repente, porém, pungida pelas lembranças, elevava os olhos ao céu e suspirava. E a vida banzeira, apenas alegrada pelo som da voz de Felicinha, de um timbre fresco e sonoro de mocidade, derivava como um rio lodoso e pesado de aguas grossas á beira do qual cantasse uma ave.

A céga consolava-se contando que a alma de Cabiúna, a horas altas da noite, vinha ter com ella. Uma vez acordára com um beijo, outra vez ouvira, clara e distinctamente, a voz do morto chamá-la como d'antes: «Flôr!..» E, com essa convicção de que elle não a abandonava, sentia-se feliz posto que, não raro, cahisse em melancolia, attribuindo essas visitas mysteriosas á necessidade de rezas: «porque o coitado morrera sem confissão.» Mas depressa, com a lembrança da piedade de Cabiúna, consolava-se: «Elle era tão bom! Que peccado podia ter o seu caboclo? Se havia céu elle lá estava.»

A negra, com pavor, dizia:

— Que nem era bom estar só falando na alma. Que a deixasse descançar.

E Felicinha concordava:

— De certo. Mamãi com essas coisas até mette medo á gente. Eu já não durmo direito. De noite, quando os cachorros latem lá fóra, fico que só Deus sabe. Ainda outro dia um boi veiu berrar perto do meu quarto... Não sei como não morri. Não é bom. Deixe papai em paz. Elle está no céu.

E ella sorria beatamente dos terrores da filha, dizendo com mansidão:

— Pois a mim elle póde apparecer sempre, não tenho medo. Eu sei que elle não vem me fazer mal. E concluia enternecida: Coitado do meu caboclo

Trabalhando a meias, o africano conseguia, com prodigioso esforço, multiplicar a sua actividade semeando o milho, capinando os cafesaes, limpando as laranjeiras da herva de passarinho. O mandiocal prosperava; pelos talos seccos dos velhos milhos subia em festões a rama verde do feijão e pela cêrca da horta a larga e tenra folhagem das aboboras alastrava descendo á terra e cobrindo-a. Uma porca grunhia seguida de bacorinhos e a vacca, com um bezerrote, pastava no pendor da collina fustigando com a cauda as ancas luzidias.

As chuvas e os sóes abençoavam a terra com a fertilidade como para auxiliar o trabalhador fiel que mourejava, dorso nú, reluzindo, dobrado á enxada, cantando, satisfeito e feliz. Á noite o negro vinha arranchar-se na sala e, acocorando-se a um canto, firmado nos calcanhares, intimo, como de casa, recebia a sua ração e comia falando da prosperidade da plantação, promettendo colheita farta. E sentia-se o orgulho do forte, do senhor da cultura, unico e soberano na leira, herdeiro do amor grande e compensador dos campos e do respeito submisso

dos brutos que era elle agora quem galopava, estrada fóra, no macho viajeiro e espicaçava os bois para levar á cidade o carro de milho e trazer o mantimento.

Findo o jantar, ao cahir da noite, se não havia molestia, chovesse ou alumiasse o luar, desciam os dois, mais o cão, para a cabana, na collina fronteira ao rio. Felicinha trancava a porta, recolhia a céga e entrava para o seu quarto cantarolando, faceira.

Anna Rosa, com o delicado instincto feminino, sentia a fermentação que se dava no coração ardente da filha, os pruritos árdegos, os éstos de amor, a tendencia energica para o desconhecido desejo e seguia-lhe os passos com ouvido atilado, em vigilia constante :

— Onde vai, Felicinha ? Você já está deitada, Felicinha ? Você fechou a porta ?

Todo o seu ideal consistia em casar a filha com um homem de trabalho que a amasse, que lhe quizesse bem, que fósse como Cabiúna e arredava-a dos olhos impudicos, escondia-a, recatava-a com receio de que, innocente e fraca, succumbisse á primeira seducção.

Não tivera a mesma criação selvagem que ella : atirada ao campo. sósinha pelas estradas, de noite e de dia, acostumada com homens, conhecendo-os, sabendo todos os perigos e evitando-os com indifferença, ou energica e ameaçadora como quando investiu com um campeiro armada de um páu. Ella não, criada carinhosamente na cabana, descia á villa de longe em longe — no tempo do morto com elle, depois com a madrinha que a levava á

missa ou a compras. E, de volta, com que tremores de coração a céga lhe ouvia as palavras ingenuas, admirada de tudo, contando o que vira e ouvira e nhá Bemvinda a fomentar inconscientemente a vaidade da criança :

« Que o Ferrão, da loja, ficára de beiço cahido. Que nos caminhos eram só elogios ! Que mocetona ! Benza-te Deus ! Que cabellos ! Que corpo ! » E os velhos ajuntavam : « É a mãi inteirinha, quando era moça. » «Estava ali, estava casada» — concluia a curandeira. Anna Rosa tremia e, na sua alma, apprehensiva e medrosa, os receios iam crescendo á proporção que a filha ganhava encantos.

Uma tarde, sentada á porta, desembaraçando-lhe carinhosamente os cabellos, aconselhou-a :

— Minha filha, nós somos duas mulheres no mundo ; eu, céga ; você moça, sem pratica da vida Toma cuidado ! A minha felicidade depende de você só. Que é que me prende a esta vida ? hein ? fala ! você, mais ninguem. Eu, vendo você casada descanço, posso morrer em paz. Você póde achar um bom marido, mas para isso é preciso saber viver. Mulher muito offerecida ninguem toma. Se essas moças soubessem como é feio andarem por ahi mettendo-se pelos olhos dos homens. até não sahiam. Uma coisa muito vista perde o valor. Aqui para se falar da honra dos outros, ninguem cochila Olha a Mariasinha, coitada ! anda por ahi á tôa com má fama, só porque foi vista, uma noite, perto da cruz do Ignacio, com um moço. Hoje, por mais que ella diga, ninguem acredita : é uma perdida nem os parentes fazem caso della. O mundo é assim mesmo, minha filha. Um homem póde faze

tudo, ninguem repara, mas uma moça . . . á menor coisa estão todos falando. Quem é que se livra da bôca do mundo ?

Felicinha amuava :

— Mas que é que eu faço, mamãi ? Quem é que vem aqui nestes cafundós ? só se é tio Chico. Vive mamãi todo o dia em cima de mim com essa ladainha. Eu sei bem o que faço. Quem é que vem me seduzir ? Nem que eu fôsse uma princeza ! Que coisa !

— Eu não falo por mal, Felicinha. Tem paciencia.

— Mas chega. Deixe estar que eu não hei de ficar como Mariasinha.

— Bate na bôca, minha filha : bate na bôca. A gente não fala assim.

— Pois é. Agora que culpa tenho eu de que os outros me achem bonita ? Hei de tapar a bôca de todo o mundo ?

— Pois sim. Mas não é você mesma que diz que eu estou ficando com a cabeça toda branca ?

— É tambem por minha causa ? Ora, mamãi . . .

— É de pensar. Passo as noites rolando na cama sem somno, pensando em você e Deus sabe quantas lagrimas choro ali sósinha naquelle quarto. Se *elle* fôsse vivo, eu tenho certeza de que você havia de arranjar um bom marido, mas assim . . .

— Ora, mamãi, e a senhora pensa que eu me importo com casamento ? A senhora é que vive a falar nisso. A mim é coisa que não me incommoda. Estou muito bem assim.

— Pois sim, pois sim ; mas o que eu digo é para o teu bem ; eu só quero a tua felicidade. Para mim

a vida está acabada ; qualquer canto me serve, não tenho luxo de bôca, um mulambo basta para me cobrir. Vôce, não ; você é moça, precisa . . .

— É, preciso . . . mas se me arranjo um pouco, mamãi é a primeira que fala. Parece que a senhora quer que eu ande como uma negra de roça, com uma saia de riscado e mais nada. Eu sei !

E levantou-se enfesada, resmungando ; metteu-se no quarto batendo com a porta. De sorte que a céga, para não irritá-la, evitava, muitas vezes, falar-lhe, mas sempre que não lhe ouvia os passos, sempre que a não sentia perto, chamava-a a pretexto de pedir alguma coisa e, se a resposta demorava, affligia-se.

—Felicinha! Onde é que você está, minha filha? Vem p'ra dentro ; sahe do sol! Olha uma doença.

E nesses cuidados constantes a céga vivia attribulada, sem calma, o ouvido aguçado aos ruidos mais leves, numa espectativa de crimes praticados na treva da sua cegueira.

Felicinha, ás vezes, suspirava : « Que aborrecimento, meu Deus ! » E Anna Rosa entrava a conjecturar, tremendo, sobre as consequencias d'aquelle tédio confessado : « Se ella sahisse com alguem ? ! Se abandonasse a casa?!» E redobrava de carinhos, afagava-a, promettia-lhe passeios, vestidos, collares : seduzia-a com engodos procurando, ao mesmo tempo, prendê-la e distrahi-la e, aos sabbados, quando nhá Bemvinda apparecia para buscar a afilhada, a céga mostrava-se satisfeita, contrafazendo-se ; e concordava : « Que ella precisava viver ; estava na idade, era moça ». E, abençoando-a, desejava-lhe boa sorte, dava-lhe dinheiro.

Mas quando ficava só, encolhida no seu canto, encravava o cachimbo nos dentes, repousava o rosto nas mãos e, de olhos inquietos, pensava naquella noite longa sem a filha, que fôra dormir com a madrinha, na villa, perto do perigo, cercada de seducções, com todos aquelles olhos máus cubiçando-lhe o corpo, ouvindo, talvez, em rapidos segredos, ao entrar ou ao sahir da igreja, propostas indecorosas, palavras torpes, cochichadas tremulamente, como ella as ouvira no tempo dos seus dezoito annos. E a noite insomne passava vagarosa.

Os gallos cantavam fóra nos campos frescos de orvalho, o gado mugia no calmo socego da madrugada e até manhan clara, Anna Rosa, d'olhos limpos, pensava nos riscos que corria a filha. Erguia-se e, ouvindo a negra, que dormia em casa, chamá-la para o café, arrastando os passos para a sala, confessava lastimosamente : — « Que não podia passar uma noite longe da filha ; não dormia. »

E, quando Felicinha apparecia contente, dando lembranças dos conhecidos, contando os seus passeios, a céga ouvia attentamente como se quizesse surprender nas suas palavras alguma coisa que a denunciasse : um indicio qualquer por onde ella pudesse chegar á verdade temida ; mas tranquillisava-se : ella apenas falava de moças que vira na igreja, em casa do padrinho e dum velho folgazão, o Braz, que a tirára á força para uma polka tratando-a de « noiva ». Muito engraçado.

Mas Felicinha, sempre que voltava da villa, nos dias sequentes, tornava-se silenciosa, macambuzia,

costurando calada ou a cantar baixinho modinhas sentimentaes :

— Você está triste, minha filha ?

— Triste porque, mamãi ?

Tres longos mezes correram, mezes d'aguas, com fugitivas intermittencias de luz, dias plumbeos, noites uivantes e regeladas, até que o sol abriu, numa linda manhan inesperada, enxugando os caminhos transformados em atoleiros, cavados de fundos sulcos onde as rodas dos carros enterravam-se rangendo.

A verdura repontava, fresca e viçosa, ponteada de flôres, num renascimento prospero ; novas gerações d'aves saltitantes piavam nos ramos tenros e o rio, em enxurrada, engrossado pelos corregos e pelos lençóes rolantes das montanhas, gorgulhava soberbo, levando troncos nas aguas turvas, destroços d'arvores antigas tombadas das mattas remotas do vasto e espesso sertão virgem.

O negro recomeçava o penoso trabalho de recompor a roça, fincando espeques, amparando arbustos, torando galhos seccos, chegando terra ás raizes expostas pelo escorchamento das aguas bravias, e cantava sentindo subir da terra retemperada o effluvio da germinação, a força pujante da seiva nova que havia de explodir em flôr e em fruto logo que a semente se agasalhasse no seio rico.

Anna Rosa rejubilava com a volta do sol : — « Até que emfim, a gente já póde sahir um pouco » Felicinha, entanto, sem demonstrações de alegria indifferente ao esplendor de Março, suspirava pelos cantos amollecidamente, num tédio bocejante, derreada de preguiça. Raramente sahia e foi con

espanto que a negra a encontrou uma manhan balançando-se em uma redouça de cipó amarrada aos galhos da mangueira velha.

Nhá Bemvinda, apesar dos dias de sol, não apparecia : a céga preoccupava-se e, como o africano annunciasse, uma noite, á hora da comida, que descia na manhan seguinte á villa com o carro, Anna Rosa pediu-lhe que désse um pulo á casa da comadre — podia estar doente, não apparecia. E como a céga perguntasse se queria alguma cousa para a madrinha : « Lembranças », disse apenas Felicinha sem levantar os olhos da costura.

Realisaram-se as previsões de Anna Rosa. Nhá Bemvinda, atirada no fundo da cama, gemia a sua erysipela sem poder dar um passo de tão inchadas que tinha as pernas. E o negro falou á Felicinha : « Que a madrinha pedira para ella ir passar uns dias na villa, distrahindo-a. Estava muito só e cortada de dôres. »

— Não posso, resmungou Felicinha. Não hei de ir para a casa dos outros com uma muda de roupa

— Mas, minha filha, você tem tantos vestidos. Que te falta ?

— Nada, mamãi, mas não quero ir : estou muito bem. Madrinha tem lá muita gente, não precisa de mim.

Ultimamente enfezava-se por tudo, uma palavra bastava para irritá-la. Á mesa, sem razão, fechando a cara, repellia os pratos engulhando e sahia para o terreiro a resmungar contra a falta de limpeza :

« Que não tinha estomago de ferro. Que aquillo nem para os porcos ; era um nojo aquella comida. »

Rita olhava-a contendo-se e baixava a cabeça sem murmurar. Anna Rosa, submissa, levava a comida á bôca sem atrever uma palavra, receiosa, fugindo sempre de desgostar a filha e, quando se achava a sós com a negra, pedia-lhe :

« Que tivesse paciencia, que aturasse um pouco, por ella ao menos. A pobresinha tinha razão de andar arreliada : presa sempre naquelle deserto, sem vêr gente. Coitada ! »

E Rita, de pena, calava-se. Ás vezes, no terreiro, á sombra da mangueira, Felicinha quedava longo tempo sentada, com os cotovellos nas côxas, os olhos dispersos e uma tarde, distrahida, sem ouvir os passos da negra, não teve tempo de limpar as lagrimas que lhe escorriam pelas faces em dois fios vagarosos :

— Que é que tem, nhá Felicia ?

— Nada.

Uma manhan, como a negra entrasse á hora acostumada para accender o fogo, encontrou Felicinha agachada diante das pedras tisnadas soprando a lenha que flammejava.

— Que é isso, gente ? Vancê fazendo fogo ? ! Está sentindo alguma coisa ?

— Não estou sentindo nada. Vou fazer a minha comida ; ao menos terei cuidado de tapar as panellas.

A negra, de braços cruzados, fitava-a sem revolta e, mansamente, disse :

— Está bom, nhanhan. Vancê quer cozinhar, eu vou-me embora.

A céga, que ouvia, sobresaltou-se ;

— Que é, Rita ? Você quer ir embora ?

— Nhanhan tem nojo do que eu faço, nhá Rosa. Vive todo o dia dizendo que sou uma porca, que não cuido das panellas, que deixo os pratos sujos. Que é que eu fico fazendo aqui ? Ella já está cozinhando, não precisa de mim, eu vou trabalhar com Chico ; cozinho na roça p'ra nós dois e quando vancê precisar estou aqui. P'ra que amofinar os outros ? Eu estou velha mesmo, meu paladar já não é bom. P'ra que brigar ?

— Mas Felicinha não está zangada, Rita ; deixa disso.

A negra esperava uma resposta, quando Felicinha, sempre de cocoras, diante do fogo, repetiu :

— Eu cozinho, mamãi. Tambem não é uma coisa do outro mundo. Que é que eu fico fazendo aqui em casa ? Botar o feijão no fogo, escaldar a carne tambem eu sei. Rita que vá p'ra roça, ella gosta mais daquelle serviço. Eu cozinho.

— Está bom, nhanhan, mas não fique zangada comigo. Eu peço perdão de alguma coisa.

— Não estou zangada.

— Eu venho aqui todos os dias, nhá Rosa.

— Mas você não sahe do sitio, Rita . . . ?

— Uê ! sahir do sitio porque ? Vancê não me tocou. Não senhora ; fico ali no meu canto. Ninguem brigou. Então porque nhanhan não gosta da minha comida eu vou deixar vancê ? não, senhora. E humilde, paciente, risonha : A benção, nhá Rosa ! A benção, nhanhan !

— Adeus.

— Adeus, Rita. Mas apparece . . .

— Sim, senhora ; eu passo aqui todos os dias. A benção.

— Adeus ! E a céga, ouvindo os passos subtis da negra que sahia, não conteve a piedade : Ah ! Felicinha . . .

— Que é, mamãi ? Já vem a senhora com coisas. Se quer ficar com ella fique ; eu cozinho para mim. Hei de comer porcarias ? A senhora como não vê não se importa.

— Pois sim, mas Rita tem sido tão boa para nós : está sempre prompta para tudo. É velha, oitada.

— Eu não tenho nada com isso. Lá porque é velha eu não hei de comer as immundicies que ella faz. Isso não ! Nem para lavar a louça !

E Felicinha, tomando á sua conta a cozinha, passava os dias sentada na sala, indo, de quando em quando, provar as panellas, deitar lenha ao fogo, calada, sempre num tédio invencivel, mal respondendo ás perguntas da céga.

Quando o negro apparecia de manhan com os legumes e á tarde com a lenha ella, sem mostrar-se, gritava-lhe do quarto que deixasse sobre a mesa, á porta, no terreiro, e raramente sahia para receber os mantimentos, para dar uma ordem. Se estava no terreiro, recolhia apressadamente ao avistar nos caminhos um dos camaradas. E Anna Rosa entristecia no silencio imperturbavel da casa, vegetando, esquecida a um canto ou á porta, num raio de sol, tirando fumaradas do seu cachimbo de taquara. Felicinha evitava-a negando-se quando ella a chamava para desembaraçar-lhe o cabello.

— Estou occupada, mamãi : logo.

— Ah ! minha filha . . . até parece que você foge de mim.

— E eu não tenho que fazer, mamãi ? Quem ha de cuidar da casa ? tem tempo.

— Você está ficando muito exquisita.

— É ; estou ficando exquisita . . . mas a casa está limpa e as panellas estão no fogo.

E, monotonamente, os dias passavam numa insipidez enfadonha.

Cálido o estio abrasava. No esplendor caustico do céu immaculado, o sol, dum brilho intenso de revérbero, parecia girar vertiginosamente espalhando raios em torno. Os campos amollentados, numa dormencia canicular, rescendiam a coivaras ; a herva murcha vergava flaccidamente, languida ; as grandes arvores, de folhas encarquilhadas como á acção dum fogo da terra, agitavam-se de leve, raro em raro, ao sopro flammineo do vento estival. As culturas esturricavam, passaros gemiam tristonhamente nas sombras abafadas. Pela extensão da calcinada paizagem offuscante o sol alastrava vívido, incendiado e o ar adusto, duma finissima transparencia, tremia recebendo o hausto quente da terra onde mal pousavam acalmados, d'azas abertas, os ticoticos.

O rio, como se dormisse á sesta, mal se ouvia atravéz do silencio fulgido do campo e da matta immovel sob a ardencia extasiante do sol a pino. Os bois pastavam suados, reluzindo á luz torrida.

Era o tempo genesiaco: o beijo forte do sol subjugava a natureza, prostrando-a entorpecida no

espasmo da fecundação As velhas raizes rejuveneciam ; a vida corria nos raios do sol, penetrava a terra, espalhava-se no espaço, diffundia-se gerando, num trabalho lento de reconstituição, do ninho á penha bruta, da fibra tenra do arbusto ao cerne ferreo dos jequitibás centenarios.

Por todos os lados, onde quer que a vista repousasse, o sol resplandecia. Sombras raras ennegreciam de manchas as campinas louras e, para o horizonte distante, fina e translucida, uma nevoa d'ouro passava como um véu corrido do céu sobre os montes dum forte azul quasi negro. Á sombra dos tejupás da roça cães arquejantes modorravam e as gallinhas, d'azas frouxas, bico aberto, offegando, paradas, pareciam hypnotisadas pela irradiação deslumbrante.

Ao cahir da tarde, esmaecendo a luz em laivos de sangue e ouro sobre a fimbria do occaso, as cigarras entravam a chi hiar respondendo-se, em concerto, dum ponto e doutro ; passaros sahiam repousados atravessando o ar tépido ; borboletas tontas, como se despertassem de torpor de narcotico, esvoaçavam de ramo em ramo : ruflos d'azas de beija-flôres surdinavam e rôlas, com enternecida e apaixonada tristeza, gemiam entre os milhos onde os sanhassús, em chusma, gritavam estridulamente e os periquitos verdes grazinavam.

As noites mornas, de solemne e tranquilla magestade, refulgentes d'estrellas, arejadas brandamente pelas brisas que as açucenas dos brejos perfumavam, corriam refrescando a terra requeimada com o balsamo do orvalho. E o luar subia pallido estendendo-se pela paizagem, pelos montes, pelas

aguas placidas, pelos caminhos, pelas frondes, nitido, tacito, derramando-se silenciosamente em defluvio branco como um banho reparador, de leite.

Os sapos coaxavam nas aguas mortas, os bacuráus saltavam piando, trefegos e mansos, no terreiro alvo como se por elle houvesse um lençol estendido e de todas as grótas, de todos os vallos, das moutas, dos ramos, em surdina mysteriosa, a voz serena dos seres minimos subia como em epithalamio meigo ao desabrochar no céu, como um grande lirio, o plenilunio limpido.

Estio! Por toda a parte, na mesma fartura, na mesma exuberancia, a terra procriava reproduzindo, em frutos d'ouro e em flôres, os beijos candentes do sol.

Estio E a matta, sussurrando, levantava ao luar um estridor farfalhante como uma ave colossal que se espanejasse sahindo fecunda da caricia nupcial do macho victorioso! Estio

Sentada na cama, Anna Rosa fazia a sua oração da noite, quando lhe pareceu ouvir um surdo gemido que vinha do quarto proximo, onde Felicinha dormia. Deteve-se, contendo a respiração e, attenta, o ouvido ao longe, esperou, em ansia de pavor, o coração sobresaltado, aos pulos, tremendo com arripios. Os grillos trillavam nas fendas dos muros e o vento, penetrando pelos buracos da taipa, sacudia, por vezes, pannos dependurados, levava papeis de rasto. No tecto gambás corriam sorrateiramente com leve estrepito do sapê resequido e o murmulho da matta, no silencio dormente da noi-

te, chegava, trazido em lufadas fortes, grande, escachoante como o barulho fragoroso duma quéda d'aguas.

Acalmando-se, a céga recomeçou a oração interrompida, posto que o seu espirito apprehensivo mais se preoccupasse com o que mysteriosamente lhe andava em volta na treva dupla da noite e da cegueira. Ao mais leve fremito erguia a cabeça como se pudesse olhar, buscava, tacteando a esmo. Ás vezes era a lamparina que crepitava, outras vezes era a janella estremecendo nos gonzos, batida pelo vento ou lá fóra remoinhos de folhas seccas.

Deitou-se cautelosamente, para não fazer rumor; cobriu-se e, d'olhos altos, as mãos cruzadas no peito, quieta, prestava aguda attenção, quando ouviu estalos como de moveis que se desconjuntavam e logo outro gemido abafado. Sentou-se arripiada, tiritante, orando em consciencia. Atirou as pernas fóra do leito e, fria de medo, chamou a filha:

— Felicinha! Houve um grande silencio na treva: Felicinha!

— Que é, mamãi? respondeu do quarto contiguo a rapariga.

— É você que está gemendo?

— Sou eu, sim.

— Que é que você está sentindo?

— É a colica.

— Porque é que você não toma um chá, minha filha?

— Já tomei.

— Então cobre bem o corpo e vê se dormes.

Ainda algum tempo a céga deixou-se estar sen-

tada á borda do leito, os pés nús no chão frio. A cama de Felicinha rangia, estalejava ; de instante a instante um baque como o de um corpo que cahe, e gemidos, suspiros.

— Está assim forte, minha filha ?

— Está, mamãi. Mas não me faça falar ; disse Felicinha em voz estrangulada.

— Eu vou lá ; você quer ?

— Não ! Que é que a senhora vem fazer ? Não !

— Você quer mais um cobertor ?

— Não. Mas não me faça falar, mamãi.

E a cama estalou de novo, mais forte. Ao longe, de espaço a espaço, um cão ladrava, e o silvo de um caboré, que atravessava os ares, fez estremecer a céga.

— Ah ! minha Nossa Senhora !

Recomeçou commovidamente a oração pedindo pela filha, mas foi interrompida por um gemido longo, entrecortado como uma gargalhada. Ergueu-se num impeto e, de pé, no meio do quarto, as mãos postas, regelada, pôz-se a tactear tocando a parede e, tropeçando numa lata, já perto da porta, ia a cahir quando um grito agudo da filha reteve-a, apavorada, entre os umbraes :

— Felicinha ! Ah ! minha Nossa Senhora das Dôres ! Minha Mãi do céu . . . ! Felicinha ! Precipitou os passos, mas desatinada como estava, foi ter ao canto do fogão, topando nas pedras ainda mornas. Felicinha ! Minha filha ! Valha-me Deus ! E, de braços estendidos, arrastando os passos, chegou á porta do quarto da filha e começou a empurrá-la, de flanco ; a madeira resistia, estremecendo. Felicinha ! Minha filha !

De dentro vinham gemidos, exclamações afflictas, anseios: «Eu morro, meu Deus! Não posso mais!» E a cama estalava fortemente.

— Felicinha!

— Minha mãi! Pelo amor de Deus! Minha mãi! E, num grito fino, longo, estridente, esforçado: Aaaai!

A céga lutava com a porta, ora empurrando-a a mãos ambas, aos impulsos, ora de flanco, mettendo o hombro e a porta foi cedendo, levando de rastos alguma coisa que raspava o solo pesadamente.

— Felicinha! minha filha!

E a céga, arquejando, mettia-se d'esguelha pela abertura estreita, esticando-se para fazer-se esguia, forcejando numa luta desvairada até que passou e, caminhando, chamava a filha baixinho, enternecidamente, cançada:

— Felicinha, minha filha; que é? Que é?

A rapariga estortegava, espremendo-se, os dentes cerrados; batia no leito, soluçando meigamente como uma criança.

— Minha mãi... Minha mãisinha do coração. Não posso mais! Eu morro, minha Mãi do céu. E sofrega, como suffocada: Ai! ai! Pelo amor de Deus!

— Minha filha! Minha filha!

E abeirou-se do leito segurando-se-lhe com a ansia de um naufrago que se agarra ás taboas de uma jangada. Felicinha sentiu-a, apertou-lhe com força um braço, puxou-a, mas Anna Rosa estonteada, querendo allivial-la, levou a mão ao ventre da filha e sentiu a carne núa, humida, tresuante, contrahindo-se; retirou a mão rapidamente, como enojada, rosnando, mas logo recomeçou a tactear

com desespero num tremor de assombro e, de repente. teve uma exclamação angustiada :

— Misericordia !

Apalpou a carne rija e roliça das côxas: estavam regeladas e crispavam em tremores rapidos e. descendo com a mão. chafurdou-a numa pôça quente, sobre carnes molles, espapaçadas na cama. Achou um corpo que se movia debilmente, humido, peganhento, frio.

— Misericordia, meu Deus ! sussurrou, levando ambas as mãos á cabeça. E, surdamente, acocorando-se, num alquebramento d'alma, pôz-se a repetir : Misericordia ! Misericordia ! Misericordia !

De novo ergueu-se procurando o corpo da filha que offegava, apalpou-a, sentiu as carnes e gorgolões quentes jorraram-lhe na mão incerta.

— Minha Mãi do céu ! Você com filho, Felicinha ! Como foi, minha filha ?

— Minha mãi ! suspirou a rapariga. Ai !

— Como foi, minha filha . . . Ai, meu Jesus do céu ! Está perdida ! Eu estava adivinhando !

Atirou-se á cama e, com as mãos sobre os hombros de Felicinha, curvada, falando-lhe no rosto :

— Onde foi, minha filha ? Foi aqui . . . ? Foi aqui ? aqui em casa ?

— Foi . . .

— Mas quem foi, Virgem do céu ! Ah ! cão ! . . .

— Não posso mais, minha mãi. Eu morro ! suspirou Felicinha e os gorgolões encharcaram o leito, com um ruido surdo e balofo. Houve um vagido fraco, um fio de choro. A céga bramiu :

— Misericordia ! E você morre ! Minha filha morre !

Afastou-se do leito, tornou a procurá-lo, mas resmungando allucinada, buscava a passagem estreita e sahiu para a sala, em camisa, esbarrando nos moveis. Foi de encontro á mesa, tartamuda, tropega, tacteando o vazio até que achou a parede e foi guiando-se por ella, passando a mão d'alto a baixo até atinar com a taramella. Deu volta, uma lufada de vento frio penetrou a sala e Anna Rosa, escancarando a bôca desesperadamente, atirou ao grande silencio da noite o seu clamor dolorido:

— Misericordia! Sahiu ao terreiro, mas arrependeu-se e estacou voltada para a cabana a rosnar, com desespero: Minha filha, meu Deus! Minha filha! Escancellou a bôca: Acudam! Misericordia!

A matta ramalhava ao vento e os gritos da céga perdiam-se na immensidão do escampo adormecido.

— Rita! Chico! gente... Acóde! Uma idéa sinistra atordoou-a: «Ella morre! ella morre! Nossa Senhora!

E, sem rumo, arrojou-se para o acaso, quasi núa, insensivel ao frio, ás pedras e aos espinhos, na esperança de encontrar soccorro. Corria, faltando-lhe, porém, o caminho sob os pés, rolou na herva molhada e, fraca, dentro da treva, desatou a chorar angustiadamente:

— Minha filha morre! Minha Felicinha, meu Deus!

Os capins cercavam-na lambendo-lhe as carnes, a camisa molhada collava-se-lhe ao corpo, resfriando-o, doíam-lhe os joelhos, mas arremetteu de novo, desviando-se. Para todos os lados era matto: her-

vas trançadas, galhos de arvores que lhe arranhavam o rosto, os hombros; e o vento, passando, farfalhava no arvoredo.

Anna Rosa investia, tornava atraz hesitante, tonta, perdida até que sentiu o terreno limpo e deitou a correr, ladeira abaixo, como impellida, aos arrancos. O vento zoava-lhe aos ouvidos.

— Miseri ordia! Rita!

Mas por todos os lados era o imperturbavel silencio da natureza adormecida, a grande paz da noite. Á tôa, desvairada, desviou-se do caminho que seguia, tomando, de novo, pelo matto raso, e ouviu como um bufo de féra a pouca distancia: parou offegante.

— Ah! meu Deus! como se faz isto a uma pobre mulher sem vista? De novo atirou ao espaço impassivel o seu appello afflictivo: Misericordia!

O matto chocalhava ao vento, um cheiro agreste subia, impregnando o ar e Anna Rosa, levantando os pés como para galgar alturas, mergulhava-os no capim que estalava machucado. Ia por diante, ora vagarosa, ora a correr, cambaleava e calháus rolavam-lhe debaixo dos pés.

De novo sentiu a terra batida de uma trilha e foi por ella fóra impetuosa, em allucinada carreira, arquejando; de vez em vez parava, estirando os braços instinctivamente, como para evitar um esbarro, mas sentia o vacuo e corria, balbuciando, com haustos longos de instante a instante. Mas crescia apavorante um rumor soturno d'aguas que rolavam, crescia a mais e mais em fragor de cachoeira, chofrando, e Anna Rosa, reconhecendo a voz estrupidante do rio, deteve-se:

— O rio, minha Nossa Senhora! Onde é que eu estou?!

Logo, porém, lembrando-se de que perto do rio ficava a cabana dos negros, bradou por elles, mas o estrondo das aguas que estrupidavam nas pedras era mais forte que a sua voz rouca. Tornou atraz e sempre o rio a acompanhá-la de perto, como se fôsse cavando leito nas suas pègádas; tomando á esquerda, á direita, a voz profunda e monotona das aguas não a deixava.

Teve medo e precipitou-se sem rumo, como para fugir áquella perseguição atroadora; escapou-se-lhe o passo, o pé escorregou:

— Minha Nossa Senhora! e rolou num vallo, sobre a herva, escoriando-se nas bordas da barranca endurecida pelas soalheiras.

Já passarinhos chilreavam timidamente nos ramos. «Misericordia!» E de longe, num avocamento reboante, bradaram:

— Eeeêh!

A céga ergueu-se dorida e, reunindo todas as forças exhaustas, clamou com esperança:

— Rita! Chico! Acóde!

E, como para adiantar-se, caminhou cambaleante, mas foi de encontro á barranca.

— Nhá Rosa! Que é isso, gente! exclamaram de cima.

— Chico! Rita! pelo amor de Deus! Ah! gente... minha filha... E rompeu num pranto forte, como se as lagrimas, represadas por tanto tempo, quizessem sahir em cachões, estalando os olhos: Minha filha, gente..! Minha filha! Felicinha... teve um filho... não sei. Está lá numa pôça de

sangue. Eu perdi a cabeça, sahi á tôa por esses caminhos gritando. Ah ! meu Deus !

Os negros murmuravam compadecidos. Rita tomou a céga pelo braço :

— Vamos, nhá Rosa, Deus é grande !

— Não, Rita ; corre você. vai na frente, minha negra. Vai ! pelo bem que você me quer. Eu vou com Chico. Corre ! E ouvindo os passos da negra que partira, implorou : Corre, Rita ! Pelo amor de Deus ! Ah ! Chico . . . minha filha

O negro, vendo a nudez da céga, porque a camisa voava em tiras, deitou-lhe o seu capote de baeta aos hombros.

— Põe isso, nhá Rosa, está fazendo frio

— Ah ! Chico . . . nem eu me importo. Sahi como estava. Minha filha ! E subiam vagarosamente posto que, por vezes, ella pedisse : Mais depressa, Chico. Ah ! meu Deus ! E quem seria ? Você não sabe ?

— Não. nhá Rosa.

— Mas vocês deviam me ter dito que ella estava de barriga. Eu não vejo.

— Ninguem viu, nhá Rosa. Nhannan não apparecia, falava sempre do quarto.

— Quem vinha aqui, Chico ?

— Só nhá Bemvinda e seu Manuel do *rancho* para comprar milho. Só se foi elle.

— Foi elle, Chico ! Foi elle !

Haviam chegado ao terreiro e o negro disse para animá-la :

— Está ahi, nhá Rosa. Estamos em casa.

— Ah ! minha Nossa Senhora. Entra, Chico. Eu tenho medo. Entra você, vai !

— Rita está ahi, nhá Rosa.

A céga arremessou-se.

— Minha filha, Rita ! fala ! Houve um grande silencio, e a céga, erguendo os braços, bradou num immenso desespero : Morreu ! e atirou-se para a cabana. Minha filha, gente! Eu quero vêr minha filha!

E Rita conduziu-a vagarosamente, amparando-a.

— Tá ahi, nhá Rosa.

A céga atirou-se de joelhos, agarrando-se ao leito, e os primeiros beijos doidos foram pelos lençóes, pelos travesseiros, pelos hombros frios de Felicinha, até que os labios encontraram o rosto gelado e demoraram-se num repouso de angustia :

— Minha filha ! gritou lancinantemente, como para despertar a morta. Felicinha ! Ah ! meu Deus ! está fria. Morreu sósinha ! Morreu sósinha, coitada !

Apalpava-a, passeava a mão pelo corpo immovel, beijava-a estonteadamente. Beijos perdiam-se nos pannos humidos, mas, de repente, o chôro do infante, tremulo, agudo, atravessou o silencio apenas interrompido pelos estalidos dos labiso da céga e pelo ranger do leito sacudido. Ergueu-se impetuosa, d'olhos escancarados.

— E elle ? ! Está vivo ? !

— Está vivo, nhá Rosa. É menino.

— Dá cá . . . dá cá.

Mas diante da physionomia demudada da céga, a negra receiou pelo recem-nascido :

— Elle não tem culpa, nhá Rosa. Eu já cuidei delle, coitadinho.

— Eu sei ; dá cá, dá cá !

Tremendo, a negra passou o pequenito ao collo

da céga, mas ficou de braços estendidos, prompta para salvá-lo ao primeiro impeto de Anna Rosa. A desgraçada, porém, molhando o innocente de lagrimas, pôz-se a beijá-lo, chorando sobre o seu corpinho tenro.

— Meu filhinho! Ah! meu filhinho Porque sua mãi não me disse? eu perdoava e você não ficava sem ella, meu filhinho. Ah! meus olhos! meus olhos! Antes ella me tivesse dito. Coitado do meu filhinho sem mãi! E lembrou-se da morta: Felicinha! silvou.

Veiu-lhe um frenesi, apertou a criança, mas Rita, vendo-a estremecer, cerrar os dentes, acudiu a tempo de tomar o pequeno, porque logo, em tremor convulso, a céga rolou, esbarrando no beiral da cama, abatendo na terra, como uma ruina aluida, escabujando, os punhos cerrados, os olhos vitreos, immensamente abertos, como em assombramento.

Esbatidas as nevoas da manhan, o sol entrou no quarto pela porta aberta, illuminando a cama ensanguentada, e desfeita, como num testemunho da luta sinistra travada na treva, entre a Morte e aquelle corpo hirto e frio, amortalhado no sangue ardente, cumplice do mysterioso crime de amor. Perto, entanto, como um renovo no tronco morto, a criança, d'olhos limpidos, fitava o raio de sol que a abençoava e aquecia, sagrando-a para a vida. E fóra, ao esplendor maravilhoso da manhan, as cigarras estridulas cantavam entre a folhagem, que parecia de ouro á luz resplandecente.

MANDOVÍ

Feita a ultima parada. Mandoví, atirando um murro á mesa, levantou-se, deu um safanão ás calças, passou a mão pela barba e, com a sua voz retumbante, despediu-se:

— Adeu, genti.

Alentado caboclo de peito largo, com uma barba crespa, negra e densa que lhe dava ao rosto expressão feroz, gosava fama de valente e ninguem ousava enfrentar com elle porque o seu pulso era uma barra e, como tinha oração, não havia bala que lhe entrasse no corpo.

— Quê, Mandoví! ocê vai mêmu?

— Cumu não?

Estavam na sala dos fundos da venda de Manuel Monte, um destemido jogador de faca que, segundo se dizia á bôca pequena, arranjára a vida

no caminho esfaqueando um mascate italiano que descia para a cidade, depois das festas do Natal, com a bolsa de couro d'anta atochada de prata.

A parceirada moveu-se. Eram seis vaqueiros da redondeza, que jogavam emquanto o gado dormia nos campos frescos, á luz quieta dos astros, em torno dos ranchos. O vendeiro, gordo, duma côr arroxeada, em mangas de camisa, o cachimbo nos beiços, dava as cartas e cada um dos parceiros tinha á mão um cópo de aguardente. De quando em quando um delles pigarreava, cuspia d'esguicho por entre dentes e, arrebitando o beiço, sorvia um trago com um eêh ! prolongado, cravando logo os cotovellos na mesa sordida e fincando os olhos agudos no baralho seboso. Um lampião de kerozene alumiava escassamente o interior e, como cada um dos homens hav a levado o seu cão, os an maes dormiam est rados por baixo da mesa ou pelos cantos e, de vez em vez, ouvia-se um toc-toc ou o rosnado preguiçoso dalgum que se espreguiçava. Manuel Monte, emquanto dava as cartas, levantou os olhos miúdos para Mandoví e disse sorrindo maliciosamente :

— Ocê va' mas é p'r'u ranchu do Cas miru, cabra. Pruve ta, pruveita emquantu u b chu anda longe.

Houve uma gargalhada estrondosa e todos os vaque ros olharam para o caboclo que accendia o cach mbo vagarosamente.

— É, ocês pensa qu'a genti não tem ma s qu' fazê s não andá atraz du chêru d sa a, cumu cachorru nu rastu di cutia. Aminhan, cedinhu, si Deus qu zé, tô no *Cabuçú* vendu umas rez nova . . .

— Pruveita, rapaz! disseram ainda.

E Manésinho, batendo na mesa, chamou a attenção da parceirada: estavam duas cartas voltadas — uma dama e um seis de ouros.

— Bóta na dama, Manésinho! — bradou um negro estabanado batendo na mesa com o chapéu de couro.

— Quanto?

— Bóta um, home.

Mandoví, interessando-se pelo jogo, deteve-se firmado ao cajado e, de pé, dominando com a sua altura todos os jogadores, que iam cercando as cartas, exclamou de repente num berro:

— Espéra! não tira, Manésinho. Diabu di carta, veiu ahi só p'ra mexê cumigu. Não tira, Manésinho. Metteu a mão no bolso, tirou uma moeda e, passando o braço por entre dois vaqueiros, deu com ella na mesa escondendo-a debaixo da mão espalmada. Tira agóra i firme! Vai tudu issu nu seisão!

Um dos vaqueiros mirou-o sorrindo:

— Ocê não poude mais, hein, véio?

Os outros, immoveis, com os olhos nas cartas, tiravam fumaradas dos cachimbos e o ar morno, denso, ennevoado de fumo, tornava-se irrespiravel. Fóra os sapos coaxavam sem descontinuar. Manésinho, sem levantar a cabeça, esperava até que o negro, coçando, com furia, a carapinha, bradou:

— Faz issu duma vez, Manésinho.

O vendeiro pôz-se a atirar as cartas, num grande silencio. De repente, porém, endireitou-se correndo um olhar rápido pela mesa; o negro bramiu afundando, com uma punhada, a cópa do chapéu de couro:

— Eh ! lá em casa . . . qui sorti ! e atirou com a lingua no céu da bôca.

— Ahi, seisão onça ! exclamou Mandoví triumphante. É carta di fiança mêmu !

E retirando, com desempeno, a mão de cima da moeda, deu outro safanão ás calças. Olharam todos para a parada e houve pasmo.

— Eh ! cabra . . . dois, hein ?

— Antonce ? a genti honra a sua carta.

— Dois ? perguntou o vendeiro com os olhos piscos.

— Apois ? ! dinheiru não tá luzindu ahi, Manésinho ? Ocê não tá vendu ? Passa o cobre dobradu i dêxa di mamparreiu.

O vendeiro afastou-se da mesa derreando a cadeira, puxou a gaveta e, tomando dois patacões, entregou-os a Mandoví.

— Tá di sorti. Fica mais um bocádu, rapaz.

— Quá nada ! Ocê u qui qué é raspá u cóbri ôtra vez. Comigo não ! i daqui nu *Serrinhu* é obra !

— Ocê vai tantu p'r'u *Serrinhu* cumu eu.

— Não vou ? ocê sabi ? pois mió. Dá cá mais uma derrubada ahi modi u friu, genti. Um dos vaqueiros passou-lhe o cópo e Mandoví bebeu com gosto, esticando a lingua para lamber os bigodes. Té aminhan, genti.

— Adeu !

— Eh ! *Tigre* . . . livanta. Com a ponta do pé espremeu o ventre de um cão negro que se levantou ligeiro e, rebolindo-se, a acenar com a cauda, pôz-se a mirá-lo rosnando. Bamu ! Adeu, genti.

E, da porta, para rir, bradou :

— Dá um tombu nesse queixada comedô, genti.

Fóra a noite ia esplendida, fresca e de lua. A estrada, muito branca, insinuava-se pelo arvoredo e perdia-se nas sombras quietas. O caboclo lançou os olhos ao céu estrellado onde a lua brilhava e, passando o cajado pelas costas, á altura dos hombros, vergou os braços sobre elle deixando as mãos pendentes e pôz-se a caminho, precedido pelo cão que seguia com o focinho baixo, em zigue-zagues, a fariscar a herva e o pó.

Era grande o silencio e as sombras das arvores, que se despejavam sobre a estrada, tornavam-na, por vezes, negra, mas logo adiante, a lua reapparecia alva, alumiando o caminho. Vozes estranhas, longinquas, tomaram-lhe a attenção e elle, que ia pensando em coisas vagas, tão distrahido que nem déra pelo cachimbo que se apagára, levantou a cabeça e escutou ; eram sapos em uma lagôa.

De vez em quando estalava uma palma secca, uma folha voava para a estrada fechando, na claridade do luar, uma sombra dura, e insectos ziziavam na herva rasteira. Mandoví fez uma volta repentina e olhou para traz como se quizesse vêr a venda de Manésinho, já encoberta pelo arvoredo, puxou forte pelo cachimbo e, sentindo-o apagado, tirou o isqueiro e feriu lume. Pôz-se, de novo, a caminho e, para distrahir-se, emquanto atravessava aquellas solidões, chamou o cão :

— Eh ! *Tigre* véio, ocê vai vendu u caminhu ? É essi mêmu, Tigre véio.

O cão, ouvindo o seu nome, retrocedeu aos saltos, ganindo. Aguas rolavam na matta que beirava a estrada com um fresco murmurio e, pouco adiante, uma velha ponte, feita de grossos troncos, aru-

zava o corrego fino onde a lua refulgia em soalha de prata. Um bacuráu levantou o vôo desapparecendo no matto. Mandoví passou, de novo, o páu ás costas, derreou a cabeça e, d'olhos no céu, cantou baixinho

No tópe daquelle monte
Móra a minha occupação,
Por isso ali sóbe tanto
Meu travesso coração
. . . . . .
Por isso alli sóbe tanto
Meu travesso coração . .

e continuou assobiando. Calou-se para caupar o cachimbo que se havia apagado de novo, depois, seguindo uma idéa, riu, resmungando:

— Han, diabo di rapariga . . . Dipois a genti faz uma côsa i ta hi . . . purquê andô virandu a cabeça da muié dus ôtru, i mais istu i mais aquillu. Pur causa disso mêmu é qui acontéce tanta disgraça neste mundo di Deus. A genti vai mêmu i tá hi. Atirou uma cusparada e, sacudindo a cabeça, exclamou: Quá! Casimiru não tá siguru. Aquella rôxa é o diabu!

De repente um grito silvou na matta. O cão estacou, d'orelhas fitas. Mandoví deteve o andar, olhando. O luar, cada vez mais brilhante, scintillava na agua rasa do corrego que seguia a par da estrada. O silencio era grande, não bolia folha. O cão ladrou para a matta e seguiu farejando a poeira.

Mandoví retomou a cantilena, mas não havia dado seis passos, quando, de novo, ouviu o grito

agudo que, dessa vez, parecia dizer o seu nome, como se o chamasse «Mandoví!»

O caboclo sentiu um arripio de mêdo e ficou a olhar — tudo era matto e sombra, nem uma luz de rancho, nem um boi perd'do no campo. «Mandoví!»

— Eh! Eh! fez o valente. A mód' qu'issu aqui tá assombradu hoje.

Voltou-se alongando o olhar para o caminho que percorrera: sombras moviam-se sinistramente na estrada; elle, porém, habituado áquelas caminhadas nocturnas, não se assustou com ellas porque bem viu que eram dos galhos das arvores. Mas alguma coisa tolhia-lhe o andar, uma voz interior dizia-lhe que não proseguisse. Estava ainda tão longe o *Serrinho*, a uma hora, talvez, e por dentro da matta porque a estrada desviava-se, pouco adiante, para o *Cabuçu*, em trilho estreito que se mettia pela floresta, levando á povoação pobre dos vaqueiros de Santa Iria.

Depois de uma hesitação, o caboclo decidiu-se:

— Quá! issu é tontêra. Aquelle Manésinho é bichu tão escorvadu que é até capaz di botá alguma côsa na bibida modi tonteá a genti, só p'ra ganhá na cérta. Quem é qui ha di gritá meu nome a esta hora, neste descampadu? Isso é tontêra mêmu. Passou a mão pelos olhos, e, resoluto, animou o cão: Bamu, *Tigre*. Então ocê não ouve, véio? Bóta a bôca nessi diabu qui tá hi tomandu cunfiança c'a genti. Bóta a bôca, *Tigre*.

O cão arremetteu, mas de repente, numa volta subita, recuou ganindo, d'orelhas murchas e, em corrida desabalada, veiu atropelar o caboclo, esfregando-se-lhe nas pernas, com um chôro covarde.

Mandoví, com os cabellos espetados, furioso, atirou um ponta-pé, que apanhando o cão pela barriga. virou-o na estrada. O animal não fugiu e, apesar de repellido, tornou para junto do senhor de rasto, agachado, com a cauda encolhida.

— Quá ! resmungou Mandoví, issu não tá bom, não. Essi caminhu tem côsa. Genti não é . . . cachorro não fogi di genti. Issu é côsa . . . E, parado, com os olhos enormes, o coração batendo precipitadamente, perscrutava as cercanías, quando, de novo, ouviu o grito agudo « Ma . . . andoví ! » Estremeceu tão violentamente que o cajado quasi lhe escapou da mão. « Nossa Sinhora ! » persignou-se e ficou preso á terra, agarrado ao solo como aquellas arvores frondosas que pareciam esconder o assombro.

Uma lembrança sinistra augmentou-lhe o pavor : « Eh ! quem fala verdade é Jirimia . . . » Metteu a mão no bolso e, convencendo-se de que tinha o seu isqueiro, tranquillisou-se. « Ainda si fô só módi pidi fogu . . . I a genti qui não acriditi . . . » Levantou os olhos — uma estrella cadente rastejou o espaço illuminado. « Deus te guie . . . »

« Mandoví ! » E, logo depois desse grito lamentoso, que parecia desferido por alguem que soffria, numa barranca escalvada, sem arvores, sem hervas, um vulto, mais branco do que o branco luar, hirto, abrindo sobre o fundo espaço compridos braços duramente esticados, com uma fina tunica fluctuante, balouçava-se mollemente, aereamente, em lento vai-vem, da barranca ás frondes do arvoredo, das frondes á barranca. O caboclo abriu muito os olhos num espanto mudo e tolhido, sem poder tirar-se da

posição em que ficára. Olhava, quando, na matta, estridente gargalhada retalhou o silencio. Voltou-se bruscamente e, olhando, nada viu senão as arvores mudas e o mudo caminho. O cão já ali não estava, havia desapparecido. Reuniu todas as forças e bradou por elle:

— *Tigre !* eôôôôh ! *Tigre !*

Uma sombra, fugindo d'entre a folhagem, partiu d'arremettida estrada fóra, perdendo-se em uma nuvem de poeira. De novo o silencio cahiu.

Só, na solidão terrivel, ao livido luar, diante daquelle estranho vulto que se balouçava sobre o caminho, o caboclo sentia as pernas enfraquecerem, respirava a custo, como se lhe comprimissem o peito.

Lentamente, cautelosamente, sem tirar os olhos da apparição, passou a mão incerta pela cinta e o cajado, esquecido, cahiu no pó com um baque balôfo.

Estremeceu, mas já estava com a garrucha em punho — engatilhou-a e, levantando-a á altura dos olhos, fez fogo ; o gatilho bateu frouxo.

— Cruz ! esconjurou o assombrado, descarregando o outro cano.

Um grande estrondo abalou o silencio rolando trovejantemente, até que, no fundo bosque, outro tiro troou como em resposta, mas o vulto continuou no seu molle e flaccido balanço aereo, com os longos braços magros abertos sobre o fundo espaço.

« Mandoví ! Mandoví ! »

— Mandoví . . . pois sim, côsa ruim . . . Só si não hai Nossa Sinhora.

Abriu, com os dedos crispados, o peito da camisa, e com um safanão, arrancou duma fita que trazia ao pescoço um breve de couro e, fechando-o com força na mão, ameaçou com elle o vulto balouçante :

— Só si Nossa Sinhora não tá qui. T'iscunjuru !

E, aos recuansos, tornou pelo caminho que fizera afoitamente e logo que, numa volta da estrada, perdeu de vista o vulto, deitou a correr desatinado.

A poeira adormecida levantava-se em nuvens sob os seus pés ligeiros e, na corrida, como se alguem o acompanhasse, com zombaria, por vezes, um grito resoava-lhe aos ouvidos.

Justamente quando ia atravessando a ponte, pareceu-lhe vêr o mesmo vulto branco trepado num tronco, com os longos braços lividos e seccos abertos sobre o fundo espaço. Estacou esbaforido, arquejando e, com uma voz sumida, esconjurou de novo :

— Por Nossa Sinhora da Conceição, demonho ! sahe da minha frenti !

E, d'olhos fechados, para não vêr o horror, atirou-se de arranco, galgando a passagem. Ia já pelas alturas do pasto, todo branco, como um mar de leite, quando ouviu vozes e latidos. Deteve-se e, como havia um cavádo na barranca, sentou-se cançado, offegante, com o suor a escorrer-lhe pelo corpo :

— Pur Deus Nossinhô ! nunca vi uma côsa ansim. Jirimia tem razão . . . I a genti qui tomava pagódi co'elle.

Instinctivamente voltou os olhos para a es-

trada, como se ainda quizesse vêr a apparição e, olhando, ali ficou, esquecido e molle, vergado de fadiga, a raspar a fronte, de quando em quando, com o pollegar, para escorrer o suor que cahia na terra em fio. Justamente defronte do ponto em que havia parado começava uma picada, e longe, perdida entre arvores, num fundo negro, uma luzinha brilhava. Já as vozes vinham perto, em algazarra; cães appareceram correndo, abocanhando-se, mas sentindo-o ali e desconhecendo-o, acuaram ladrando.

— Eh! cala a bôca, porcaria! intimou o caboclo e os animaes, reconhecendo-o, abanando a cauda, cercaram-no festejando-o. Estava elle a afagar a canzoada quando os vaqueiros appareceram na volta do caminho. O negro vociferava atirando murros ao espaço, quando um do grupo descobriu Mandoví.

— Eh! home, qu'é issu? Ocê aqui?

Todos romperam a rir.

— Ahn! muié é u diabu!

— Oia só, bradou o negro mostrando a luzinha ao longe. I diche qui ía p'r'u *Serrinhu*. Essa aqui si não é a picada du ranchu du Casimiru eu não queru mi chamá Simeão. Eh! cabra onça! Tá di guarda nu tócu. Coitada di nhá Nica!

Mandoví ia responder, mas para que o não tomassem por medroso, porque teria de justificar com a verdade a sua presença naquelle ponto, levantou a cabeça e, ainda com a voz cançada, perguntou amuado:

— I issu é da conta d'ocê, Simeão?

— Uai! a genti tá brincandu, Mandoví; não

pricisa zangá modi muié. Mas ninguem gosta di passá pur tôlu. Qui ocê foi issu . . . tem paciencia, cumpadi.

Os vaqueiros affirmaram rindo :

— Eh ! cumu não ? . . .

Animado com a presença dos companheiros, o caboclo levantou-se, accendeu o cachimbo e, sem dar mais attenção ao negro, que continuava a tagarellar, perguntou :

— Ocês vai p'r'u *Serrinhu* ?

— Cumu não ? a genti não tem ranchu p'ra ficá.

— Ranchu só ? e aquella cara di roxinha qui até faz tontêra quandu a genti óia p'r'ella . . ?

— Tá bom, genti, dêxa di brincadêra. Casimiru é cumpanhêro i issu pódi chegá aos uvidu delle. Bamu acabá co'essa caçoada.

Seguiram discutindo as espertezas de Manésinho e íam pelas alturas da ponte quando Mandoví ouviu o grito na mata. Estremeceu, mas fingindo calma, perguntou :

— Qu'é issu qui tá gritando ansim, genti ?

— Antonce ocê não sabi ? ocê não cunheci sacy ?

E um dos vaqueiros, para rir, respondeu á ave sinistra.

— Dêxa dissu, Amaro. Não brinca co'essas côsa, não, disse o negro.

— Ocê tem mêdo ? e estalou com a lingua. Elle qui venha cá.

— Não fala ansim, Amaro. A genti c'um home péga mêmu, mas co'essas côsa du mattu, qui ninguem sabi qui é, não é bom brincá.

E longe, no denso arvoredo, a ave gritou de

novo. Quando chegaram á altura da barranca, Mandoví, erguendo os olhos, aterrado, deu com o vulto balouçando-se e, involuntariamente, deteve-se.

— Qu'é issu, Mandoví ? Qu'é qu'ocê viu qui tá assim sarapantadu ?

— Aquillu ali na barróca

— Ondi ?

— Oia, ali aquella côsa branca, mexendu . . .

— Ó home, aquillu é uma fôia véia di parmêra qui dispencô. E o negro, voltando-se para Amaro, responsabilisou-o : Tá vendu ? ocê cumeça a dizê bobagi i Mandoví mêmu tá hi espantadu. Dêxa dessa graça, rapaz. A genti não sabi issu qui é p'ra qui ha di andá bulindú ? Não faz issu não, Amaro. Oia Jirimia . . . tantu fez, tantu fez . . . Era ôtru qui, pur causa di rabu di saia, botava u pé nu caminhu i nem qui vissi u diabu havia di passá mêmu. Não tá hi bobiandu ? Não faz issu não, Amaro.

Passavam justamente no sitio assombrado e Mandoví convenceu-se do que dissera o Amaro vendo a palma a balouçar-se. Um dos vaqueiros, parando, lembrou :

— Foi aqui que u intalianu appareceu mortu.

— Qu'intalianu ?

— U da historia di Manésinhu.

— Foi aqui ?

— Foi ; pertinhu da barranca.

— Cumu é qui disseram qui foi na beira du rio ?

— Não é capaz — foi aqui mêmu. Eu passei di menhã i vi u corpu, já num mosquêru di mettê mêdu. Qué vê ? E o vaqueiro mergulhou no matto afastando ramos até que descobriu uma cruz tosca,

sob uma coberta de palha. Eu não diche ? Oia ondi é qu'elle tá enterradu.

Curvaram-se todos curiosamente e os cães, que haviam acompanhando os donos, mettiam-se pelo matto, aos galões, como se buscassem alguma presa. Quando os vaqueiros tornaram á estrada o negro, que ia para o *Cabuçu*, tendo de os deixar, despediu-se depois de haver apagado o cachimbo.

— Adeu, genti. Ocês foi falá di tanta côsa qui eu não sei como vou pur essis mattu sósinhu. Oia, fógu já não levu, não qui não queru historia nu caminhu. Jirimia tá hi i Jirimia não tinha medu di nada.

— I ocê tá cum mêdu, Simeão ? perguntou Mandoví.

— Ocê pensa qu'eu tenhu vergonha di dizê ? Tô cum mêdu, sim. Não, meu amigo, p'ra home ou p'ra bichu a genti istica uma lingua di ferru ou bóta fogu i passa, mas cum essas côsa du mattu virge . . . ! Tomara a genti um buracu módi mettê a cara. Deus mi livri ! Sou home p'ra outru home cumu eu, mas cum encantu não queru incontru, nem di noite nem di dia.

— Quá incantu !

— Quá incantu ? poi sim . . . Ocê fala assim purque nunca si viu aperreadu. Vai ti fiandu. Jirimia tambem não tinha mêdu di nada . . . i hoji ?

— Tá bom, adeu !

— Adeu !

Apartaram-se. O negro seguiu pela estrada larga e alumiada e estendeu a voz :

Sapateia, moreninha
Qu'ocê não bati no chão;
Podi batê sem receio
Qui bati num coração . . .

— Eh! mêdu, bradou o Amaro, a rir; e Simeão, já longe, respondeu:

— Hen . . . hen . . .

E, atravessando a matta obscura, os vaqueiros, como para não interromperem o somno das coisas, iam calados, um a um, apartando os ramos; os cães seguiam-nos em silencio e Mandoví, lembrando-se do vulto branco que se balouçava, com os braços lividos e magros abertos no fundo espaço, pensava com terror:

« Foi u intalianu mêmu qui mi appareceu . . . foi elli mêmu . . . »

As folhas estalavam sob os passos e, de quando em quando, o que ia á frente, rompendo o caminho, avisava:

— Baixa, genti: oia u páu . . . Oia agua, genti.

E a marcha proseguia em silencio atravéz da matta silenciosa.

OS VELHOS

I

A Olavo Bilac

Na encosta agreste da collina chamada da Ventania, a seis kilometros da obscura cidade de C . . . , agasalhava-se humildemente, branca como uma ermida, a casa de Thomé Sahyra, cesteiro de profissão. Quem olhava de longe para aquelle canto esquecido, avistando tamanha alvura entre o frondoso matto, se não sabia da existencia dessa habitação modesta julgava ter dado, ao acaso, com um pittoresco lençol d'agua precipitando-se da altura, branco, espumoso, rolando, pedras abaixo, para o corrego.

Á frente, sob tres janellas, num escrupuloso aceio, o terreiro estendia-se cercado de espinheiros, tendo como contra-forte os troncos apuados das laranjeiras que fechavam a caiçára — no tempo das frutas carregavam a ponto de ser preciso an-

darem de manhan apanhando as laranjas que, de maduras, cahiam rachando na terra tostada e batida.

Em volta da casa, á sombra d'arvores, havia o chiqueiro, o aprisco, a palhoça para as gallinhas e o alpendre onde, á noitinha, as vaccas eram re olhidas. Os terrenos de plantio eram na planicie onde cresciam os milhos altaneiros e o feijoal alastrava ; as ramas das aboboreiras cobriam uma extensão larga ; o mandiocal verde-negro forrava a vertente da collina insinuando-se por entre o cafesal, uma centena de pés, mas tão viçosos que suppriam o paiol e, ás vezes, nos annos ferteis, transbordando as arcas, o velho levava o restante ao mercado onde trocava os alqueires por peças de madapolão ou de zuarte e morim e baêta para os rigorosos frios ou então por instrumentos de lavoura ou louça para a mesa.

— Que havia de fazer do dinheiro ? Melhor era ter a casa abastecida e um leito molle, porque já não supportava as duras palhas de milho dos catres sertanejos. Para que o havia de guardar ? Ia-o empregando, mal o recebia, para que algum ambicioso máu não fôsse, á noite, armado, ameaçá-lo no seu socego, assassiná-lo mesmo, como haviam feito no sitio dos pinheiros, por nome *Terra Santa*, ao velho Simeão, que, segundo diziam, tinha uma talha cheia de ouro enterrada debaixo do soalho do quarto de dormir. Havia apenas em casa uns cinco ou seis dobrões que Romana guardava num mealheiro, fechado no oratorio, coberto com um panno de crivo, servindo de peanha á Senhora da Conceição.

Viviam modestamente e felizes: elle tecendo jequiás e côfos e, nas horas mais frescas da manhan e da tarde, indo á sua roça fazer uma limpa ou espalhar a semente, puxar a terra para as raizes mais expostas ou cavar o sólo para arrancar a mandioca; ella com os cuidados da casa — ora ao fogão, ora á beira do corrego batendo a roupa, ou tratando das aves e dos porcos ou ateando o lume no forno de barro para fazer sequilhos.

Tinha Thomé Sahyra sessenta annos, a sua sombra, entanto, ao sol dos campos, era a de um rapazelho, tão enfesado e secco era de corpo.

O rosto, de uma côr fechada de bronze, engelhado, nunca tivera barba, o queixo fugia-lhe muito agudo como um ariete, os olhos, sempre somnolentos, pareciam os dum ébrio.

Romana, tambem magra, annos mais velha que o marido, a cabeça toda branca, a pelle enrugada, era, todavia, forte, de uma saude rija e alegre como um passaro.

Viram-se, a primeira vez, perto de um corrego, no tempo em que Sahyra, rapaz de vinte annos, faiscava nas aguas ricas do sertão. Ligaram-se e vinham desse tempo numa prisão de amor, atravéz de accidentes, ora num canto de serra, ora no coração de um povoado; um dia arranchados, no dia seguinte, com os trens num carro de bois, abalando para outros sitios, sempre alegres, sem queixas, com uma viva esperança em Deus e na terra que as pesadas rodas carrilhavam e que por ali fóra se estendia em campos e montes ferteis.

Um dia acharam essa encosta retirada e Thomé, porque a terra era de Nosso Senhor, não se preo-

cupou com saber quem era o dono e, cantando, ajudado pela mulher, levantou a palhoça.

Um vento de borrasca descolmou-a, uma noite, num bravio e inclemente agosto frio e de vendavaes e o cesteiro, que amealhára economias, diante das ruinas do seu tugurio, concordou com a companheira sobre a conveniencia de edificarem uma casinha que resistisse ao tempo e os resguardasse dos rigores, de muros fortes, coberta de telha.

Com uns tres camaradas começou Thomé Sahyra a obras da casa, escolhendo, elle proprio, as braúnas para os esteios, indo buscar os troncos á floresta, amassando o barro e, porque vira o trabalho nas olarias quando andára a correr terras, fez uma fôrma e, em pouco menos de quinze dias, havia no terreiro um estendal de telhas e a casa foi surgindo, graciosa e solida, entre as verdes arvores. Caiada, alvejando, era a primeira que se avistava da estrada por ser a mais alta e a mais branca.

Elle mesmo plantou todas as arvores frutiferas e fez a horta e a sua rocinha e, todos os annos, pelo Natal, caiava os muros, pintava portas e janellas, não só por embellezamento como por conservação. E os temporaes passavam rugindo sem que uma só pedra se desprendesse dos muros da casa nova.

Deus abençoava-os vendo-os tão velhos e tão amigos, vivendo virtuosa e santamente, sem preguiça, com honra e muita caridade porque, muitas vezes, pobresinhos que passavam, descobrindo a casinha branca, de tão lindo aspecto, guardando, como uma zagala, as vaccas e as ovelhas que pastavam nas cercanias, subiam pelo caminho estreito e, á sombra da latada de maracujás que á cozinha

fazia um verde alpendre, cheio sempre do ruflo das azas dos beija-flóres ou do zumbir das abelhas, imploravam enternecidamente, como em um canto triste: «Pelas santas chagas do Senhor dos Martyrios, esmola, meu irmão, a um pobresinho!» Não desciam com o «Deus o favoreça!» Romana sentava-os á mesa ou, se preferiam, por vexame, ficar á sombra da latada, lá lhes levava um prato cheio, frutas tantas quantas quizessem lhes estavam os ramos prodigos offertando.

Conhecendo a virtude das hervas e o valor das rezas que sabia, para todos os males, desde o quebranto das crianças até para ajudar a morrer, noite alta, não raro, iam bater-lhe á porta, pedindo a sua presença junto duma mulher que estava com as dôres ou de alguem que se estorcia com os rins tomados ou com um ar e ella, paciente como uma freira, lá ia a pé, alumiando o caminho com uma lanterna, a balbuciar orações para afugentar as viboras errantes e, á cabeceira dos moribundos, o vigario, muitas vezes, conversava com ella, pedindo-lhe um remedio para a sua erysipela rebelde.

Nada levava por essas misericordias, mas os pobres, logo que melhoravam, subiam á collina, como em romaria penitente, levando gallinhas, bacorinhos, frutos dos seus pomares ou esmolas para o azeite da Virgem da Conceição.

Se succedia ser algum pastor picado de cobra no campo, corriam logo os companheiros á collina e Romana, chegando á porta da cozinha, estendia os braços na direcção do sitio em que se achava a victima e ficava algum tempo hirta, extatica e logo o pastor andava como se nada lhe houvesse succe-

dido. Contavam mesmo que estando enferma, de cama, e sendo procurada por Manuel Tiburcio, dos *Cajueiros*, para benzer-lhe o gado comido de bicheira, ella animou-o dizendo que — voltasse com fé porque S. João já andava curando os animaes.

Effectivamente, chegando á casa, Tiburcio ouviu dos camaradas attonitos a narração do prodigio: «Que estavam pastoreando quando viram os bichos cahir, em montes, deixando brocas immensas nas ancas, nas espaduas, nos ventres dos bois que, pacientemente, lambiam as feridas ou, sacudindo as caudas, afugentavam as moscas que voavam em enxames perseguindo-os.

Manuel Tiburcio foi grato — na mesma tarde mandou de presente á Romana uma vacca e o seu novilho, e frangos, além duma esmola em prata para o azeite da santa.

Homem d'alma ingenua, nascido e criado nos sertões solitarios, sempre a ouvir, nas vigilias dos ranchos, nos campos ou nos pousos das villas, lendas de espiritos malignos, casos estranhos de assombramento e de apparições, vinganças d'almas, correrias de demonios ou de animaes macabros ou beneficencias de velhos centenarios que, nos rigorosos tempos dos frios, batendo, á noite, á porta das cabanas, pediam lume e pão, tiritando, molhados, e que eram o proprio Deus ou um santo da sua côrte que andava provando a piedade dos homens, Thomé Sahyra respeitava, com terror supersticioso, todas as abusões e praticava a caridade, mais levado pelo receio do que pelo coração, curvando-se

muito, devoto e humilde, se lhe chegava á porta estafado, faminto, um velho caminheiro desses que costumam trilhar vagarosamente as estradas longas, pela sombra fresca dos espinhaes, com um páu de arrimo e um cão. Fartava-os e, quando os pobresinhos, gratos, de olhos altos, erguendo as mãos, imploravam do céu o premio para os bemfeitores, Thomé Sahyra baixava a cabeça como para receber, contrito, as mercês da Altura e, vendo-os descer, lentos e satisfeitos, abençoando as arvores, de pé, num enlevo mystico, balbuciava com enternecimento, á companheira :

— Quem sabe se não é Nosso Senhor, Romana ! !

E ella, baixinho, espiando o pobre, convinha :

— Póde muito bem ser que seja.

Se, á noitinha, da porta da casa, via uma estrella cadente scindir o espaço, erguia-se com respeito e pronunciava sempre a phrase protectora : « Deus te guie ! » ; porque, na sua crença, era uma alma desgarrada que procurava, afflicta, o caminho do céu. Se lhe chegava aos ouvidos a gargalhada da coruja, estremecendo, traçava no ar uma cruz ajuntando : « P'ra longe, agouro ! P'ra longe ! Credo ! »

Ás sextas-feiras, dias aziagos, as codornas podiam vir mariscar no terreiro, podiam as pacas e as cotias devastar as roças, Sahyra deixava-se estar de braços cruzados. Por nada, nem que lhe déssem todo o ouro da terra, seria capaz de fazer uma morte em dias taes. Mesmo nos outros, ás vezes, levando a arma á cara, se lhe succedia ouvir um gemido no bosque : voz de rôla tristonha ou pio surdo

de nambú, impressionado, baixava a arma tirando presagios do canto da ave mysteriosa, e a caça abalava feliz. ganhando a tóca ou o ninho, na floresta, sem que Thomé ousasse persegui-la. Á noite, no tempo dos grandes ventos, os terrores do misero augmentavam.

Não raro, quasi a dormir, de olhos fechados, estremecia na cama e acordava a companheira, aterrado, tremulo :

— Romana ! Romana ! Acorda ! Ouvira o galope desabrido de um animal lá fóra. Que seria ? ! Escuta, Romana. Escuta ! E os dois, quedos, aconchegados, ficavam attentos, balbuciando rezas. O estridor do vendaval crescia, o ramalhar das arvores estortegadas ia de mais em mais. Escuta ! Escuta ! Nossa Senhora !

Romana, mais calma, tomando o seu rosario, saltava da cama e, mesmo descalça, abrindo intrepidamente a janella, soprava para a noite tragicas palavras de exorcismo e atiçava a lamparina que tremeluzia aos pés da Virgem.

— É vento ; está ventando, Thomé !

— Não, Romana, por Deus ! eu ouvi o galope de um animal, como que subia e descia o caminho, chegando até á beira do terreiro. Você estava dormindo.

E encolhido, puxando os lençoes para o queixo, muito aconchegado á companheira, Sahyra tiritava, mas sempre com o ouvido á escuta, rezando mentalmente, invocando santos, voltando-se na cama, falando para que a companheira não adormecesse.

Entanto ninguem o tinha em conta de covarde,

até estranhavam que, tão entanguidinho como era, fôsse capaz de fazer frente a homens como Silvino Péba, negro de fama, atrevidaço e máu que, de uma feita, em um mercado, para fazer rir e mostrar pulso, tentára suspendê-lo pelo cós das calças. Thomé Sahyra, crespo e agil como um mara ajá, saltou atráz dois passos e, quando o negro avançou, viu que o « mirrado » apertava na mão secca a faca aguçada e rangia os dentes, de olhos accesos que nem onça acuada.

Silvino riu e, desenrolando o laço de couro crú que trazia á cinta, gritou que ia derrubar o bicho. Fez-se um circulo. Os sertanejos, attrahidos pela luta do gigante e do anão, olhavam entre risonhos e commovidos, em uma ansiedade mal contida, emquanto o negro, vagaroso, paciente, dizendo graças, certo da victoria, ia desembaraçando o laço :

— Espera ahi, emperradinho. Vo ê botou a unha de fóra, mas eu vou-te buscar, filhote de jaguatirica. Espera ahi, bicho. Então é você, mofino assim, que ha de me tontear ? Onde é que se viu um homem ter medo de móvitos ? Espera ahi, calunga. E emproado como elle só . . .

Thomé Sahyra, encantoado, esperava :

— Vai-te embora, Silvino. Você p'ra que ha de inticar com quem está quieto ? Vai-te embora, rapaz. Eu não sou homem de disputa ; deixa disso.

— Uê ! pois você não está arrotando valentia ? E o negro avançou com arrogancia : Então bóta o ferro no chão e pede perdão já, se não te caço ! Vamos : pede perdão, seu *setemez !*

Sahyra, como se tivesse levado uma bofetada, numa ira feroz, bramiu :

— Perdão ! ? Negro, você não me conhece ! E, erguendo tremulamente a faca que alumiava, bateu com o pé, bradando : Perdão só a Deus Nosso Senhor, na hora da agonia. Só a Deus Nosso Senhor, negro. E arquejou, cançado.

— Então, aguenta, seu *tripa !*

Derrendo o corpo de flanco, Silvino atirou o laço que se foi desenrolando num bote certeiro sobre o caboclo. Houve um sussurro de applauso entre os assistentes. Subito, porém, um grito partiu, e o negro, agachando-se, com ambas as mãos no ventre, continha o sangue que jorrava de uma larga e profunda ferida.

— Cão do diabo ! Esse mofino tem reza ! Esse mofino tem reza !

E Silvino deixou-se cahir a um canto, gemendo, agarrando o ventre.

Acudiram todos, alguns com pena, outros com satisfação cruel, applaudindo o salto agil de Sahyra que escapara ao laço e lesto, num galão, cravára a faca no valente pirando-se, a bom correr, matto dentro. Silvino esteve mais dum mez sem poder mover-se e de cama, aos que o visitavam, dizia sempre, com terror :

— Tem reza, o diabo. Pois eu não perco um garrano na manada e havia de perder, a cinco passos, um diabo daquelles ? Tem reza.

Isso foi nas margens do S. Francisco, d'onde Thomé abalou fugindo á justiça e á vingança do negro máu.

Mas que terriveis noites passou, pungido pelo remorso, a ouvir sempre o grito agudissimo que o negro soltára quando a faca se lhe enterrou no ven-

tre. Sentia na mão a tepidez do sangue que jorrára em gorgolões. Atirára a um vallo a faca ensanguentada, parecia-lhe, entanto, que ainda a trazia á cinta, via-a mesmo por vezes.

Á noite, seguindo as trilhas desertas, as grandes sombras das arvores, ao pallido luar, tomavam fórmas espectraes — eram braços ameaçadores que o intimavam a parar, vultos embuçados que avançavam em passos subtis ; e gritos, rumores de vozes surdas, risinhos abafados ou lamentos doridos vindos do mais fundo da brenha, ais ! que se prolongavam longamente. Se a besta refugava atesando as orelhas, Thomé Sahyra, tiritando, persignava-se e bradava num vozeirão de apavorado :

— Perdôa, por Nossa Senhora d'Agonia, Silvino Péba ! Perdôa, criatura !

Os grandes silencios atroavam. Só teve paz no dia em que soube que o negro já andava pelos campos de laço e vara como d'antes.

Foi depois desse crime que Thomé Sahyra cahiu, pela primeira vez, no somno grande. Estava á porta da casa, que era então um palhegal á beira do rio das Mortes, trançava um cabresto novo, quando sentiu uma nuvem escurecer-lhe os olhos e uma ansia de morte no peito. Teve tempo apenas de chamar por Deus e rolou nas pedras, batendo com a fronte na quina da soleira.

Romana acudiu logo, vendo, porém, o seu homem banhado em sangue e prostrado, inerte, vacillou e teria cahido sobre elle, se não se agarrasse á ombreira da porta ; mas forte, reagindo, correu á tina, encheu uma cuia e encharcou a cabeça do caboclo que, sem sentir a agua, continuava immo-

vel, de bruços na terra que um fio de sangue manchava.

A idéa de morte feriu logo o espirito de Romana, posto que uma tenue esperança lhe acoroçoasse o animo :

— É do choque, coitado ! Como perdeu sangue ! suspirava arrepanhando os cabellos, que haviam rolado para as costas, negros e corredios.

Agachou-se e, com força d'homem, tomou-o nos braços nervosos, levando-o para a cama, onde o deitou, despindo-o para friccioná-lo com uma infusão de hervas e aguardente do Reino, que ella mesma preparára para os casos de ataque.

Thomé Sahyra, d'olhos opacos, não dava signal de vida : o coração parecia parado, as extremidades esfriavam, a pelle ia-se-lhe tornando livida e baça e enrugava, as orbitas cavavam-se, as maçans tornavam-se a mais e mais salientes e a bôca, entreaberta, deixava vêr os dentes cerrados, negros do sarro do fumo e aguçados como os das féras.

— Nossa Senhora das Dôres ! como é que se acaba assim ! suspirava Romana afflicta, indo e vindo pela casa, sem saber que havia de fazer, aquecendo baêtas para o ventre do enfermo, pondo-lhe aos pés botijas d'agua quente. De quando em quando, um suspiro escapava-se-lhe com ansia e ella ficava vencida pelo desanimo, de mãos cruzadas diante do leito, lacrimosa e calada, contemplando o companheiro.

Accendeu a lamparina da Virgem, fez promessas, ajoelhou-se e orou devotamente, mas, á tardinha, vendo que o companheiro não despertava, traçou o chale e sahiu para chamar alguem

que a ajudasse a acompanhar o morto durante a noite.

Trancou a porta e foi-se, estrada abaixo, beirando o rio tristonho, de margens mal assombradas, até a cabana dum velho negro, entendido em curas.

Elle lá estava com o seu cachimbo, sentado á porta, picando as aspas do urucungo.

Sexagenario, alto, magro, de intonsa barba branca, aspera como velha parasita reseccada num tronco, o cabello duro e hirto, os olhos pequeninos, sanguineos, irrequietos nas orbitas fundas, a fronte curta, vincada, o negro tinha o aspecto de um hamadryas, e cantava ao som soturno do instrumento barbaro, emquanto as rôlas nos mattos piavam com tristeza sobre um resto de sol que dourava as moutas.

Romana, ainda nova, com os seus olhos incomparaveis, negros e languidos como os das ovelhas, temia, como todas as mulheres, o velho pai de quimbande, luxurioso e atrevido, que vivia arredado na sua tóca como um leão solitario á espera de que lhe passasse, ao alcance da garra, a prêa descuidada.

Quando deu com elle, esteve para voltar, tão feio lhe pareceu o feiticeiro, com o peito nú, a cabeça baixa, sorumbatico, regougando o seu canto selvagem ; mas, a lembrança do companheiro que, talvez, voltasse á vida se o negro tomasse conta delle, deu-lhe animo ; passou a cêrca e parou decidida diante do africano :

— Boa tarde, tio Adão.

O negro encolheu os hombros, ergueu a cabeça, e encarou-a, apertando os olhos, mastigando :

— Eh ! Eh !

— Venho aqui móde vancê me acudir lá em casa. Sahyra cahiu como morto e está que não dá acôrdo de si.

O negro, coçando o queixo, piscava os olhos fuzilantes :

— Eh ! Eh ! Cumu foi ?

— Estava arranjando um cabresto e, de repente, rolou quebrando a cabeça no batente da porta. Eu acudi, mas já tarde, tio Adão. Não sei que é, só vancê vendo. Já fiz tudo.

— Senta aqui, convidou o negro, afastando-se na soleira da porta para dar lugar á rapariga. Bacorinhos sordidos coinchavam no terreiro coberto de bagaços de canna e de cascas de laranjas e para as arvores voavam gallinhas, empoleirando-se. Senta aqui ; bamo cunversá. Bateu com o cachimbo na mão aberta, calcou o fumo e tirou uma baforada. Senta.

— Não posso, tio Adão ; tenho pressa.

— Entonce ocê não qué mi dizê cumu foi ? Senta, criatura. Eu não sou bicho nem tenho denti ; arreganhou a bôca mostrando as gengivas núas ; sorria bestialmente. Senta ! E bateu na pedra com a mão espalmada, numa irritação sensual, e logo, em movimento rapido, curvando-se, procurou agarrar a barra da saia da rapariga, que recuou, franzindo a cara. Ah ! tola ! fez o negro amuado : senta !

— Não posso. Vancê sabe que eu vim aqui por necessidade.

— Entonce qui tem, minha fia ? Senta.

— Não, tio Adão : sou séria. Vivo com um homem e emquanto elle não me deixar ninguem se gabará de mim. Não sou quem vancê pensa. Se

quer vir commigo, venha; senão... — e, encolhendo os hombros — ha de ser o que Deus quizer. E deu volta para sahir.

O negro ergueu-se a custo, ajudando-se com as mãos, a resmungar:

— Luxenta! Mas dêxa tá, disse pausadamente em tom de ameaça, espalmando a mão no ar: raiz tá hi... café tá hi i sapo inda canta n'aua. Quem póde tá li dent'o — e apontou para a cabana escura. Eu vou, eu vou, mas o dia ha de vi. Eu hei di vê uma pessoa vi chegando. vi chegando por seu pé cumu passarinho p'ra bôca di cobra. Sapo inda canta n'aua, sexta-feira é dia grande.

E ria perversamente, caminhando para a cabana.

Romana seguiu-o com os olhos brilhantes de colera. Pouco depois o negro voltou com o cajado e uma cumbuca e, de pé na soleira, bateu as palmas. assobiou e logo um cão saltou d'entre os mattos, contente, rebolindo-se.

— Bamo!

E sorrindo, murmurando, deu volta á chave.

Foram os dois caminhando devagar ao longo da margem merencorea do rio. A tarde morria em tons suavissimos de violete e perola, a nevoa baixava accumulando-se nos cimos dos outeiros, esgarçando-se em orilhas alvas nas bases das collinas, espalhando-se pelos campos disseminadamente em ilhotas, brancas como capulhos de algodão, fluctuando ao sopro das auras crepusculares.

Esfriava; rôlas turturinavam e codornas, com um trillo alegre, abalavam das hervas rasteiras em vôo direito, fugindo. O cão ia de focinho rente

á terra, abanando a cauda no farejo da caça. Longe, a espaços, bois mugiam.

Iam os dois calados, Romana á frente, quando, ao chegarem a uma pinguela sobre um fervedouro, o negro estacou:

— Pára ahi que eu não enxergo: dá cá a mão. O cão, que passára ligeiro, latia na outra margem, agachando-se sobre as mãos, aos avanços e recúos. Escurecia, a noite vinha rapida. — Não enxergo, disse o negro, insistindo e sondando o caminho com o cajado.

— Se vancê quer me dê a ponta do cajado que eu vou guiando e vancê passa.

— Entonce bâmo, sim.

E Romana tomou uma das extremidades do grosseiro bordão e foi levando o feiticeiro como se conduzisse um cégo.

Corujas piavam nos cêpos, vagalumes sahiam da selva faiscando, grillos cantavam e os sapos, em coaxar constante, lembravam ferreiros malhando. Ultimas cigarras da tarde, já recolhidas, cicavam e curiangús, piando, saltavam no caminho, sempre adiante dos dois, voando, pousando, ganhando os galhos se o cão investia com elles.

— Bâmo divagá que não enxergo nada, raparigo.

— Eu tenho pressa, tio Adão, e já é noite fechada.

— Móde isso mêmu, bâmo divagá; não enxergo nada e não tou p'ra dá uma topada por ahi.

— Ora, vancê conhece esses caminhos todos. Anda de noite que nem caboré.

— Só na sexta-feira, porque tenho candeia accesa p'ra mi alumiá. Sexta-feira é dia grande.

— Tambem agora já estamos perto. E Roma-

na, erguendo os olhos ao céu, apprehensiva, suspirou : Ai ! minha Virgem Mãi de Deus !

— Ocê inda tá amuada commigo ? perguntou o negro enternecendo a voz.

— Não, tio Adão ; mas vamos falar de outra coisa.

— Ma quem é qui sabe ?

— Eu, tio Adão. Basta que eu saiba. Então vancê pensa que a gente não tem consciencia ? Deus me livre ! Com um homem morto em casa . . .

O negro, arregalando os olhos, num assomo de inspirado, avançou para a rapariga lésto, agarrou-a pelo braço :

— E si elle ficá bom, Romana ! ? E si eu curá elle ? diz ! e fitava-a, corcoveado, com os olhos humidos de volupia.

Ella estremeceu aterrada.

No campo deserto apenas as nevoas moviam-se ; longe, a luz de uma cabana ; o céu estrellava-se. Ella correu os olhos pela vastidão em busca de soccorro, mas desanimada, quasi a chorar, encarou o feiticeiro, repetindo timidamente as suas palavras :

— Se elle ficar bom . . .

— Diz ! rosnou o negro acocorando-se, apertando-lhe o braço. Houve um silencio tétrico. Diz !

— Pois sim, balbuciou Romana com ansia.

— Jura !

— Juro !

— Por Deus Nosso Senhor !

Ella hesitou um instante, de olhos baixos, torcendo as franjas do châle.

— Jura, rapariga !

— Por Deus Nosso Senhor, disse em voz sumida.

— Eh ! Bámo . . . E o negro passou á frente ligeiro, quasi a correr, saltando e resmungando ; o cão precedia-o latindo. Já perto da cabana, á beira do rio que rosnava, o negro voltou-se com um dedo hirto : Oia lá, Romana !

— Vamos, tio Adão.

— Si elle ficá bom . . . Ocê jurô !

Mas um grito surprendeu-os, um appello demorado atravessando o silencio dos campos : « Rôoomaana ! » Pararam os dois, attentos ; o cão tambem, como assombrado, de orelhas duras, olhava. « Rôoomaana ! »

— Uê ! fez o negro pasmado.

— É Thomé ! disse a cabocla exultante. Ah ! meu Deus !

Ia correr, mas o negro agarrou-a fortemente e, em voz surda e tremula, pôz-se a dizer :

— Ocê jurô ! Océ jurô, Romana.

— O que, tio Adão ?

— Si elle ficasse bom . . .

De novo a voz longinqua bradou : « Rôoomaana ! »

O negro, irritado, agarrava-se á rapariga :

— Oia, assumpta : é elle, tá curado só com uma reza que eu fiz lá em casa ao santo. Ocê jurô, Romana. Deus castiga !

A cabocla resistia ; o negro, porém, era forte e subjugava-a, passando-lhe um braço pela cinta, apertando-a muito, e ia para abafar-lhe a bôca quando ella, arremettendo, cravou-lhe os dentes no pulso e agarrou-lhe a cabeça a mãos ambas, repellindo-o :

— Sahe, diabo ! Sahe !

O negro, louco de dôr, levou o pulso á bôca e pôz-se a lamber a ferida ; Romana, indecisa, compunha o châle.

— Deixa eu ir-me embora, tio Adão.

« Rôoomaana ! ôoooh ! »

— Vai ! Ma ocê jurô, disse o negro com tranquillidade, chupando, de instante a instante, a ferida. Vai ! mas oia, Romana : atraz dum sol vem outro. Deixa tá, o santo que curou elle tá lá em casa e uviu o que ocê disse, juradeira de farso. Vai lá p'r'o teu homem. Sapo canta n'aua.

Tomada de medo, Romana gritou nervosamente :

— Thomé !

O negro olhou-a sorrindo e repetiu com maldade :

— Eu hei de vê uma pessoa vi chegando, vi chegando por seu pé como passarinho p'ra bóca de cobra . . .

— Pois sim ! disse a cabocla e deitou a correr, deixando o negro parado no campo, confundindo se com a noite que baixava.

Já longe ouviu ainda :

— Ocê jurô . . .

Ainda á distancia, Romana avistou a luz da choça e viu a silueta do companheiro á porta mal alumiada pela chamma escassa da candeia de azeite.

— Rôoomana !

— Eh ! Thomé ! estou aqui. Precipitou-se e, effusivamente, commovidos, abraçaram-se os dois. Então, que foi isso, meu velho, que foi isso ? Porque você se levantou ?

E, enternecida, amparando-o, foi levando-o para o quarto sombrio. Thomé sorvia o ar a grandes haustos, tremiam-lhe as pernas e, fraco, deixou-se cahir sentado no catre, que rangeu. Romana foi buscar a candeia, pousou-a no chão. O enfermo, prostrado, encolhido, enterrára a cabeça no peito e respirava.

— Ah! Romana que horror! Não sei que foi que senti de repente; nem que me tivessem dado uma bordoada na fonte: os olhos ficaram logo escuros e me subiu uma coisa pela garganta, que eu nem pude mais gritar. Que horror, minha velha, que horror! Eu vi e ouvi tudo que você fez: queria falar e não podia; queria me mexer e parecia que tinha as pernas e os braços num tronco; no peito era um peso que nem sei.

— E dôr?

— Quasi não doía, só a cabeça doía um pouco, mas que afflicção!... Eu via e ouvia tudo, tudo, tudo: a casa, você; ouvia o barulho lá de fóra, tudo; mas parecia que eu tinha uma teia nos olhos.

— E eu que fiz?

— Primeiro você chorou, não foi? depois me agarrou e me levou p'ra cama. Ah! Romana, que pena eu tive de você, coitada! Depois você me despiu e me esfregou o corpo com uma agua, pôz não sei que nos meus pés e começou a chamar por mim, primeiro baixinho, muito perto dos meus olhos, e eu estava vendo; depois desesperada, com as mãos na cabeça, gritando, e eu estava ouvindo sem poder falar, Romana. sem poder fazer nada. Ah! minha velha, que desesperação!

— E depois? indagou Romana, com ansiedade.

— Você sahiu um instantinho, andou pela casa, soprou o fogo; eu estava ouvindo tudo. Depois você veiu outra vez e fi ou com as mãos na cama, debruçada, olhando p'ra mim.

— Que foi que eu disse?

— Você disse: «Minha Nossa Senhora!» Não foi?

— Não me lembro bem; parece que foi.

— Eu estava vendo e ouvindo tudo. Depois você sahiu e eu fiquei sósinho, tremendo de medo. Que medo, Romana! Quiz gritar, que força que eu fiz, minha velha, arrancando por dentro, mas qual! Duma feita, você estava na sala, me pareceu que eu tinha soltado um grito muito grande; eu ouvi, mas foi illusão, porque você estava ahi pertinho, e, se tivesse ouvido, tinha corrido logo p'ra junto de mim.

— De certo. Não ouvi nada. Você nem bolia com os olhos e estava todo frio.

Thomé Sahyra, com voz pausada, continuou, sem levantar a cabeça, olhando a chamma da candeia:

— Fiquei sósinho. Ouvi o rangido da chave na fechadura e depois só os grillos cantando lá fóra no campo. Ah! minha velha, que medo! Fiquei falando commigo, por dentro: «Se eu não dou acôrdo de mim elles são capazes de me enterrar!»

— Nossa Senhora! exclamou Romana, horrorisada.

— Mas você pensava mesmo que eu estava morto, não pensava?

— Pensava!

— Ah! minha velha!... Eu falava por den-

tro : « Se elles me enterram, meu Deus ! . . . » Era só nisso que eu pensava. Que afflicção ! Parecia até que já estavam atirando terra em cima de mim. Eu sentia o peso, sentia a friagem, sentia o abafamento. Estremeceu e persignou-se : Nossa Senhora !

— Nossa Senhora ! disse, por sua vez, Romana.

Houve uma grande pausa.

Thomé, d'olhos parados, meditava. Um fio de fumo negro e tremulo subia do morrão da candeia ; fitas de luar entravam pelas frinchas do adobe dos muros.

— Se você não sarasse tão depressa eu era mesmo capaz de deixar que enterrassem você.

— Misericordia, Romana !

— Mas que culpa eu tinha ? Você estava como morto.

— Como morto, é verdade.

— Nunca vi ataque assim.

— Tambem não.

— Você já tinha tido ?

— Nunca, foi hoje a primeira vez. Minha mãi, que Deus lhe fale naima ! tambem, ás vezes, ficava desacordada muito tempo. De uma feita levou mais de meio-dia sem dar signal de vida, mas coitada ! era doente . . . e bebia. Mas eu, Romana, que sempre fui forte . . . Calou-se e, lentamente, erguendo a cabeça, disse com terror : Isto é coisa feita, Romana ; é coisa feita. Nunca vi molestia assim. E como se soffre ! basta a idéa da gente ir p'r'o fundo da terra vivo. Que morte ansiada que deve ser, Nossa Senhora ! que morte agoniada, pouco a pouco . . . A gente ouvindo os baques da terra, sentindo o peso e a terra entrando pela bôca,

pelos olhos, pelo nariz, abafando e a gente sem po der dizer nada, nem gritar . . . Virgem do céu ! que morte agoniada ! E eu sentia tudo, tudo. Quando o vento sacudia a porta eu tremia por dentro e falava no coração : « Ahi vêm elles me buscar para o enterro. Ahi vêm elles, minha Mãi do céu ! » e rezava, forcejando para gritar, mas qual ! podiam muito bem me ter levado para o cemiterio, ainda foi Deus quem me valeu. Mas ninguem me tira isso da cabeça, Romana. Para mim é coisa feita e foi Silvino Péba quem mandou. Aquillo é negro de máus bofes, é negro que não perdôa.

— Qual, Thomé, isso é doença. Você fica bom, descança. Você não tem fome ?

— Não, sêde só, muita sêde : estou com a garganta secca . . . até parece que tive febre. Passou as mãos pelos olhos. Mas que horror ! uma criatura enterrada viva. E nervoso : Mas eu ás vezes me mexia na cama . . .

— Você ? ! nem com um dedo.

— Que horror !

— Não pensa mais nisso ; você já está bom, passou.

Romana foi ao pote encher a bilha e trouxe-a, e, com a mão em concha junto ao queixo do caboclo para aparar as gotas que pingavam, deu-lhe a beber. Sahyra resfolegou e deitou-se estirando-se.

— Só tenho medo que volte, Deus me livre !

— Não volta, descança. É você não pensar mais nisso : foi um ataque, passou.

— Mas eu estou tão molle ainda . . . nem que tivesse feito um estirão a pé. As pernas doem tan-

to! Estou com a cabeça ôca e zonza... Que coisa! E você onde foi, Romana, quando sahiu?

— Fui por ahi, batendo o mundo, á cata de alguem e só achei tio Adão.

— Porque elle não veiu? Quem sabe se elle me cura, Romana? Elle sabe tanto remedio para essas coisas...

— Qual! O que elle sabe é ser sem vergonha: é um negro muito adiantado! Curar tambem eu sei: ninguem entendia mais de curas do que mamãi. Aquelle negro perrengue, com aquella cara de santo, é um descarado como não ha outro. Pois eu fui lá afflicta pedir a elle que viesse commigo para te vêr e o diabo do macaco bichento, em vez de me acompanhar, pôz-se com dengues, todo babão.

— Com você, Romana?

— Commigo, sim. Eu é porque sou dura senão elle tinha feito muito bem o que queria no caminho, porque é atrevido que nem o diabo. Agora a culpa não é delle, é dessas relaxadas que andam por ahi. Dão confiança...

— Elle veiu com você? e Thomé Sahyra erguia-se pouco a pouco, com os olhos brilhantes, fitando a cabocla.

— Veiu até o rodomoinho. Ali ouvimos a tua voz e eu escapuli correndo. Aquelle negro precisa de uma lição para tomar emenda.

— Eu vou lá, Romana.

— Não vale a pena. Deixa estar que elle ha de achar. Pensa que todo mundo tem medo de mandingas.

Romana passou á sala resmungando. O vento fóra fazia farfalhar o arvoredo.

— Não me deixa sósinho, Romana. Espera um instante aqui.

— Já vou, meu velho ; estou fazendo alguma coisa para comer, porque hoje ainda não puz nada na bôca ; estou com o café que tomei de manhan.

— Ah ! minha velha, sinto tanto frio. Está fazendo frio ?

— Pouco.

— Então é da molestia.

— É, mas isso passa.

— Vem deitar. Que é que você tem ainda que fazer ?

— Já vou ; é um instantinho só.

O fogo crepitava na sala e Thomé, de mãos cruzadas no peito, deixou-se de novo escorregar, esticando-se no catre, fitando o tecto por onde as gambás corriam, mettendo-se por entre as palhas. Pensava na morte horrorosa pela asphyxia numa cova, com os bichos molles da terra. Seguia imaginariamente o proprio enterro, campo afóra até o cercado do cemiterio ; via os sertanejos descobertos, com os chapéus atirados para as costas, descalços, levando o caixão e elle dentro, immovel, impotente, indo vivo para o tumulo, a ouvir a alegre barulhada dos passaros nos ramos, o murmurio fresco das aguas, a voz do gado solto nos pastos, a cantilena dos campeiros, todo o bulicio alegre da vida forte no esplendor do dia azul, cheio de sol, morno e afagante.

— Romana, pelo bem que você me quer, não me deixa sósinho ; eu estou doente.

A caboela, com a bôca cheia, correu para o quarto levando o prato.

— Estou aqui, meu velho.

Acocorou-se a um canto e, enfeixando os dedos, pôz-se a amassar o pirão d'agua fria. Um gato rajado entrou miando, corcoveando, num espreguiçamento nervoso :

— Toma, *Calunga !* e atirou uma fêbra de carne que o bichano abocanhou encolhendo-se a um canto, a mastigar. Agora, sim, meu velho, estou descançada. Olha que você me fez passar um dia que só Deus sabe ! Num lugar como este, onde não ha doutor, que é que a gente ha de fazer? Aqui só a Providencia Divina. Agora sim, vou dormir com o meu espirito tranquillo ; e suspirou. Encostou-se á parede com os braços repousados nos joelhos, as mãos pendentes. E quando você acordou, Sahyra, como foi ?

— Parecia que eu tinha bebido uma coisa quente, começou assim : um calor por dentro ; depois uma dormencia em todo o corpo, tal qual como se um bando de formigas passeasse por cima de mim, e comecei a sentir dôr nas pernas, nos braços, no peito, muito ardor nos olhos e abri a bôca como se tivesse acordado. Que allivio !

— E você levantou logo ?

— Não ! as pernas estavam esquecidas. Sentei na cama e fiquei muito tempo apatetado, sem me lembrar de nada. Depois chamei por você, chamei muito e foi então que me levantei. Já estava escurecendo. Accendi a candeia, apanhei um páu e sahi para a porta, onde você me achou. Estou ainda com máu gosto na bôca e muito peso no estomago : empachado como se tivesse comido um boi, e somno, muito somno, nem parece que estive esse tempo todo dormindo.

— Você não esteve dormindo . . .

— É verdade. Depois duma pausa continuou : Se fôsse só a molestia . . . Meu medo era de ser enterrado vivo . . . Que horror ! ir a gente p'ra baixo da terra com todos os seus sentidos . . . Mas agora você já sabe.

— De certo.

— Eu cahindo outra vez assim, é esperar, porque o mal passa.

— Agora já sei.

— Meu medo era só da cova, porque o soffrimento não é tão grande assim, é mais a afflicção. Querer falar e não poder . . .

— Que horror !

— Você não pode imaginar o que é, Romana.

— Eu faço idéa.

O gato avançou de novo, miando. Romana repelliu-o :

— Sahe, *Calunga ;* agora não tem mais. Vai procurar gambá, seu mollenga. É só dormir e encher o bucho, preguiça. Ah !

— Então, eu tendo outra vez isso, você já sabe . . .

— Já sei ; descança.

— Vem deitar então.

— Já vou. Sahiu para lavar as mãos, trancou as portas, dizendo da sala : Está uma noite bonita, e alteando a voz : Olha que eu fiz uma promessa á Nossa Senhora de você mandar fazer um oratorio para ella, se ficasse bom, ouviu ?

— Sim, mando, disse de dentro o enfermo ; mas vem deitar.

Romana abafou o fogo com cinza e caminhou

para o quarto desatando a saia. Em camisa, descalça, diante da imagem da Virgem, que a lamparina alumiava, fez devotamente a sua oração, espevitou o pavio da marca e deitou-se atirando os braços morenos ao pescoço do caboclo que se encolhia, e, com um arripio, tremulamente, fazendo-se pequenina, muito aconchegada ao homem, disse :

— Nossa Senhora ! Deus me livre de perder o meu caboclo tão bom.

A candeia crepitava no chão e o gato ia e vinha pelo quarto, miando.

— Você quer que apague a luz ?

— Não, deixa ; assim é melhor.

Cahiu o silencio. Ouvia-se, de muito longe, o correr d'agua. E Sahyra suspirou :

— Que horror, meu Deus !

— Não pensa mais nisso ; passou, vamos dormir. E abraçaram-se apertadamente.

II

Annos tranquillos passaram e, se alguma coisa perturbava a vida serena dessas criaturas aconchegadas, que envelheciam juntas, dentro do mesmo lar, aquecendo-se á mesma brasa nos invernos, cruzando lentamente as trilhas, no mesmo raio de sol, quando alumiavam tepidamente os campos os grandes dias de verão, era a idéa insistente de Thomé Sahyra, o medo de ser enterrado vivo, a preoccupação da morte no aperto duma cova fria, calcada e tumida.

Como se receiasse os lugares em que pousava, não se estabelecia definitivamente em sitio algum, a pretexto de febres ou de friagem. O seu gosto era andar errante de campo em campo, de villa em villa, com o carro atochado de moveis, as cabras berrando presas aos fueiros, as gallinhas nas capoeiras

de palha e os cães pacientes, atrelados, seguindo o passo moroso das juntas de bois, á sombra, por baixo do carro. Elle mesmo, com a vara em punho, guiava o gado e a companheira, sob a coberta de esteira, encolhida, com a almofada ao collo, ia atirando os bilros, cruzando as linhas do crivo; e lá iam, ao acaso, ao sol, ás estrellas, como ciganos.

Foi Romana quem decidiu pelo estabelecimento nessa encosta agreste, queixando-se de fadiga: que já não resistia áquellas viagens e, velhos como estavam, ambos embranquecendo e enrugando, careciam de repouso para trabalhar, fazendo alguma coisa que lhes garantisse os dias futuros, quando, enfraquecidos pelos annos, não resistissem mais á canceira da enxada. Viviam a trabalhar para os outros, deixando sementeiras por onde passavam sem nunca terem visto a flôr de uma só plantá, sempre em mudanças, abandonando as cabanas que edificavam, as hortas que acanteiravam.

Tinham alguma coisa que lhes ficára da vida longa de trabalho e de economia, podiam arranjar um canto onde parassem quietos ajuntando «um bocadinho» para o tempo da velhice, e foi a instancias da companheira que o caboclo resolveu arranchar-se no sitio, abrigado á sombra da collina, substituindo, pouco a pouco, os esteios da primitiva cabana pelos reforçados troncos que rolara da matta.

Sahyra, em grande actividade, não se contentava com o trabalho de cesteiro — trançava esteiras, rêdes de palha, chapéus. De manhan e á tardinha, á fresca, ia correr a roça, com a enxada, e, no tempo das queimadas, elle mesmo ateava o fogo

ás velhas palhas dos milhos, preparando o terreno para a nova semente.

Romana, com a sua grande almofada ao collo, sentada á porta, fazia crivo. Os bilros atirados pelos seus dedos ageis trillavam entrechocando-se e, no silencio das horas cálidas, quando os passaros recolhiam aos ninhos, arquejando, e as brisas cahiam deixando immoveis as ramas, á luz coruscante do sol a pino, entoava trovas sertanejas e o caboclo, entretecendo as palhas, repetia o canto, em duetto triste.

A criação prosperava: ninhadas piavam e as gallinhas, ciscando nos montes de palha de café, cacarejavam chamando os pintainhos. Varas de bácoros, coinxando, seguiam, ás grotas de inhames, as grandes porcas de mamas flaccidas, e pelas lombadas verdes da collina bois e vaccas, cabras e carneiros subiam, passo a passo, pastando.

Os maiores lucros do casal vinham das orações milagrosas e dos conhecimentos de Romana em curas de molestias más; na despensa eram mais os presentes que os produtos que lhes dava a terra. E assim viviam, com fartura, tranquillos, estimados de todos pela muita caridade que praticavam desinteressadamente.

Romana não só curava os enfermos como lhes fornecia os remedios. Ella propria escolhia as hervas, catava-as, triturava-as, fazia as garrafadas, muitas das quaes, para ganharem força e virtude, jaziam semanas atoladas na terra humida das margens dos pantanos ou nos areaes mais expostos ao sol.

Se eram pobres os doentes ella ainda lhes dava a

dieta — um frango, uma quarta de arroz, a farinha sessada, o assucar branco e junto dos mortos, nas vigilias funebres, era ella quem tirava as rezas, pondo á cabeceira do defunto uma vasilha com agua benta e um ramo de alecrim para as aspersões.

Ninguem vestia um anjo como ella e tinha tal poder que, de uma feita, morrendo um pastor no campo, fulminado pelo raio, ficou com os olhos baços immensamente escancarados, resistindo a todas as tentativas, e ella, chegando, impoz-lhe os dedos sobre as palpebras, dizendo, por tres vezes, lentamente, imperativamente: «Fecha os olhos, Raymundo! Fecha os olhos, Raymundo! Fecha os olhos, Raymundo!» e as palpebras, pouco a pouco, foram baixando, cerrando-se, como se o morto houvesse ouvido a intimação da rezadeira

«Santa criatura!» diziam na villa. «Essa está com a alma no céu». E rara era a casa onde ella não tinha um afilhado, quasi sempre nascido nas suas mãos, e, com todos, bondosamente, repartia as suas sobras — uma camisola a um, uma vara de chita a outro, não contando o que dava em moedas quando os pequenos, saltando as cêrcas, sahiam ao seu encontro pedindo a benção.

Thomé Sahyra, ás vezes, em meio do trabalho, inclinava a cabeça em grande abatimento e, d'olhos parados, braços em abandono, ficava com o espirito em inercia, numa estagnação de hypnose, sem idéa, sem sentimento, como se uma nuvem densa lhe passasse pela alma, escurecendo-a; pouco a pouco, porém, desfazendo-se a sombra interior, elle recahia soffredoramente na idéa, idéa sinistra do enterro.

Erguia a cabeça, passava a mão pelos olhos, buscava uma distracção em volta : nos pintainhos que corriam, nas formigas que desfilavam por uma fita de caminho, forrageando folhas.

Tudo quanto lhe despertava a idéa de morte enchia-lhe o coração de pavor. Caminhando, evitava certa picada que margeava o outeiro, preferindo ir por elle acima cançadamente, vagarosamente, ao sol, magoando os pés no pedregulho, só para não dar com os olhos num cruzeiro tosco cravado entre pedras, sobre as quaes havia ainda tocos de velas e pastas de sebo, uma sepultura. Fugia de vê-la desde que, uma tarde, passando perto, descobriu a terra fendida, revolta, e lembrou-lhe que a victima, mal ferida, podia ter recobrado os sentidos e lutára desesperadamente, forcejando para sahir da cova.

Ia pelo outeiro evitando o caminho do morto e quando, no alto, passava á distancia que julgava coincidir com o sitio do enterramento, na base, rezaba baixinho pela salvação da alma do que se finára em peccado.

Não se arredava de casa sem dizer á Romana para onde ia : ao mercado, á roça, á horta, á matta ; mesmo ao curral, pertinho, não subia sem avisar : « Estou aqui, Romana ; vou ali, minha velha », para que, se demorasse, a companheira o fôsse procurar, sempre trabalhado pelo pensamento de ser accommettido pela molestia, que nem lhe dava tempo para gritar.

Uma noite, recolhiam-se os dois, Sahyra trancava a casa, quando ouviram chamar :

— Nhá Romana

Elle deu volta á taramella e, entreabrindo a porta, mergulhou a vista na noite negra, cheia de faiscas de vagalumes :

— Quem é ?

— Sou eu, Firmino do Pary. Venho pedir á nhá Romana para ir vêr Petronilha, que está com as dôres.

E a figura do homem, á luz vacillante da candeia, destacou-se da sombra, perto da porta, num largo e comprido casaco de baêta, grande chapéu de palha de abas molles e derreadas, cajado em punho. Os cães rosnavam surdamente.

— Eh ! *Bôca-negra*, sahe ! Sahe, *Frecha !* bradou Thomé ; e, abrindo a porta, convidou : Entra, homem.

Era um mulato alto e grosso, barbado. Romana, mal o viu, interrogou :

— Começou agora, Firmino ?

— Não, senhora, nhá Romana ; ella está soffrendo desde de tardinha. Eu quiz vir chamar vancê, mas ella disse que não esperava para hoje, que podia ser rebate falso, e não deixou. Á bôca da noite a dôr augmentou, ella nem poude comer e está lá se torcendo. Até tenho medo que a criança nasça sem ninguem. Vancê sabe como Petronilha é medrosa para essas coisas ; só quer vancê. Tia Justa está lá em casa, mas coitada ! quasi não enxerga e fica tão atarantada que atrapalha mais do que ajuda. Eu vim por ahi voando. Vancê vem ?

— Como não ? Vou botar um châle e sigo já.

— Ah ! nhá Romana . . . que trabalho !

— Qual trabalho !

Já no quarto pediu informações minuciosas :

se ella sentia dôres nas cadeiras, se o ventre havia descido, se já havia signal. Firmino ia respondendo. Thomé S hyra, calado, passeava pela sala, nervoso, chu ando com força o cach mbo. F rmino perguntou pela roça : como ia ; e falou da sua ; que tinha enfeitado muito com as chuvas ; o caboclo, porém, mal o ouvia e, repentinamente, numa decisão subita, entrou no quarto onde Romana, á luz de uma vela de sebo, acocorada diante de uma canastra, revolvia pannos.

— Você vai passar a noite lá, Romana ? perguntou timidamente ; e ella, sem voltar-se :

— Eu sei ? ! Se fôr preciso, que hei de fazer ?

— E eu ?

— Uê ? !

— Hei de ficar sósinho ?

— Uma noite, Thomé . . .

— Você sabe que, com a minha molestia, não posso ficar sem uma pessoa em casa.

— Mas que é que eu hei de fazer ? Hei de deixar uma criatura morrer sósinha, sem soccorro ? Não faço isso, não, Thomé. Que medo tem você aqui ?

— Não é medo de nada : é da molestia.

— Ora, deixa disso. A molestia foi uma vez, você nunca mais teve.

— Mas posso ter.

— Logo hoje então ? ! Levantou a cabeça e fitou-o : Por isso é que você não dorme direito. Tira essa idéa da cabeça, homem.

Ergueu-se, traçou o châle, embrulhou os pannos, tomou a lanterna e sahiu para a sala, embiocada. Thomé acompanhou-a, calado.

— Vamos, Firmino.

O mulato levantou-se:

— Estou prompto, nhá Romana.

— Até já.

— Bôa noite!

Sahyra resmungou e os dois partiram. Da janella elle acompanhava o raio de luz que ia farejando o caminho salteadamente, ora aqui, ora ali, e ouvia a conversa dos dois, até que se sumiram entre as arvores. Os cães ladravam de espaço a espaço.

A noite, de imperturbada serenidade, era negra; rarissimas estrellas luziam, pequeninas, tremulas; nos campos, porém, enxames de vagalumes scintillavam. Por vezes, com um sôpro mais rijo dos ventos, o arvoredo farfalhava com furia e o frio augmentava. Sahyra, habituando os olhos á treva, via as arvores mais proximas, quietas, adormecidas no silencio e na escuridão, e a massa compacta e sombria da matta, na altura da collina, confundindo-se com o céu negro.

Grillos cantavam e sapos, ao longe, nos charcos, em resmoneio contínuo, quebravam a quietação da hora. Regelado, sentia as palpebras pesadas, os olhos ardidos de somno, mas não se atrevia a fechar a janella, temendo o leito na solidão do quarto, que a lamparina da Virgem alumiava. Um mugido surdo, longo, passou no ar taciturno. Sahyra abriu os olhos e devassou a sombra, com pavor.

Subitamente um toc-toc perto, pertinho e um gemido fino. Firmou-se, retesando os braços agarrado ao peitoril da janella, olhando, com o coração sobresaltado e, de novo, ouviu o toc-toc abafado, depois o rosnar dum cão.

— *Bôca-negra! Frecha!* aqui! chamou afflicto.

Os mattos farfalharam e os cães surgiram no terreiro, ganindo, atirando-se á janella, aos arrancos Elle sentiu um grande allivio vendo os animaes: festejou-os com palavras, deitou-se na janella, para afagar-lhes a cabeça, e elles lambiam-lhe as mãos sofregamente, ganindo, ladrando, investindo aos pulos.

— Deita ahi! Deita ahi! dizia procurando prendê-los perto para que o acompanhassem, guardando a casa.

Outro mugido resoou, depois o balído duma ovelha.

Os cães, contentes, rolavam na terra rosnando, brincando; mordiam-se, deixavam-se cahir com um baque surdo, e Thomé, entretido, olhava-os, perdendo-os de vista quando partiam em corrida desatinada circulando a casa, atropelando-se ás dentadas, no terreiro.

— Deita ahi! Deita ahi!

Os cães olhavam acenando festivamente com as caudas, mas tornavam ao brinquedo.

O frio arripiava. Elle sentia o rosto gelado, os dentes entrechocavam-se e o vento, invadindo a sala, levantava a chamma do lampião e, pelas sombras, na parede, elle via que a lamparina tremia, em risco de apagar-se a uma lufada mais forte. Vagarosamente encostou a janella, mas ficou parado, sem animo de arredar-se, num receio indefinivel, lançando os olhos aos cantos da casa, ao tecto, desconfiado. Caminhou, por fim, em passos subtis, foi até o quarto, espiou o leito, de alvos lençóes lisos, com o cobertor dobrado aos pés Lá estava a Vir-

gem, muito meiga, sobre o globo, pisando a cabeça da serpente com o pequenino pé descalço.

Estava assim absorvido nessa contemplação mystica quando uma rajada impetuosa escancarou a janella, levando-a de encontro á parede com estrondo. Thomé estremeceu, accenderam-se-lhe os olhos desmedidamente abertos, os cabellos eriçaram-se-lhe. Pé ante pé, depois de ansiosa espera, veiu á sala ; o coração batia-lhe com força, perto da bôca aberta e secca. Viu a janella escancarada, sentiu o vento frio, espichando a chamma do lampião que tisnava o vidro.

Ficou estatelado. De repente, em dois gritos, chamou os cães :

— *Frecha ! Bôca-negra !* e, ouvindo os ganidos, animou-se, foi á janella ; os cães, de pé, com as patas na parede, procuravam formar pulo. Vendo-o, assanharam-se mais, e caminhando, pediam-lhe que os recebesse, raspavam a parede. Resolveu então dar-lhes entrada : abriu a porta e logo os dois precipitaram-se estabanadamente, atirando-se-lhe ás pernas, rodando em torno delle farejando-o. Afagou-os e ria com elles quando o gato, que acordára com o rumor, sahiu do quarto lentamente, corcoveado, miando.

Sentou-se. Os cães, arquejando, estiraram-se-lhe aos pés e o gato saltou para a mesa, procurando afago, a esfregar-se-lhe voluptuosamente no braço, todo arripiado. Cabeceando de somno, Sahyra mal fechava os olhos, logo os abria, espantado. Intimamente revoltava-se contra Romana — « que cuidava mais dos outros do que delle » e Pôz-se a falar só, amuado

— Sabe que sou um homem doente e sahe me deixando só. E se eu tiver alguma coisa, que Deus tal não permitta ? Se eu fôsse um homem forte, de saúde, ainda bem, mas assim . . . E aqui, sem recurso. Se tiver alguma coisa quem ha de vir me acudir ?

Voltou os olhos para a janella que estalava.

— O melhor é tomar uma pessoa que cuide de mim. Se eu fôsse outro homem, como muitos que conheço por ahi, haviam de ter mais contemplação . . . É sempre assim. Agora, para qualquer coisa, é nhá Romana ; nhá Romana é p'ra tudo. Se eu estivesse de cama queria vêr.

Levantou-se resmungando, foi á janella, abriu-a. A lua, recortada em minguante, luzia entre nuvens grossas.

Cravou os cotovellos na janella e, com o rosto nas mãos, ficou a olhar o céu, falando como se mandasse uma queixa ao astro lento e nevado que olhava d'alto :

— Um homem matando-se aqui de dia e de noite no trabalho e, no fim das contas, é isto. Que é que ella ganha com essas coisas ? doenças, cabellos brancos e, ainda por cima, falam que é feiticeira. Bem que eu sei ! Na frente muita coisa, mas eu bem sei o que se diz por ahi á bôca pequena. E que não vá ! como se ella tivesse obrigação, para vêr só como lhe cahem em cima com pragas. Ninguem quer saber se é velha, se está doente. É nhá Romana p'r'aqui, nhá Romana p'r'ali, com sol, com chuva, de noite.

Calou-se, com os olhos fitos num ponto, impressionado com um ruído que ouvira : um leve casca-

lhar como de folhas seccas pisadas. Ariscamente, sahindo do matto, um vulto veiu chegando devagarinho, de rasto, como sondando o caminho.

— Uai! murmurou surdamente o caboclo: querem vêr que é porco . . . ? Olhava, d'olhos apertados, attentando curiosamente. O vulto avançava timido, parando á espreita. Porco não é, parece mais paca . . . De repente bradou: Passa! e, rapido, com um secco estrépito, o animal desappareceu no matto.

Thomé bocejou, fazendo com o pollegar uma cruz diante da bôca aberta e fechou a janella disposto a deitar-se. Chamou os cães e caminhou para o quarto.

De pé, ia despir o casaco de brim, mas hesitou, baixando os braços, os olhos na Virgem. Os cães farejavam os cantos, mettiam-se por baixo da cama, iam e vinham como á procura dum rastro. Thomé encheu o cachimbo, accendeu-o e sentou-se no beiral da cama, fumando, sem animo de deitar-se. Uma camisa de Romana, pendurada á parede, movia-se lentamente; esteve muito tempo com os olhos nella, distrahido. Subito levantou-se, abriu uma gaveta, remexeu e tirou uma faca. Á luz da lamparina, examinou a lamina, experimentou o gume e a ponta na palma da mão, e escondeu-a depois debaixo do travesseiro, deitando-se então, vestido, com os cães defronte, guardando-o.

O somno venceu-o; mas um dos cães, coçando-se, despertou-o sobresaltado com o toc-toc no soalho. Sentou-se ás pressas, esgazeado, attonito, correndo os olhos pelo quarto, e o animal, como se comprehendesse a sua culpa, aproximou-se humil-

demente do leito, agachado, rastejando. Thomé repelliu-o a ponta-pés :

— Sahe, *Bóca-negra !* Sahe !

O cão afastou-se corrido e a cadella acompanhou-o. A lamparina crepitava.

— Que horas serão, meu Deus ? !

Levantou-se, passou á sala e viu o vidro do lampião tisnado e partido. Procurou o gato attribuindo-lhe o incidente, mas o bichano, enroscado a um canto sobre um monte de palhas, dormia.

— Foi ar, com certeza, disse.

O vento, fóra, soprava com furia. Descerrou a janella — era ainda noite negra, a lua ia alta no céu. E Romana que não apparecia ! Debruçou-se e póz-se a cantarolar baixinho uma modinha do sertão.

Subitas pancadas estalaram perto e um gallo cantou demoradamente, outro respondeu. Sahyra respirou alliviado — era a manhan que vinha. Abriu a porta, enxotou os cães :

— Passa fóra !

Os animaes sahiram atropeladamente.

— Já agora . . . ! suspirou fechando, de novo, a janella. Sentia fome ; tomou a candeia de folha, accendeu-a e foi á cozinha, não sem receio, lançando olhares á direita e á esquerda.

Um ruido precípite, como se amarrotassem papel, fê-lo deter-se um momento, hesitante.

— Passa ! bradou encaminhando-se para a cozinha de telha van

Dos caibros, negros de fuligem, pendiam cordas com ganchos para as linguiças, para o lombo ; num bambú atravessado estava a manta de carne.

Á luz fraca e tremula da candeia bailavam nos muros sombras extravagantes.

Acocorou-se diante do fogão de barro, puxou uma acha e soprou-a — a cinza voou e a brasa appareceu mortiça. Foi á prateleira, retirou um boião, sacudiu-o e, sentindo, no sacolejo, que tinha alguma coisa, pousou-o na chapa e pôz-se a atiçar o fogo. As brasas reaccenderam-se e, emquanto o café aquecia, foi vêr a caneca, o assucareiro e um pedaço de rosca no armario. Prompto o café, veiu saboreá-lo na sala passeando.

Os gallos amiudavam. Abriu a porta e, diante do céu embaciado, onde as estrellas esmoreciam, bocejou alto estirando mollemente os braços.

A nevoa fluctuava quasi ao rés da terra fugindo branda ao sopro fresco da brisa : passaros piavam e, dos ramos, das folhas das arvores molhadas, gota a gota, lentamente, o orvalho pingava. Os cães rondavam a porta.

Thomé sahiu para o terreiro aspirando, a plenos pulmões, o ar purissimo e frio, centente com a luz que vinha apparecendo no céu vermelho desanuviado. Mugiam os bois lembrando-se para que os soltassem ; elle foi subindo vagarosamente, caminho do cercado, abriu a porteira e tocou os animaes : quatro bois, um bezerrote e a vacca pesada, com o ventre enorme, os uberes pojados. Cabras e carneiros sahiram em lóte e, conhecendo o caminho do pasto, subiram a collina a correr, atravéz da herva humida e cheirosa, espantando as rôlas, que voavam ruflando as azas.

Pôz-se a olhar os animaes com enternecimento. Tornando, porém, á casa, tomou a chave do paiol,

encheu uma medida de milho e, pipiricando ás aves, pôz-se a atirar mancheias de grãos. Surgiram de todos os cantos, correndo, voando das arvores, gallinhas, frangos, ninhadas de pintainhos, patos e os gallos, debicando, raspando a terra, cacarejavam chamando as retardatarias.

O céu, dourado e sanguineo, illuminava-se. Já os montes longinquos tinham uma bruma amarella, a luz estendia-se pelos campos, vinha chegando rapida até que o astro enorme assomou, fulgurante, no mais alto da serra, alumiando a paizagem larga. Um cheiro acre de capim misturava-se com o perfume suave das açucenas abertas e, pela estrada, larga e branca, onde ainda não chegára o sol, sob a frescura dos ramos inclinados, uma tropa de mulas desfilava com alegre tinir de campainhas.

Thomé procurava no terreiro um sitio de repouso, mas o orvalho molhára o banco e as pedras, as arvores gotejavam ainda. Recolheu-se então, abriu todas as janellas, apagou o lampião que esmorecia e deitou-se. O sol estendeu-se-lhe pela cama aquecendo-a e dourando-a e, quando Romana appareceu, encontrou-o pesadamente adormecido sem sentir o sol que lhe dava em cheio no rosto.

— Eh ! Eh ! Thomé !

Elle despertou estremunhando, sentou-se tonto, fechando os olhos, esfregando-os, offuscado pela grande luz. Vendo-a, porém, queixou-se mollemente :

— « Que não dormira um minuto durante a noite ; estava que não podia. »

E ella, suspirando, contou-lhe os trabalhos que tivera com Petronilha : que perdera as forças e só

de manhãsinha conseguira ter a criança, um meninão que parecia de mez, grande e forte. Deixára tudo prompto e ia encostar um pouco a cabeça. Elle levantou-se espreguiçando-se e Romana, vendo-o sahir, perguntou:

— Onde você vai?

— Botar alguma coisa no fogo. Você está cançada; dorme.

— Ora deita, já fiz tudo. Você pensa que cheguei agora? Mas riu, dizendo logo, a desabotoar o paletó: Justa veiu commigo, está ahi; ella arranja tudo, dorme.

Fechando a janella, pôz o quarto em penumbra e, em camisa, deitou-se. Thomé bocejava, moído; esteve algum tempo quieto, estirado, de olhos no tecto; não podendo, porém, conciliar o somno, levantou-se e sahiu. Romana dormia profundamente

Os terrores de Thomé Sahyra cresciam á proporção que os annos lhe chegavam. Mal permittia á Romana que o deixasse um instante, sempre desconfiado, a ouvir falas, com superstições e agouros, tremendo se um bezouro atravessava a sala zumbindo, se um beija-flôr estonteado entrava no quarto, se rôlas vinham cantar no telhado, se os cães uivavam á noite. Quando o céu ennegrecia, carregado de nuvens tormentosas, subia para a cama, embrulhava-se no cobertor, balbuciando, tremente, orações contra o raio. Romana irritava-se:

— Você está perdendo o juizo, homem de Deus! Que coisa! É só pensando em morte. Nem que eu tivesse empenho em te enterrar vivo. Até parece

caduquice. Pois olha: eu sou mais velha do que você e a minha cabeça está direita, graças a Deus.

Quando os trovões retumbavam elle, em voz baixa e surda, pedia á Romana que enxotasse os cães: não queria um só perto de casa porque attrahiam *aquillo*; não dizia «raio» receioso de que o fogo do céu acudisse ao nome: tremia ao estrepito das descargas electricas e só descançava quando os aguaceiros jorravam copiosamente e as trovoadas, distanciando-se, ensurdeciam num rumor de carros rodando ao longe, em pontes.

Ia para os sessenta annos. Alquebrado e enfermo, pedia insistentemente um padre: queria confessar-se e commungar, tinha medo de morrer em peccado e, do mais fundo da sua mocidade, vinha-lhe sempre a lembrança sinistra do crime: a facada que déra no negro Silvino Péba.

— Vamos um domingo á igreja, Romana; não custa. A gente sahe daqui de manhãsinha, devagar, e volta antes do meio-dia.

— Pois sim, concordava a companheira; mas, chegado o dia elle era o primeiro a queixar-se de dôres, fraqueza nas pernas.

«O melhor era pedir ao vigario que o fôsse vêr, elle nem podia andar, cançava logo».

Tinha, ás vezes, crises de chôro á mesa, na cama, e, ás consolações de Romana, respondia desalentado:

«Que estava perdido, sentia tantas dôres pelo corpo, tamanha fraqueza... Ah! Romana, minha velha, mas não é da morte que eu tenho medo, não é da morte, não, você bem sabe.»

— Que coisa, homem! Você parece que desconfia de mim!

E elle, acabrunhado:

— A gente saber que vai para uma cova vivo, meu Deus! Antes acabar na ponta de uma faca.

— Já você começa...

— Mas é verdade, minha velha. É porque você não sabe. Eu digo do coração: antes acabar na ponta duma faca.

Discutiam e Romana, para distrahi-lo, punha-se a falar do que haviam de fazer na roça, e elle, suspirando: — Ai! que nem para limpar um cafeeiro tinha forças; os braços já não podiam.

Effectivamente a plantação, abandonada, murchava ao sol; a herva de passarinho agarrava-se mortalmente aos ramos; o matto crescia nos canteiros da horta, no cafesal, invadindo a leira. Já no terreiro apontavam rebentos de vassourinha e o joá espinhoso, com os seus frutos de ouro, nascia encostado aos muros da casa. Romana ainda cuidava das laranjeiras mais proximas, mas não se sentia com animo de trabalhar de enxada na terra dura, reseccada das soalheiras.

Thomé, sentado tristemente no banco do terreiro, lançava os olhos pela terra em volta, meneando desanimadamente com a cabeça branca á vista da ruina do seu trabalho. A herva brava reivindicava o seu antigo terreno, como se raizes houvessem ficado, durante o longo prazo dos annos ferteis, quietas, adormecidas, alheias ao appello do sol, á espera do momento opportuno de sahirem a flux invadindo, palmo a palmo, o alqueive abandonado.

Os milhos, já mortos, pendiam resequidos; o feijoal sumira; as aboboreiras ainda lutavam alastrando acima dos arbustos, com exuberancia, num desespero de vida, adherinho á leva agreste que vinha matando as sementeiras. O gado pastava sobre os canteiros da horta, transformada em capinzal.

Romana propoz uma manhan a venda dos bois e dos carneiros que envelheciam sem utilidade, destruindo-lhes os cercados, fatigando-a quando se embrenhavam pela matta, forçando-a a ir buscá-los nos caminhos intrincados onde as juremas, ouriçadas de espinhos, lhe rasgavam a carne e as roupas. Thomé deu de hombros, indifferente:

— Que vendesse. Assim como assim, se haviam de morrer ou de fugir... Que vendesse.

E, um a um, partiram todos os animaes, antigos companheiros, deixando em silencio a varzea e deserta a encosta da collina, onde os dois velhos já se haviam habituado a vê-los pastando ao sol, muito juntos, em rebanho. Ficaram apenas as cabras, os cães e as aves que reproduziam.

A saudade do trabalho levava, ás vezes, Thomé Sahyra a tecer um chapéu, um cesto: raramente, porém, rematava a obra cahindo em prostração, a suspirar, d'olhos perdidos.

Romana, já sem vista para trabalhos delicados, esquecêra a sua almofada de crivo e dedicava-se inteiramente ao preparo de remedios, catando hervas nos montes, á beira d'agua, nas grotas, cavando raizes e tuberculos e, como as suas queixas suspiradas davam a perceber a pobreza em que vivia, os que a procuravam faziam questão de pagar as suas orações e mèzinhas.

— Não senhora, nhá Romana, vancê precisa. Justiça é justiça, vancê trabalha, é natural.

E ella, bondosamente, sem fazer preço, recebia o que lhe davam em dinheiro, em presentes, e ia accumulando como se antevisse futuros dias de miseria e doença, com o companheiro prostrado, incapaz de um esforço, buscando o sol, sempre taciturno.

Junho entrava, frio e tempestuoso. Thomé Sahyra, tiritando, agachado diante das brasas, as mãos estendidas acima do lume, batia os dentes; Romana, arrastando os passos, com uma perna enorme, inchada de erysipela, cuidava da casa, e os dias, regelados e sombrios, passavam monotonamente, quando, uma noite, zunindo fóra os ventos, ella acordou, violentamente agarrada na côxa pelos dedos crispados de Thomé Sahyra.

A luz da lamparina bruxoleava; ella voltou-se bruscamente no leito, sentou-se assustada e, á meia claridade, olhando o companheiro, perguntou:

— Que é isso?

Vendo-o, porém, de olhos dilatados, a bôca aberta, o rosto contrahido, arquejando, pôz-se a chamá-lo, sobresaltada:

— Thomé! Thomé! Que é que você está sentindo?

Elle abriu a bôca, agitou a cabeça no travesseiro e, rolando os olhos com ansia, empinando o ventre, procurando-a com um olhar supplice, os labios tremulos, grugrulejou, com a lingua flaccida

e tropega, tartareios soprados, balofos, procurando levantar o braço, que lhe cahia impotente e molle. Os dedos, aduncando-se, arrepanhavam os lençóes.

Aterrada, a cabocla saltou da cama descalça, accendeu uma véla, indo precipitadamente para junto do enfermo. Dando com a luz, Thomé Sahyra abriu escancelladamente os olhos espavoridos e entrou a sacudir-se na cama, emittindo, aos arrancos, um ahn! ahn! de chôro. Os ventos impelliam as portas e soprava fóra com um uivo dolorido e longo de matilha damnada.

— Thomé! Thomé!

Elle olhava fito, a bôca aberta, e ella, comprehendendo o grande soffrimento que elle não podia exprimir, tolhido como estava, inclinou-se, abraçou-o e falando-lhe com ternura:

— Deixa estar... deixa estar... já sei que é, meu velho.

E elle, sempre a gemer agoniado, balançando a cabeça: «ahn! ahn! ahn!» Mas os movimentos foram retardando: cerrou os dentes, sempre de olhos abertos, os braços estendidos ao longo do corpo.

Romana ficou a contemplá-lo e, baixinho, como se falasse á propria alma, dizia:

— Ah! meu Deus! que molestia! Que molestia, coitado! Bem que elle desconfiava.

Já o julgava quieto, cahido em torpor, quando Sahyra sacudiu-se todo, em estremeção, com um gargarejo aspero, e quedou. As palpebras foram baixando lentamente; fecharam-se.

Romana, de pé, olhos fitos, assistia, muda, á scena tragica, mas as lagrimas subiram-lhe em bor-

botão aos olhos e, para que o companheiro não a visse chorar, soprou a vela.

Sentou-se á beira da cama, carinhosamente levantou os pés de Sahyra, embrulhou-os no cobertor, cobriu-o com o châle, endireitou-lhe a cabeça no travesseiro, olhou-o ainda uma vez e sahiu para a sala, pé ante pé, suspirando.

O gato ia e vinha pela casa, resbunando ; as bategas de chuva ruflavam nas janellas e na matta as arvores, abaladas pela ventania, enchiam a noite de estrondoso rumor.

— Ah ! minha santa Virgem do céu, pelas chagas de Vosso amado Filho, fazei com que elle melhore depressa.

E, na porta do quarto, de modo que o companheiro não a visse, ajoelhou-se abrindo os braços nos umbraes e, de mãos postas, fitando de longe a Conceição, que resplandecia no seu oratorio, illuminada pela lamparina, pediu :

— Minha Santissima Virgem, pelas Vossas sete dôres, pelas Vossas lagrimas, pelo Vosso padecimento no Calvario, tende piedade de nós ! Fazei com que elle melhore e eu, Santa Mãi, mesmo sem vista como estou, prometto bordar para os Vossos sagrados hombros um manto . . .

As lagrimas escorriam-lhe grossas pela face e ella, a cabeça derreada, os cabellos brancos desfeitos, voando em farripas, calou-se, aterrada, vendo na parede do quarto a sua grande sombra tremula, na postura devota da prece em que estava. Levantou-se lentamente, preoccupada com Thomé, para que não ficasse impressionado e, querendo animá-lo, contendo os soluços, entrou no quarto,

dizendo alto, para que elle ouvisse e descançasse :

— Coitado do meu velho ! Deus permitta que isto passe até amnhaan. Ha de passar. tenho fé na Virgem

Inclinou-se, beijou-o na fronte gelada.

Vibrantemente, atravéz da zoada do vento na grande noite tormentosa, um gallo bateu azas e cantou.

III

Fôra-se a noite tempestuosa. Os ventos haviam amainado, uma chuva fina molhava os campos. Os montes longinquos mal se accusavam indistinctamente, em tons apagados, como atravéz da lamina de um vidro fosco. Frio aspero

Romana, sentada á mesa, o rosto nas mãos magras, fitava o soalho pensando em Thomé que dormia o grande somno, hirto e frio como um cadaver. Ardia ainda, livida e mortiça, a candeia de folha posto que, pelas frinchas da porta, já entrasse uma claridade baça. Duas botijas cheias d'agua quente aqueciam os pés regelados do caboclo, duas outras esquentavam-lhe os flancos, só o rosto apparecia macilento, cavado, d'entre os lençóes e cobertores. De quando em quando, em pontas de pés, ella entrava no quarto, espiando o companheiro : ficava

um instante parada, enternecida, diante do leito, e falava, como se elle pudesse ouvi-la :

— Pobre do meu caboclo, coitado ! Vejam só que molestia ! E logo agora, com este tempo frio, sem um bocado de sol. Beijava-o carinhosamente, sentindo a frialdade da fronte, mettia devagar a mão por baixo das cobertas para tomar a temperatura do corpo : era fria de gelo, apenas os pontos aquecidos pelas botijas tinham um calor forte : junto ás costellas, nas plantas dos pés ; mas o ventre tumido, as pernas seccas, o peito cavado estavam frios, como de pedra, apesar das cobertas.

— Ah ! meu Deus ! como elle está gelado ! Que é que eu hei de fazer ? Tambem está tão frio, de mais a mais com esta chuva que não cessa.

Pensou em accender um foguinho no quarto e, resoluta, foi á cozinha, trouxe um velho tacho, encheu-o de gravetos e, junto da cama, fez o lume. A fumaça, subindo da lenha que ella soprava, ajoelhada, ia invadindo o aposento abafado, tornando o ar denso, irrespiravel, asphyxiante. Ergueu-se tossindo suffocada e entreabriu a janella para que o fumo sahisse.

A luz da manhan, sem brilho, alumiou, em tom de crepusculo, o aposento — a cabeça de Thomé Sahyra, afundada no travesseiro, ficou á sombra das cobertas, immovel.

— Coitado ! Essa fumaça póde até incommodá-lo.

A lenha crepitava, uma chamma viva e alegre levantou-se e o fumo ficou reduzido a um filete que fugia pela fresta da janella por onde, de vez em vez, em lufadas, entrava o ar gelado dos campos.

Apesar da fogueirinha Romana sentia mais frio no quarto.

— Ora ! de que serve isto se o vento entra pela janella ? só faz encher o quarto de fumaça, não vejo mudança nenhuma. Tomou o tacho pelas alças e levou-o. Na sala pôz-se a suspirar : Ah ! meu Deus ! pois não ha de haver um remedio para uma coisa assim ? Ha de uma criatura ficar esse tempo todo, estendida na cama, como morta, sem comer nem beber e a gente, de braços cruzados, sem poder fazer nada ? Se houvesse um doutor . . . mas quem ?

Pôz-se a varrer a casa, abriu a porta e, diante do terreiro encharcado, apoiando-se ao cabo da vassoura, insensivel á chuva miuda que lhe fustigava o rosto, ficou de pé, d'olhos nas arvores da matta, reluzentes d'agua.

As gallinhas, molhadas, friorentas, acolhiam-se á beira da casa, tiritando : os cães sacudiam-se fazendo espirrar a agua do pello. Nem um passaro no ar, como se todos houvessem morrido durante a terrivel noite de aguaceiro e vento. Suspirou por fim, em desabafo, e, encostando a vassoura a um canto, foi á cozinha fazer fogo, aproveitando as brasas do tacho que fumegava no meio da sala.

As gallinhas e os cães entraram procurando aconchego e calor, e Romana, com pena, deixou-os, enxotando-os para a cozinha, para que não sujassem o soalho da sala e lá espalhou o milho, atirou o angú aos cães e pôz-se a socar o café emquanto a agua fervia.

Interrompeu-se um momento. Parecera-lhe ter ouvido a voz de Thomé, muito fraca, chamando-a. Prestou attenção. Uma cabra berrava na collina de

instante a instante e os cães rosnavam, defendendo os seus quinhões :

— Fica quieto, *Bóca-negra !*

Pôz-se de novo a socar o café, mas com a attenção voltada para o quarto, á espera de novo appello e, repentinamente, decidindo-se, sahiu, pé ante pé, e foi espiar o adormecido.

Thomé continuava immovel sob as cobertas em monte. Chamou-o, falando-lhe muito perto do rosto:

— Meu velho ! Thomé ? Você me chamou ? Ficou á espera — debalde : o caboclo conservava-se quedo, hirto e frio. Desanimada, encolhendo os hombros, sahiu do quarto. Qual ! desta vez parece que ainda é peior. Nem signal !

A agua fervia aos borbotões.

Feito o café, sentou-se desalentada e esteve largo tempo com a caneca na mão, como esquecida, sem sorver um góle, a olhar vagamente, meneando com a cabeça de vez em vez, a acompanhar o pensamento ; por fim, suspirando, pôz-se a beber o café, lentamente, distrahida.

— Ha de ser o que Deus quizer ! suspirou. Já fiz tudo que estava nas minhas mãos . . . agora . . .

Lembrou-se de esfregar o corpo do companheiro com uma infusão forte de gengibre, mas prevaleceu a idéa das botijas e pensando nellas ergueu-se :

— É verdade, a agua já deve estar morna. Encheu uma grande chaleira e passou ao quarto. O corpo continuava gelado. Qual ! não esquenta . . . Não sei mais que hei de fazer. E o dia passou em angustiosa espectativa — ao menor ruido Romana corria ao quarto, espiava, curvando-se sobre o companheiro, apalpava-o : Qual

Á noite, estendeu a esteira aos pés do leito, deitou-se, mas tão preoccupada que, de instante a instante, acordando em sobresalto, lançava os olhos á cama : uma vez mesmo perguntou :

— Que é ? e levantou-se, mas Thomé continuava rigido.

Amanhecia, raios de sol conseguiram atravessar as nuvens pesadas que forravam o céu ; passaros surgiam cantando e os montes, lavados, muito azues, destacavam-se fortemente da paizagem rasa, dum verde fresco e alegre de hervas novas.

— Agora, sim, póde ser que o coitado melhore com o sol.

O dia, porém, passou em esperança sem que ella se descuidasse das botijas e de cobri-lo.

Já parecia resignada posto que, de momento a momento, parando em meio da casa, deixasse escapar uma phrase de duvida terrivel :

— Mas . . . tanto tempo assim . . . ! Da outra vez não levou um dia, num instante ficou bom Que coisa !

Mas cuidava do serviço, sahia ao terreiro, não se distanciando para poder ouvir o chamado de Thomé quando elle acordasse.

Eram já passados quatro dias quando Romana, entrando de manhan no quarto, para substituir as botijas, notou certa humidade no corpo de Thomé Sahyra e parou, examinando as mãos, espantada.

— Uê ! parece que elle está suando. E é suor mesmo, coitado ! Quem sabe se não está para acordar ? !

Como os dias eram de sol, ella attribuia ao calor o renascimento das forças e o degelo do san-

gue nas veias. Alegrou-se e mais redobrou de cuidados.

— Se eu pudesse arranjar alguma coisa para esquentar mais elle . . . Para mim elle ainda está assim por causa do frio. Mas que é que eu hei de fazer ? não tenho mais nada para botar em cima delle.

Apesar da certeza de que elle despertaria nesse dia, a noite estrellou-se sem que Thomé fizesse o mais leve movimento no leito. Romana deitou-se e, em camisa, com o seu rosario, fazia a oração encarada na imagem da Virgem, quando sentiu um cheiro estranho de azedume. Pôz-se a farejar voltando a cabeça dum para outro lado, aos fungos :

— Que é que está cheirando assim que nem coisa pôdre ! ? Franzia o nariz, dilatava as narinas : Isso não passa de arte de *Bóca-negra* que trouxe algum bicho morto aqui p'ra dentro. Ajoelhou-se na esteira, espiou debaixo da cama, sempre fungando, a murmurar contra o cão. Bicho damnado ! Foi elle !

Por fim deitou-se. Mas o cheiro impunha-se, insupportavel. Cobriu a cabeça, nem assim póde conciliar o somno e levantou-se murmurando contra os cães :

— Pestes ! vejam só isto . . . Nem se póde dormir com um fedor assim. Amanhan vocês me pagam.

Tomou a candeia ; vagarosamente, pacientemente, pôz-se a examinar os cantos da casa, espiando debaixo dos moveis, sem nada descobrir. Tornou ao quarto e, de pé na esteira, farejando, disse :

— A coisa é aqui . . . Diabos !

Deitou-se, mas só pela manhan conseguiu adormecer, cançada.

Logo ao despertar, abriu todas as portas e janellas ao sol e, canto por canto, com cuidado, percorreu a casa á procura do animal pôdre que os cães haviam trazido dos mattos. Na sala parou um instante, d'olhos levantados :

— Quem sabe se não morreu algum bicho debaixo da casa ? Mas como é que eu hei de dar com elle ? Seja tudo pelo amor de Deus !

Resignada, encheu um tôsto de brasas, espalhou sobre ellas alfazema e assucar e andou pela casa defumando-a. Feito isto, foi cuidar de Thomé.

— Ainda não, hein, meu velho ? falou enternecida, junto ao leito.

O quarto, fechado, estava escuro e humido e o fartum tresandava. Romana, entretanto, não parecia senti-lo. Curvou-se e puxava as cobertas quando um enxame de moscas voejou, levantando-se do rosto de Thomé. Enxotou-as, primeiro com a mão, mas os insectos, zumbindo, voavam por perto, voltando logo a assentar. Romana tomou então uma toalha e pôz-se a sacudi-las, pensando levá-las até a porta, mas quando tornou ao leito já as moscas lá estavam. Enfureceu-se, abriu uma gaveta e, tirando um lenço, estendeu-o sobre o rosto do adormecido. Depois, mergulhando as mãos por baixo das cobertas, procurou as botijas, mas retirou os dedos apressadamente :

— Huê ! Querem vêr que estão vasando ? Que água é essa ? Sentia os dedos peganhentos, viscosos, como molhados em gomma. Instinctivamente cheirou-os, soprando, enjoada com o fétido que

exhalavam. Então! era coisa pôdre que estava nas botijas. Eu bem dizia.

Cuspiu e pôz-se a retirá-las todas, com pressa, indifferente á humidade que ia encontrando, e punha-as no chão, perto da cama, uma a uma.

— Eu bem dizia que o cheiro era aqui. Eu bem dizia. Foi bicho que entrou nellas... estavam abertas.

A exhalação tornava-se mais forte, sahia em grandes bafos debaixo das cobertas. Romana levou as botijas do quarto, atirando-as pela janella ao terreiro. A casa tresandava.

Romana, em grande preoccupação de aceio, correu-a toda, sacudiu as prateleiras da cozinha, mas sentindo sempre o cheiro, lembrou-se de mudar a roupa da cama que devia ter ficado suja. De instante a instante, enchendo-se-lhe a bôca d'agua cuspinhava.

— Mas como ficou a casa tomada, meu Deus! O melhor é mesmo mudar toda a roupa da cama para o coitado não ficar naquella immundicie.

Encostou a vassoura a um canto e caminhou para o quarto.

Entreabriu a janella, um raio de sol penetrou, alumiando frouxamente o aposento. Romana estendeu a esteira, forrou-a com lençóes, foi á arca tirar a muda de roupa e accumulou-a sobre uma cadeira: lençóes, fronhas, colchas.

Parada diante do leito, esteve a pensar endireitando os cabellos que lhe cahiam pelo rosto esguedelhados e mediu as suas forças antes de atrever-se a carregar o adormecido, mas animou-se:

— Não, elle não póde ficar assim. Isso até faz

mal. Avançou, arregaçando as mangas do casaco. Vamos, meu caboclo : tem paciencia. É para teu bem. Começou a tirar as cobertas, mas com a idéa de que a correnteza de ar podia fazer-lhe mal, quente da cama, como o julgava, decidiu fechar a janella. Pôz-se então a retirar as cobertas, uma a uma, vagarosamente, falando sempre : Pobre de mim, sósinha com uma coisa destas. Quando apenas havia sobre Thomé um leve lençol, agachou-se e, mettendo os braços por baixo do corpo, amparou-o pelo tronco e pelas côxas, tentando levantá-lo. O corpo, humido, molle, vergava ; de frio regelava-lhe os braços nús e humedecia-os. Lentamente, com esforço, levantou-o da cama ; a cabeça, sem apoio, tombou para as costas. Moscas voavam estonteadamente com azoada soturna ; o lenço escorregou, deixando o rosto descoberto. Vamos, meu velho, tem paciencia.

Com toda a força dos braços ergueu-o e, agachando-se vagarosamente, já o tinha quasi na esteira, ia a dobrar um joelho quando, perdendo as forças, cahiu com o corpo, que bateu no soalho surdamente.

— Ah ! minha Mãi do Céu ! Apesar de ter ido com a cabeça d'encontro á canastra não se deu por sentida, preoccupada com o companheiro : Coitado ! Coitado do meu velho ! Vão vêr que se machucou. Que caiporismo, meu Deus !

Solicita, querendo vêr se o maguara, abriu a janella francamente e o sol inundou o quarto. Ajoelhando-se diante de Thomé Sahyra, vendo-o á grande luz, ficou assombrada, d'olhos abertos, immensamente abertos e fitos. O rosto do adormecido estava quasi todo denegrido, das narinas aperta-

das, da bôca entreaberta, escorria-lhe uma baba espumosa e, por entre as palpebras, um liquido fugia, côr de resina ; toda a face exsudava. A cabocla olhava aterrada ; ergueu-se muda, lançou os olhos á cama desfeita e viu-a toda molhada no lugar do corpo, exhalando putridamente.

Agoniada, com indizivel expressão de medo e soffrimento, andava com os olhos do companheiro para a cama. De repente, numa resolução subita, ajoelhando-se, com os dedos incertos, póz-se a desabotoar a camisa de Thomé e viu-lhe o peito fundo, com a ossaria em aduellas salientes, manchado e fétido, o ventre alto, tumido, tambem coberto de placas arroxeadas, o pescoço quasi negro. E as moscas zumbiam em enxame, fugindo, voltando teimosamente como se lhe disputassem o companheiro. Ella enxotava-as e, num pavor, olhando o corpo, póz-se a dizer torcendo as mãos :

— Como ha de ser ? ! E agora ? ! Como ha de ser ? !

Voltou-se para a imagem da Virgem a pedir-lhe conselho e misericordia, mas afflicta, abotoando a camisa do adormecido, póz-se a limpar a sanie que lhe escorria das narinas e dos cantos da bôca.

— Como ha de ser ? ! Eu não sei que é isto : um máu cheiro assim, essa baba, essa roxidão, e frio, frio . . . Apalpava-lhe os pulsos : as veias não latejam mais, o coração não bate, e está tudo parado. Eu não sei . . . pobre de mim ! Coitada da gente, meu Deus !

Quedou extatica, olhando. De supetão, com voz surda, disse, em arranco :

— Morto ! Os olhos andaram vagamente pela

casa e fixaram-se na imagem, supplices ; ajuntou as mãos, repetindo : Morto ! mas meneou com a cabeça e tão desesperadamente que se lhe soltaram os cabellos brancos :

— Não ! não ! Elle falou sempre . . . pediu sempre. Não ! e arquejava. Da outra vez foi assim mesmo, ficou que nem morto. Isto póde ser da doença, mas morte não é. Não está morto, não ! Tá não . . . tá não . . . Ergueu-se desesperada : Como ha de ser para eu ter certeza, minha Virgem ? ! Eu nem sei que é que elle tem. Está todo rôxo, frio, não bole . . . e este cheiro assim ! Como é que eu vou ficar sósinha com elle neste estado ? Mas se eu chamar uma pessoa ha de logo dizer que elle está morto, porque ninguem sabe da molestia, ha de querer que elle seja enterrado . . . Isso não, eu prometti ; eu sei que elle acorda. Deus ha de permittir . . .

Sahiu estonteada, foi á sala. Um dos cães, que entrára, appareceu no quarto e pôz-se a andar em torno do corpo, farejando-o, a rosnar.

— Sahe, *Bôca-Negra !* Vai-te embora ! e, com um páu, enxotou-o. Estava desatinada.

Da janella, lançava os olhos aos caminhos e vendo, ao longe, uma cabana, lembrou-se de ir implorar soccorro, recordando-se, porém, da promessa que fizera. meneou com a cabeça negativamente :

— Qual ! se vier gente aqui, eu sei . . . Não ! Elle pediu, ha de ser o que Deus quizer. Eu fico com elle. Deus me livre ! para o pobre acordar debaixo da terra e me amaldiçoar. Nem é bom pensar em semelhante coisa . . . Nossa Senhora !

Um suspiro arrancado sahiu-lhe do peito :

— Valha-me Deus! Uma pobre mulher como eu, que não entende de nada..

Tornou ao quarto devagar e, vendo o corpo coberto de moscas, sacudiu-as freneticamente:

— E esses diabos que não deixam o coitado. Sahe, porcaria...! E pôz-se a sacudir o lençol que arrancára da cama.

O máu cheiro desenvolvia-se e ella, sentindo a humidade viscida do lençol que lhe roçára pela face, precipitou-se para uma toalha e, tomando-a, esfregou-se enjoada. Depois, voltando o colchão, bateu-o e pôz-se a fazer a cama com a roupa limpa, esticando-a muito:

— Seja como fôr, nem que me custe a vida, eu hei de cumprir até ás ultimas o que prometti. Póde ser que elle esteja morto, mas... e se estiver dormindo? Não! não se morre assim. Eu tenho visto muita gente morrer, mas assim nunca vi. Não se morre assim. A morte dóe, a gente não morre sem gemer.

Suspendeu o que fazia e, cruzando os braços, os olhos na parede, meneando com a cabeça, recordava a noite tragica, as ansias de Thomé, o seu olhar cheio de angustia, os movimentos agoniados que fizera.

— Não, não póde ser. A morte dóe, a morte dóe.

Carregou o sobr'olho e, como se respondesse a alguem, disse:

— Como não dóe?! Então eu não tenho visto! Quanta gente eu tenho ajudado a morrer: gente grande, crianças, tudo...? Como não dóe? Porque é que elles choram na hora da morte? Como não dóe?! A morte dóe, sim; uai...!

Pôz-se de novo a trabalhar, enfronhando os travesseiros. Prompta a cama, arregaçou as mangas do casaco e, com um suspiro, agachou-se diante do corpo, apanhou-o nos braços e, em dois arrancos, procurou levantá-lo, mas faltaram-lhe as forças.

Veiu-lhe, então, uma crise de desanimo e de piedade; as lagrimas escorreram-lhe dos olhos, os soluços sacudiram-na.

— Ah! meu Deus, coitado! Meu pobre caboclo! tão bom... Tão bom e soffrendo tanto!... E eu sem poder fazer nada, sem uma pessoa para me ajudar.

As lagrimas pingavam sobre o corpo hirto do companheiro. Sahiu um instante á sala. O sol doirava o arvoredo; as gallinhas, estranhando a demora da ração, juntavam-se no terreiro, mariscando, e os cães, com fome, vendo Romana á janella, levantaram os olhos meigos, acenando com as caudas, ganindo, rosnando.

Ella nem os via, a chorar, e esqueceu-se muito tempo á janella em dolorido extase.

— Valha-me Deus! suspirou sahindo; mas, á porta do quarto, deteve-se hesitante: Mas eu não posso com elle... o melhor mesmo é chamar alguem. Eu conto a molestia e peço para ficar commigo.

As moscas, assanhadas, perseguiam-na, voando-lhe em torno do rosto, pousando-lhe no braço, attrahidas pelo cheiro que ella trouxera do corpo de Thomé Sahyra.

— Que perseguição de moscas! Diabos! Caminhou para o quarto. Vamos vêr... Ah! minha Nossa Senhora do Soccorro... e concluiu a prece

no coração, firmando-se aos umbraes, como abalada. Um homem que nunca fez mal a ninguem, coitado! Até eu chego a pensar que isso foi mesmo coisa feita, nunca vi assim e com esse máu cheiro . . . Só se é algum tumor que elle tem por dentro.

De novo as lagrimas jorraram-lhe dos olhos:

— Eu sósinha não posso! Sósinha não posso! Desesperada, levou as mãos á cabeça: Que horror, meu Deus! Tambem que foi que eu fiz para merecer tanto! Que foi que eu fiz ?! Agora, depois de velha assim, meu Senhor, é que hei de soffrer?! Tanto não!

Soluçava, limpando as lagrimas com a manga do casaco, mas o cheiro que tinha no braço causou-lhe nojo; cuspiu, limpou a bôca com a toalha e, sacudida pelos soluços, passou ao quarto, parando contemplativamente diante do corpo.

— Vamos, meu velho.

Agachou-se de novo e, com toda a sua força, levantou o companheiro; fraquearam-lhe, porém, os braços. Então, num esforço supremo, agarrou-o pelo tronco e o foi arrastando, erguendo-o perto do leito até repousar o busto: levantou-lhe as pernas depois, estendeu-as na cama, arranjando-lhe commodamente a cabeça nos travesseiros. Cruzou-lhe os braços no peito, mas supersticiosamente, para que não parecesse morto, esticou-os ao longo do corpo e sahiu.

A cinza esfriára no fogão quando Romana, debilitada, foi procurar o boião de café na prateleira. Catou uns gravetos pelo chão e, ateando o lume, pôz-se a soprar até que viu as primeiras labaredas: tomou, então, duma pilha, alguns páus mais

seccos e pôz o boião ao fogo, mas quando, enchendo a caneca, provou o café, fez uma careta sentindo um cheiro estranho e sabor de coisa pôdre ; cuspiu, rejeitando a vasilha, enjoada.

— Que horror ! a mode que está tudo estragado . . .

Sahiu para o terreiro, mas em toda parte o cheiro perseguia-a como se della propria partisse. Sentia-o em tudo : nas paredes, nos cantos da casa, nos moveis, nos pannos e mais ainda — o ar tresandava, as folhas das arvores, os frutos, a hervagem, a respiração da matta, tudo exhalava fétido, como se a natureza toda apodrecesse voejada pela varejeira de ouro, o sol ; e as moscas zoavam a enxames pela casa.

Romana desceu á gróta para lavar os braços : mergulhou-os nagua coalhada de nymphéas, esfregou-os e, acocorada entre as folhas metallicas do inhamal, perdeu-se airadamente em pensamentos e ali ficou de olhos abatidos e assim estava quando viu uma sombra resvalar pela terra secca. Levantou os olhos. De azas largamente abertas, baixando, um urubú seguia o rumo da sua casa. Teve um arripio : Se elle entrasse ? ! Se désse com o corpo de Thomé Sahyra, indefeso, sósinho no quarto ? Se lhe arrancasse as entranhas e os olhos a bicadas ? Ah ! minha Mãi do céu ! exclamou apavorada. Com os braços molhados, levantou-se e, arrastando pesadamente a perna inchada, foi-se, a largas passadas.

Em caminho, ouviu o latido furioso dos cães ; ainda de longe açulou :

— Isca, *Bôca-negra !* Péga, *Frecha !* Isca !

Os cães, ouvindo-a, ladraram com mais furor. Ao chegar ao terreiro, extenuada, logo descobriu a grande ave, negra e sinistra, pousada no beiral do telhado, de azas abertas, immovel; e os cães raivosos investiam atirando-se á parede como se quizessem subir por ella acima. Romana pôz-se a bradar ao urubú, impassivel:

— Sahe! Chiii! Sahe! Vendo, porém, que não se movia, tomou uma pedra e atirou-a ao telhado. O animal, sem ser atingido, mudou apenas de lugar, caminhando com gravidade e vagar, sobre as telhas: — Sahe!

Atirou outra pedra. Alcançada ou apenas espantada, a ave levantou vôo, pousou adiante empoleirando-se numa arvore, á espreita. Os cães ladravam sempre. Romana, que apanhára outra pedra, deixou-a cahir no chão vendo a ave tão alta, mas esconjurou-a.

Cahia a tarde rosada; rôlas turturinavam e bemtevis desferiam a grita alegre. Começava docemente, com o esmaecimento da luz, a tristissima symphonia vesperal. Era lua cheia; havia ainda claridade quando o astro alvo foi subindo no céu, estendendo, por montes e campos, a sua pallidez.

Romana sentia fome, mas tudo lhe repugnava, e o cheiro, cada vez mais forte, dava-lhe tonteiras e nauseas; todavia, para não abandonar o companheiro, foi até ao quarto espiá-lo:

— Thomé! Thomé! Meu caboclo!... Apertou o nariz para não sentir o cheiro: — Thomé! Thomé!

Sempre o mesmo silencio de morte. Encolheu os

hombros, puxou a esteira para a sala, estendeu-a e deitou-se ao luar que entrava pelas janellas abertas.

Os cães uivavam no terreiro entristecidamente e extasiada, o cotovello em terra, a face na mão, ella parecia de todo esquecida quando ouviu, fóra, um forte bater de azas e logo a sinistra gargalhada da coruja. Sentou-se e, fazendo o signal da cruz, resmungou um esconjuro.

Deitou-se de novo, mas não pôde supportar, por mais tempo, o fedor e disse com resignação, arrastando a esteira para a porta :

— Está bom, fico aqui. Isto ha de acabar.

Mas o frio foi-se tornando grande, tiritava ao relento e com somno quando resolveu recolher-se. Puxou de novo a esteira para a sala e deitou-se cobrindo a cabeça.

Pelas janellas abertas o ar e a luz pallida entravam juntamente. Romana adormeceu, mas não dormira uma hora quando entrou a contorcer-se gemendo surdamente, depois alteando a voz até que um grito longo, agudo, lhe sahiu do peito opprimido. Acordou e, sobresaltada, sentou-se na cama, olhando com desvairamento e assombro :

— Oh ! que coisa medonha !

Em sonho vira-se coberta de vermes, moles como lesmas ; parte do seu corpo desfazia-se, a carne despegava-se dos ossos e cahia ensanguentada, coberta de bichos. Larvas mordiam-lhe o rosto, entravam-lhe pela bóca, pelos olhos, pelos ouvidos ; ella debatia-se sem poder livrar-se dos terriveis inimigos e já os sentia na garganta, suffocando-a, quando acordou afflicta

Sorveu o ar com ansia, mas logo o cheiro horrivel reappareceu.

— Ah! meu Deus! se ao menos eu pudesse fazer alguma coisa para acabar com esta catinga. Já queimei alfazema, foi mesmo que nada: não passa. Só eu sahindo para o terreiro, ali não fede tanto. Aqui dentro não ha quem aguente.

Levantou-se, mas estava tão fria a noite que lhe faltou coragem para desabrigar-se. Foi á cozinha, lá tambem era o mesmo fedor. Lembrou-se do pequeno quarto onde Thomé guardava a pindoba para os cestos: ali, fechada, talvez não sentisse. Entrou com a candeia fumarenta. Havia montes de cestos, samburás, balaios, alguns chapéus, esteiras enroladas e rolos de trança de palha. Trancou-se por dentro e sentou-se a um canto.

A principio sentia apenas o cheiro do cipó secco, pouco a pouco, porém, como se a invasão se fôsse dando, lentamente, por baixo da porta, o pequeno quarto tornou-se insupportavel.

— Não! só mesmo lá fóra. Não ha lugar nenhum aqui dentro. O melhor é andar até que amanheça, dormir não posso.

Accendeu o cachimbo e sahiu vagarosamente, cançada, para o luar frio e branco, mas não se animou a afastar-se do terreiro, receiando sempre alguma coisa. Sentou-se no banco, cochilando. Ali mesmo, apesar da brisa, o cheiro perseguia-a:

— Tudo féde! Que coisa! Não ha um lugar para a gente estar. Até as arvores estão com máu cheiro. Começava a irritar-se. Deus permitta que já chegue a manhan; eu não posso mais.

Os cães vieram festejá-la, deitaram-se-lhe aos pés, abanando as caudas.

A manhan rompia. Romana cochilava com a cabeça encostada ao tronco de uma laranjeira quando um dos cães ladrou desesperado e um ruflo d'azas abalou o silencio. Ella acordou sobresaltada. Erguendo os olhos, teve ainda tempo de vêr um urubú voando para uma paineira proxima; dois outros passeavam no telhado, outro equilibrava-se no ramo flexivel de uma arvore, abrindo e fechando as azas; e voando no alto um bando delles rondava a casa.

Romana, ás pressas, foi examinar a porta que deixára encostada: achou-a entreaberta:

— Ah! minha Nossa Senhora! elles entraram! entraram! Soltou um grito de desespero: Damnados! e, quasi a correr, com tanta agilidade quanta lhe consentia a perna inchada, penetrou o quarto, escancarando a janella para vêr melhor. Silencio. Sobre o rosto do adormecido as moscas fervilhavam, e era só.

Tocou-lhe a fronte fria e, como calcasse sobre a face, sentiu a carne ceder, afundando, e a bôca encher-se-lhe de espuma fétida. Fóra os cães ladravam furiosamente. Fechou a janella e, para saber o motivo da furia dos animaes, foi á porta que abria sobre o terreiro. Dando com ella, os cães partiram desabaladamente em direcção á collina e ella viu dois urubús levantarem vôo. Mas quantos outros havia perto?!...

No telhado: um bando delles, immoveis, como de bronze; nas arvores, um só galho da paineira sustentava tres; outros vinham voando de longe, azas abertas, em direitura ao telhado.

Romana, que até então encarára tudo sem pavor, não poude dominar a impressão de medo e, de olhos dilatados, contava, apontando-as a dedo, as aves negras que sitiavam a casa :

— Um, dois, tres . . . Quantos, meu Deus ! Quantos, Pai do céu ! Incitava os cães : Isca ! isca !

As aves nem sequer se moviam, indifferentes aos cães que ladravam e ganiam.

Romana teve uma inspiração salvadora : foi á parede, tirou a espingarda de Thomé, o polvarinho, o chumbeiro, carregou os dois canos e, da janella, fez pontaria, vizando um urubú empoleirado no galho da paineira. O tiro partiu e os cães precipitaram-se ; as aves, porém, já iam longe, fugindo e um *vôú-vôú* surdo sobre o telhado dizia que outros haviam igualmente abalado. Um apenas ficou no galho mais alto da paineira.

Segundo tiro partiu, atroando, sem que o animal se movesse.

— Ah ! couro do diabo ! praguejou Romana, recolhendo com a espingarda. A polvora restante não dava para uma carga e a cabocla, ameaçada, vendo as aves circularem na altura, como se bailassem de contentamento, antegosando a delicia do repasto, comprehendia que todas, em breve, tornariam e pôz-se a tremer com medo.

Effectivamente o primeiro urubú desceu sobre o telhado, pousando estabanadamente ; depois outro e outro ; á paineira baixaram muitos e os cães iam desalojar alguns que se mettiam, como em cilada, entre as hervas baixas.

— Ah ! minha Virgem ! E agora ? ! Como é que eu hei de ficar assim, cercada por esses bichos ?

Se elles entram aqui, que é que eu sósinha posso fazer ?

Os braços pendentes, entrecruzados os dedos, ficou a pensar e, numa decisão desesperada, inspirada pelo medo daquella morte horrivel que a ameaçava : ser devorada em vida por aquelles bichos negros que, certos da rendição, esperavam tranquillamente, vindo de todos os pontos para as immediações da casa — traçou o châle e sahiu para o terreiro, fechando a porta por fóra.

Os urubús lá estavam, sinistramente quietos nos seus postos.

Fraca das constantes vigilias, inanida, mal podia caminhar ao sol e gesticulava desatinada, resmungando. Os cães haviam desapparecido, farejando, talvez, alguma caça : debalde ella os chamou. Um urubú, voando, passou acima da sua cabeça : ella estremeceu num choque de panico e, tirando o châle, fraldejou-o no ar, enxotando a ave, que já ia longe. Pôz-se a andar, rezando. Ia buscar o Firmino, do Pary. Elle sim, era uma boa criatura, talvez lhe prestasse esse favor.

Ia já perto da estrada quando estacou hesitante :

— E Thomé ? Eu não sei, meu Deus, mas póde estar vivo. Depois pediu tanto, eu jurei. Que é que hei de fazer ? Se Firmino dá com elle naquelle estado ? !

Voltou-se para o lado da casa e, vendo os urubús no telhado, sentiu o calafrio do medo ; ficou, entretanto, a olhá-los, e, inconscientemente, arrastada por uma força superior á sua vontade, tornou á casa, sorrindo, a murmurar :

— Como é que eu vou fazer isso, se prometti ? Não promettesse. Ainda que seja verdade, ainda que esteja morto, ainda que não me amaldiçôe debaixo da terra, e a alma ? a alma delle ? Uê ! antes aquillo tudo que está ali, daquillo eu sempre posso me livrar . . . mas se a alma delle vier, hein ? então ? Verdade, verdade, eu prometti. Elle pediu, eu prometti. Uê, então é assim ?

E cantarolou ao sol, parada, compondo o châle, de olhos baixos, fitando a sombra do proprio corpo.

— Uê ! Eu não ! Foi-se caminho acima e, como se lhe não pesasse a perna, seguia apressada, falando : Pr'a que ? aquillo foge ; a gente espanta, aquillo foge e a alma ? alma, não vê ! fica perto da gente gemendo, gemendo . . . Alma, sim, isso sim ! Depois eu prometti : elle pediu, eu jurei. Fico lá, vou pr'a lá . . . Ora ! ajustou o châle ao peito cruzando as pontas.

— Elle ha de se levantar. A semente não fica no fundo da terra uma porção de tempo ? fica ; morre ? não morre ! O lagarto não dorme, não muda a pelle, não acorda quando o sol vem ? então ! Elle ha de acordar. Porque não ha de ? Já não se levantou duma feita ? Então a morte é assim ? Que morte ? Onde ? ! Uê ! Isso não ! riu entre dentes. Promessa é promessa, quem jura, jura ! Eu não ! A outra não ficou maluca ? por que ? porque fez uma promessa e esqueceu. Que é que faz agora ? corre o mundo penando. Eu, não ! Nunca fui disso, mesmo no tempo de moça nunca quebrei juramento.

Riu de novo, levando a mão á bôca como para

conter alguma palavra indiscreta. Séria, de repente, parou e batendo no peito magro com a mão espalmada :

— Eu ! dizer uma coisa e fazer outra ? Misericordia ! não sou disso, não. Então como é ? agachou-se e bateu no chão : Está dormindo aqui ? dorme. Está deitado ? fica. Que é que tem ? Deus Nosso Senhor é Pai. Levantou os olhos para o céu resplandecente : Elle está lá em cima . . . Pensa que não vê ? Vê tudo ! escuta tudo ! Ora ! Que é que tem ? Vamo-nos embora. É assim mesmo, então eu não sei ? Uê ! como não ? . . . Arrancou uma folha d'arvore e pôz-se a mastigá-la. É assim mesmo. Vamo-nos embora.

Seguiu.

O sol dava-lhe de chapa na cabeça núa, esguedelhada e, com os olhos de um desusado brilho, nem mais se preoccupava com os urubús e, a delirar, seguia, ora sorrindo, ora franzindo o rosto, accusando na physionomia as varias e multiplas versatilidades do pensamento. Diante da casa deteve-se — os urubús andavam no terreiro com mesuras, vagarosos, desageitados ! ella investiu com elles, sapateando e todos voaram ganhando as arvores e o telhado. Riu ás gargalhadas, dobrando-se com as mãos nas còxas :

— Gallinha preta ! Gallinha preta ! Vem cá dentro, gallinha preta. Encancarou a porta e convidava os urubús : Entra, vem cá dentro, gallinha preta ! Franziu o nariz, atirou uma cusparada. Cruz ! que cheiro !

Sentou-se no batente da porta e derreou a cabeça sobre o peito. Um urubú pousou no terreiro ;

ella levantou os olhos e pôz-se a mirá-lo tranquillamente, sem cuidado, sem medo, puxando as farripas brancas. A ave, parada, olhava-a receiosa, mas avançou lentamente ; outro baixou, outro e o *vôú-vôú* d'azas não descontinuava.

Romana, alheia a tudo, esfiava o cabello, mas um dos animaes, num pulo, aproximou-se , ella então, arregalando os olhos, fitou-o. Ergueu-se lesta escancarando os braços entre os umbraes da porta, defendendo a entrada, a gritar desesperadamente :

— Sahe ! Sahe ! Sahe ! Que é, gallinha preta ? Sahe ! e atirava pontapés, sapateava frenetica, voltando, de instante a instante, a cabeça para dentro, desconfiada de que algum houvesse penetrado. Sahe ! Sahe ! Cruz ! Credo !

Subitamente, num arrojo de audacia, avançou — as aves recuaram, algumas fugiram em pequenos vôos, mettendo-se nas moitas ; outras treparam nos galhos baixos das laranjeiras que as balouçavam.

— Sahe ! Sahe !

Pôz-se a atirar pedras, espantando-as, mas tornou á porta, recuando, sempre de frente para os urubús. Ganhando a soleira, abriu os braços e ria ; depois, cantarolando baixinho, pôz-se a dizer :

— Agora vamos vêr ! vamos vêr.

Foi recuando devagarinho e, quando se viu na sala, gritou para as aves que vinham chegando :

— Chôoo ! gallinha preta ! e bateu com a porta violentamente.

Fôram os urubús que denunciaram o drama sinistro da casa da collina. Já no povoado corriam murmurações e conjecturas sobre a ausencia dos velhos : « Nem o cesteiro, nem nhá Romana » quando um campeiro, buscando um boi que trasmalhára, chegou á vista da casinha, muito branca no pomar viçoso como uma flôr entre folhas, e parou, boquiaberto, vendo a fechada e coalhada de urubús que bailavam no telhado, no terreiro, voejavam de ramo a ramo, e bicavam a soleira da porta como se batessem, querendo entrar.

— Uai ! fez elle, detendo-se á distancia : Que mundo de bicho é esse em casa de nhá Romana ! ? Vagarosamente, por entre as hervas altas e duras, ainda molhadas de orvalho, foi-se aproximando e, ainda longe, sentiu o cheiro horrivel : — Eh ! eh ! Uhum ! a modo que tem coisa pôdre ahi. E tem ! Isso de urubú é carniça.

Subiu mais, pé ante pé.

Um dos urubús, descobrindo-o, voou, e todos, assustados, abalaram com um forte *vôú-vôú* d'azas. Não se distanciaram entretanto, buscaram as arvores mais proximas e, pousados, como para se aquecerem ao sol, abriram largamente as azas negras.

O campeiro deu volta á casa, apertando o nariz, incommodado com a exhalação putrida.

—P'ra dizer que elles morreram : qui dentro ... ! Experimentou uma das janellas, empurrando-a, depois a porta : fechadas. Mas que tem coisa pôdre lá dentro, isso tem ... Encostou a bôca ao buraco da fechadura e pôz-se a chamar : — Nhá Romana ! Nhá Romana ! Eh ! gente !

Desanimado afastou-se, mas logo investiu com o cajado e pôz-se a bater, e o éco, ao longe, tatalava. Passou aos fundos da casa, sempre a chamar:

— Tio Thomé! Nhá Romana! Ó de casa!

Ficou impressionado, a olhar em volta num assombro mudo.

O silencio era grande — nem bolia folha, nem passarinho piava, apenas os urubús que chegavam, um a um, para o telhado, para o terreiro coberto de folhas seccas que estalidavam sob os pés das aves vagarosas. O campeiro fez o signal da cruz e desceu aterrado, voltando-se, de vez em vez, como desconfiado de que os abutres o seguiam e metteu-se pelo capinzal que cortava o caminho.

— Ninguem responde... a casa toda fechada... p'ra dizer que elles sahiram? mas aquelle cheiro de coisa pôdre... E os urubús?

Parou em meio dos altos capins ondulantes:

— Quem sabe se não mataram a elles? E a idéa de um crime fixou-se no espirito do rustico. Não póde ser outra coisa. De doença não foi... Ah! mas quem seria? Gente daqui não, isso não! Gente daqui, não!

Afflicto, ansioso por levar a communicação da sua descoberta, deitou a correr em direcção ao povoado. Atravessou o pasto, onde os seus bois modorravam deitados na herva, ao sol, ou acolhidos á sombra fresca das arvores, perto d'agua, ruminando. Um touro, cabeça alta, toutiço forte, berrava esticando o pescoço musculoso, outro respondia de longe.

O campeiro avançou para o animal que lançava o estrondoso desafio e tocou-o para que não se en-

contrasse com o adversario, um marroá atrevido, de nome *Malhado*, que era o terror das manadas.

— Eh ! *Cruzeiro*, sahe ! ocê já quer pegar outra vez ? Vai-te embora, olha o tombo. Sahe ! e atirou-lhe uma bordoada aos chifres.

O touro sacudiu a cabeça e fugiu, pasto acima ; o outro, que surgira do matto, estacou ao longe, com o pello liso reluzindo ao sol, gordo e atarracado, olhando sobranceiramente.

— Passa fóra, *Malhado !*

Suando, extenuado, corria sempre, saltando vallos com a agilidade de um potro, até que chegou ao povoado. Diante da venda de Firmino estava um carro de bois descarregando. Precipitou-se para o grupo de homens que trabalhavam e perguntou cançado :

— Gente, que é que houve lá em cima ? e estendeu o braço na direcção da collina.

Firmino, que estava á porta, em mangas de camisa, disse tranquillamente :

— Que afogueamento ! Que é que houve lá em cima . . . ? Não houve nada.

— Nada ? ! Ali ha coisa, seu Firmino. Ali ha alguma coisa, por Nossa Senhora ! Eu venho agora mesmo de lá.

Os homens deixaram o serviço e cercaram-no. Petronilha appareceu á porta da venda com uma criança nos braços. Gente chegava curiosamente, e o campeiro disse :

— Eu estava no campo quando um boi tocou pelo caminho e foi-se embora : botei-me atráz delle quando topei com um bando de urubús em cima

da casa de nhá Romana. Está assim! e apinhou os dedos. E é um máu cheiro que ninguem aguenta.

Os homens apertaram mais o circulo e mulheres, que lavavam no corrego, appareceram tambem.

— Você bateu, Benedicto?

— Como não? bati, chamei, quê nada! É uma fedentina da gente ficar tonta.

Uma das mulheres adiantou-se:

— É verdade, ha muito tempo que nenhum delles apparece, nem nhá Romana, nem tio Thomé.

Petronilha ajuntou descançadamente, sacudindo a criança que choramigava:

— Ha mais duma semana.

Entreolharam-se todos e foi Firmino quem decidiu:

— Vamos vêr, gente? Quem sabe se aconteceu alguma coisa?

No grupo disseram:

— Quem sabe se não mataram elles?

Firmino lançou um olhar em torno, como se procurasse o que falára em crime e disse com desconfiança:

— Quem sabe mesmo! e convidou de novo: Vamos vêr!

Tomou um páu e o seu largo chapéu de palha e pôz-se á frente do grupo que foi engrossando pelo caminho.

Homens, mulheres, crianças subiram a trilha que levava á casinha branca, no recosto da collina. Avistando os urubús pararam todos e o campeiro saltou á frente, apontando com o cajado:

— Olhem lá! Estão vendo? Está tudo cheio.

No alto um bando circulava. As crianças iam

descobrindo e apontando outros nas arvores, por entre os mattos, nos caminhos.

— É coisa pôdre, disse Firmino convencido.

E o campeiro, triumphante:

— Eu não disse? Eu estive lá perto. Vancê vai vêr.

Antes do terreiro já os da turba abanavam com as mãos diante do nariz, bufando.

— Isso ainda não é nada, lá perto é que é. Não se póde, disse Benedicto.

Os urubús abalaram á aproximação da gente:

— Lá vão elles p'r'o céu! disse uma criança, e todos, machinalmente, levantaram os olhos.

No terreiro nem todos ousaram chegar á porta, ficando á distancia, apertando as ventas, soprando:

— Isso é coisa pôdre mesmo... Nossa Senhora! Até póde fazer mal! disse uma das mulheres afastando-se.

As mãis receiavam que os filhos se aproximassem, chamavam-nos, retinham-nos presos:

— Fica aqui! Você não tem nada que fazer lá.

Os homens andavam em volta da casa, sondando. Por fim, Firmino, com um resto de esperança, bateu á porta:

— Nhá Romana! Depois de longa espera bateu e chamou de novo: Nhá Romana!

Na casa era absoluto o silencio. Ia bater pela terceira vez quando todos, num vozeirão de clamor, chamaram:

— Nhá Romana! e longamente os echos reboaram.

Desesperançado, Firmino voltou-se para os companheiros:

— Então, gente; vamos? O melhor é arrombar a porta.

— Pois sim; concordaram, e o mulato, sem esperar mais, metteu o hombro á porta, que foi dentro com estrondo.

Um bafo putrido fé-lo recuar enjoado:

— Uúh! mas avançou corajosamente: Vamos, gente!

Entraram com elle dois outros. Os de fóra ouviam exclamações: «Nossa Senhora!» «Ufa!» «Passa!» De repente, a um grito, um delles sahiu a correr, apavorado e os dois outros acompanharam-no tomados de panico. Os de fóra recuaram, alguns correram para o matto:

— Está lá no quarto. Lá no quarto, na cama. Eu vi...!

— Morto? Quem é? perguntaram; mas o homem, sem folego, olhava esgazeado:

— Nossa Senhora! e quê de moscas!

— Vamos vêr, insistiu Firmino animando. Quem tem phosphoros?

— É melhor abrir tudo, mesmo por causa do cheiro.

Abriram todas as janellas.

Á luz, a casa appareceu desarrumada: uma esteira na sala amontoada de trapos, cestos em cambulhada, montes de pindoba, chapéus, cacos de garrafas, talheres, a manta de carne atirada a um canto, bolorenta.

Um dos homens entrou intrepidamente no quarto e, tacteando, deu com o ferrolho da janella; correu-o, abrindo-a.

— Virgem Nossa Senhora! e pôz-se a dar com

as mãos tocando as moscas que se levantaram assanhadas, zumbindo ; e viu a face do morto, denegrida, inchada, com as narinas e a bôca infiltradas de sanie.

— Está pôdre, gente ! bradou. Tio Thomé está aqui, está pôdre.

E sahiu logo, com ambas as mãos na bôca, atordoado.

— E nhá Romana ? perguntaram. Onde é que ella está ?

Outros esquadrinhavam a casa, canto por canto, e foi Firmino quem descobriu a rezadeira na cozinha, deitada no chão, muito encolhida, com o queixo nos joelhos, abraçada á imagem da Conceição. Moedas de prata reluziam espalhadas em volta.

— Nhá Romana ! Nhá Romana !

Acocorou-se. Justamente um dos homens abriria o postigo da cozinha. Um raio de sol entrou illuminando a velha que não se movia, gelada, com a imagem muito aconchegada ao peito. Mas estava viva, contrahia os dedos, pestanejava, e os seus olhos esmaecidos, extaticos, fitavam as moedas.

— Nhá Romana está viva ! Ajuda aqui, gente.

Levantaram-na : Firmino segurando-a pelo tronco, outro sustendo-lhe as pernas. Quando passavam pela sala ella debateu-se, sem forças, e emittiu um gemido surdo :

— Que é ? Que é ?

Agitava a cabeça e sacudia o braço que lhe pendia molle.

— A santa ? Vancê quer a santa ? Ella já vem.

Mas quando a repousou no terreiro, entre as

pessoas que a lastimavam compadecidamente, muitas chorando, Firmino poude perceber o que ella dizia sem, todavia, entender os seus gestos extravagantes : « Tá dormindo . . . Tá dormindo » ; disse num sopro : bateu na terra lentas pancadas fracas e acenou com o dedo negativamente, juntando logo as mãos como se fôsse rezar. Depois repousou a face na mão, fechou os olhos, apontou para a casa, abriu de novo os olhos repetindo com o dedo o gesto negativo : « Tá dormindo . . . » Raspou a terra, espetou-a com o dedo hirto, pôz-se a ansiar, a debater com as mãos, a bôca aberta, agitando-se, estirando os braços como se empurrasse alguma coisa imaginaria, numa grande afflicção. Houve um piedoso murmurio : « Está acabando . . . » Ella porém, tranquillamente, devagar, apontou a casa e repetiu num fio de voz : « Tá dormindo . . . » e, de olhos parados, a bôca entre-cerrada, quedou.

— O melhor é a gente levar ella daqui.

Lidavam todos, suggerindo idéas :

— A gente faz uma maca, cobre de folhas.

— Qual ! no collo mesmo.

— E a carrocinha ? a carrocinha com um colchão . . . ?

— Levanta ella primeiro dahi, gente.

O campeiro era o mais azafamado.

— E o morto ? perguntaram.

O campeiro avançou :

— A gente carrega elle logo mais e enterra por aqui mesmo. É o melhor.

E Firmino disse :

— No eitosinho. Ninguem está para carregar um corpo assim.

— Nem se póde; disseram; é até capaz de se desmanchar no caminho.

— E nhá Romana?

— Vai commigo, disse Firmino. Vai lá p'ra casa.

— Se chegar lá em baixo... suspirou uma das mulheres. Está tão fraquinha, nem póde respirar. E levantou a cabeça perguntando: Quem tem leite ahi? Quem está criando?

— Margarida.

— Vem, vem cá, Margarida. Chega aqui.

— P'ra quê?

— Anda, é uma obra de caridade. Ella foi tão boa, coitada! Uma negra forte, retinta, com um panno á cabeça, á maneira de trunfa, adiantou-se desabotoando o corpinho. Dá um bocadinho á pobre, Margarida; dá um bocadinho.

A negra ajoelhou-se, tomou ao collo a cabeça da velha e, descerrando-lhe a bôca, que parecia travada pelo trismo, espremeu o peito negro, pojado. O leite esguichou e ficou muito branco entre as gengivas rôxas. Romana fechou os olhos, estremeceu e, docemente, a sua cabeça branca pendeu no collo da negra.

— A móde que ella expirou. Vê, gente! disse a negra espantada.

Acudiram todos, uns ao pulso, outros descerrando-lhe as palpebras.

— O leite deu na fraqueza: morreu mesmo.

— Deus te dê o reino da gloria! murmuraram.

Os homens descobriram-se respeitosamente. A negra, limpando o bico do peito, recolheu-o e repousou a morta na terra morna do terreiro.

— Que coisa, minha Nossa Senhora!

Dentro, na casa, tiniam ferros e dois homens sahiram com enxadas para o terreiro.

— Vão cavando, duas juntas, emquanto eu vou falar ao capitão, disse Firmino. Vão cavando, nada de corpo molle. Eu vou num pulo e volto já com alguma coisa p'ra vocês. Voltou-se e baixou os olhos sobre o cadaver da velha: Coitada de nhá Romana!

Mulheres choravam, mas como elle descesse, muitos do grupo acompanharam-no.

— E seu vigario, Firmino?

— Vou vêr.

Duas mulheres ficaram á sombra das laranjeiras acompanhando o cadaver de Romana, que haviam estendido sobre o banco do terreiro.

— De que teria sido? Quem sabe se não foi algum bicho que mordeu elles? Mas Thomé, na cama, todo coberto...

Não atinavam. Uma das mulheres lembrou as velas, a outra disse:

— P'ra quê? Vela p'ra quê? está um sol tão bonito. Quem me dera a certeza de ir p'r'o céu como essa vai

Seccamente, a um tempo, as duas enxadas cahiram na terra do eitosinho. Uma das mulheres, abanando as moscas que voejavam em torno do rosto da defunta, disse:

— Estão abrindo as covas.

Subitamente um grito partiu:

— Ah! Mucúra, damnado! Ocê tambem veiu vêr, seu sem vergonha...! Era o campeiro. Descobrindo, entre os mattos altos, o boi que fugira á

manada, correu brandindo o cajado: Tóca! tóca, Mucúra! e metteu-se pelos capins enxotando o boi que fugia.

Na verde paizagem, ao sol, era grande a alegria dos passaros e, sobre o telhado da casa, nas arvores, voando alto, em circulo, os urubús pareciam vigiar a presa, negros e silenciosos. Longe, de espaço a espaço, surdamente, tristemente, um touro mugia e, atravéz do campo, dolente, vibrou a primeira badalada do toque a finados.

As duas mulheres levantaram-se em silencio e, de pé, as mãos postas, fitaram o céu azul. Os homens, suspendendo o serviço, firmaram-se ás enxadas, tiraram os largos chapéus, e ficaram ouvindo religiosamente, de cabeça baixa, immoveis.

FIM

INDICE

INDICE

	Pag
Praga	7
O enterro	63
A tapera	71
Firmo, o vaqueiro	121
Céga	131
Mandovi	209
Os velhos	227

403695

LPor Netto, Coelho
N4756s Sertão.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

FRANZ C. FEGER
70 FIFTH AVENUE NEW YORK